Temas de vida
espiritual e monástica

JOÃO CASSIANO

Instituições Cenobíticas

Espiritualidade Monástica

Constando de doze livros, as Instituições Cenobíticas e os remédios contra os oito vícios principais – esse é o nome completo da obra – apresenta duas partes ou volumes.

A Parte I tem como temática o "*homem exterior*".
A Parte II aborda, um a um, os oito vícios principais ou capitais e seus remédios, nos oferecendo uma exposição ascética das características e terapêutica dos mesmos, isto é, como se deve lutar cotidianamente contra as paixões a fim de purificar o coração e abri-lo inteiramente à caridade (*puritas cordis*).

Obra escrita por volta de 420-424, foi dedicada ao bispo Castor de Apt, que desejava diretivas de acordo com as tradições orientais para o mosteiro

INSTITUIÇÕES CENOBÍTICAS

João Cassiano

Instituições Cenobíticas

Edições Subiaco
2015

Instituições Cenobíticas - João Cassiano
ISBN 978-86793-37-X
© 2015 by Edições Subiaco

Tradução do latim (SCh 109 - Institutions Cénobitiques - Jean-Claude Guy) cotejada pelo texto francês: Mosteiro da Santa Cruz - Juiz de Fora
Revisão da tradução: Mosteiro da Transfiguração, Santa Rosa - RS

Nosso agradecimento ao Pe. Enrique Contreras, OSB, pela licença para: Guias de leitura e Indicações práticas: *Instituciones Cenobíticas*, Ed. Monte Cassino/ECUAM, 2000

Mosteiro da Santa Cruz - Rua Prof. Coelho e Souza, 95 - 36016-110
Juiz de Fora - MG - Fone: (32) 3216-2814 - Fax: (32) 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste obra poderá ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios *sem permissão escrita de Edições Subiaco*

Capa: Mosteiro da Santa Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cassiano, João, ca 360 - ca 435
Instituições Cenobíticas / João Cassiano ; [tradução do latim pelo Mosteiro da Santa Cruz]. - Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2015
324p. 21cm
ISBN 978-86793-37-X

1. Vida cristã. 2. Vida monástica e religiosa. I Mosteiro da Santa Cruz - Juiz de Fora. II Título.

CDD 255.19

SUMÁRIO

- SIGLAS E ABREVIATURAS, 7
- INTRODUÇÃO, 9
- INSTITUIÇÕES CENOBÍTICAS

PREFÁCIO, 29

PARTE I

• LIVRO PRIMEIRO - Sobre a vestimenta dos monges, 35
• LIVRO SEGUNDO - Da regra para as orações e salmos noturnos, 47
• LIVRO TERCEIRO - Da regra para as orações e salmos diurnos, 68
• LIVRO QUARTO - Sobre a formação dos que renunciam ao mundo, 85

PARTE II

• LIVRO QUINTO - Do espírito de gula, 123
• LIVRO SEXTO - Do espírito de fornicação, 167
• LIVRO SÉTIMO - Do espírito de avareza, 186
• LIVRO OITAVO - Do espírito de cólera, 213
• LIVRO NONO - Do espírito de tristeza, 234
• LIVRO DÉCIMO - Do espírito de acídia, 243
• LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO - Do espírito de vanglória, 269
• LIVRO DÉCIMO SEGUNDO - Do espírito de orgulho, 284

- MAPAS, 317
- BIBLIOGRAFIA, 319

A Fundação São Isidro apoia e favorece a preservação de toda Vida Humana e o fortalecimento da Família, célula básica da sociedade por meio do "Planejamento Natural da Família".

No campo da Educação, da Cultura e da Arte, dentro da linha da *Via Pulchritudinis* – a Via da Beleza – promove e apoia cursos, exposições, concertos, DVDs e a edição de livros.

Colabore como voluntário: artista ou patrocinador de eventos, no campo de apoio da preservação da Vida e da Família, Educação, Cultura e Arte, através da FUNDAÇÃO SÃO ISIDRO

Banco Bradesco S/A: Agência 1432-2 - c/c 59464-4

Informações:
FUNDAÇÃO SÃO ISIDRO: (11) 5182-2290
fundação@saoisidro.com.br
MOSTEIRO DA TRANSFIGURAÇÃO – SANTA ROSA, RS: (55) 3512-6193
mosteiro@transfiguração.com.br

SIGLAS E ABREVIATURAS

BAC	Biblioteca de Autores Cristianos
Cf.	Conferir
Conf.	*Conferências*
CSEL	*Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (Viena)
De Inc	*De incarnatione* (Sobre a encarnação)
ed.	edição
Ep.	Epístola
Inst.	*Instituições cenobíticas*
LXX	Septuaginta (versão grega da Bíblia hebraica)
Pref.	Prefácio das Instituições
RB	Regra de São Bento

INTRODUÇÃO

"... tudo consiste unicamente na experiência e na prática.
Do mesmo modo que estas realidades não podem
ser transmitidas senão por alguém que as experimentou,
tão pouco podem ser percebidas e compreendidas
senão por aquele que, unindo a dedicação ao esforço,
tenha trabalhado para captá-las".

(João Cassiano, *Instituições*, Pref. 5)

Conhecer as fontes da nossa tradição é imprescindível para uma correta e sadia renovação da vida monástica e da própria formação exigida por ela. Ora, atualmente, essa formação é muito deficiente. Não temos quase nenhum contato com as obras dos Padres e escritores monásticos. Quando muito, lemos compêndios ou comentários. Até mesmo a nossa *lectio*, carente desse pano de fundo, não é feita hoje com todos aqueles frutos que poderia dar para nossa vivência monástica. Como nos adverte o próprio Cassiano, *Não se imagine, quando alguém cai, que isso tenha acontecido repentinamente. Ou bem, na origem de tal queda existe uma formação deficiente, que favoreceu um falso caminho, ou bem, um longo período de negligência espiritual minou-lhe pouco a pouco a virtude, até que, com o crescimento dos vícios, verificou-se uma queda funesta.*[1]

[1] *Conf.* VI,17.

Assim, é necessária uma séria, sólida e constante formação patrística e monástica, não só a nível individual, mas também, e sobretudo, comunitário. *Os Padres abrem as riquezas doutrinais e espirituais só a quem se esforça por entrar na sua profundidade através duma contínua e assídua familiaridade com eles.*[2] Sem essa "familiaridade" não tiraremos todo o proveito das nossas leituras e estudos, além de corrermos o risco de fazer desses nossos esforços um mero turismo literário.[3]

Por que será que o Santo Padre Bento XVI fez em suas catequeses semanais um itinerário pelo período patrístico? Não será porque, como dizia Bossuet, *suas obras* (dos Padres) *geram naqueles que as estudam um fruto perene*?[4]

Uma "introdução" não nos permite contemplar toda a riqueza de João Cassiano e de seus escritos, bem como sua contribuição ímpar para nossa literatura cristã. Como isso será impossível aqui, advertimos que a leitura das *Instituições Cenobíticas* e das *Conferências*, como de outras obras da literatura monástica antiga, deixa evidente, ao leitor, que o contexto monástico das mesmas era constituído por todo um conjunto harmonioso de símbolos, de arquétipos, de ritos litúrgicos, de arte, de poesia, de filosofia e mitos, ou seja, era um contexto com forte sabor sapiencial, que não existe mais, que é coisa do passado. Ora, no contexto tecnológico que vivemos (a cultura da maioria hoje é audiovisual), onde os conhecimentos históricos e

---

[2] Congregação para a Educação Católica, *Instrução sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal*, nº 17, Roma 1989.

[3] Para uma reflexão mais aprofundada dessa carência na formação monástica hodierna leia o excelente artigo: Veilleux, A., «Le rôle de la sous-culture monastique dans la formation du moine», *Nouvelle Revue Théologique* (1978) 744-745.

[4] Citado em Rops, D., *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*, São Paulo 1988, 267.

literários são mínimos e muito superficiais, essa antiga literatura exige algum esclarecimento para que o leitor possua como que um "guia mínimo" com o qual possa estabelecer um primeiro contato com essa primitiva cultura monástica, raiz da nossa tradição.

Sendo assim, para uma leitura proveitosa do rico conteúdo que encontramos nas obras de Cassiano, após uma breve "biografia" e um olhar de conjunto sobre a sua obra, foi acrescentado no início de cada capítulo, aquelas linhas mestras e os principais temas que, como "pistas", poderão proporcionar uma melhor compreensão da doutrina que tanto influenciou o desenvolvimento da "espiritualidade" do monaquismo ocidental.

Como disse De Vogüé, que dedicou a Cassiano quase todo um volume de sua monumental *Historia literária do movimento monástico na antiguidade*,[5] e que servirá de base para muitas das afirmações que faremos aqui, na obra monástica desse grande *abade gaulês* os monges encontrarão, através dos séculos, aquilo que mais eles poderiam ter necessidade: uma visão de conjunto da vocação monástica, da qual quase todos os elementos aparecem reunidos aí numa síntese, numa espécie de suma.[6] É o que desejamos continue acontecendo com essa nossa abordagem de Cassiano e de seu legado.

---

[5] De Vogüé, A., *Histoire littéraire du mouvement monastique dans l'antiquité*, vol. VI, Paris 2002. A importância de Cassiano, para esse autor (e creio que devemos concordar com ele) pode ser medida por essas suas palavras na sua Apresentação: «Este volume está quase inteiramente ocupado pela análise dos escritos de Cassiano. Não o lamentamos. A importância deste autor é tão grande que nunca lhe daremos espaço suficiente em uma história como esta. Agradecemos a Deus por nos ter concedido atingir esta importante etapa do movimento monástico da Antiguidade». *Ibidem*, 9.

[6] *Ibidem*, 448-449.

DADOS BIOGRÁFICOS DE CASSIANO

João Cassiano nasceu por volta de 360, no seio de uma família profundamente cristã, em Dobrudscha (na atual Romênia), uma província oriental do Império onde se falava latim. Ainda que tenha recebido o nome de João, quando batizado, foi chamado de *Cassianus* pelos historiadores antigos, talvez em alusão à denominação geográfica de sua terra natal.[7]

Tendo recebido esmerada formação, adequada à sua condição social, aprendeu a apreciar os clássicos latinos e, como ele mesmo diz num de seus escritos, a lembrança dos mesmos o perseguirá durante muito tempo: ... *além das inúmeras misérias que tiranizam geralmente as almas frágeis, sinto em mim um outro obstáculo à minha salvação que consiste na minha cultura literária. Por medíocre que seja tal cultura, todavia, ou pelo empenho dos meus mestres, ou por meu interesse pelas leituras, de tal forma essas ocupam meu espírito, que este, agora, se encontra completamente impregnado pelas obras dos poetas, pelas fábulas frívolas e pelos relatos de combate, com os quais ocupei o espírito desde minha*

[7] Cf. *Conf.* XXIV,1. A origem de Cassiano presta-se a controvérsias. Acolhemos a opinião tradicional segundo a qual Genádio, no seu *De Viris Illustribus* 61 (escrito em 470), ao dizer *Cassianus natione scytha*, estaria fazendo uma referência à província romana da *Scythia minor* (Dobrudscha, atual Romênia). Klaus Zelzer é de opinião que se trataria aí do deserto egípcio da Cétia e não de sua terra natal. Cassiano seria, então, de origem gaulesa e, um indício disso poderia ser encontrado no Prefácio 2-3 das *Instituições*, onde comparando-se a Hiram, *pobre e estrangeiro*, que Salomão encarrega de fabricar o mobiliário do Templo, Cassiano aplica a si mesmo só o primeiro epíteto da personagem bíblica (cf. "*Cassianus natione scytha, ein Sdgalllier*", em *Wiener Studien* 104 (1991) 161-168. Para essa questão se Cassiano teria sido ou não gaulês, cf. "Un indice du pays d'origine de Cassien?" in De Vogüé, *Histoire*, vol. VI, 56-57. Veja, ainda, Marrou, H. I., «La patrie de Jean Cassien», em *Patristique et humanisme*, Paris 1976, 345-361; Hamman, A., «Jean Cassien», em Escritores de las Galias y de la Peninsula Iberica, *Patrologia III*, ed. Instituto Patristico Augustinianum (BAC 422) Madrid 1993³, 615-628.

infância e em minha juventude. Até quando me entrego à meditação e à oração, salmodiando ou implorando o perdão dos pecados, eis que a lembrança inconveniente dos poemas outrora estudados, de seus heróis e combates, perturba a minha imaginação, ... e mesmo derramando muitas lágrimas diariamente, não consigo afugentar tais recordações.[8] Por outro lado, ele conhecia perfeitamente o grego, o que mais tarde, nas suas andanças pelo Oriente, lhe seria de grande utilidade.

Por volta de 378, tendo uns 18 anos e sendo ainda um *puer*,[9] sentiu-se atraído pelo ideal monástico e, em companhia de um amigo chamado Germano, partiu para a Palestina. Instalando-se num mosteiro, próximo à Igreja da Natividade, com a intenção de tornarem-se monges, durante dois anos exercitaram-se aí na vida monástica cenobítica.

Dois anos depois, definindo-se como *adhuc adulescentior*,[10] ele e o amigo Germano, conquistados pela fama, que corria todo o Império, da vida e das façanhas dos monges coptas, pediram e obtiveram permissão para ir ao Egito conhecer esse paraíso do monaquismo cristão, prometendo voltar ao Mosteiro.

Esse "turismo monástico" começou por vários lugares do Delta do Nilo, entre eles Panéfisis[11] e Diolcos, *junto a uma das sete bocas do delta do Nilo*. Cassiano diz que se dirigiram para lá, *compelidos menos por necessidades do itinerário do que pelo desejo de estar com os santos que naquelas paragens residiam.*

---

[8] *Conf.* XIV,12.

[9] "*Quæ a pueritia nostra*", *Inst.* Pref. 4.

[10] *Conf.* XIV,9.

[11] Cf. *Conf.* XI,2.

Tínhamos ouvido dizer que havia ali muitos cenóbios, fundados pelos Pais mais antigos, e a esperança de conquistar grandes ganhos, como se fôssemos mercadores ávidos de enriquecer, persuadiu-nos a tentar, por assim dizer, uma navegação de descoberta.[12]

Após essa primeira etapa, Cassiano e Germano acabaram fixando residência na colônia de solitários do deserto da Cétia, onde se encontravam grandes abades como Pafnúcio e Moisés. Ele confidencia-nos que tinham o propósito de *chegar até as mais profundas solidões da Tebaida e, ali, visitar muitos daqueles santos homens, cuja fama se tinha espalhado por toda parte. A isso éramos impelidos, senão pelo desejo de imitá-los, ao menos pelo de conhecê-los. Terminada nossa travessia, chegamos a uma vila do Egito chamada Tenesos.*[13]

Desse famoso centro monástico, sempre juntos, os amigos foram visitar outros desertos, como a Nítria e as Célias, sempre buscando aprender a doutrina dos Padres. Cassiano falava com eles em grego ou utilizava um intérprete. Foi nas Célias que conheceu e manteve contato com Evágrio Pôntico, o sábio monge escritor que tanta influência teve sobre seu pensamento e obras.

Em 386/387, após sete anos morando no Egito, para acabar de vez com os remorsos de não terem voltado para o Mosteiro conforme tinham prometido, os dois amigos foram rapidamente à Palestina e conseguiram a permissão para ficar definitivamente no Egito.

---

[12] *Conf.* XVIII,1.

[13] *Conf.* XI,1.

Cassiano pensava em morrer aí, no deserto do Egito. Mas não contava com a oposição do poderoso Arcebispo de Alexandria, Teófilo, aos origenistas, que adquiriu contornos de verdadeira perseguição, com violentos choques, que envolveram, sobretudo, os monges partidários dessas ideias e seus discípulos, como era o caso de Cassiano e Germano. Assim, em 399, contra a própria vontade, os dois amigos viram-se obrigados, como muitos outros monges, a deixar o Egito, indo buscar refúgio junto a João Crisóstomo, então Patriarca de Constantinopla.

Com 40 anos de idade, 20 dos quais vividos no deserto, Cassiano viu-se agora na corte de Constantinopla. Aí foi ordenado diácono, talvez para ficar fazendo parte do clero daquele patriarcado, e lhe foi confiada a supervisão do tesouro da catedral.[14] Duas passagens de seus escritos nos dão a entender que essa ordenação não foi aceita com muito entusiasmo: *Existe certa máxima antiquíssima atribuída aos Pais do deserto, e que se conserva até hoje – é cheio de confusão que a deixo consignada aqui, eu, que não soube evitar a companhia de minha irmã, nem escapar às mãos episcopais: o monge deve fugir absolutamente das mulheres e dos bispos. A familiaridade com essas pessoas tem o mesmo resultado: não permite ao monge entregar-se em seguida à calma da cela ou aderir, numa grandíssima pureza de olhar, à contemplação divina pela consideração das coisas santas.*[15]

Talvez, por isso, manifeste certo remorso quando se refere à sua ordenação: *Conheci um irmão* (refere-se a si mesmo) – *e prou-*

[14] *De Inc.* VII,31,1.

[15] *Inst.* XI,18.

vera Deus que jamais o houvesse conhecido, pois que depois disto aceitou o fardo da ordem (sacerdotal) *que é o meu!*[16]

Mas, em 404, iniciando-se uma perseguição a João Crisóstomo e tendo este sido exilado, Cassiano foi encarregado pelo clero de Constantinopla de levar uma carta ao Papa Inocêncio I, em favor do bispo exilado, alertando-o sobre as intrigas feitas contra este. Como sempre, em companhia do seu fiel amigo Germano foi para Roma.

Este período da sua vida é muito obscuro. Não sabemos se voltou ao Oriente, nem se teria permanecido em Roma e por quanto tempo. Tudo leva a crer que foi por vários anos, uma vez que nesse período ele fez amizade com o arquidiácono e futuro Papa Leão.[17] A morte levou o fiel amigo que desde o início do seu caminho monástico o acompanhava (404?) e, provavelmente, teria aí recebido a ordenação sacerdotal.

O que é certo é que, a partir de 415 o encontramos em Massilia (hoje Marselha), no sul da Gália, e já como sacerdote. Aí fundou dois mosteiros, um de homens e outro de mulheres, que, em parte, existem ainda hoje e são identificados respectivamente como sendo os mosteiros de São Vítor e de São Salvador.[18] Aí permanecerá até

[16] Cf. *Inst.* XII,20. Fugir dos bispos é o mesmo que recusar a ordenação sacerdotal. São muitos os apotegmas dos Padres do deserto onde o sacerdócio aparece como empecilho para a guarda da cela e da humildade (cf. Teodoro de Ferma 25, Macário, o Egípcio 1, Moisés 4). O caso mais célebre, conforme nos informa a *História Lausíaca* 11, é o de Amônios que para escapar da ordenação amputou a orelha direita (cf. Guy, J-Cl.,SCh 109,444-445).

[17] Cf. *De Inc.* Prefácio,1.

[18] O mosteiro masculino é hoje uma paróquia da cidade de Marselha e guarda as relíquias e o sepulcro de Cassiano.

o fim da sua vida.

Além da fama do grande cenóbio de Lérins, a "*Ilha dos Santos*", onde o monaquismo já se achava estabelecido, essa região marselhesa já contava com outras fundações monásticas, como o mosteiro de Menerbes, fundação do bispo de Apt, Castor, a quem Cassiano dedicará as *Instituições*. No entanto, para Cassiano, egiptófilo que era, essas várias formas de vida monástica ofereciam um espetáculo anárquico, por falta de uma tradição comum, reconhecida e seguida por todos, o que para ele era uma falta grave quando comparava essa situação com aquele ambiente monástico que ele tinha conhecido no Oriente, sobretudo com a experiência que teve do monaquismo copta. Assim, ele ocupará este último período de sua vida em oferecer uma ajuda para organizar esse monaquismo, em conformidade com as tradições apostólicas, ou seja, a partir da sua vivência oriental, propôs-se a integrar no estilo de vida cenobítico do monaquismo ocidental os elementos essenciais da *anachoresis,*[19] valorizando, sobretudo, a desapropriação e a obediência, como os eixos formadores para suportar as renúncias da vida em comum e no deserto, e, também, promovendo uma mais razoável distribuição dos salmos nas orações para evitar a prolixidade das mesmas e a diminuição do tempo de trabalho manual.[20]

Todos os seus escritos, as *Conferências* (418-420), as *Instituições Cenobíticas* (420-430) e o tratado escrito a pedido de seu amigo, o futuro Papa Leão Magno, *Sobre a Encarnação do Senhor*

[19] Cf. Hamman, «Jean Cassien» (BAC 422) 616; Contreras , E., in *Juan Cassiano, Instituciones Cenobíticas*, Ediciones Monte Cassino/Ecuam, Zamora 2000, Introducción,15.

[20] Cf. De Vogüe, *Histoire littéraire* VI, 445.

contra Nestório (430),[21] são obras da sua maturidade. Os dois primeiros são os frutos desse seu esforço que acabamos de falar, e sintetizam de modo precioso e coerente, para nós, toda a riqueza e profundidade do seu aprendizado no mosteiro da Palestina, da doutrina dos Padres dos desertos egípcios e do discipulado junto a João Crisóstomo.

Mas, como ninguém é profeta em sua própria casa, as propostas reformadoras que encontramos nessas obras, ainda que com acomodações, só terão a aceitação que mereciam, um século mais tarde, na Itália. Acolhendo as sugestões normativas de Cassiano para o Ofício Divino e espirituais de seus códigos legislativos, a Regra do Mestre e a Regra de São Bento legaram-nos aqueles elementos que a partir daí iriam caracterizar a imagem do monge através dos séculos.

Cassiano morreu por volta do ano 435. Na diocese de Marselha, no Oriente cristão e em algumas Congregações ou mosteiros beneditinos que se consideram herdeiros de seu ideal ele é venerado como santo.

---

[21] O tratado *Sobre a Encarnação do Senhor contra Nestório* (De Incarnatione Domini contra Nestorium libri VII) que, como já falamos, foi composto a pedido de Leão Magno, ainda arquidiácono da Igreja Romana, propunha combater a heresia de Nestório, que considerava, de certo modo relacionada com o pelagianismo. Cassiano define a união das duas naturezas na unidade de uma mesma substância, uma mesma pessoa, e chama Maria de *Theotókos*. Segundo CONTRERAS, a intenção do tratado era boa, porém, ao dizer a verdade, o resultado não foi o esperado. Cassiano captou o significado existencial das verdades dogmáticas, porém lhe faltou gênio especulativo e precisão no modo de se expressar teologicamente (cf. *Juan Cassiano, Instituciones Cenobíticas*, 19). O texto latino dessa obra encontra-se em CSEL 17, Viena 1888, 233-391.

ESCRITOS MONÁSTICOS

Como afirmou Colombás, *Cassiano não passou à história como fundador de mosteiros, nem como reformador, nem como modelo de monges – ninguém escreveu sua biografia – mas sim como autor da única obra sistemática praticamente completa sobre a teoria monástica que os séculos IV e VI nos deixaram.*[22] De fato, com seu talento para escrever e com sua experiência do monaquismo oriental (copta, palestino e de Constantinopla), tendo convivido com grandes homens como Evágrio, João Crisóstomo e os Padres do deserto, Cassiano foi o monge-escritor talhado para empreender uma obra de fundamental importância para os monges ocidentais, ou seja, dar-lhes a conhecer por uma exposição sistemática, clara e precisa o que os monges orientais entendiam por vida monástica, os seus fins e sua doutrina espiritual.

Pelo modo como domina o grego e o vocabulário que usa, deduz-se que Cassiano é um homem culto. É um escritor que sabe ser sugestivo quando, com sua observação aguda e habilidade para descrever, evoca algo.[23] E, talvez, seja isso um fator central para sua, se assim podemos dizer, originalidade. Se por um lado ele não traz nada de novo, de desconhecido, dependendo em grande parte dos escritores anteriores a ele,[24] por outro, ele teve o mérito inegável de assimilar e reelaborar de tal modo as doutrinas dos monges

[22] Colombás, *La Tradición*, 378.

[23] Cf. Hamman, «Jean Cassien» (BAC 422) 617.

[24] Cassiano herdou a tradição helenística de Evágrio Pôntico, que por sua vez é ponto de encontro das correntes alexandrina (Clemente e Orígenes) e capadócia (Basílio, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo), cf. Colombás, *La Tradición*, 379.

orientais que conseguiu fazer para seus leitores, tão diversos desses monges, uma síntese notável e compreensível.

As *Instituições* e as *Conferências*[25] exerceram grande influência sobre a tradição monástica ocidental. A nossa Santa Regra, que irá estruturar o monaquismo latino a partir do século IX, deve muito de sua substância a essas mesmas obras. Esse papel ímpar de Cassiano, através de seus escritos portadores do fervor e do espírito do monaquismo oriental, é reconhecido por nosso Pai São Bento quando apresenta as *Conferências* e *Instituições* como o modelo do livro a ser lido em comunidade.[26]

AS INSTITUIÇÕES CENOBÍTICAS

Obra escrita por volta de 420-424, foi dedicada ao bispo Castor de Apt, que desejava diretivas de acordo com as tradições orientais para o mosteiro que ele fundara. Cassiano lhe aconselhará, para esse seu *novellum monasterium*, uma organização baseada nos usos, costumes, vida e doutrina dos monges e mosteiros que conheceu no Oriente.

Constando de doze livros, *De instituta coenobiorum et de octo principalium vitiorum remediis*,[27] esse é o nome completo da obra, obedece ao seguinte esquema:

---

[25] Em português as *Conferências* (ou *Colações*) foram publicadas em três volumes pelas Ed. Subiaco, Juiz de Fora.

[26] Cf. RB 73,5.

[27] O texto latino foi editado por M. Petschenig em CSEL 17, Viena 1888, 1-231; mais tarde por J-Cl. Guy na coleção SCh 109, Paris 1965.

Parte Primeira

Livro I – Sobre a vestimenta dos monges
Livro II – Da regra para as orações e salmos noturnos
Livro III – Da regra para as orações e salmos diurnos
Livro IV – Sobre a formação dos que renunciam ao mundo

Esses quatro primeiros são aqueles que respondem mais claramente ao pedido do bispo Castor e ao título da obra (hábito, ofícios, formação dos postulantes), tratando do comportamento do "homem exterior". Segundo De Vogüé, *Inst.* I-IV constitui a primeira "Regra" ocidental. Segundo sua pedagogia de voltar a um assunto para aprofundá-lo, Cassiano insere no Livro IV um *sermão de tomada de hábito* que serve de coroamento para essa primeira parte e de transição das *Instituições*, propriamente ditas, para os outros oito livros, sobre o desenvolvimento da vida espiritual. Essa homilia-discurso, colocada na boca do abade Pinúfio, pode ser considerada um compêndio de toda a doutrina monástica de Cassiano.

Parte Segunda

Livro V – Do espírito de gula ou gastrimargia
Livro VI – Do espírito de fornicação
Livro VII – Do espírito de avareza ou filargiria
Livro VIII – Do espírito de cólera
Livro IX – Do espírito de tristeza
Livro X – Do espírito de acídia
Livro XI – Do espírito de vanglória ou kenodoxia
Livro XII – Do espírito de orgulho

Esses oito livros abordando, um a um, os oito vícios principais ou capitais e seus remédios, nos oferecem uma exposição ascética das características e terapêutica dos mesmos, isto é, como se deve lutar cotidianamente contra as paixões a fim de purificar o coração e abri-lo inteiramente à caridade (*puritas cordis*). Esse catálogo de vícios é o mesmo de Evágrio Pôntico e a intenção manifesta de Cassiano é oferecer uma introdução à "doutrina interior" da qual fará uma exposição mais detalhada nas *Conferências*.

Sem nada dizer de si próprio, além de ter visto no Oriente, com os próprios olhos, o que vai contar, Cassiano se dirige no PREFÁCIO,[28] em primeiro lugar, num estilo suntuoso, ao "papa" Castor, que tinha sido bispo de Apt em 419.[29] Para o cenóbio que deseja fundar esse prelado ocidental pede luzes a Cassiano e, mais precisamente, aquilo que esse último sabe dos mosteiros pelos quais passou no Egito e Palestina,[30] pois deseja inspirar-se naquilo que se faz no Oriente em termos monásticos. Tal como Rufino, chamado a dar testemunho das observâncias monásticas orientais ao traduzir as Regras de São Basílio, Cassiano emprega a palavra *instituta*, ao referir-se a essas mesmas observâncias, na resposta que dá ao bispo. Porém, de modo diferente daquele tradutor, não faz uma tradução, mas comunica suas próprias lembranças. No lugar de um texto escrito ele coloca sua memória viva. As *instituta monasteriorum*, tais quais ele as viu observadas no Egito e na Palestina, eis o que ele vai descrever.

---

[28] Para nossas observações aqui cf. De Vogüé, *Histoire littéraire*, vol. VI, 45-57.

[29] Bonifácio I, *Ep.* 3, PL 20,756B, endereçada a quatorze bispos da Gália, dos quais o oitavo se chama Castor e o nono Leôncio (os dois irmãos, bispos de Apt e de Fréjus respectivamente).

[30] Semelhante pedido vemos, 20 anos antes, o abade Usarcio fazer a Rufino: "*quæ instituta seuarentur in monasteriis perquisisti*", cf. *Præf.* in Reg. Bas. 4.

Cassiano alega sua incapacidade literária, evocando as grandes obras de Basílio (Regras traduzidas por Rufino) e as obras de Jerônimo, em geral, ainda que esteja pensando em particular na tradução que este fez das *Regras Pacomianas* e que no Livro IV ele as citará. Fala de "vários outros" entre os quais poderíamos incluir Sulpício Severo (*Diálogos*), a *Historia Monachorum* e Evágrio Pôntico que lhe concederá quase a metade de suas considerações sobre o hábito monástico e a base para os Livros V-XII.

Conforme a promessa que Cassiano recebeu de Castor, podemos pensar que esta obra destina-se a um pequeno círculo de monges; tudo leva a crer, porém, que Cassiano "está de olho" no conjunto de mosteiros da Gália. Define seu objetivo, afirmando a originalidade do mesmo. Segundo ele, ninguém fez ainda o que ele vai fazer: descrever a vida monástica oriental e egípcia, tal qual ele a viu e viveu pessoalmente. Outros narradores somente ouviram falar dela! "*Afirmação surpreendente se pensamos em Basílio*", diz Jean-Claude Guy.[31] Certamente que Cassiano não está pensando aqui em Basílio; mas talvez no seu tradutor que apresentou aos latinos a obra basiliana. Também pode ter pensado em Jerônimo, na medida em que este descreveu o monaquismo egípcio sem o conhecer e traduziu os escritos Pacomianos sem ter frequentado a Koinonia. Mais provável, ainda, é que Cassiano se referisse aos peregrinos da *Historia Monachorum*, peregrinos piedosos que não experimentaram realmente o que relatam, mas se contentavam em ver os grandes monges para poder dizer que os conheciam e repetir nos seus escritos as coisas que todos ouviam dizer.

[31] Guy, *Jean Cassien*, 2.

Quanto aos milagres que se recusa a narrar, Cassiano pode estar pensando em Sulpício Severo e seus *Diálogos*, e em Rufino e sua tradução da *Historia*. De fato, Cassiano não os contará nem nos Livros IV e V, onde não faltam os casos edificantes.[32] No lugar do maravilhoso, que ele diz ter visto vários exemplos com os próprios olhos, ele se propõe a ensinar unicamente a perfeição.

Somente então Cassiano nos anuncia a divisão da obra em duas partes: "*instituições e regras*" primeiro; "*origens, causas e remédios dos oito vícios*" depois. Não é sem surpresa que ouvimos, pela primeira vez, falar aqui desses oito vícios nas *instituições dos orientais e, sobretudo, dos egípcios,* ou ainda, nas *instituições dos mosteiros que vimos sendo observadas no Egito e na Palestina.*[33] Tal era, segundo Cassiano, o tema proposto por Castor. Nesse momento, essa matéria, evocada sob o nome de "*instituições dos antigos e regras dos mosteiros*", se duplica com um novo tema: "*os oito vícios*".

Ora, essa segunda parte é introduzida por um "principalmente" (maxime) que a coloca em destaque. Do mesmo modo que Castor queria "*as instituições dos orientais e principalmente dos egípcios*", assim Cassiano se apressa em descrever "*as instituições dos antigos e as regras dos mosteiros, e principalmente as origens, causas e remédios dos oito vícios principais*". Uma e outra dessas progressões vão no mesmo sentido: os egípcios são superiores aos orientais – nós o veremos logo –, e a doutrina dos oito vícios representa um aprofundamento da exposição concernente à vida

[32] Cf. *Inst.* IV,23-31; V,25-40.

[33] *Pref.* 3.

conventual. Essa aqui não visa mais que gerar certas virtudes fundamentais – pobreza, obediência, humildade –, em vista da luta contra as paixões:
Inst. IV,8: sem a obediência não se domina as paixões.
Inst. IV,43: tudo tende à pureza do coração e à caridade.

Descrevendo em detalhes essa luta que dá um acabamento ao quadro das instituições cenobíticas, mas que escapa ao que Castor tinha pedido, Cassiano não faz mais que obedecer à lógica do cenobitismo, conduzindo para esse combate a sua análise da *vida perfeita.*

Qual o significado do nome *Instituta* (Instituições) que Cassiano dá a sua obra? Já vimos que o mesmo se aplica, diretamente, só aos Livros I-IV. Das sete vezes que essa palavra é citada no PREFÁCIO, três vezes é acompanhada da palavra Regra, ou é empregada paralelamente a essa palavra. Essa mesma equivalência iremos encontrar no início do Livro I, onde Cassiano anuncia que vai falar das *instituições e regras dos mosteiros.*[34]

As *Instituta* dos mosteiros são, portanto, suas Regras. A palavra será encontrada frequentemente no decorrer dos Livros I-IV. Às vezes, para mostrar o caráter tradicional dessa legislação, recebe o acréscimo *dos anciãos* ou *dos Padres*. Ao começar a escrever as *Conferências*, Cassiano dará à sua primeira obra o título *De Institutis coenobiorum et de octo principalibus vitiis* (*Conf.* I-X, Præf. 1). No entanto, esse não é o único nome que Cassiano dá à sua obra. Muitas vezes ele emprega um termo vizinho: *Institutio*, tanto no plural como no singular, e esse termo não é isento de ambigui-

[34] *Inst.* I,1: "De institutis ac regulis monasteriorum dicturi..."; *Inst.* I,2: "institutis ac regulis".

dade, porque ele designa também – sempre no plural – a formação que se dá aos noviços nos mosteiros.[35] Malgrado esse sentido especial que toma frequentemente no Livro IV, Cassiano o aplica várias vezes nas *Conferências*, ao conjunto dos quatro livros, aos quais ele serve de título breve.[36]

Após ter indicado as duas partes de sua obra, Cassiano reafirma a destinação puramente ascética da mesma, ao visar a reforma moral dos indivíduos e a plenitude da vida perfeita. Pela primeira vez Cassiano afirma aqui a origem apostólica do cenobitismo, uma tese que ele exporá, de dois modos diferentes, nas *Instituições* em primeiro lugar, e depois nas *Conferências*.[37] Partindo da primeira dessas exposições, ele vai invocar a antiguidade da verdadeira tradição monástica a propósito do hábito e do ofício noturno,[38] não sem atacar a audácia temerária dos inovadores ocidentais. Cassiano substitui o modelo basiliano por uma tradição bem mais antiga e venerável, pois abraçando todo Egito e Palestina, remonta sem interrupção até os Apóstolos. No entanto, essa visão unitária do monaquismo oriental será imediatamente desfeita ou, ao menos, mitigada pela singularidade do monaquismo egípcio, que o separa das outras províncias orientais. Essa diferença permitirá a Cassiano fazer alterações e escolhas, concluindo que o hábito dos monges egípcios é inapto ao clima das Gálias e à mentalidade gaulesa;[39] que o ideal egípcio da oração sem cessar deve ser substituído pelos breves ofícios durante

[35] Cf. *Inst.* IV, 1.2.6.7.23.

[36] Cf. *Conf.* IX,1; XX,1.2.

[37] Cf. *Inst.* II,5 (Alexandria); *Conf.* XVIII,5 (Jerusalém).

[38] Cf. *Inst.* I,2; II,3.

[39] Cf. *Inst.* I,10.

o dia como se celebra na Palestina e Mesopotâmia;[40] que os usos alimentares do Egito monástico são mais para admirar que imitar.[41] Na prática, o monaquismo gaulês reformado pelas *Instituições* se assemelhará mais com aquele do Oriente que com o do Egito.

Dom Justino de Almeida Bueno OSB
Abadia de Nossa Senhora de Monserrate
Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2015

[40] Cf. *Inst.* III,1-2.

[41] Cf. *Inst.* IV,10-11.22. Veja também IV,17 (silêncio à mesa).

PREFÁCIO DE JOÃO CASSIANO

GUIA DE LEITURA (Pref. = Prefácio)

- Pref. 1. O sábio Salomão e o artesão Hiram (cf. 1Rs 7,13-14).
- Pref. 2. O bispo Castor e Cassiano.
- Pref. 3. Castor pede a Cassiano que exponha as instituições dos mosteiros do Egito e da Palestina.
- Pref. 4. Cassiano expõe seus limites: é um pecador; já faz muito tempo que deixou aquelas regiões (Egito e Palestina).
- Pref. 5. Importância da experiência. Outros limites de Cassiano: um discurso pouco hábil, além disso, os santos Padres escreveram numerosas obras sobre as instituições monásticas.
- Pref. 6. Cassiano pede que sua obra seja lida com benevolência.
- Pref. 7. Método e primeira finalidade da obra.
- Pref. 8. Outras finalidades da obra.
- Pref. 9. Necessidade de adaptar ao ocidente latino as instituições dos egípcios.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Prestar atenção principalmente na descrição do método e na apresentação das finalidades da obra de Cassiano.
- Observar que Cassiano divide em duas partes seu escrito: na primeira, tratará das instituições e regras dos mosteiros (livros I a IV; são as instituições propriamente ditas); em seguida, na segunda, vai se dedicar ao estudo da origem e das causas dos oito vícios principais (livros V a XII) [cf. Pref. 7].

PREFÁCIO

1. A história do Antigo Testamento narra que o sapientíssimo Salomão recebeu de Deus *uma sabedoria e uma prudência muito grandes e um coração também tão vasto quanto a areia do mar* que não se pode medir (1Rs 4,29), a tal ponto que, conforme o testemunho do Senhor, diz-se que não existiu ninguém semelhante a ele nos séculos precedentes nem haverá depois (cf. 1Rs 3,12-13).

Entretanto, quando desejou construir para o Senhor um templo magnífico, solicitou a ajuda de um estrangeiro, o rei de Tiro. Hiram, filho de uma pobre viúva, foi-lhe enviado e tudo o que a sabedoria divina lhe sugeriu empreender de magnífico no templo do Senhor, ou para os objetos sagrados, ele o realizou, tomando-o como ajudante e executor.

2. Portanto, se essa potência superior a todos os reinos da terra, esse descendente tão nobre e eminente da raça de Israel, esta sabedoria divinamente inspirada, que ultrapassava a ciência e os ensinamentos de todos os orientais e egípcios não desdenhou de modo algum o conselho de um homem pobre e estrangeiro, com muita razão, também tu, beatíssimo papa Castor,[1] instruído por esses exemplos e dispondo-te a construir para Deus um templo verdadeiro e racional, não com a ajuda de pedras mortas porém reunindo santos personagens, um templo não temporal e corruptível mas eterno e inexpugnável, desejando também consagrar ao Senhor objetos muito preciosos feitos não com ouro ou prata – que são mudos e que o rei da Babilônia tomou e mandou servir ao prazer de suas concubinas e de seus príncipes –, mas com almas santas

[1] Era bispo da diocese de Apt e fundador do mosteiro de Menerbes.

que, brilhando com a integridade de sua inocência, justiça e castidade trazem em si o Cristo Rei que nelas permanece e o difundem por todas as partes, me chamaste a participar de tal obra, a mim que sou tão pobre e de tal modo desprovido de tudo.

3. Numa província que não tem mosteiros, desejas que seja organizada a maneira de viver dos orientais, principalmente dos egípcios. Embora sejas perfeito em todas as virtudes e na ciência e cumulado de todas as riquezas espirituais de tal modo que, a quem quer que procure a perfeição não só teu ensinamento mas apenas tua vida bastaria amplamente para apresentar um modelo, não obstante, tu me pedes, a mim que não sei falar e sou desprovido de ciência, contribuir com a pobreza de meu entendimento para a realização de teu desejo; e me ordenas expor, ainda que num estilo imperfeito, as instituições que vimos serem observadas nos mosteiros do Egito e da Palestina, da maneira como nos foram transmitidas pelos Pais. Pois tu não procuras a arte do discurso – na qual és perfeitamente versado –, mas desejas que seja exposta com simplicidade a vida simples dos santos, para os irmãos de teu novo mosteiro.

4. Ora, para isso, tanto o piedoso ardor de teu desejo me incita a obedecer, quanto meus numerosos escrúpulos disso me dissuadem.

Em primeiro lugar, porque os méritos de minha vida não são tão elevados que possa esperar alcançar dignamente com meu espírito realidades tão difíceis, obscuras e santas. Em segundo, porque aquilo que, fixados entre esses monges desde nossa infância e incitados por suas exortações cotidianas e seus exemplos, tentamos

realizar, aprender, ou constatar com nossos olhos, não podemos mais presentemente reter integralmente, arrancados que fomos há tantos anos à sua frequentação e à imitação de sua vida;[2] tanto mais quanto é absolutamente impossível, por uma meditação abstrata ou um ensinamento verbal, transmitir o sentido dessas realidades ou compreendê-las ou guardar sua lembrança.

5. Pois tudo consiste somente na experiência e na prática, e assim como essas realidades não podem ser transmitidas senão por aquele que as experimentou, do mesmo modo não serão percebidas ou compreendidas senão por quem tiver se esforçado por alcançá-las com igual aplicação: as verdades, portanto, se não forem frequentemente discutidas e polidas numa conversa assídua com homens espirituais logo se desvaneceriam novamente pela desatenção do espírito.

Em terceiro lugar, porque isto mesmo não o pode explicar como convém um discurso por demais mal feito, não por causa da coisa em si, mas porque em virtude de nossa situação atual não podemos nos recordar.

A isso se acrescenta que homens tão reputados por sua vida quão ilustres por seu ensinamento e sua ciência já elaboraram numerosos opúsculos sobre o assunto; falo dos santos Basílio, Jerônimo e de alguns outros. O primeiro respondeu aos irmãos que o interrogavam sobre diversas instituições ou questões não só com eloquência, mas por abundantes testemunhos das divinas Escrituras. O segundo não se contentou somente em publicar livros

[2] Com efeito, quando Cassiano escreveu isto já havia deixado o Egito há quase vinte anos.

escritos por ele mesmo como também traduziu para o latim obras que tinham sido escritas em grego.

6. Depois de tais rios de eloquência, poderia com muita razão ser tachado de presunçoso em meu esforço por acrescentar algumas gotas d'água, se não me animassem a confiança que me testemunha tua santidade e tua promessa de que essas bagatelas, quaisquer que sejam, te serão agradáveis e que tu só as dirigirás à tua comunidade de irmãos que moram em teu novo mosteiro. Se nos acontecer de propor algo não conveniente, que o leiam com bondade e o suportem com grande indulgência, procurando em meu discurso antes a fé do que a elegância da linguagem.

7. Por essa razão, beatíssimo papa, modelo único de religião e de humildade, animado pelas tuas orações, empreendo, segundo a capacidade de minha inteligência, esta obra que tu me pedes; e o que não foi de nenhum modo tratado pelos nossos predecessores, uma vez que procuraram descrever o que ouviram mais do que o que experimentaram, eu o exporei, para um mosteiro ainda não formado e para homens que estão verdadeiramente sedentos. Não procurarei absolutamente compor um relato dos prodígios de Deus e de milagres. Embora os tenhamos não só ouvido contar, mas visto com nossos próprios olhos em grande número, e inacreditáveis, realizados pelos nossos anciãos, entretanto, omitindo esses relatos que, para sua instrução na vida perfeita não acrescentam nada aos leitores senão deslumbramento, esforçar-me-ei somente, com o auxílio do Senhor, a explicar tão fielmente quanto possível as instituições e regras de seus mosteiros e principalmente a origem e a causa dos vícios principais – cujo número foi fixado em oito –, assim como a maneira de curá-los conforme o ensinamento que transmitiram.

8. Meu propósito, na verdade, não são as maravilhas de Deus, mas sim falar um pouco sobre a correção de nossos costumes e realização da vida perfeita segundo o que recebemos de nossos antigos. Nesse outro ponto também, esforçar-me-ei por satisfazer à tua ordem: se talvez, nessas regiões tiver constatado algo não bem fundado conforme o exemplo dos anciãos numa antiquíssima constituição, mas ter sido supresso ou acrescentado conforme o julgamento de cada fundador de mosteiro, eu o acrescentarei ou retirarei fielmente segundo a regra dos mosteiros mais antigos que vimos no Egito ou na Palestina. Pois não creio absolutamente que uma fundação recente tenha podido encontrar nas regiões ocidentais das Gálias algo de mais razoável e de mais perfeito que essas instituições segundo as quais permanecem os mosteiros fundados pelos Pais santos e espirituais, desde o início da pregação apostólica até os nossos dias.

9. Certamente, encarregar-me-ei de introduzir nesse opúsculo a moderação, a fim de suavizar um pouco com a ajuda das instituições em vigor na Palestina e na Mesopotâmia o que segundo a regra dos egípcios reconheço ser impossível ou por demais rude e austero para essas regiões, seja por causa do rigor do clima, seja por causa da diferença da maneira de viver. Porque se for praticado o que é razoavelmente possível, a observância é igualmente perfeita mesmo com meios desiguais.

LIVRO PRIMEIRO

Sobre a vestimenta dos monges

Guia de leitura

- Cap. 1. Breve introdução ao cinto; homens santos que o usaram.
- Cap. 2. A vestimenta dos monges, suas características gerais. Cassiano se opõe ao uso da veste de pele de cabra.
- Cap. 3. O capuz.
- Cap. 4. A túnica.
- Cap. 5. O escapulário (*analáboy*).
- Cap. 6. O manto.
- Cap. 7. A melota.
- Cap. 8. O bastão.
- Cap. 9. As sandálias.
- Cap. 10. Necessidade de adaptar as vestes ao clima e costumes do lugar.
- Cap. 11. Segundo desenvolvimento sobre o cinto.

Indicações práticas

- Conviria ler o cap. 11 em seguida ao cap. 1.
- Não focalizar a atenção na descrição externa das diversas partes da veste monástica, mas em seu simbolismo interior ou espiritual, isto é o que Cassiano deseja sublinhar.
- Prestar atenção ao método que Cassiano segue na apresentação de cada parte da veste.
- Os capítulos 2 e 10 são diferentes dos demais.
- Atenção aos textos da Sagrada Escritura citados por Cassiano.

LIVRO PRIMEIRO

SOBRE A VESTIMENTA DOS MONGES

CAPÍTULO 1

1. Tendo de falar, com a graça de Deus, sobre as instituições e regras dos mosteiros, como poderia começar melhor, senão pelo próprio hábito dos monges? Poderemos expor, em seguida, sua beleza interior, quando tivermos apresentado aos olhares [de todos] o adorno exterior.

Como um soldado do Cristo, o monge deve ter continuamente cingidos os rins, sempre preparado para o combate (cf. Ef 6,11.13-17; 2Tm 2,4).

2. Com efeito, a autoridade divina das Escrituras prova que aqueles que no Antigo Testamento colocaram os primeiros fundamentos desse estado de vida, Elias e Eliseu,[1] assim se vestiam. Desde então, sabemos que os chefes e autores do Novo Testamento, João, Pedro e Paulo e os outros membros do seu grupo fizeram o mesmo.

Elias, que no Antigo Testamento já prefigurava as flores da virgindade e o exemplo da castidade e da continência, tinha sido enviado pelo Senhor aos mensageiros de Ocozias (cf. 2Rs 1,1ss), o rei sacrílego de Israel, para reprová-lo, porque, atingido pela doença, o rei os enviara a consultar o deus Baal Zebub, em Acaron, sobre seu estado de saúde. Tendo-os encontrado, o profeta declarou que

[1] Cf. *Conf.* XVIII, 6: "Imitam, deste modo, João Batista, que morou no deserto por toda a sua idade, e também Elias e Eliseu". É um tema frequente da literatura monástica primitiva.

o rei não desceria mais do leito em que jazia (cf. 2Rs 3-6); e foi reconhecido quando informaram ao rei, ainda em seu leito, sobre o seu modo de vestir.

3. Com efeito, quando os mensageiros voltaram e contaram ao rei o que o profeta lhes tinha dito, ele lhes perguntou qual a aparência e a vestimenta do homem que tinha vindo ao seu encontro e lhes falara dessa forma. Eles responderam: *Era um homem coberto de pelos e com um cinto de couro ao redor dos rins* (2Rs 1,8). Por esta maneira de vestir, o rei reconheceu imediatamente o homem de Deus e disse: *É Elias, o Tesbita* (2Rs 1,8), discernindo-o logo por causa do cinto e por sua aparência grosseira e tosca; pois, entre tantos milhares de israelitas, este sinal era-lhe próprio e o marcava para sempre com um cunho especial.

4. Sobre João Batista, que nos aparece como um marco sagrado entre os dois Testamentos, fim de um e início de outro, o Evangelista nos diz a mesma coisa: *João usava uma roupa de pelos de camelo e um cinturão de couro em volta dos rins* (Mt 3,4).

Também a Pedro, lançado no cárcere por Herodes, para ser morto no dia seguinte, apareceu um anjo que ordenou: *Coloca o teu cinto e calça tuas sandálias* (At 12,8). O anjo de Deus jamais o teria advertido a fazer isso se não tivesse visto que, para se refazer durante o repouso noturno, tinha distendido um pouco seus membros fatigados, afrouxando o cinto.

5. Quanto a Paulo que subia a Jerusalém onde logo os judeus o aprisionariam, o profeta Ágabo, encontrando-o em Cesareia, retira-lhe o cinto e com ele liga as próprias mãos e pés, a fim de

prefigurar por esse gesto as injúrias de sua paixão e lhe diz: *Eis o que diz o Espírito Santo: o homem a quem pertence este cinto será amarrado em Jerusalém pelos judeus que o entregarão nas mãos dos gentios* (At 21,11). O profeta não teria podido falar como o fez, nem ter dito *o homem a quem pertence este cinto*, se Paulo não tivesse o costume de usar continuamente um cinto em volta dos rins.

CAPÍTULO 2

1. Quanto à vestimenta do monge basta uma que lhe cubra o corpo, suprima a vergonha da nudez e o impeça de sentir frio, mas sem alimentar os germes da vaidade e da soberba. Assim o ensina o mesmo Apóstolo: *Se temos alimento e com que nos cobrirmos, fiquemos satisfeitos* (1Tm 6,8). Ele diz "operimenta" (= com que nos cobrir) e não "vestimenta" (= com que nos vestir) – como aparece impropriamente em alguns exemplares latinos – para significar uma veste que apenas cobre o corpo sem o lisonjear por sua aparência e seja tão comum que, nem pela novidade da cor ou pela originalidade do corte se distinga da dos outros homens que seguem a mesma profissão. Que seja isenta de quaisquer arranjos estudados, que não esteja também coberta de manchas por um descuido afetado, enfim, que seja de tal modo despojada da elegância desse mundo que possa ser em todas as circunstâncias a veste comum dos servos de Deus.

2. Com efeito, tudo o que entre os servos de Deus é adotado por um só ou por uma minoria, mas não universalmente por todo o corpo da fraternidade, é supérfluo ou pretensioso, e por isso mesmo, julgado mau e como uma manifestação de vaidade e não

de virtude. Assim tudo o que não encontramos exemplo entre os santos de outrora que colocaram os fundamentos deste estado de vida, nem entre os Pais de nossa época que até hoje conservam as instituições que receberam, convém que o cortemos como supérfluo e inútil.

3. Por isso, recusaram absolutamente uma veste de pelos de cabra[2] porque chama a atenção e atrai os olhares, e assim, ao invés de proporcionar qualquer proveito espiritual provoca a vaidade do orgulho. Além disso é incômoda e inadaptada para o trabalho a ser realizado e para o qual o monge deve estar sempre perfeitamente disponível. Sem dúvida ouvimos falar de alguns que assim revestidos, levaram vida recomendável. Mas não podemos tirar disso um argumento para o prescrever como regra aos mosteiros, ou para suprimir os antigos decretos dos santos Pais, pois, por consideração às suas demais virtudes, não se julgou dever censurar a presunção de alguns, mesmo quando se comportaram contrariamente à regra comum. Porquanto uma constituição válida para todos não deve ser preterida nem prejudicada pela opinião de alguns.

4. Com efeito, as instituições às quais devemos uma confiança inabalável e obediência indiscutível não são as que foram introduzidas pela vontade de uma minoria, mas sim as que sua antiguidade e o acordo de inumeráveis santos Pais nos transmitiram de geração em geração. Tampouco devemos tomar apres-

---

[2] O cilício (*ciliciam vestem*) era tecido de pele de cabra ou de camelo. Vinha da Cilícia. Material rude, tinha várias maneiras de ser empregado. É fácil imaginar como podia servir maravilhosamente de instrumento de penitência.

sadamente como exemplo de nosso comportamento cotidiano o de Jorão, rei sacrílego de Israel, que cercado de tropas inimigas, rasgando suas vestes, mostrou trazer um cilício (cf. 2Rs 6,30), nem o dos ninivitas que, para mitigar a condenação que Deus proferira contra eles por intermédio do profeta, revestiram-se da austeridade do cilício (cf. Jn 3,5). Pois o primeiro trazia o cilício como uma subveste, de tal modo escondido que se não tivesse rasgado sua capa, ninguém o teria percebido, enquanto que os ninivitas se impuseram uma vestimenta de cilício quando todos choravam a ruína iminente da cidade; e como estavam todos revestidos da mesma forma, ninguém poderia ser acusado por outro de ostentação, porque se a diversidade não é coisa de alguns, a igualdade de todos não ofende.

CAPÍTULO 3

Há certas peças nas vestes dos monges egípcios destinadas não tanto a proteger o corpo quanto a significar seu gênero de vida, de tal modo que se observe a prática da simplicidade e da inocência mesmo na maneira de vestir. Assim, usam dia e noite pequenos capuzes (*cuccullus*) que cobrem apenas a cabeça e caem sobre a nuca e os ombros, a fim de que sejam advertidos a guardar com perseverança a inocência e a simplicidade das crianças, imitando-as com esta veste. Tendo retornado à infância cantam a todo instante ao Cristo, com todo o coração: *Senhor, meu coração não se exaltou, nem meus olhos se altearam; não andei atrás de grandezas, nem de maravilhas que me ultrapassam. Não! Guardei humildes sentimentos; minha alma está em mim como criança desmamada no colo de sua mãe* (Sl 130[131],1-2).

CAPÍTULO 4

Usam também pequenas túnicas de linho (*colobium*) que apenas descem até a altura do cotovelo ficando o resto dos braços a descoberto para que a supressão das mangas sugira sua renúncia a todas as obras do mundo e que a túnica de linho que os recobre ensine-os que estão mortos para qualquer modo de vida terrestre. Por isso, ouvem cada dia o que o Apóstolo lhes diz: *Mortificai os vossos membros terrenos* (Cl 3,5). E é isso o que proclama a própria maneira como estão vestidos: *Estais mortos e vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Cl 3,3); e, *Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20); e: *O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo* (Gl 6,14).

CAPÍTULO 5

Usam ainda dois cordões tecidos com fios de lã que os gregos denominam *analáboy* e que podemos chamar suspensórios (*subcinctória*) ou faixinhas (*redimícula*) ou talvez mais apropriadamente, cintas (*rebracchiatoria*).[3] Partindo da nuca, separam-se em duas partes em torno do pescoço, dão a volta por debaixo dos braços. Cingem dessa maneira fortemente a veste prendendo com firmeza ao corpo as dobras do pano. Assim, com os braços agora nus, acham-se os monges prontos e disponíveis para toda espécie de trabalho. Aplicam-se pois, com todas as suas forças, em cumprir

[3] Esta peça da veste era desconhecida no Ocidente. De toda uma série de equivalentes: cordões, avental, suspensórios, somente este último satisfaz o autor. A descrição que nos dá, ainda que pormenorizada, deixa larga margem à nossa imaginação ... Cf. BATIFFOL, *Études de liturgie et d'archéologie chrétienne*, p. 53.

o preceito do Apóstolo: *Estas mãos não só proveram as minhas necessidades mas também as de meus companheiros* (At 20,34); e: *Não comemos gratuitamente o pão de ninguém, mas dia e noite, trabalhamos com fadiga e cansaço para não sermos pesados a nenhum de vós* (2Ts 3,8) e: *Se alguém não quer trabalhar, também não deve comer* (2Ts 3,10).

CAPÍTULO 6

Cobrem o pescoço e os ombros com um pequeno manto, buscando assim um aspecto ao mesmo tempo humilde, comum e de preço módico. Em nossa língua, como na deles, chama-se *mafort.*[4] Evitam assim o luxo e o fausto das planetas (*planeticae* = casulas) e dos buréis (*byrrus*).[5]

CAPÍTULO 7

A última peça do seu hábito é a pele de cabra – que eles chamam *melota* ou *pera* – e o bastão. Com isso imitam os que, no Antigo Testamento, esboçaram os primeiros ensaios desse estado de vida. A seu respeito escreveu o Apóstolo: *Andaram errantes, cobertos de peles de ovelhas e de cabras, angustiados, aflitos – ho-*

[4] O *mafort* era uma pequena pelerine que cobria os ombros e o pescoço. Era primitivamente uma vestimenta feminina.

[5] A *planeta* era o manto de lã que se colocava sobre a túnica de linho. Podia também ser de tecido mais precioso. Era usado em Roma pelos senadores desde a lei de 382 que regulava o traje desses personagens (Imperadores Graciano, Valentiniano e Teodósio). O *byrrus* era um manto grosseiro de lã (donde o burel em português) mas por volta do século IV, na Gália, passou a ser tecido com lã mais fina e tornou-se vestimenta de luxo.

mens dos quais o mundo não era digno – errantes pelos desertos, pelas montanhas, pelas cavernas e pelos antros da terra (Hb 11,37-38).

Todavia esse hábito de pele de cabra ou *melota* significa que depois de haver mortificado a impetuosidade das paixões carnais, os monges devem permanecer inabaláveis nas mais altas virtudes e nada deve neles subsistir dos ardores da juventude e de sua inconstância passada.[6]

CAPÍTULO 8

Que estes mesmos homens usavam também um bastão nos dá a entender um deles, Eliseu, quando envia seu servo Giezi para ressuscitar o filho da mulher e lhe diz: *Toma meu bastão, e vai depressa, coloca-o sobre o rosto da criança e ela viverá* (2Rs 4,29). De fato, o profeta não lhe teria entregue seu bastão para o levar se não tivesse o hábito de tê-lo sempre nas mãos. O uso do bastão[7] adverte os monges espiritualmente de que não devem jamais se aventurar desarmados no meio da multidão de cães sempre a latir que são os vícios, e dos animais ferozes e invisíveis que são os maus espíritos dos quais o bem-aventurado Davi pede para ser libertado quando diz: *Não entregues aos animais, Senhor, a alma que em ti confia* (Sl 73,19[LXX]). Mas os que irromperem devem ser repelidos e jogados longe com o sinal da cruz, e quando se desencadeiam, dominá-los pela lembrança contínua da Paixão do Senhor e pela imitação de sua mortificação.

---

[6] Este sentido simbólico já havia sido atribuído à *melota* por Evágrio (*Ad Anatolium*).

[7] Para Evágrio, no sentido espiritual o bastão significa a árvore da vida, o próprio Cristo.

CAPÍTULO 9

1. Renunciam ao calçado como coisa proibida pelo preceito evangélico (cf. Mt 10,10) e somente quando a enfermidade, o frio matinal do inverno ou o calor do verão ao meio-dia o exigem, é que protegem os pés apenas com sandálias. Este uso que o Senhor lhes permite (cf. Mc 6,9), eles o interpretam no seguinte sentido: visto que permanecendo neste mundo é-nos impossível a libertação total, em face das solicitações da carne das quais dificilmente nos despojamos, então pelo menos tenhamos o cuidado de reduzir ao mínimo essas necessidades para que não se tornem obstáculo e não nos ocupem demasiadamente. Não podemos tolerar que os pés de nossa alma sejam embaraçados pelas preocupações transitórias deste mundo, pondo toda nossa atenção em satisfazer as necessidades de nossa natureza, nem em consentir no apetite supérfluo e nocivo. Estes pés de nossa alma devem estar disponíveis para a corrida espiritual e sempre prontos para pregar a paz do Evangelho. Com eles corremos *atrás do odor dos unguentos de Cristo* (Ct 1,3-4). E sobre eles diz Davi: *Corri sedento* (Sl 61,5). E Jeremias: *Quanto a mim, não me cansei ao te seguir* (Jr 17,16 [LXX]).

2. Cumpriremos isto se, conforme o Apóstolo, *não realizarmos os desejos da carne* (Rm 13,14). No entanto, ainda que usem sandálias licitamente, pois são concedidas pelo preceito do Senhor (cf. Mc 6,9), não se permitem usá-las jamais quando celebram ou recebem os santos mistérios, considerando ser necessário observar à letra o que foi dito a Moisés e a Josué, filho de Navé: *Desata a correia de teu calçado, pois o lugar em que pisas é uma terra santa* (Ex 3,5; Js 5,15).

CAPÍTULO 10

Dissemos tudo isso para que não pareça ter omitido algo em relação à vestimenta dos egípcios, mas devemos reter unicamente aquilo que se acomoda à situação geográfica e ao uso da província. Pois a dureza do inverno não permite que nos contentemos apenas com sandálias, nem tampouco com o *colobium*, ou com uma túnica (cf. Mt 10,10). E cobrir-nos com um minúsculo capuz e uma *melota*, suscitaria naqueles que nos vissem o riso em vez de edificação.

Julgamos também dever adotar apenas o que lembramos acima e que é compatível tanto com a humildade de nosso estado de vida como com o clima, de modo que o conjunto de nosso traje não consista numa novidade do hábito, o que poderia chocar os homens de nosso tempo, mas numa honesta pobreza.

CAPÍTULO 11

1. Que o soldado de Cristo revestido com este hábito saiba, em primeiro lugar, que é equipado com um cinto que o estreita a fim de estar não só pronto interiormente para todos os serviços e trabalhos do mosteiro, mas também que o seu próprio traje o torna sempre disponível. Pois dará prova de seu fervor na procura do progresso espiritual e da ciência das coisas divinas dada pela pureza do coração, na medida do seu zelo pela prática da obediência e do trabalho.

2. Em segundo lugar, saiba o monge que, neste cinto, há um sinal não pequeno do que lhe é requerido. Com efeito, ter um cinto em volta dos rins e cobri-los com uma pele morta significa que o

monge circunda com a mortificação seus membros nos quais estão contidos os germes da sensualidade e da luxúria, compreendendo que o mandato evangélico que diz: *Tende os rins cingidos* (Lc 12,35), é repetido pela interpretação dada pelo Apóstolo: *Mortificai, pois, vossos membros terrenos: fornicação, impureza, paixão, maus desejos* (Cl 3,5).

3. Eis a razão pela qual lemos nas Escrituras que usavam cinto somente os que já haviam extinguido os germes dos desejos carnais. Proclamam por suas obras e sua virtude a palavra do bem-aventurado Davi: *Tornei-me como odre exposto à geada* (Sl 118[119],83): tendo a carne dos vícios completamente destruída, distendem pelo vigor do espírito a pele morta do homem exterior. E, por isso, acrescentou expressamente *à geada*, pois, não se satisfazendo apenas com a mortificação do coração, mas também os movimentos do homem exterior e o fogo que é próprio da natureza ficaram como congelados, aplicando-lhe exteriormente o gelo da continência, não suportando mais, conforme a palavra do Apóstolo, nenhum domínio do pecado sobre seus corpos mortais (cf. Rm 6,12) e não tendo mais uma carne contrária ao espírito (cf. Gl 5,17).

LIVRO SEGUNDO

Da regra para as orações e salmos noturnos

Guia de leitura

- Cap. 1. Introdução: os livros II e III tratam da medida das horas canônicas e dos salmos.
- Cap. 2. A tradição monástica deve ser o critério a seguir para fixar a referida medida.
- Cap. 3. Formação na humildade e na obediência, conforme a norma dos monges egípcios.
- Cap. 4. A "Regra do Anjo": doze salmos para as celebrações da noite e do entardecer.
- Cap. 5. A origem do monacato egípcio. Revelação do anjo.
- Cap. 6. A leitura da Sagrada Escritura nas celebrações da noite e do entardecer.
- Cap. 7. Posição (ou posições) do corpo durante as mencionadas reuniões litúrgicas.
- Cap. 8. O "Gloria Patri".
- Cap. 9. A maneira de fazer as orações canônicas.
- Cap. 10. O silêncio nas celebrações litúrgicas. Orações breves, mas frequentes.
- Cap. 11. O importante não é a quantidade de versículos, mas a compreensão espiritual dos salmos e orações.
- Cap. 12. Posição repousada do corpo nas celebrações. Jejum, trabalho, oração contínua, permanência na cela e vigílias dos monges egípcios.
- Cap. 13. As vigílias privadas desses monges. Seus motivos.
- Cap. 14. Importância do trabalho durante as vigílias.

- Cap. 15. Meditação contínua da Sagrada Escritura. Satisfação pelas faltas.
- Cap. 16. Exclusão da oração comunitária (pequeno "código penitencial").
- Cap. 17. O sineiro.
- Cap. 18. Durante os cinquenta dias do tempo pascal os egípcios não se ajoelham nem jejuam.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Principalmente em uma primeira leitura, não se perder em cada um dos detalhes do texto; buscar antes as linhas principais da exposição.
- Considerar com atenção os três temas relevantes que Cassiano propõe:
1- a tradição dos orientais como norma a seguir para fixar o modo (a medida) do ofício monástico do Ocidente (ou pelo menos da Gália);
2- o exemplo inigualável dos monges egípcios; eles propõem o ideal da oração contínua;
3- a "Regra do Anjo": doze salmos (e duas leituras bíblicas) para as celebrações do entardecer e da noite.

- O objetivo que se propõe ao leitor é alcançar a oração "sem interrupção".

LIVRO SEGUNDO

DA REGRA PARA AS ORAÇÕES E SALMOS NOTURNOS

CAPÍTULO 1

Cingido, pois, o soldado de Cristo, com o duplo cinto sobre o qual já falamos,[1] aprenda agora a medida, para as horas canônicas e os salmos, determinada outrora no Oriente pelos santos Pais. Quanto ao que se refere à natureza da oração e à possibilidade de *rezar sem cessar* (1Ts 5,17), como diz o Apóstolo, vamos explicá-lo no devido lugar, se Deus o permitir, quando começarmos a expor as Conferências dos Pais.[2]

CAPÍTULO 2

1. Pois constatamos que, em outras regiões, muitos monges, *tendo o zelo de Deus*, mas, como diz o Apóstolo, *não segundo a ciência* (Rm 10,2), determinaram sobre este assunto, segundo sua capacidade de compreensão, diversas normas e regras.
Alguns, com efeito, pensaram que se devia dizer, cada noite, vinte ou trinta salmos, prolongados ainda com o canto de antífonas e a adição de certas modulações. Outros procuraram ultrapassar também esta medida; outros ainda se limitaram a dezoito salmos. Desse modo foi estabelecida em cada lugar uma norma diferente e vimos adotadas quase tantas distribuições e regras quantos mosteiros e celas visitamos.

---

[1] Isto é, o cinto descrito como a primeira peça do hábito do monge e o cinto espiritual do qual o primeiro é símbolo.

[2] Cf. *Conf. Pref.* 5. A oração incessante será um dos temas importantes das *Conf.* IX e X; ver também *Conf.* XXIII, 5.

2. Alguns julgaram necessário igualar, nos ofícios diurnos de Terça, Sexta e Noa, o número dos salmos e das orações com o das horas em que se presta a Deus esta homenagem;[3] enquanto que a outros pareceu melhor assinalar seis para cada hora do dia.
Por isso, creio ser preciso expor o que foi instituído de longa data pelos Pais e conservado até agora em todo o Egito pelos servos de Deus, a fim de que este novo mosteiro, ainda noviço em Cristo, se embeba, desde sua infância, das vetustíssimas instituições dos primeiros Pais.

CAPÍTULO 3

1. Em todo o Egito e na Tebaida, onde os mosteiros não são regulamentados conforme o arbítrio de cada um que renuncia ao mundo, mas permanecem até o dia de hoje ou então são fundados para permanecer por sucessões e tradições dos antigos, observamos que se guarda uma determinada medida de orações tanto nas celebrações da tarde como nas vigílias noturnas. Ninguém é autorizado a presidir um grupo de irmãos, nem mesmo dirigir-se a si mesmo, antes de se ter desembaraçado de todos os seus bens, e também de estar convencido de que não tem mais qualquer poder ou autoridade sobre si mesmo.

2. Pois, seja qual for a sua fortuna, aquele que renuncia ao mundo deve desejar tão ardentemente permanecer no mosteiro que absolutamente não se glorie pelo que abandonou ou pelo que trouxe ao mosteiro. Deve obedecer a todos de tal maneira que saiba ser-lhe preciso, segundo a palavra do Senhor, voltar à primeira in-

[3] Isto é, três salmos e três orações em Terça, seis em Sexta e nove em Noa.

fância (cf. Mt 18,3), em nada se prevalecendo da consideração devida à sua idade ou ao número dos anos que, passados inutilmente no século, deve considerar como perdidos. Mas levando em conta a importância dos rudimentos e do tirocínio do noviciado, que reconhece ter assumido na milícia de Cristo (cf. Ef 6,11.13-17), não hesita em submeter-se até aos mais jovens.

3. Além disso, é obrigado a sujeitar-se e a habituar-se a um trabalho fatigante, a fim de que, como ordena o Apóstolo (cf. 1Ts 4,11-12), ganhando com suas próprias mãos o alimento cotidiano tanto para si mesmo quanto para os hóspedes, possa esquecer o luxo e os deleites de sua vida passada, e alcançar, mediante o cansaço do trabalho, a humildade de coração.

Portanto, ninguém é eleito para presidir uma congregação de irmãos, antes de haver aprendido pela obediência o que convém ordenar aos subordinados e de ter assimilado, na escola dos mais antigos, os ensinamentos que deverá transmitir aos mais jovens.

4. Saber governar bem os outros ou deixar-se governar, dizem eles, é próprio do sábio. Afirmam ser este o dom mais sublime e graça do Espírito Santo, pois ninguém pode estabelecer preceitos salutares para os seus subordinados senão aquele que primeiramente tiver sido instruído em todas as disciplinas das virtudes. Do mesmo modo, ninguém pode obedecer a um ancião senão o que for consumado no temor de Deus e na virtude da humildade.

5. Tal é a razão da diversidade de tipos e regras que vemos adotadas nas outras províncias: muitas vezes, sem termos a experiência do ensinamento dos anciãos, ousamos tomar o primeiro lugar

nos mosteiros e, fazendo-nos passar por "abba" antes de termos sido discípulos, estabelecemos o que nos agrada – mais inclinados a exigir a observância de nossas invenções do que a guardar a doutrina aprovada dos anciãos.

Porém, sendo nossa intenção explicar a medida a ser observada nas orações, entusiasmados pelas *Instituições* dos Pais, antecipamos a exposição para a qual havíamos reservado seu lugar, com uma digressão precipitada. Voltemos, pois, ao nosso propósito.

CAPÍTULO 4

Em todo o Egito e na Tebaida, como dissemos, tanto para as celebrações da tarde como para as da noite, observa-se para os salmos o número de doze. Seguem-se duas lições, uma do Antigo, outra do Novo Testamento. Essa disposição, há muitos anos estabelecida, perdura intacta há muitos séculos até o dia de hoje em todos os mosteiros destas províncias porque, afirmam os antigos Pais, não se deve à invenção dos homens, mas foi transmitida do céu pelo ensinamento de um anjo.

CAPÍTULO 5

1. Nos inícios da fé, certamente poucos homens, mas provados fortemente, traziam o nome de monges.[4] Haviam eles recebido a regra de vida do evangelista Marcos, de feliz memória, que foi o primeiro bispo da cidade de Alexandria. Não contentes com ob-

[4] Aqui, como na *Conferência* XVIII,5, Cassiano se inspira em Filon, através de Eusébio de Cesareia.

servar essas práticas magníficas que eram as da multidão dos fiéis na Igreja primitiva, como lemos nos Atos dos Apóstolos, a saber, *a multidão de fiéis era um só coração e uma só alma; ninguém chamava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles... Todos os que tinham terras ou casas vendiam-nas e colocavam o preço aos pés dos apóstolos. Era, em seguida distribuído a cada um conforme sua necessidade* (At 4,32.34-35), acrescentaram ainda outras muito mais sublimes.

2. Retirando-se, com efeito, para os lugares menos frequentados nos subúrbios das cidades, levavam vida tão austera pelo rigor da abstinência que, mesmo aos homens estranhos à religião, a severidade de seu gênero de vida causava estupor. Entregavam-se com tanto fervor à leitura das divinas Escrituras, à oração e ao trabalho manual, dia e noite, que teriam perdido o gosto e até a lembrança do alimento se, após dois ou três dias, a fraqueza do corpo não os impedisse. Comiam e bebiam não o que lhes era agradável, mas apenas o necessário, e isso nunca antes do pôr do sol, para associar o tempo da luz com a aplicação às meditações espirituais e o cuidado do corpo às horas da noite. E realizavam outras proezas bem mais sublimes ainda.

3. Quem ainda não conhece tudo isso pelo relato de escritores locais poderá inteirar-se sobre o assunto na *História Eclesiástica.*[5]

Nessa época pois, em que a perfeição da Igreja primitiva cuja memória era ainda recente, permanecia intacta em seus sucessores, e que a ardente fé de um pequeno número não havia ainda arrefecido, dispersando-se na multidão, os veneráveis Pais, com vi-

[5] Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* II, 17, 10-11.20.

gilante solicitude sobre sua posteridade, reuniram-se para deliberar sobre a norma a ser observada no culto cotidiano por todo o corpo da fraternidade. Desse modo, desejavam transmitir a seus sucessores uma herança de piedade e paz, livre de qualquer dissensão, temendo que surgisse nas celebrações cotidianas um princípio de desarmonia ou diversidade entre homens que professam o mesmo culto, dando lugar futuramente ao germe do erro, da rivalidade ou do cisma.

4. Nessa circunstância, cada um segundo seu fervor pessoal e sem levar em conta a fraqueza dos outros, julgava que se devia fixar o que aos olhos de sua fé e de sua força considerava muito fácil, sem pensar no que seria possível como regra geral para o conjunto dos irmãos entre os quais é inevitável encontrarem-se muitos fracos. Sustentando opiniões diversas, rivalizavam por fixar um enorme número de salmos, de acordo com a força de alma de cada um. Alguns optavam por cinquenta, outros, sessenta. Muitos, insatisfeitos com esse número, julgavam que deveria ser ampliado. A santa diversidade que os opunha para fixar a regra de piedade era tal que o debate não estava ainda terminado quando chegou a hora da sacratíssima solenidade vesperal. Como desejassem celebrar os ritos cotidianos das orações, alguém se levantou e se colocou no meio para cantar os salmos ao Senhor.

5. Todos permaneciam sentados, como é costume ainda hoje em algumas partes do Egito, com toda a atenção do coração aplicada às palavras do salmista. Quando este havia cantado onze salmos, separados por orações, seguindo os versículos sem interrupção com um modo uniforme, terminou o décimo segundo pelo

responso de um aleluia e ocultou-se repentinamente aos olhos de todos, pondo fim tanto ao problema debatido quanto às cerimônias.

CAPÍTULO 6

Desde então, a venerável assembleia dos Pais – compreendendo que por meio de um anjo, sem faltar a providência do Senhor, havia sido fixada uma regra geral para as reuniões dos irmãos – decidiu que esse número seria conservado tanto para as reuniões da tarde como para as da noite. A estes [salmos] acrescentaram também duas leituras – uma do Antigo e outra do Novo Testamento – mas como algo transmitido por eles, a título de suplemento, destinadas somente aos que o desejassem e quisessem aplicar-se a conservar a memória das Escrituras divinas por uma assídua meditação.[6] Aos sábados e domingos, porém, as duas leituras que recitam são do Novo Testamento, a primeira do Apóstolo ou dos *Atos dos Apóstolos,* a segunda dos Evangelhos; durante todo o tempo pascal[7] é também a prática dos que amam a leitura e a recordação das Escrituras.

CAPÍTULO 7

1. As orações acima mencionadas começam e terminam da seguinte forma: concluído um salmo, não se ajoelham com precipitação, como fazem alguns em nossa região. Com efeito, nem bem terminado o salmo, prostramo-nos apressadamente para a oração, empenhados em chegar o mais depressa possível ao momento da

[6] A menção das duas leituras no final do ofício não é encontrada, por exemplo, nas fontes pacomianas.

[7] São os dias da Cinquentena. Cf. nota 13, p. 66.

despedida.[8] Como queremos ultrapassar a medida outrora estabelecida pelos anciãos, calculando o número de salmos que ainda restam, apressamo-nos para chegar ao fim, mais solícitos em restaurar nosso corpo fatigado do que em buscar o proveito e o benefício da oração.

2. Entre eles isto não acontece. Antes de se ajoelharem, oram por alguns instantes e passam a maior parte do tempo de pé, em súplica. Depois, prostram-se por um breve momento, como para adorar unicamente a divina clemência, levantam-se rapidamente e, novamente de pé, com as mãos estendidas como na primeira vez, prolongam sua oração. Pois, segundo eles, aquele que permanece prostrado por muito tempo é mais perigosamente atacado, não só pelos pensamentos como também, mais gravemente pelo sono.

3. Quanto a nós, oxalá a experiência e a prática cotidiana não nos tivessem ensinado a que ponto isso é verdade! Muitas vezes nos sucede, quando prostrados por terra, sentir o desejo de prolongar essa prostração por mais tempo, menos na intenção de orar do que na de repousar.

Quando aquele que deve concluir a oração se levanta do chão, todos se levantam ao mesmo tempo, de tal modo que ninguém ousa ajoelhar-se antes que ele se incline nem permanecer prostrado depois que ele se levantou, para não dar a impressão de estar fazendo sua própria conclusão ao invés de seguir aquele que conclui a oração.

[8] *Despedida*, traduz o latim *Missa* que se encontrava ainda na missa com esse sentido, no *Ite missa est*. Era a despedida litúrgica feita, seja aos catecúmenos e aos penitentes no fim da missa dos catecúmenos, seja a toda a assembleia no final de uma sinaxe ou reunião cultual qualquer. Daí, a palavra se estendeu para significar a própria reunião e posteriormente veio a designar a reunião litúrgica por excelência, a *missa*.

CAPÍTULO 8

Vimos, além disso, nessa província, que apenas um canta e ao terminar o salmo todos se levantam e cantam juntos e em voz alta: *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo*. Em lugar nenhum no Oriente ouvimos isto. Ali, estando todos em silêncio, o cantor, terminado o salmo, acrescenta a oração; só quando há antífona é que se costuma terminar pela glorificação da Trindade.

CAPÍTULO 9

1. A ordem das *Instituições* nos conduz logicamente, a explicar a maneira de rezar as orações canônicas. Ainda que reservemos para as *Conferências dos Pais* um trabalho mais amplo,[9] onde exporemos isso com mais detalhes, quando começarmos a explanar com suas próprias palavras a qualidade e a duração de suas orações, todavia, parece-me indicado pela oportunidade do tema e da própria exposição, aproveitar essa ocasião para dizer algumas palavras sobre o assunto. Desse modo, educando por ora a conduta do homem exterior, e colocando certos fundamentos da oração, poderemos logo, com menos dificuldade, quando falarmos das disposições do homem interior, construir até o cume o edifício de sua oração.

2. Antes de tudo, temos em vista o seguinte objetivo: se o fim prematuro de nossa vida nos impedir de fazer a exposição que, com a permissão de Deus, desejamos acabar em tempo oportuno, pelo menos a presente obra deixará os inícios de uma coisa que

[9] *Conf.* IX,1.

vos é tão necessária, visto que pelo ardor do vosso desejo, achais demasiadamente lento seu andamento. Portanto, enquanto é concedida uma delonga à nossa permanência neste mundo, traçamos nesse ínterim um primeiro esboço do que é a oração, para instruir um pouco sobretudo os que vivem nos cenóbios.

3. Pensamos também naqueles que conhecerão talvez, este livro, mas não terão a possibilidade de chegar ao outro: que possam encontrar aqui, pelo menos parcialmente, alguma coisa sobre a qualidade da oração; e assim tal como foram instruídos sobre o porte e o hábito do homem exterior, não ignorem como devem conduzir-se para oferecer os sacrifícios espirituais. Portanto esses capítulos que estamos compondo, com o auxílio divino, convirão mais à guarda do homem exterior e à instituição dos cenóbios, enquanto que os outros tratarão da disciplina do homem interior, da perfeição do coração, da vida e da doutrina dos anacoretas.

CAPÍTULO 10

1. Quando pois se reúnem para celebrar as solenidades das quais falamos – chamam-nas sinaxes[10] – observam todos tão profundo silêncio que, apesar do grande número de irmãos reunidos, poder-se-ia crer não estar ali absolutamente ninguém, a não ser aquele que se levanta, em meio à assembleia, para cantar o salmo. Isso é ainda mais notável durante a oração conclusiva: nesse momento, não se expectora, não se pigarreia com ruído, não se tosse sonoramente; ninguém boceja nem se mostra sonolento, com as mandíbulas frouxas e a boca entreaberta. Nenhum gemido, ne-

[10] Termo que significa assembleia ou reunião.

nhum suspiro que possa incomodar os assistentes. Não se ouve outra voz senão a do sacerdote que conclui a oração, a não ser talvez aquela que o espírito extasiado deixa escapar dos lábios, ou a que brota insensivelmente do coração abrasado por um fervor desmedido e incontrolável, enquanto que o espírito inflamado busca, por uma espécie de gemido inefável (cf. Rm 8,26) libertar-se do que não pode mais conter em si mesmo.

2. Quanto àquele que, vítima da tibieza, começasse a orar com gritos ou deixasse sair de sua boca alguns dos ruídos enumerados acima, sobretudo os bocejos, declaram-no duplamente culpável: primeiro, por oferecer com negligência sua própria oração; segundo, por impedir, com esse ruído desagradável, a aplicação de outro que teria podido, sem dúvida, rezar mais intensamente.

Por essa razão recomendam concluir rapidamente a oração para que a demora demasiada não ocasione uma superabundância de saliva ou de fleuma, interrompendo assim a intensidade da oração.

3. Assim, enquanto a oração é ainda fervorosa, é preciso, por assim dizer, arrancá-la rapidamente das fauces do inimigo, o qual, embora sendo-nos sempre adverso, sem dúvida mostra-se ainda mais hostil quando vê que desejamos oferecer contra ele orações ao Senhor. Suscitando, então, diversos pensamentos ou humores, apressa-se em afastar nosso espírito de sua intensa súplica e dessa forma enfraquecer nosso fervor inicial. Por isso, os Pais acham melhor orações breves mas muito frequentes: frequentes, a fim de que, orando a Deus mais amiúde, possamos aderir constantemente a ele; breves, para desse modo evitar os dardos com os quais o diabo nos ataca e procura nos ferir, sobretudo quando oramos.

CAPÍTULO 11

1. Por essa razão, nem mesmo os salmos que cantam nas assembleias são recitados de modo contínuo até a conclusão, mas conforme o número de versículos, dividem-nos em duas ou três partes, intercaladas por uma oração. De fato, não se satisfazem com o número dos versículos, mas com sua inteligência espiritual, aplicando-se com todas as forças ao conselho: *Cantarei com o espírito, mas cantarei também com a inteligência* (1Cor 14,15).

2. Por conseguinte estimam mais proveitoso cantar dez versículos com toda a compreensão do que um salmo inteiro com o espírito confuso, o que frequentemente é ocasionado pela pressa do cantor, ao considerar o tamanho e o número dos salmos que ainda faltam cantar; e assim não se esforça em dar a conhecer aos ouvintes a distinção dos sentidos, mas se apressa a chegar ao fim da sinaxe.

Enfim, quando algum dos jovens, seja por fervor espiritual, seja por não estar ainda formado, começa a ultrapassar a medida do que deve ser cantado, o ancião o interrompe, batendo com a mão sobre o banco em que está assentado, fazendo assim levantarem-se todos para a oração. Vela atentamente para que um excessivo alongamento da salmodia não gere tédio nos assistentes; pois assim, não só o cantor perde para si mesmo a inteligência frutuosa do salmo, como também, por causa do seu excesso, prejudica os demais que faz incorrer em desgosto pela sinaxe.

3. Entre eles, observa-se também com grande solicitude o seguinte: não se responde com *aleluia* a nenhum salmo que em seu

título não traga esta palavra.[11]

Quanto ao número de doze salmos mencionados acima, eis como os dividem: se há dois irmãos, cada um canta seis salmos. Se forem três, cada um canta quatro; se forem quatro, cabe a cada um cantar três salmos. Nas assembleias nunca se canta um número inferior; consequentemente, por maior que seja o número dos irmãos que se reuniram, nunca há mais de quatro irmãos a cantar na sinaxe.

CAPÍTULO 12

1. Tornam leve o número regulamentar de doze salmos adotando uma posição repousante para o corpo, de tal modo que, ao celebrar essas solenidades comunitárias conforme o costume, com exceção daquele que se levanta no meio da assembleia para recitar os salmos, todos permanecem sentados em bancos muito baixos, com toda a atenção do coração, suspensos à voz do salmista. Pois estão de tal modo cansados pelos jejuns e trabalhos de todo o dia e da noite que, se não fossem assim aliviados, não seriam capazes de se manter de pé durante este número de salmos.

2. Na verdade, não deixam passar nenhum tempo livre sem dedicar-se ao trabalho. Não só se empenham com toda a diligência nos trabalhos manuais permitidos pela luz do dia, como buscam também, com solicitude, aqueles que nem mesmo as densíssimas trevas da noite podem impedir. Creem que pela pureza do espírito poderão chegar a uma contemplação espiritual tanto mais elevada

[11] Com efeito, a "regra do anjo" prescreve que em cada sinaxe o décimo segundo e último salmo sejam concluídos "*pelo responso de um aleluia*" (cf. *Inst.* II,5,5).

quanto maior tiver sido a devoção com que se aplicaram ao esforço do trabalho e da labuta. Por isso julgam que este pequeno número de orações obrigatórias foi divinamente moderado, para reservar aos mais ardorosos na fé um espaço pelo qual possam prosseguir a carreira infatigável para a virtude, sem gerar descontentamento, por seu excesso, aos que estão cansados e doentes.

3. Portanto, quando termina o ofício regular das orações estabelecidas, cada um volta para sua cela que tanto pode ocupar sozinho como partilhar só com um outro, seja aquele ao qual está unido por um mesmo trabalho, ou por um mesmo mestre, ou pelo mesmo gênero de formação, ou ainda pela semelhança nas virtudes. Celebram ali novamente, com mais atenção, o mesmo ofício das orações como um sacrifício particular; e desde então, nenhum deles se entrega ao descanso do sono até que, chegando a aurora, a atividade diurna suceda ao trabalho e à meditação da noite.

CAPÍTULO 13

1. Por este labor ao qual os irmãos se dão sem conta, eles têm o intuito de oferecer ao Senhor um sacrifício, fruto de suas mãos. Além disso, dois outros motivos ainda os levam a praticá-lo com vigilância, o que, por nossa vez, se procuramos a perfeição, devemos observar com a mesma diligência.

Em primeiro lugar, é preciso temer que o inimigo ciumento, invejoso de nossa pureza à qual sempre prepara armadilhas e incessantemente se esforça por corromper, não manche, talvez por uma ilusão qualquer do sono, a purificação que tínhamos adquirido pelos salmos e orações noturnas.

2. Depois da satisfação que oferecemos por nossas negligências e ignorâncias e de haver implorado com muitos gemidos o perdão por nossas faltas confessadas, o inimigo se apressa mais solicitamente em corromper-nos, se nos surpreende enquanto repousamos. Empenha-se principalmente em arruinar e abater nossa confiança quando percebe que pela pureza de nossas orações tendemos a Deus com mais fervor. Assim, algumas vezes planeja manchar, naquele breve espaço de tempo, aqueles que de modo algum conseguiu ferir durante toda a noite.

3. Em segundo lugar, mesmo sem razão para temer uma ilusão diabólica, esse intervalo de sono, embora puro, poderia produzir preguiça no monge que deve logo levantar-se, e enfraquecer seu vigor causando torpor e sonolência à mente durante todo o dia. Além disso, poderia embotar a perspicácia da sensibilidade e exaurir a abundância do coração que poderiam, durante todo o dia, conservar-nos mais prudentes e mais fortes contra todos os embustes do inimigo.

Em vista disso acrescentam às vigílias canônicas, outras particulares, realizando-as com redobrado zelo, a fim de que não seja perdida a purificação adquirida pelos salmos e orações e que a meditação noturna nos prepare a melhor guardar durante o dia uma solicitude mais intensa.

CAPÍTULO 14

Por essa razão, acrescentam o trabalho às vigílias para que o sono não os surpreenda se permanecerem ociosos. Com efeito, assim como não reservam para si qualquer tempo de lazer, do mes-

mo modo não é imposto qualquer limite à meditação espiritual. Exercendo concomitantemente as virtudes do corpo e da alma, tanto o homem exterior quanto o interior tiram o mesmo proveito. Jogam o peso de seus trabalhos sobre os movimentos impuros do coração e a flutuação incessante dos pensamentos como se joga uma âncora bem firme e imóvel. A esta podem ser amarradas, entre as paredes da cela, a volubilidade e a divagação do coração, como em um porto bem seguro. Esta âncora torna o espírito atento unicamente à meditação espiritual e à guarda dos pensamentos e, longe de o deixar abandonado a qualquer má sugestão, protege-o contra os pensamentos supérfluos e inúteis. Assim não é fácil discernir quem depende de quem: será por causa da meditação espiritual que praticam um trabalho manual incessante? Ou será por causa da assiduidade ao trabalho que alcançam tão grande progresso espiritual e tão grande luz de ciência?

CAPÍTULO 15

1. Concluídos, pois, os salmos e a assembleia cotidiana, como o mencionamos acima, ninguém se atreve a entreter-se, um pouco que seja, nem a conversar com outro. Mesmo durante o dia aliás, ninguém ousa sair da sua cela ou abandonar o trabalho que nela costuma fazer a não ser que seja chamado para prestar um serviço indispensável. Uma vez fora da cela, realizam o trabalho sem dizer absolutamente uma palavra entre eles. Cada um faz o trabalho do qual foi encarregado, repetindo de cor um salmo ou alguma outra passagem da Escritura. Assim não se deixa qualquer tempo ou ocasião para as intrigas e maus conselhos nem tampouco às conversas inúteis: ocupados como estão continuamente a boca e

o coração unidos na meditação espiritual.

2. Vela-se, com grande atenção, para que ninguém, sobretudo os jovens, fiquem juntos ainda que por pouco tempo, ou se afastem juntos, ou se deem a mão.[12] Se apesar da disciplina desta regra se descobrir que foi cometido algo por ela proibido, são declarados culpados de uma falta grave, como contumazes e prevaricadores dos mandamentos, e não poderão se livrar da suspeita de cumplicidade e de intenção perversa. Enquanto não tiverem expiado essa falta, por penitência pública, em presença de todos os irmãos, não lhes é permitido tomar parte na oração comum.

CAPÍTULO 16

Se alguém, por ter cometido uma falta qualquer, for suspenso da oração, não é permitido a ninguém rezar com ele antes que, por humilde penitência, prostrado por terra, o abade lhe conceda publicamente a reconciliação e o perdão da culpa, diante de todos os irmãos. Além disso, eles se abstêm de participar da oração do culpado e dele se separam, convictos de que, conforme o Apóstolo, o que foi suspenso da oração, foi entregue a Satanás (cf. 1Cor 5,5); e quem quer que, movido por compaixão inconsiderada, ousar tomar parte na sua oração antes de ter sido recebido pelo ancião, torna-se cúmplice da sua culpa, entregando-se voluntariamente a Satanás, a quem aquele outro, para a correção de sua falta, tinha sido abandonado. Agindo desse modo, incorre numa reprovação ainda mais grave, pois, ao falar ou rezar assim com o culpado, favorece sua arrogância e alimenta seu espírito de revolta. Com efeito, conce-

[12] Cf. Pacômio, *Praecepta* 95: "Ninguém segure a mão do outro".

dendo-lhe uma consolação perigosa, ele o induzirá cada vez mais a endurecer seu coração e o impedirá de se humilhar pela sua separação; então, o culpado fará pouco caso da reprovação do ancião ou fingirá apenas a satisfação e o perdão.

CAPÍTULO 17

Àquele a quem foi confiado o cargo de despertar a comunidade para a sinaxe não se permite acordar os irmãos para as vigílias cotidianas ao arbítrio de sua fantasia, simplesmente porque acordou durante a noite, ou segundo as vicissitudes de seu próprio sono ou insônia. Mesmo que um longo hábito o leve a se levantar à hora fixada, é pela observação atenta e frequente do movimento das estrelas que, na hora marcada para a assembleia, deve despertar os irmãos para o ofício das orações. Assim evita dois erros: oprimido pelo sono, deixar passar a hora marcada, ou então, antecipá-la para ir dormir mais depressa, dando a entender desse modo que satisfez o seu próprio repouso ao invés de ter servido ao ofício espiritual e à tranquilidade dos demais.

CAPÍTULO 18

Devemos também saber o seguinte: desde a tarde do sábado, vésperas do domingo, até as vésperas do dia seguinte [domingo] os egípcios não se ajoelham. Tampouco o fazem durante todos os dias da Cinquentena,[13] nem é guardada nessas ocasiões a regra dos jejuns. Exporei a razão desse uso em seu lugar, nas *Conferências dos Pais*, se o Senhor o permitir. Presentemente nossa intenção é

[13] São os cinquenta dias entre a Páscoa e Pentecostes (cf. *Inst.* II,6).

apenas percorrer rapidamente os temas com uma breve exposição, para que esse volume não ultrapasse a medida conveniente e não venha a fatigar ou entediar o leitor.

LIVRO TERCEIRO

Da regra para as orações e salmos diurnos

Guia de leitura

- Cap. 1. Breve introdução: Cassiano propõe-se abordar a estrutura das horas diurnas (Terça, Sexta e Noa), sua ordem, conforme a tradição monástica da Palestina e Mesopotâmia.
- Cap. 2. O ideal do monge, conforme o exemplo dos egípcios, é a oração contínua.
- Cap. 3. O "sentido" das horas do Ofício divino.
- Cap. 4. A celebração matutina.
- Cap. 5. O horário da celebração matutina.
- Cap. 6. Os salmos reservados para a celebração matutina.
- Cap. 7. Os que chegam tarde ao Ofício divino.
- Cap. 8. As vigílias de sexta-feira e sábado.
- Cap. 9. Sentido das referidas vigílias. Interrupção do jejum no dia de sábado.
- Cap. 10. O costume da Igreja de Roma referente ao jejum do sábado.
- Cap. 11. O domingo.
- Cap. 12. Os dias em que há duas refeições: almoço e jantar.

Indicações práticas

- Levar em conta que Cassiano insiste no tema da oração contínua, que é a meta ideal do monge, e do "ofício" monástico.
- Conforme ao já anunciado em *Inst.* Pref. 8, recorre à norma de monges da Palestina para completar o curso do Ofício divino, sua-

vizando, ao mesmo tempo, a observância inimitável dos egípcios.
- Neste livro há três pontos que oferecem certa dificuldade de interpretação: a celebração matutina; as vigílias de sexta-feira para o sábado; os dias em que há duas refeições. Convém deter-se neles, valendo-se de um comentário para uma melhor compreensão.

LIVRO TERCEIRO

DA REGRA PARA AS ORAÇÕES E SALMOS DIURNOS

CAPÍTULO 1

Creio haver exposto suficientemente, com a graça de Deus, e enquanto me permite a fraqueza de meu espírito, a medida fixada no Egito para as orações e salmos da noite. Trataremos agora, como anunciamos no Prólogo, das celebrações de Terça, Sexta e Noa, conforme a regra dos mosteiros da Palestina e da Mesopotâmia, moderando por meio de suas instituições, a perfeição e a disciplina rigorosa e inimitável dos egípcios.

CAPÍTULO 2

Entre estes, com efeito, os ofícios que oferecemos ao Senhor em diferentes horas e intervalos, convocados pelo chamado do irmão que desperta, eles os celebram espontaneamente, com assiduidade, durante todo o dia, acrescentando ainda o trabalho. Pois, cada um em sua cela, trabalha sem cessar com as mãos, sem jamais omitir a meditação dos Salmos e das outras Escrituras; acrescentam durante todo o tempo preces e orações, passando assim todo o dia nos ofícios que nós só celebramos em tempos determinados. Por essa razão, além das reuniões da tarde e da noite, não fazem qualquer outra celebração pública durante o dia, exceto aos sábados e domingos quando se reúnem à hora terça para a comunhão sagrada. De fato, o que é oferecido ininterruptamente tem mais valor do que o realizado em tempos determinados, e um dom voluntário é

mais agradável do que o oferecido por uma convocação regular. Por isso, Davi se regozija como de algo mais glorioso quando diz: *Oferecerei a ti um sacrifício voluntário* (Sl 53[54],8) e, *Senhor, aceita a oferta espontânea de minha boca!* (Sl 118[119],108).

CAPÍTULO 3

1. Nos mosteiros da Palestina, da Mesopotâmia e de todo o Oriente, limita-se diariamente a celebração de cada uma das horas acima mencionadas a três salmos, a fim de que, oferecendo a Deus, em tempos determinados uma oração assídua, a moderação com a qual é prestada a homenagem espiritual não impeça os trabalhos necessários. Sabemos que nesses três momentos também o profeta Daniel apresentava diariamente a Deus orações em seu quarto, com as janelas abertas (cf. Dn 6,10). E não sem razão se destinam esses tempos aos deveres religiosos uma vez que neles foi realizada a perfeição da promessa e a consumação de nossa salvação.[1]

2. Foi à hora terça que o Espírito Santo, prometido outrora pelos profetas (cf. Is 44,3), desceu pela primeira vez sobre os apóstolos reunidos para o ofício da oração. Com efeito, como o povo incrédulo dos judeus se admirasse do dom que pela infusão do Espírito Santo haviam recebido, de falar em várias línguas, e debochassem deles dizendo que estavam cheios de vinho, Pedro se pôs de pé, no meio deles, e disse: *Homens de Israel e todos vós, que habitais em Jerusalém, sabei isto e prestai atenção às minhas palavras: estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas*

[1] O simbolismo das horas diurnas é anterior a Cassiano. TERTULIANO (*De oratione*, 25, e *De ieiunio*, 10) e S. CIPRIANO (*De oratione dominica*, 34) já o mencionam.

a terceira hora do dia. O que está acontecendo é o que foi predito pelo profeta Joel: "Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei o meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei o meu Espírito e eles profetizarão" (At 2,14-18; Jl 3,1-2).

3. Vemos que tudo isto se cumpriu na hora terça e que nesse mesmo momento o Espírito Santo anunciado pelos profetas desceu sobre os apóstolos.

Na hora sexta, nosso Senhor e Salvador, qual hóstia sem mancha (cf. Lc 23,44) ofereceu-se ao Pai e, ao subir à cruz para a salvação do mundo inteiro, apagou os pecados do gênero humano. *Despojando os principados e as potestades, expô-los em espetáculo* (Cl 2,15). E a todos nós, culpados e presos pela dívida de um quirógrafo impossível de pagar, libertou-nos, suprimindo essa dívida ao pregá-la no troféu de sua cruz (cf. Cl 2,14).

4. Ainda na mesma hora, Pedro recebe, num transporte do espírito, a revelação da vocação dos gentios, figurada pelo "objeto" evangélico descido do céu, e da purificação de todos os animais que aí se encontravam, ao ouvir uma voz divina que lhe dizia: *Levanta-te, Pedro, imola e come* (At 10,13). Ora, sabe-se que esse *objeto com quatro princípios que descia do céu* (cf. At 10,11), evidentemente não significa outra coisa senão o Evangelho. De fato, embora pareça ter quatro princípios diferentes por causa da quádrupla narração dos evangelistas, formam, todavia, um só corpo evangélico, que contém tanto o nascimento [humano] de Cristo como sua divindade, tanto seus milagres como sua paixão.

5. E com razão se diz *como um lençol*, e não, "um lençol"[2] porque este é sinal da mortificação. Portanto, como a morte do Senhor em sua Paixão não foi submetida à lei da natureza humana, mas à decisão da sua própria vontade, fala-se de uma coisa *como um lençol*. Morto segundo a carne, não morreu, todavia, segundo o espírito, porque: *Não foi abandonada sua alma ao inferno nem sua carne experimentou a corrupção* (At 2,31; cf. Sl 15[16],10). E também disse: *Ninguém tira a minha alma, mas eu mesmo a dou. Tenho o poder de dá-la e tenho o poder de recobrá-la de novo* (Jo 10,18).

6. Por isso todas as nações, em outra época reputadas como impuras por estarem excluídas da prática da lei, convergem pelo assentimento da fé naquele "vaso" dos Evangelhos enviado do céu, isto é, escrito inteiramente pelo Espírito Santo.[3] Assim, renunciando por sua salvação ao culto dos ídolos e acercando-se do alimento salutar, são designadas a Pedro, pela voz do Senhor, como já purificadas (cf. At 10,15).

Penetrando nos infernos à hora nona, aniquilou pelo brilho de seu esplendor as densas trevas do Tártaro (cf. Mt 27,45-46), quebrou as portas de bronze e destruiu as fechaduras de ferro, fazendo subir com ele aos céus os santos que estavam retidos como cativos nas trevas daquele inferno cruel (cf. Ef 4,8; Sl 67[68],19). Suprimiu a espada de fogo e devolveu ao paraíso seu antigo morador, testemunhando assim sua bondade (cf. Gn 3,24; 1Tm 6,12).

7. Foi ainda nessa mesma hora que o centurião Cornélio, entregue à oração com o habitual fervor, conheceu, pela boca de um anjo, que o Senhor se lembrou de suas orações e esmolas (cf.

[2] Em latim, *linteum*.

[3] Cassiano faz uma aplicação simbólica dos alimentos puros/impuros e a vocação dos gentios.

At 10,13ss); e à hora nona lhe manifestou claramente o mistério da vocação dos gentios, revelado num êxtase a Pedro, à hora sexta. Em outra passagem dos Atos dos Apóstolos narra-se o seguinte, relativamente à mesma hora: *Pedro e João subiam ao Templo para a oração da nona hora* (At 3,1).

8. Tudo isso prova claramente que essas horas consagradas, não sem razão, ao serviço religioso por homens santos e apostólicos, devem ser por nós observadas da mesma forma, nós que, se não formos como que constrangidos por uma lei a cumprir esses deveres de piedade ao menos em determinadas horas, passamos todo o dia no esquecimento e na desídia ou envolvidos pelas nossas ocupações, sem recorrer à oração.

Que dizer então dos sacrifícios vespertinos que já no Antigo Testamento a lei de Moisés prescrevia fossem oferecidos perenemente?

9. De fato, que os holocaustos da manhã e os sacrifícios vespertinos eram oferecidos diariamente no Templo (cf. Nm 28,4), embora com vítimas figurativas, podemos prová-lo pelo que canta Davi: *Suba minha oração em tua presença como o incenso e que minhas mãos se elevem como o sacrifício vespertino* (Sl 140[141],2).

Pode-se entender mais espiritualmente que aqui se trata também do verdadeiro sacrifício vespertino: seja aquele que o Senhor e Salvador confiou aos apóstolos na tarde da Ceia (cf. Mt 26,26ss) quando instaurou os mistérios sacrossantos da Igreja, seja aquele que Ele mesmo ofereceria no dia seguinte ao Pai, o sacrifício vespertino, isto é, do fim dos tempos, pela elevação de suas mãos para a salvação do mundo inteiro.

10. Com muita propriedade se chama "elevação" seu gesto de estender suas mãos sobre o madeiro da cruz; pois, a todos nós que jazíamos no inferno, elevou ao céu conforme a promessa que fizera: *Quando eu for elevado da terra atrairei tudo a mim* (Jo 12,32).

Quanto à celebração matutina também nos instrui o que nela se costuma cantar cada dia: *Deus, Deus meu, eu Te procuro desde a aurora* (Sl 62[63],2); e *Desde o romper do dia meditarei sobre Ti* (Sl 62[63],7); *Antecipo a aurora e vos imploro* (Sl 118[119],147); e ainda: *Meus olhos antecipam o dia para meditar a tua palavra* (Sl 118[119],148).

11. Foi ainda nessas mesmas horas que o pai de família do Evangelho contratou operários para sua vinha (cf. Mt 20,1-6). Com efeito, está escrito que ele os contratou na primeira hora da manhã – tempo que significa nossa celebração matutina – depois na terceira, na sexta e na nona, e enfim, na undécima hora que significa a hora do lucernário.

CAPÍTULO 4

1. Deve-se advertir todavia, que essa função canônica da manhã que hoje é praticada principalmente no Ocidente, foi pela primeira vez instituída em nosso tempo e em nosso mosteiro, no lugar onde nosso Senhor Jesus Cristo, nascido da Virgem, se dignou submeter-se à lei do crescimento humano e onde confirmou por sua graça nossa infância na religião,[4] em seus primeiros e ternos

[4] Cassiano alude ao início de sua própria vida monástica (*in religione*). Ver *Inst.* IV,31 e *Conf.* XX,1.

começos. Até agora, com efeito, constatamos que essa celebração matinal – que uma vez terminados os salmos e as orações noturnas, costuma ser celebrada nos mosteiros da Gália após um pequeno intervalo – era realizada juntamente com as vigílias cotidianas, sendo deixadas, pelos nossos anciãos [de Belém], as horas restantes para o repouso do corpo.

2. Todavia, abusando dessa indulgência, alguns, mais negligentes, prolongavam demasiadamente a trégua do sono, uma vez que não eram obrigados por nenhuma reunião a deixar suas celas ou a levantar-se de seus leitos antes da terceira hora; e, com prejuízo do trabalho, estavam ainda entorpecidos por um excesso de sono à hora em que era preciso dedicar-se a certos ofícios, principalmente nos dias em que a vigília, prolongando-se das horas da tarde até o despontar da aurora, causava uma fadiga maior. Foi então que alguns irmãos mais fervorosos daquela região, aos quais essa negligência causava profundo desgosto, queixaram-se aos anciãos. Estes, após longa deliberação e de ter pedido conselho, decidiram que, até o despontar do sol, quando sem dificuldade pode se fazer uma leitura ou um trabalho manual, seria concedido um repouso aos corpos fatigados; em seguida, chamados por esse dever de piedade, todos juntos se levantariam de seus leitos e depois da celebração de três salmos e orações, semelhante àquela outrora fixada para terça e sexta a exemplo da tríplice confissão,[5] dariam fim ao sono e começariam todos igualmente a trabalhar.

3. Essa regra, ainda que pareça inventada fortuitamente e

[5] Trata-se de uma referência à tradição inaugurada provavelmente por Clemente de Alexandria, que vê na tríplice divisão das horas (terça, sexta e noa) a figura da Trindade (*Stromata* VII,7; PG 9,461-463).

recentemente regulamentada, pela razão que dissemos, completa, de maneira evidente e literalmente, o número designado pelo bem-aventurado Davi – embora tenha também seu sentido espiritual: *Sete vezes ao dia proclamei teu louvor sobre os julgamentos de tua justiça* (Sl 118[119],164). Realmente, acrescentando essa celebração e fazendo sete vezes por dia aquelas reuniões espirituais, provamos, sem qualquer dúvida, que sete vezes por dia proclamamos o louvor do Senhor.

Enfim, ainda que esse costume, provindo do Oriente, tenha tido até aqui uma propagação muito proveitosa, hoje ainda se constata que não foi absolutamente admitido em alguns dos mosteiros mais antigos do Oriente que jamais toleraram fossem infringidas as antiquíssimas regras dos Pais.

CAPÍTULO 5

1. Ignorando o motivo pelo qual essa celebração foi estabelecida ou inventada, alguns, nesta província, voltam a dormir uma vez terminados os hinos da manhã, recaindo, por sua vez, no mesmo mal que os nossos anciãos quiseram reprimir ao instituir a mesma. Pois se apressam em terminá-la numa hora tal que seja possível aos mais negligentes ou menos solícitos voltar a dormir. Ora, não convém de modo algum que se proceda assim, como já o explicamos mais plenamente no livro precedente[6] ao descrever a sinaxe dos egípcios, se não quisermos que nossa pureza, conquistada por humilde confissão e as orações matinais, seja manchada por um excesso de humores naturais ou corrompida pela ilusão do

[6] Cf. *Inst.* II,13,1-5.

inimigo; e também a fim de que o repouso proporcionado por um sono, mesmo puro e simples, não interrompa o fervor de nosso espírito e, enfraquecidos pelo entorpecimento do sono, nos tornemos sem forças e preguiçosos pelo resto do dia.

2. Para não correr esse perigo, embora em certas ocasiões tenham o costume de se levantar mesmo antes do canto do galo, uma vez despedida regularmente a assembleia, os egípcios prolongam em seguida as vigílias até a aurora. Desse modo, ao chegar, a luz do dia os encontra firmes nesse fervor do espírito e os mantém muito ardorosos durante todo o dia; recebe-os prontos para a luta e fortificados para o combate diurno pelo exercício das vigílias noturnas e da meditação espiritual.

CAPÍTULO 6

Também devemos saber que se nossos anciãos julgaram dever acrescentar essa celebração da manhã, por outro lado não alteraram a antiga ordem dos salmos: a despedida da assembleia é feita da mesma forma que anteriormente nas reuniões noturnas. Com efeito, hoje ainda, cantam no final das vigílias noturnas – que terminam normalmente após o canto do galo e antes da aurora – os hinos que, naquela região, eram reservados para a celebração da manhã. Trata-se do salmo 148 cujo início é: *Louvai o Senhor do céu* e os seguintes.[7] Mas escolheram os salmos 50, 62, 89 para a nova celebração. Enfim, hoje ainda, na Itália, uma vez terminados os hinos da manhã, canta-se em todas as igrejas o salmo 50: parece-

[7] No Oriente havia o uso de unir as Matinas (Laudes) às Vigílias (Matinas); o uso gaulês os separava. Cf. *Conf.* IV.

-me evidente que isso só pode ser proveniente desta fonte.[8]

CAPÍTULO 7

1. Aquele que, em Terça, Sexta ou Noa, não tiver chegado à oração antes do final do primeiro salmo, não ousa mais penetrar no oratório, nem se juntar aos que salmodiam, mas de pé, junto à porta, espera a despedida da assembleia. À saída dos irmãos, prostrado no chão por penitência, pede perdão por sua negligência ou atraso, sabendo não haver qualquer outro meio de expiar seu delito de preguiça e que não poderá ser admitido à celebração seguinte, três horas depois, se não tiver imediatamente satisfeito, com verdadeira humildade, sua presente negligência.

2. Mas nas reuniões noturnas concede-se ao retardatário um prazo até o segundo salmo, contanto porém, que tenha rapidamente tomado seu lugar entre os irmãos, antes deles se inclinarem para a oração, uma vez terminado esse salmo. Passível da mesma reprovação, deveria então submeter-se à penitência que mencionamos acima, se chegasse, ainda que pouco, depois do prazo fixado.[9]

CAPÍTULO 8

1. Nas vigílias celebradas cada semana a partir das vésperas do sábado, uma vez que no inverno as noites são mais longas, nossos anciãos dão como limite nos mosteiros o quarto canto do galo.

---

[8] Esta afirmação de Cassiano é um tanto duvidosa. Cf. J. Pinell, *La liturgia delle ore*, Roma, 1983, pp. 87-89.

[9] Norma inspirada no regime pacomiano (cf. *Praecepta* 9-10).

Desse modo, depois de uma vigília que durou toda a noite, restam ainda duas boas horas para o repouso, evitando assim que passem todo o dia enfraquecidos pelo torpor do sono, contentando-se com esse breve descanso para se refazer de toda a noite.

2. Convém que também nós observemos semelhante uso, da seguinte maneira: satisfeitos pelo sono que nos foi concedido desde a despedida das vigílias até o amanhecer, isto é, até os salmos da manhã, devemos em seguida, passar o dia inteiro nos trabalhos e ofícios necessários, para não dar a impressão de que por demais fatigados pelas vigílias, recuperamos durante o dia o sono subtraído à noite e invertemos o tempo do descanso noturno ao invés de privar o corpo do seu repouso.

Com efeito, nossa frágil carne não poderia ver-se privada do repouso de uma noite inteira e no dia seguinte, conservar intata a vigilância, sem sonolência do espírito e torpor da alma. Seria mais impedida do que ajudada se, após a despedida das vigílias não tivesse desfrutado do sono, ainda que por breve tempo.

3. É por isso que, como dissemos, se dedicarmos ao menos uma hora ao sono antes do amanhecer, ganharemos todas as horas das vigílias passadas em oração durante a noite inteira, concedendo à natureza o devido e não tendo necessidade de recuperar durante o dia o que subtraímos à noite. Certamente terá de restituir tudo à sua carne aquele que, em vez de subtrair-lhe razoavelmente uma parte, tentar negar-lhe tudo de uma só vez e quiser, para falar mais precisamente, cortar não só o supérfluo como também o necessário.

4. Pois será preciso restituir com usura essas vigílias se fo-

rem prolongadas, inconsideradamente e além do razoável, até o dia. Por isso [os anciãos] as dividem em três partes, para assim diminuir o cansaço e aliviar por um pequeno repouso a fadiga do corpo. Depois de ter cantado de pé as três antífonas, sentam-se no chão ou em bancos muito baixos; um deles entoa os três salmos e os demais respondem; todavia cada irmão, por revezamento é que propõe cada salmo. Em seguida acrescentam três lições, conservando-se na mesma posição de descanso. Daí resulta que, diminuída a fadiga corporal, podem celebrar suas Vigílias com o espírito mais atento.

CAPÍTULO 9

1. A razão pela qual em todo o Oriente, desde as origens da religião e da fé cristã, no tempo da pregação apostólica, decidiu-se celebrar essas vigílias na noite do sábado é a seguinte: tendo nosso Senhor e Salvador sido crucificado na sexta-feira, os discípulos abalados por sua Paixão ainda recente, passavam a noite em vigília, sem conceder qualquer sono a seus olhos. Por isso, desde aquele tempo, a celebração das vigílias, fixada para essa noite, é ainda observada até o dia de hoje em todo o Oriente.

2. Também por essa razão, em todas as Igrejas do Oriente, julga-se, com razão, que a quebra do jejum no sábado após a fadiga das vigílias foi, da mesma maneira, decidida pelos apóstolos. Isto é, aliás, conforme a sentença do *Eclesiastes* que, embora tendo um outro sentido místico, também quer dizer que nos é ordenado atribuir a mesma solenidade aos dois dias, o sétimo e o oitavo, assim dizendo: *Dá sua parte ao sete e também ao oito* (Ecl 11,2[LXX]).

3. Essa quebra do jejum não deve ser considerada como se eles quisessem desse modo participar da festividade judaica [do sábado] principalmente aqueles que se mostram alheios a qualquer superstição judaica, mas apenas como um repouso que, como dissemos, convém a um corpo fatigado após um jejum constante de cinco dias durante todas as semanas do ano. Isso deixaria o corpo debilitado e logo se enfraqueceria se não fosse reconfortado, pelo menos, pela interposição desses dois dias.

CAPÍTULO 10

Alguns, em certas cidades do Ocidente, particularmente em Roma, ignorando o motivo dessa instituição, creem que não se deve quebrar o jejum no sábado porque, dizem, o apóstolo Pedro jejuou nesse mesmo dia quando estava para enfrentar-se com Simão.[10] Daí se deduz, porém, que o apóstolo não agiu dessa maneira em virtude de um costume regulamentar, mas constrangido por um combate que se apresentava. Parece ter indicado então aos seus discípulos um jejum que não era habitual, e sim, ocasional. Certamente não teria agido assim se soubesse que essa prática se tornaria um costume a ser regularmente observado. E da mesma forma, sem qualquer dúvida estaria disposto a ordenar o jejum inclusive no domingo se a ocasião da luta a isso o obrigasse. Daí não resulta, contudo, que aquele jejum fosse promulgado imediatamente como regra canônica, não havendo sido estabelecido por uma prática geral, mas sim, exigido pela necessidade e apenas uma única vez.

[10] Episódio tirado das *Acta Petri cum Simone*, 18, em *Acta Apostolorum apocrypha*, t.I. Pedro teria um combate pela fé no sábado seguinte, enfrentando como adversário Simão: "Amadíssimos e queridíssimos irmãos, jejuemos juntos, orando ao Senhor que o expulsou [o diabo] de lá [da Judeia] e que também pode expulsá-lo daqui [de Roma]. Que nos dê força para resistir a Simão, a seus encantamentos mágicos, para provar que ele é um anjo de Satanás".

CAPÍTULO 11

Também não se deve ignorar que aos domingos, antes do almoço, não se celebra senão um só ofício no qual, por reverência para com a assembleia e a comunhão dominical, aplicam-se com mais solenidade e fervor aos salmos, orações e leituras. E julgam que dessa forma também cumpriram ao mesmo tempo Terça e Sexta. Assim sendo, nada é diminuído ao serviço da oração, pois são acrescentadas as leituras. Contudo, em relação aos outros dias, a variedade e mitigação parecem ser concedidas aos irmãos por respeito à Ressurreição do Senhor.[11] É, pois, como uma trégua após a observância de toda a semana que, ao introduzir assim nela certa variedade, estimula a espera do retorno desse mesmo dia com mais solenidade, como um dia de festa; espera que torna menos árduo o jejum da semana que vai começar. Em realidade, sempre se suporta com mais tranquilidade qualquer fadiga e se cumprem as tarefas sem tédio se for introduzida alguma modificação, ou uma troca qualquer no trabalho.

CAPÍTULO 12

Enfim, nesses mesmos dias, isto é, sábados e domingos, ou nos dias festivos em que se costuma servir aos irmãos tanto o almoço como o jantar, não se dizem os salmos da tarde: quer dizer, nem quando se sentam para jantar, nem quando se levantam da mesa, como se faz normalmente nos almoços das solenidades ou na refeição canônica que se segue ao jejum, nas quais se começa e termina a refeição pelos salmos costumeiros; começam a jantar,

[11] Durante a semana só se quebra o jejum após a Noa, não após a Sexta.

porém, depois de ter feito apenas uma simples oração e, ao levantar-se, concluem-na com a mesma oração. O motivo é que entre os monges esta refeição é extraordinária e não estão todos obrigados a comparecer. Só se apresentam os irmãos peregrinos, os doentes e aqueles que pessoalmente o desejam.

LIVRO QUARTO

SOBRE A FORMAÇÃO DOS QUE RENUNCIAM [AO MUNDO]

GUIA DE LEITURA

- Cap. 1. Introdução.
- Cap. 2. "Programa" do Livro IV.
- Caps. 3-6. A recepção dos candidatos. Forma de recebê-los.
- Cap. 4. A renúncia aos bens.
- Cap. 5. A veste antiga.
- Cap. 6. A nova veste.
- Cap. 7. Os formadores e a primeira etapa da formação.
- Caps. 8-10. A segunda etapa da formação. Vencer as vontades próprias.
- Cap. 9. A abertura do coração.
- Cap. 10. A obediência.
- Cap. 11. A abstinência de alimentos.
- Cap. 12. O bem da obediência.
- Caps. 13-15. A pobreza. Não possuir nada próprio; o trabalho em benefício da comunidade. A tibieza dos monges ocidentais.
- Cap. 16. O "código penitencial".
- Cap. 17. A leitura no refeitório.
- Cap. 18. Alimentar-se fora da hora assinalada.
- Cap. 19. O serviço semanal.
- Caps. 20-21. Exemplos de serviço semanal.
- Cap. 22. O costume egípcio: não conhecem o serviço semanal.
- Caps. 23-29. Exemplos de humildade e obediência.
- Caps. 30-31. O abade Pinúfio.

- Caps. 32-43. A exortação do abade Pinúfio por ocasião da recepção de um irmão no cenóbio.
- Cap. 33. Importância da "promessa".
- Cap. 34. A renúncia.
- Cap. 35. O temor do Senhor.
- Cap. 36. A perseverança.
- Cap. 37. A tentação da inconstância.
- Caps. 38-39. Os graus da humildade.
- Cap. 40. Os exemplos dos irmãos.
- Cap. 41. Normas para a vida comunitária.
- Cap. 42. A paciência.
- Cap. 43. Conclusão: os graus para atingir a perfeição.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Provavelmente este seja o livro de maior atualidade da primeira parte das *Instituições*.
- O núcleo central deste livro IV é a exortação do abade Pinúfio.
- Observar a importância, deixando de lado os detalhes "folclóricos" que Cassiano assinala com o *exemplo da vida* dos monges e da comunidade em formação.
- Os capítulos 40-42, não obstante sua brevidade, são uma síntese magnífica da base sólida sobre a qual deve ser alicerçada a vida cenobítica.
- O tema dos *graus da humildade* terá um notável êxito na literatura espiritual.

LIVRO QUARTO

SOBRE A FORMAÇÃO DOS QUE RENUNCIAM [AO MUNDO]

CAPÍTULO 1

Da medida a ser guardada nos mosteiros para as orações e os salmos das reuniões diurnas passamos, seguindo a ordem de nossa narração, à instrução daquele que renuncia ao mundo. Primeiramente vamos nos esforçar por reagrupar o mais sucintamente possível, as condições sob as quais são recebidos nas comunidades aqueles que desejam converter-se a Deus. Com esse objetivo, vamos juntar a alguns pontos da regra dos egípcios, outros, da dos tabenesiotas cujo mosteiro [cenóbio] fica na Tebaida.[1] Este é tão mais numeroso que os demais quanto mais severo pela austeridade da vida, uma vez que nele mais de cinco mil irmãos são governados por um único abade. No entanto, esse grande número de monges está continuamente submetido ao ancião numa tal obediência que, entre nós, um só não poderia obedecer assim a um outro, nem lhe dar ordens ainda que por pouco tempo.

CAPÍTULO 2

Primeiramente penso que nos é preciso compreender de que maneira pode ser mantida, por tanto tempo, sua perseverante e humilde submissão, tão grande que faz com que permaneçam

[1] Na região da Tebaida ou Alto Egito, Pacômio fundou seus mosteiros, sendo o de Tabenese o primeiro deles.

no mosteiro até a extrema velhice, e por que tipo de formação é adquirida. Pois é tão grande que não temos lembrança de alguém que, tendo entrado em nossos mosteiros, tenha podido observá-la por apenas um ano inteiro. Conhecendo, porém, os princípios que regem sua renúncia, fácil será compreender que tais fundamentos, colocados no início, permitem-lhes atingir os cimos tão elevados da perfeição.

CAPÍTULO 3

1. Se alguém procura ser admitido sob a disciplina do mosteiro, só o consegue se houver dado provas de sua perseverança e de seu desejo, assim como de sua humildade e paciência, permanecendo à porta pelo espaço de dez dias ou até mais. Prostrando-se aos pés dos irmãos que por ali passam é intencionalmente repelido e desprezado por todos, como se quisesse entrar no mosteiro por necessidade e não por motivo religioso. Cobrem-no, inclusive, com inumeráveis injúrias e repreensões.[2] Quando tiver dado provas de sua constância e manifestado pela tolerância dessas injúrias qual será seu comportamento nas tentações, e, se provado desse modo o ardor de seu espírito, tiver sido recebido, deve-se investigar com suma diligência se não há nele mais apego algum às suas antigas riquezas, nem sequer a um só centavo.

2. Sabem, com efeito, que ninguém poderia permanecer muito tempo sob a regra do mosteiro, nem adquirir as virtudes da humildade ou da obediência, ou demonstrar agrado pela vida pobre e austera do mosteiro, se na sua consciência conservasse escondi-

[2] Cf. PACÔMIO, *Praecepta*,49. Ver mais adiante *Inst.* IV,30,2ss e 32ss.

do seu dinheiro, por pouco que seja. Pois quando, numa ocasião qualquer, aparecer nele uma perturbação, animado pela confiança nesse pecúlio, haverá de fugir logo do mosteiro como que atirado por uma funda rotatória.

CAPÍTULO 4

Por esse motivo, recusam receber do postulante o dinheiro que serviria para as necessidades do mosteiro. Temem principalmente que, envaidecido pela confiança posta em sua oferta, não se dignasse mais tratar de igual para igual os irmãos mais pobres; e também para evitar que, se essa vaidade o impedir de descer até a humildade do Cristo e não puder perseverar sob a regra do mosteiro, tendo-se tornado tíbio, não procure recuperá-lo ao sair, com espírito sacrílego e exigir, não sem prejuízo do mosteiro, aquilo que no princípio da sua renúncia e no ardor de um fervoroso entusiasmo tinha oferecido. Numerosas experiências ensinaram-lhes que este princípio deve ser sempre aplicado. Pois em outros mosteiros menos prudentes, alguns que haviam sido admitidos sem essas precauções, tentaram reclamar a devolução do que tinham trazido e que já tinha sido gasto na obra de Deus,[3] – o que foi causa de grande blasfêmia.

CAPÍTULO 5

Por esse motivo, cada um ao ser recebido é despojado de tal modo de todas as suas riquezas que doravante não lhe é permitido

[3] A expressão latina *Opus Dei* que se lê neste trecho, designou mais tarde, na *Regra* de S. Bento, a oração litúrgica. Nos documentos mais antigos, porém, significa a *vida perfeita, a vida monástica*, em geral (cf. *Verba Seniorum*, passim; PL LXXIII).

conservar sequer a veste que o recobre. Apresentado à assembleia dos irmãos, é despojado de suas roupas pessoais e, pelas mãos do abade, revestido com as do mosteiro, para que assim saiba não só ter perdido a posse de todos os seus bens de outrora como também ter descido até à pobreza e indigência de Cristo, abandonando o luxo mundano. Daí em diante não deverá mais recorrer às riquezas adquiridas pelos meios empregados no século ou postas em reserva no tempo de sua antiga infidelidade, mas receberá das santas e piedosas doações feitas ao mosteiro o salário de seu combate. Sabendo que doravante deverá esperar do mosteiro o alimento e as vestes, aprenderá a nada possuir, sem, contudo, inquietar-se com o dia de amanhã, segundo a sentença do Evangelho (cf. Mt 6,34) e também a não se envergonhar por se tornar igual aos pobres, isto é, ao corpo da fraternidade, pois Cristo não se envergonhou ser contado entre eles e declarar-se seu irmão. Antes deve gloriar-se por partilhar a herança de seus servidores.

CAPÍTULO 6

As vestes que depôs são entregues ao ecônomo e reservadas até que se tenha claramente reconhecido, por diversas tentações e provas, o valor de seu progresso, a seriedade de seu modo de vida e de sua tolerância. Se, com o passar do tempo, for constatado que pode perseverar e persistir no mesmo fervor inicial, são dadas aos pobres. Todavia, se percebem nele uma inclinação à murmuração ou uma falta qualquer, mesmo leve, de desobediência, então deve ser despojado das vestes do mosteiro que o revestiam e ser expulso, vestido com as antigas roupas que estavam reservadas. A ninguém é permitido partir com as vestes que recebeu, e não consentem que

continue a usá-las aquele que se afastou da disciplina de sua formação. Por causa disso ninguém tem o direito de deixar o mosteiro livremente: partirá à noite, como um escravo fugitivo, aproveitando as mais densas trevas, ou então, considerado indigno desse estado e profissão, será vergonhosamente expulso, com confusão e opróbrio, depois de ter sido despojado, na presença de todos os irmãos, das vestes do mosteiro.

CAPÍTULO 7

Quando alguém foi recebido e provado pela perseverança que dissemos e, tendo deposto suas vestes pessoais, tiver sido revestido com o hábito do mosteiro, não lhe será permitido juntar-se logo à comunidade dos irmãos; é confiado a um ancião que, ficando afastado, mas não longe da entrada do mosteiro, tem a seu cargo os peregrinos e hóspedes, prestando-lhes todos os serviços de hospitalidade e humanidade. Quando tiver aí servido durante um ano inteiro, dando provas de bom desempenho do serviço para com os peregrinos, sem haver dado motivo de queixa, terá assim adquirido os primeiros elementos da humildade e da paciência. Esse longo treinamento lhe permitiu ser bem conhecido, podendo então ser reunido à comunidade dos irmãos. É confiado a um outro ancião que, por determinação do abade, está à frente de dez jovens para instruí-los e formá-los, conforme a prescrição de Moisés no *Êxodo* (cf. Ex 18,25).

CAPÍTULO 8

A solicitude e o objeto principal de sua doutrina pela qual o jovem será capaz de se elevar aos mais altos cumes da perfeição

é, antes de tudo, ensinar-lhe a vencer suas vontades. Exercitando-o nisso com aplicação e diligência, procurará sempre ordenar-lhe, propositalmente, o que tiver notado ser contrário ao seu temperamento. Instruídos por numerosas experiências ensinam que um monge – e principalmente os mais jovens – não poderá refrear a volúpia da sua concupiscência se não houver anteriormente aprendido, pela obediência, a mortificar suas vontades. Por isso, afirmam que não poderá jamais extinguir a cólera, a tristeza ou o espírito de fornicação, nem tampouco guardar verdadeira humildade de coração ou manter-se unido a seus irmãos numa sólida concórdia, ou permanecer por muito tempo no mosteiro se não tiver aprendido primeiro a vencer suas vontades.

CAPÍTULO 9

É, pois, com esses princípios que, como com certas letras e sílabas, eles se empenham por instruir os que iniciam e formá-los à perfeição, o que lhes permite distinguir claramente a humildade verdadeira da fingida e imaginária.

Para que possam aí chegar mais facilmente ensinam-lhes a não ocultar, por falsa vergonha, quaisquer pensamentos que lhes corroa o coração, mas a manifestá-los ao seu ancião assim que aparecerem e, também, a não confiarem em seu próprio discernimento apoiados no que estes pensamentos sugerem, mas crer que é mal ou bom aquilo que o juízo do ancião houver resolvido ou manifestado. Dessa maneira, o astuto inimigo não pode vencer o jovem, rodeando-o como se fosse inexperiente e ignorante, nem enganar com alguma mentira o que observa estar defendido pelo juízo do ancião e não pelo seu; ainda que atire em seu coração sugestões,

como dardos inflamados, não pode persuadi-lo a escondê-los do ancião. Assim o diabo por sutil que seja, não poderá enganar ou derrubar o jovem, a menos que o seduza pelo orgulho ou pela vergonha para que oculte seus pensamentos. Afirmam efetivamente os anciãos que é um indício geral de sugestão diabólica que nos envergonhemos de manifestá-los ao ancião.[4]

CAPÍTULO 10

A regra da obediência, por conseguinte, é observada com tamanha exatidão que os jovens não se atrevem a sair da cela, sem que o saiba ou permita o prepósito; também não presumem sem a sua autorização, satisfazer as necessidades naturais. Seja o que lhes for ordenado, apressam-se em cumpri-lo como uma ordem vinda do céu, sem examiná-lo nem discutir, a tal ponto que às vezes aceitam até mesmo ordens impossíveis com uma fé e uma devoção tão grandes que tudo procuram executar sem sombra de hesitação e com o mais dedicado empenho. Por reverência para com o ancião, nem ousam medir a impossibilidade da tarefa.

Não quero, entretanto, falar aqui de modo especial sobre sua obediência. Proponho fazê-lo em breve, noutro lugar, por meio de exemplos, se o Senhor, por vossas orações, no-lo permitir. Continuemos agora as outras instituições, deixando de lado aquelas que, nesta região, não podem ser ensinadas nos mosteiros nem postas em prática, como havíamos prometido em nosso pequeno prefácio. Por exemplo, que eles não usam roupas de lã, mas somente de linho, e jamais duplas; ou que cada prepósito se encarrega, para sua decania, da troca das roupas quando nota que estão sujas aquelas que os revestem.

[4] Cassiano desenvolverá o tema da abertura de consciência em *Conf.* II,10 ss.

CAPÍTULO 11

Omitindo também, pela mesma razão, o modo austero e sublime de continência pelo qual é considerada uma delícia suprema ser trazida para a refeição dos irmãos a verdura temperada com sal e diluída na água à qual dão o nome de *labsanium*[5] e muitas outras coisas semelhantes que em nossa província, nem a temperatura nem nossa fragilidade permitiriam, exporei apenas o que nenhuma fraqueza da carne ou situação geográfica pode impedir, se a fragilidade da alma ou tibieza do espírito não o proibirem.

CAPÍTULO 12

Sentados em suas celas e aplicados tanto ao esforço do trabalho como à meditação, assim que ouvem o irmão que bate à porta e dá o sinal para chamá-los à oração ou para qualquer trabalho, rivalizam em atender com a máxima prontidão ao chamado, a tal ponto que, o que trabalha como copista, se estiver começando uma letra não se atreve a terminá-la; no mesmo instante, porém, que ouve o toque, apenas chegando o som ao ouvido, levanta-se rapidamente, sem admitir o atraso que exigiria o fato de terminar a letra começada: deixando-a inacabada, demonstra procurar menos o proveito do trabalho do que rivalizar em obter, com todo o empenho e emulação, a virtude da obediência. Preferem-na não só ao trabalho manual, à leitura, ao silêncio e à quietude da cela como também a todas as virtudes, de tal modo que julgam dever passá-

[5] *Labsanium* (ou *lapsanium* ou *lapsana*, do grego *lampsáne* ou *lapsáne*) é o nome de uma planta selvagem comestível, identificada de diversas formas entre as quais uma espécie de repolho selvagem. É a única vez que aparece este vocábulo nas obras de Cassiano.

-la à frente de tudo o mais. Sentem-se felizes em sofrer qualquer prejuízo contanto que esse bem da obediência não pareça ter sido minimamente violado.

CAPÍTULO 13

Creio ser supérfluo sequer mencionar, entre as suas outras instituições, a seguinte virtude: a ninguém é lícito possuir um cesto, um samburá ou qualquer outra coisa semelhante que retida como propriedade particular possa marcá-la com seu sinete. Vimo-los viver de tal maneira despojados que além da túnica de linho (*colobium*), do pequeno manto (*mafort*), das sandálias, da *melota* e de uma esteira (*psiathion*) nada mais possuem.[6] Mesmo em outros mosteiros onde há mais largueza nesse ponto, vimos ser esta regra ainda observada com tal rigidez que nem sequer por palavras ninguém ousa dizer que algo é seu (cf. At 4,32). Considera-se grande falta ouvir da boca de um monge expressões como: "meu códice", "minhas tabuinhas", "meu estilete", "minha túnica", "minhas sandálias". Se alguma vez, por descuido ou ignorância sair da boca de alguém uma palavra desse gênero, deve satisfazer por uma digna penitência.

CAPÍTULO 14

Ainda que cada um traga cotidianamente ao mosteiro, por seu trabalho e suor, somas suficientes para satisfazer não só às suas parcas necessidades pessoais, mas ainda e abundantemente às de muitos, não obstante em nada se orgulha ou se vangloria da grande

[6] Ver *Inst.* I,6 e 7.

utilidade e proveito do seu trabalho. Além de dois pãezinhos[7] que, naquela região se vendem por três denários, nada mais guarda para si. Entre eles – não me é possível falar sobre esse uso sem enrubescer, quisera Deus que jamais sucedesse em nossos mosteiros – ninguém tem a menor preferência por qualquer trabalho, nem digo efetivamente, mas apenas em pensamento. Embora creia que todo o patrimônio do mosteiro é seu próprio bem e como proprietário de tudo cuide com zelo e solicitude de todos esses bens, todavia, para conservar a virtude do despojamento que abraçou e se esforça até o fim por guardar perfeita e inviolavelmente, julga-se a si mesmo de tal modo estranho e alheio a todas as coisas que se comporta como peregrino e estrangeiro neste mundo (cf. 1Pd 2,11) e prefere considerar-se como pensionista e servidor do mosteiro do que presumir ser o senhor do que quer que seja.

CAPÍTULO 15

1. Diante disso, que diremos nós, miseráveis que somos? Habitando nos cenóbios, colocados sob a vigilante solicitude de um abade, levamos conosco nossas chaves particulares; e calcando aos pés, sem pudor, o respeito devido à nossa profissão, não nos envergonhamos de ostentar nos dedos os anéis com os quais marcamos com o nosso sinete o que guardamos em segredo. Não só cestos ou canastras, mas até mesmo baús e armários não nos bastam para esconder o que acumulamos ou o que, ao deixar o mundo, tínhamos reservado. Além disso, às vezes nos apaixonamos tanto por objetos sem qualquer valor, reclamando-os como propriedade nossa, que se alguém tiver a temeridade de tocar num deles com

[7] Ver *Conf.* XII,15 e *Conf.* II,19.

a ponta do dedo, enchemo-nos de tão grande cólera contra ele que não conseguimos mais controlar a emoção de nosso coração nem as palavras e os gestos de indignação.

2. Mas passando sob silêncio nossos vícios e o que é indigno até de ser lembrado, conforme a palavra: *Cale a minha boca as obras dos homens* (Sl 16[17],4), continuemos, segundo o plano começado, a expor de preferência as virtudes que há entre eles e as práticas às quais devemos tender com todo o empenho. Queremos agora explanar rapidamente seus diversos regulamentos a fim de chegar logo a certos fatos e obras dos anciãos que desejamos gravar vivamente na memória. Dessa forma, nossa exposição didática será confirmada com sólidos testemunhos, pois preferimos apoiar tudo o que dissemos com seus exemplos e autoridade da vida.

CAPÍTULO 16

1. Se alguém por acaso quebrar um vaso de barro a que dão nome de *baucalis,*[8] só reparará sua negligência por uma penitência pública. Na reunião geral dos irmãos para a sinaxe, implorará seu perdão prostrado por terra enquanto durar o ofício, obtendo-o somente quando, por decisão do abade, este lhe ordenar que se levante. Satisfará da mesma maneira quem quer que, chamado para um trabalho ou reunião ordinária chegar atrasado; ou se, ao cantar um salmo, titubear, ainda que ligeiramente.

2. Igual penitência fará quem der uma resposta supérflua, dura ou contumaz; quem cumprir com negligência os ofícios que

[8] O baucalis (do grego *baykalis*) era utilizado para refrescar o vinho.

lhe foram confiados; se tiver murmurado, mesmo ligeiramente; se preferir a leitura ao trabalho e à obediência e desempenhar preguiçosamente os ofícios ordenados; se, após a despedida da sinaxe não voltar prontamente à sua cela; se, se detiver com alguém, mesmo por pouco tempo, ou afastar-se com ele por um instante; se segurar a mão de outro; se ousar conversar, mesmo poucas palavras, com alguém que não mora na mesma cela; se rezar com aquele que foi suspenso da oração; se na ausência do ancião, vir ou falar com um parente ou um amigo secular; se receber ou responder carta de alguém sem autorização do abade. Para essas faltas e outras semelhantes basta uma punição espiritual.

3. Não é assim com outras faltas que, entre nós, são admitidas sem fazer diferença e por isso nos tornamos mais culpados por tolerá-las, a saber, as injúrias públicas, as manifestações de desprezo, as contradições violentas, a maneira de andar desenvolta e desordenada, a familiaridade com as mulheres, cóleras, rixas, ressentimentos e querelas, a escolha de um trabalho particular, a avareza, o apego e a posse de coisas supérfluas que os outros irmãos não possuem, comer fora da hora marcada e às escondidas e outras coisas semelhantes, não se expiam com uma repreensão espiritual sobre a qual já falamos, mas com açoites ou a expulsão.

CAPÍTULO 17

Quanto às leituras espirituais que são feitas durante as refeições nos cenóbios, sabemos que não é da regra dos egípcios que vem esse uso, mas da dos capadócios.[9] Todos sabem que tomaram

[9] Cf. BASÍLIO, *Regra breve* 180.

essa decisão, não com o objetivo de formação espiritual, mas para impedir as conversas inúteis e ociosas, e mais ainda, as disputas que não raro, ocorrem às refeições, vendo que não podiam coibi-las de outro modo. Com efeito, entre os egípcios e sobretudo entre os tabenesiotas[10] guarda-se um silêncio tão grande que, mesmo sendo muito numerosos os irmãos para a refeição, ninguém se atreve a falar ainda que baixinho, além daquele que preside sua decania. Todavia, se este percebe ser necessário acrescentar ou retirar algo da mesa, fá-lo saber antes por um sinal do que pela palavra.

Guardam com tanta exatidão essa regra do silêncio que conservam o capuz sobre a cabeça, cobrindo-a até as pálpebras para impedir os olhos de vaguear com curiosidade. Desse modo, veem somente a mesa e os alimentos ali colocados ou dos quais se servem. Nenhum observa a maneira como seu vizinho toma o alimento nem a quantidade de que se serve.

CAPÍTULO 18

Antes e após a refeição regular feita em comum, vela-se com a máxima cautela para que, tendo saído da mesa, ninguém ouse levar à boca coisa alguma. Assim, quando passam pelos jardins ou pomares, por toda parte pendem os frutos das árvores, tentação ao alcance da mão para os que passam; podem até pisar naqueles que caíram; fáceis de apanhar, esses frutos poderiam tentar a concupiscência daqueles que os veem e, seja pela oportunidade, seja pela abundância, provocar o desejo, mesmo nos mais austeros e abstinentes. Entretanto, consideram sacrílego não só provar uma sequer dessas frutas como até mesmo tocá-las, exceto se forem ser-

[10] Cf. PACÔMIO, *Praecepta* 33.

vidas na refeição comum, ou por ordem do ecônomo, publicamente oferecidas aos irmãos.

CAPÍTULO 19

1. Para que não pareça ter omitido algo das instituições das comunidades, penso que convém lembrar brevemente como são realizados os serviços cotidianos também nas outras regiões. Por toda a Mesopotâmia, Palestina, Capadócia e por todo o Oriente, cada semana os irmãos se sucedem por um sistema de rodízio para prestar esses serviços e o número dos que servem é proporcional ao número da comunidade. Apressam-se em cumpri-los com mais devoção e humildade do que qualquer escravo teria para com um senhor severo e prepotente. E não contentes com esses serviços que a regra lhes impõe, levantam-se à noite para aliviar, com sua aplicação, aqueles que são incumbidos especialmente desses trabalhos, e procuram fazer às escondidas o que deveria ser feito por outros.

2. Ao receber os serviços da semana cada um os realiza até a ceia do dia do Senhor. Terminada esta, o serviço de toda a semana é concluído da seguinte maneira: quando os irmãos se reúnem para os salmos que costumam cantar antes de repousar, os que vão ser substituídos lavam os pés de todos, por ordem, pedindo-lhes com fé a graça da bênção pelo trabalho de toda a semana, de modo que, enquanto cumprem o mandamento de Cristo (cf. Jo 13,14) são acompanhados pela oração de todos, que intercedem por suas faltas involuntárias e pelos pecados cometidos por fragilidade humana, e recomendam a Deus como um *sacrifício pingue* (Sl 19[20],4) os serviços que prestaram com devoção.

3. No segundo dia da semana [segunda-feira], após os hinos matutinos entregam aos seus sucessores os diversos utensílios utilizados para o serviço. Recebem com grande solicitude o cargo de zelar para que nada seja estragado ou destruído. Mesmo os objetos mais insignificantes são considerados como sagrados e estão seguros de que hão de dar contas não só ao atual ecônomo, mas até mesmo ao Senhor, se por acaso algum deles for danificado por sua negligência.

Cito apenas um testemunho a título de exemplo para instruir-vos de que maneira, com que fé e prudência esta disciplina é observada. Mas assim como tratamos de satisfazer vosso fervor, pelo qual desejais o pleno conhecimento de todas as coisas, inclusive daquelas que, conhecendo-as perfeitamente, quereis ver repetidas neste livro, da mesma forma tememos ultrapassar a medida justa.

CAPÍTULO 20

Na semana que cabia a um irmão, passando o ecônomo pela cozinha, viu três lentilhas caídas no chão. No seu afã de prepará-las para serem cozidas, o hebdomadário deixou-as escorregar entre os dedos juntamente com a água com a qual as lavava. Imediatamente [o ecônomo] consultou o abade e este suspendeu o irmão da oração por dissipar e negligenciar os bens sagrados. E só foi perdoado dessa falta quando a expiou, por penitência pública.

Pois não se consideram senhores de si, sabendo que não mais se pertencem; mas também tudo o que lhes pertence está consagrado ao Senhor. Por essa razão, consideram que, uma vez trazido ao mosteiro, um objeto deve ser tratado com grande respeito, como coisa sagrada; cuidam de tudo e o administram com

tanta fé que creem firmemente receber do Senhor a recompensa se, por exemplo, mudaram para um local mais conveniente um objeto considerado insignificante e sem valor, ou se encheram uma bilha d'água e deram de beber a alguém, ou se retiraram uma palha do oratório ou de uma cela.

CAPÍTULO 21

Uma vez, quando irmãos que conhecemos eram semanários [da cozinha], houve uma tal falta de lenha que não era mais possível preparar para a comunidade a refeição habitual. Até chegar a lenha que tinha sido comprada, o abade decidiu, por sua autoridade, que se contentariam com alimentos secos.[11] Todos se mostraram satisfeitos e ninguém esperava alimentos cozidos. Mas aqueles irmãos que conhecemos, como se fossem lesados do fruto de seu labor e de seu serviço se não preparassem a refeição habitual da comunidade que lhes competia, impuseram-se a si mesmos o seguinte acréscimo de trabalho e solicitude: naquelas regiões áridas e estéreis nas quais só se poderia encontrar lenha cortando árvores frutíferas – nem sequer se encontram, como entre nós, arbustos silvestres – percorreram grandes extensões impraticáveis e afrontaram o deserto que vai em direção ao Mar Morto. Juntaram pequenos ramos e espinhos que o vento dispersara aqui e ali; e assim prepararam, graças a seu trabalho voluntário, a refeição, como de costume, sem que nada faltasse. Mostraram tão grande fé na realização de seu ofício que, embora a falta de lenha e a ordem do abade pudessem legitimamente escusá-los, não se aproveitaram da oportunidade para não serem privados do fruto de seu trabalho e da recompensa.

[11] Trata-se de alimentos desidratados para serem conservados.

CAPÍTULO 22

Sejam ditas essas coisas referentes à norma do Oriente em seu conjunto, como dissemos ao começar, normas que também em nossas regiões afirmamos ser absolutamente necessário guardar. No Egito, porém, onde há especial preocupação pelo trabalho, não há essa permuta de semanários a fim de não atrapalhar por esse serviço o trabalho regular de todos os irmãos; mas o cuidado do celeiro e da cozinha é entregue a um irmão de toda confiança que exerça assiduamente o trabalho, por tanto tempo quanto suas forças ou idade permitirem. Todavia, não fica fatigado por excesso de trabalho físico porque entre eles não há cuidado exagerado em preparar e cozinhar o alimento, uma vez que se utilizam principalmente de alimentos secos ou crus. Folhas de porro cortadas uma vez por mês, ervas, sal frito [salga], azeitonas, peixinhos em salmoura que chamam *maenomenia* são para eles o prazer supremo.

CAPÍTULO 23

Tendo este livro por finalidade a instituição do que renuncia a este mundo, graças à qual, introduzido à verdadeira humildade e perfeita obediência, poderá atingir a perfeição de todas as virtudes, creio ser necessário narrar aqui, a título de exemplo, como prometi, certas ações dos anciãos que se distinguiram por essa virtude. Escolhemos apenas alguns dentre muitos para que aqueles que buscam de todo o coração o melhor, não só sejam por eles estimulados à vida perfeita, mas progridam também em seu propósito. Por isso, para abreviar este livro, só falaremos sobre dois ou três desses inumeráveis Pais.

Em primeiro lugar coloquemos o abade João que viveu perto de Lyco, uma cidade da Tebaida. Elevado à graça da profecia por causa de sua obediência, brilhou de tal modo no mundo inteiro que seu mérito o tornou célebre até entre os reis deste mundo. Pois vivendo, como dissemos, nos confins da Tebaida, o imperador Teodósio não ousava partir para a guerra contra os tiranos poderosos sem ter sido encorajado previamente por seus oráculos e respostas. Neles confiando, como se viessem do céu, obteve a vitória sobre seus inimigos em guerras desesperadas.

CAPÍTULO 24

1. Desde a adolescência até a sua maturidade viril, o bem-aventurado João esteve a serviço de um ancião enquanto este viveu. Esteve sempre à sua disposição com tanta humildade que sua obediência deixou o próprio ancião grandemente admirado. Querendo ter a prova de que tanta virtude provinha realmente de uma fé sincera e de profunda simplicidade de coração e não era fingida, ou de algum modo forçada pelo desejo de se fazer notado pelo que dava a ordem, impunha-lhe frequentemente coisas supérfluas e desnecessárias e até mesmo impossíveis.

2. Delas vou citar três exemplos que poderão demonstrar, aos que desejarem conhecê-las, a retidão de sua mente e de sua submissão.

Tomou o ancião de seu depósito uma acha de lenha, cortada há muito tempo e preparada para o fogo e que desde então estava à espera da ocasião de ser usada na cozinha; encontrava-se não só

seca mas já quase apodrecida. Tendo-a fincado na terra na presença do jovem, ordenou-lhe trazer água para regá-la duas vezes por dia para que a umidade lhe fizesse deitar raízes e, retornando a ser a árvore que era outrora, oferecesse com sua ramagem crescida, satisfação ao olhar e sombra para aqueles que sob ela se abrigassem, na hora do calor mais forte.

3. Acolhendo a ordem com o respeito costumeiro e sem absolutamente levar em conta sua impossibilidade, o jovem a cumpriu todos os dias. Trazia a água de uma distância de aproximadamente duas milhas, sem interrupção, jamais deixando de regar a lenha, de modo que durante o ano inteiro, a fadiga do corpo, ou a celebração de uma festa, ou qualquer ocupação urgente que legitimamente poderia escusá-lo dessa ordem e nem mesmo o rigor do inverno impediram-no de observá-la.

4. Disfarçadamente e sem nada dizer, o ancião examinava todos os dias sua assiduidade; via-o submeter-se à ordem com toda a simplicidade de coração como procedente de Deus, sem qualquer alteração nas feições nem discutir a razão. Então, convencido de sua humilde e sincera obediência, lastimando ao mesmo tempo o esforço despendido durante todo o ano com grande dedicação, aproximou-se da lenha seca e disse: "Ó João, esta árvore deitou raízes ou não?" E como ele respondesse que não sabia, o ancião fingindo indagar a verdade da coisa e comprovar se a lenha estava ou não enraizada, arrancou-a em sua presença, com pouco esforço e atirando-a fora, ordenou-lhe parar de regá-la.

CAPÍTULO 25

Formado por esses exercícios, o jovem crescia cada dia mais na virtude da submissão, brilhava pela graça da humildade e o suave odor de sua obediência espalhava-se por todos os mosteiros. Então, alguns irmãos admirados pelo que haviam ouvido dizer sobre a sua submissão, vieram à habitação do ancião a fim de provar o jovem, ou melhor, para se edificarem com ele. Chamando-o subitamente, o ancião lhe disse: "Sobe ao aposento superior, toma um vaso de azeite e lança-o pela janela". Ora, tratava-se do único e substancioso líquido que, no deserto, servia não só às suas necessidades como à dos hóspedes. Ele, contudo, subindo rapidamente, atirou o vaso pela janela, despedaçando-o no chão, sem pensar no absurdo da ordem, nem levar em conta a necessidade cotidiana, a fraqueza do corpo, a penúria dos recursos, as angústias e necessidades do deserto árido, no qual inclusive, mesmo se houvesse dinheiro à disposição, seria absolutamente impossível encontrar algo para compensar o líquido perdido.

CAPÍTULO 26

Querendo outros irmãos edificar-se de novo com o exemplo de sua obediência, o ancião chamou-o e disse: "Corre, João, e rola até aqui aquela pedra o mais depressa possível". Ora, tratava-se de enorme rocha que um grande número de homens não teria conseguido mover. Mas ele, imediatamente, apoiando-se ora sobre a nuca, ora sobre o corpo inteiro, esforçava-se por rolá-la, multiplicando tanto os esforços que o suor, escorrendo de todos os seus membros, não só empapava-lhe a roupa, mas molhava até

a rocha, ao contato de seus ombros. Também dessa vez não mediu a impossibilidade da ordem ou da ação, mas agiu por respeito ao ancião, na simplicidade sincera de sua entrega pela qual acreditava firmemente não poder o ancião ordenar-lhe coisas vãs ou não razoáveis.

CAPÍTULO 27

1. Sobre o abade João, esses poucos exemplos escolhidos entre muitos são suficientes. Quero contar agora um fato digno de memória ocorrido com o abade Patermúcio. Desejando renunciar ao mundo, ele persistiu por muito tempo prostrado à porta do mosteiro até conseguir, por sua firme perseverança ser aceito, juntamente com seu filho pequeno, de aproximadamente oito anos, o que era contrário a todos os costumes dos cenóbios. Admitidos, finalmente, não só foram confiados imediatamente a prepósitos diferentes como foi-lhes mesmo exigido habitar em celas separadas para que a visão contínua do menino não recordasse ao pai que depois de ter renunciado a todos os seus bens e ao afeto carnal, restava-lhe ao menos o filho. Assim como estava consciente de não ser mais rico, era-lhe necessário também saber que doravante não era mais pai.

2. Para provar mais plenamente se fazia mais caso da afeição do sangue e da natureza do que da obediência ao Cristo e da mortificação, virtudes que todo aquele que renuncia deve preferir por seu amor [a Cristo], o menino era intencionalmente negligenciado, vestido com trapos em vez de roupas, de tal modo coberto de su-

jeiras e manchado que estava mais em condições de magoar do que de regozijar o pai todas as vezes que este o encontrava. Além disso, à vista do pai, era submetido a pancadas e bofetadas de vários que, com frequência, eram infligidas sem motivo à criança inocente, de tal modo que nunca via sua face senão marcada pelos sinais sujos das lágrimas.

3. Embora visse diariamente seu filho ser tratado desse modo, no entanto, por amor ao Cristo e pela força da obediência, o pai não fraquejou nem se deixou comover. Não considerava mais como seu o filho que, juntamente consigo, oferecera ao Cristo nem se preocupava com as injustiças presentes; antes se regozijava, por reconhecer que nunca eram suportadas sem proveito. Não queria pensar nessas lágrimas, colocava, porém, toda a solicitude na sua própria humildade e perfeição.

O ancião do mosteiro constatando a firmeza e o inquebrantável rigor do seu espírito, quis provar até o extremo sua constância de ânimo. Certo dia, vendo chorar o menino, fingiu encolerizar-se contra ele e ordenou ao pai tomá-lo e atirá-lo no rio.

4. Então ele, como se a ordem viesse do próprio Senhor, tomou imediatamente o menino em seus braços e o levou correndo até as margens do rio a fim de aí atirá-lo. E no fervor de sua fé e obediência, certamente o teria feito se não tivessem sido enviados expressamente irmãos para a margem do rio que arrebataram o menino logo que foi atirado, impedindo assim que fosse completa a execução da ordem do ancião, à qual o pai já havia satisfeito por sua entrega e devoção.

CAPÍTULO 28

Esta fé e devoção foram de tal modo agradáveis a Deus que um testemunho divino veio aprová-las sem demora. De fato, foi revelado ao ancião imediatamente que por essa obediência ele havia realizado a obra do patriarca Abraão (cf. Gn 22).

Como pouco tempo depois, esse mesmo abade do mosteiro passasse deste mundo ao Cristo, colocou-o à frente de todos os irmãos, deixando-o como seu sucessor e abade.

CAPÍTULO 29

Também não quero calar o que sei de um irmão que conhecemos. Oriundo conforme o critério do mundo, de uma família de alta posição, pois seu pai era oficial da corte, riquíssimo, recebeu educação esmerada nas artes liberais. Tendo deixado seus pais e voado para o mosteiro, querendo pôr à prova a humildade de seu espírito e o ardor de sua fé, o ancião imediatamente ordenou-lhe colocar sobre os ombros dez cestos que não precisavam ser postos à venda e percorrer as ruas da cidade para vendê-los publicamente. E para retê-lo por mais tempo nessa tarefa, acrescentou uma condição: se por acaso alguém os quisesse comprar todos de uma vez, ele não os poderia vender, e sim, um por um. A ordem foi executada com toda devoção. Calcando aos pés o respeito humano pelo nome e desejo de Cristo, tomou sobre os ombros os referidos cestos e os vendeu pelo preço fixado, trazendo o dinheiro ao mosteiro. Não se amedrontou diante de um trabalho tão vil e ao qual não estava acostumado, não se deteve a considerar a indignidade que nisso podia haver, nem a nobreza de suas origens ou os insul-

tos a que as vendas o expunham. Tudo o que desejava era obter pela graça da obediência, a humildade do Cristo que é a verdadeira nobreza.

CAPÍTULO 30

1. A dimensão do livro nos obriga a terminá-lo; mas o bem da obediência, que tem a primazia entre todas as demais virtudes, não admite que passemos completamente em silêncio os feitos gloriosos dos que por ela brilharam. Por isso, moderando convenientemente ambas as coisas, isto é, satisfazendo tanto à brevidade como ao desejo e proveito dos monges fervorosos, proporemos ainda só mais um exemplo de humildade, realizado não por um principiante, mas por um homem perfeito, um abade. Sua leitura poderá instruir não só os mais jovens como também estimular os anciãos à perfeita virtude da humildade.

2. Conhecemos o abade Pinúfio, presbítero de um grande mosteiro do Egito, não longe da cidade de Panéfisis, que por sua vida, idade e sacerdócio era estimado por todos. Vendo que, por isso mesmo, não podia exercer a humildade que procurava ardentemente e não tinha possibilidade de progredir na virtude da submissão que tanto desejava, resolveu fugir secretamente do mosteiro e se retirar sozinho para os confins da Tebaida. Lá, depôs o hábito monástico, vestiu trajes seculares e se dirigiu ao mosteiro dos tabenesiotas que sabia ser, entre todos o mais austero. Acreditava poder permanecer facilmente incógnito, tanto por causa do afastamento da região como pelo tamanho do mosteiro e a multidão dos irmãos.

3. Perseverou por longo tempo à porta do mosteiro prostrando-se aos pés de todos os irmãos, suplicando ser nele admitido. Foi, enfim, aceito mas com muita repugnância porque pensavam ser ele um velho decrépito que já no fim da vida, quando não tinha mais forças para satisfazer suas paixões, pedia para entrar no mosteiro; e os irmãos achavam até que ele não procurava o mosteiro por motivos religiosos, mas constrangido pela fome e privações. Por isso, confiaram-lhe o cuidado e a guarda da horta por ser um homem idoso e inapto para qualquer trabalho.

4. Exercendo este ofício sob as ordens de um irmão mais jovem ao qual fora confiado, era-lhe tão submisso e cultivava a desejada virtude da humildade com tão grande obediência que cumpria todos os dias com perfeita assiduidade não só os trabalhos de manutenção da horta, mas também todos os outros ofícios que para todos os irmãos eram duros ou humilhantes e lhes causavam repugnância. Realizava mesmo vários à noite, levantando-se furtivamente, para que ninguém o visse ou percebesse; escondido pela obscuridade, ninguém absolutamente descobria o autor do trabalho.

Durante três anos esteve ali, oculto. Entretanto, vários irmãos se haviam dispersado por todo o Egito à sua procura. Certo dia, enfim, foi visto por um deles que vinha do Egito. Dificilmente, no entanto, pôde ser reconhecido por causa da humildade de suas vestes e vileza do ofício que desempenhava.

5. Inclinado sobre seu sacho, afofava a terra para os legumes e trazendo esterco sobre seus ombros, jogava-o em suas raízes. Vendo isso, o irmão depois de ter por muito tempo hesitado em reconhecê-lo, enfim aproximou-se mais e examinou atentamen-

te não só seu rosto mas também o som de sua voz. Então, caiu imediatamente a seus pés, deixando na maior estupefação todos os espectadores que se perguntavam por que tratava dessa forma um homem que, noviço, tendo deixado o mundo recentemente, era por eles considerado como o último. Mas logo ficaram ainda mais cheios de admiração quando foi revelado o seu nome cuja grande fama tinha chegado até eles.

6. Todos os irmãos lhe pediram perdão por sua ignorância anterior e por tê-lo colocado durante tanto tempo entre os jovens e as crianças. Reconduziram-no ao seu próprio mosteiro, a contragosto e em lágrimas, por ter sido despojado, pela inveja do diabo, da humilde maneira de viver – que se regozijava por ter enfim encontrado após a haver procurado por tão longo tempo – e por não merecer terminar sua vida nessa submissão que tinha conseguido. Ali, os monges o guardaram com suma diligência para que ele não lhes escapasse e fugisse novamente.

CAPÍTULO 31

Aí permaneceu por algum tempo. Todavia, inflamado novamente pelo mesmo ardente desejo de humildade, aproveitou o silêncio da noite para fugir e alcançar, não uma província vizinha, mas regiões desconhecidas, estrangeiras e muito longínquas. Embarcou, pois, num navio e seguiu para a Palestina. Pensava ficar oculto mais seguramente em lugares onde seu nome nunca tivesse sido ouvido.

Ao desembarcar, procurou imediatamente nosso mosteiro, situado a pouca distância da gruta onde nosso Senhor se dignou

nascer da Virgem. Contudo, foi pouco o tempo que aí permaneceu pois, conforme a palavra do Senhor: *Como a cidade colocada sobre um monte* (Mt 5,14), não conseguiu ocultar-se por muito tempo. Com efeito, alguns irmãos vindos do Egito a fim de orar nos Lugares Santos reconheceram-no, e por meio de instantes súplicas, reconduziram-no ao seu mosteiro.

CAPÍTULO 32

Pela confiança que nele depositamos quando da sua estada em nosso mosteiro, procuramo-lo em seguida, com grande diligência, no Egito. Proponho-me inserir neste opúsculo a exortação que fez a um irmão, em nossa presença, ao recebê-lo no seu cenóbio, porque penso haver nela alguma instrução.

"Sabes, disse-lhe, quantos dias permaneceste prostrado à porta do mosteiro antes de seres hoje nele admitido. Antes de tudo, deves compreender a razão dessa provação, pois se vieres para o serviço de Cristo conhecendo-a e conformando-te a ela como convém, poderás ser assim muito ajudado a progredir no caminho no qual desejas ingressar".

CAPÍTULO 33

"Se Deus, com efeito, promete no futuro uma glória imensa aos que o servirem fielmente e se unirem intimamente a Ele observando esta regra de vida, por outro lado, gravíssimas penas estão preparadas para os que forem mornos e negligentes em sua execução e não se preocuparem em manifestar os frutos de santidade condizentes com a vida que professaram ou com a estima a eles

tributada pelos homens.

Conforme a palavra da Escritura, é *melhor não prometer do que prometer e não cumprir o voto* (Ecl 5,4[LXX]). E ainda: *Maldito o que cumpre com negligência as obras do Senhor* (Jr 48,10 [LXX]). Foi por esse motivo que por tanto tempo te recusamos; não por não desejar tua salvação bem como a dos demais homens: gostaríamos mesmo de ir bem longe, ao encontro dos que quisessem se converter a Cristo. Tememos, porém, se te recebêssemos precipitadamente, tornar-nos culpáveis aos olhos de Deus, por nossa leviandade, e de te expor a castigos mais graves se, admitido aqui facilmente e sem haver compreendido bem a importância da vida que desejas professar, pudesses vir a abandoná-la mais tarde ou cair na tibieza. Por isso deves conhecer, em primeiro lugar, a causa de tua renúncia, a fim de estares melhor instruído sobre o que te convém fazer".

CAPÍTULO 34

"A *renúncia* é a marca da cruz e da mortificação. Deves, pois, saber que hoje morreste para este mundo, para suas obras e desejos e que, conforme o Apóstolo, estás crucificado para o mundo e o mundo crucificado para ti (cf. Gl 6,14).

Considera, pois, o que implica a cruz sob cujo mistério deves viver doravante, pois não serás mais tu quem viverás, mas vive em ti Aquele que foi crucificado por ti (cf. Gl 2,20).

É-nos preciso conformar toda nossa vida ao modelo que ele nos deu quando estava pregado na cruz, a fim de que, segundo a palavra de Davi, trespassando nossa carne com o temor do Senhor [como se fossem pregos] (cf. Sl 118[119],120), nossa vontade e todos

os nossos desejos não estejam mais sujeitos à nossa concupiscência, mas unidos à Sua mortificação. Assim cumpriremos o preceito do Senhor que diz: *Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim* (Mt 10,38).

Mas talvez digas: 'Como pode o homem carregar sempre sua cruz, ou como estando em vida, pode estar crucificado?' Escuta brevemente a razão".

CAPÍTULO 35

"Nossa cruz é o temor do Senhor. Assim como aquele que está crucificado não tem mais possibilidade de movimentar seus membros ou de voltar-se para onde quiser, da mesma forma também devemos regrar nossas vontades e desejos, não segundo o que nos é agradável e nos satisfaz, mas segundo a lei do Senhor, lá onde ela nos vinculou. Quem está preso à cruz não considera mais as coisas presentes, não pensa mais em satisfazer suas paixões, não tem mais qualquer preocupação ou inquietação pelo dia de amanhã; não é mais excitado pelo desejo de possuir seja o que for; não se deixa levar pelo orgulho, pelas rivalidades ou pelas disputas; não tem mais qualquer ressentimento das injúrias que lhe foram feitas, nem qualquer lembrança das que sofreu; embora ainda em vida, julga-se já como morto a todos os elementos deste mundo; a atenção de seu coração já está voltada para aquele lugar ao qual logo irá passar. Assim também é-nos preciso, mantendo-nos presos à cruz pelo temor do Senhor, estar mortos para tudo isso, isto é, não só para os vícios carnais, mas também para os elementos do mundo, tendo sempre os olhos da alma fixados no lugar para o qual esperamos ir, a qualquer momento. Desta maneira, com efei-

to, poderemos mortificar todas as nossas concupiscências e nossas afeições carnais".

CAPÍTULO 36

1. "Sê atento a nunca retomar as coisas que abandonaste ao renunciares. Dócil à recomendação do Senhor, não fujas do campo evangélico em que trabalhas para revestir-te da túnica, posta de lado uma vez por todas (cf. Mt 24,18). Não te permitas recair nas concupiscências e afeições reles e terrenas deste mundo, e contra o mandamento do Cristo, não desças do teto da perfeição a fim de recuperar algo do que abdicaste quando da tua renúncia (cf. Mt 24,17).

Procura não te lembrar de teus parentes nem de tuas antigas afeições para que, voltando às preocupações e solicitudes do século e conforme a palavra do Salvador, olhando *para trás depois de haver colocado a mão no arado* (Lc 9,62) te tornes inapto para o reino dos céus.

2. Acautela-te para que quando começares a ter um conhecimento deleitoso dos salmos ou de tua profissão, não deixes renascer, pouco a pouco, o orgulho que agora, ao começar, esmagaste com o ardor da fé e com inteira humildade. Segundo a palavra do Apóstolo, se tornares a edificar o que tinhas demolido, tornas-te a ti mesmo um prevaricador (cf. Gl 2,18). Antes, permanece até o fim neste despojamento do qual fizeste profissão diante de Deus e de seus anjos. E não te contentes em permanecer simplesmente no espírito de humildade e paciência que te permitiu, durante dez dias, rezar com tantas lágrimas à porta do mosteiro para nele seres admitido. Progride nesta virtude e faça-a crescer sempre mais, pois

seria grande infelicidade se, ao invés de fazer novos progressos e tender à perfeição como deves, voltasses atrás, caindo num estado mais baixo que o primeiro. Pois não é o principiante na renúncia, mas o que tiver *perseverado até o fim* que *será salvo* (Mt 24,13)".

CAPÍTULO 37

"A serpente astuciosa observa sem cessar nosso calcanhar (cf. Gn 3,15; Sl 55[56],7), isto é, arma continuamente ciladas junto à nossa porta e, até o fim de nossa vida, procura derrubar-nos. Portanto, de nada te servirá ter começado bem ou ter abraçado com fervor a vida de renúncia nos primeiros dias, se isso não for valorizado e concluído por um fim correspondente e se não guardares até o termo de tua vida a humildade e a pobreza de Cristo que agora professaste em sua presença, tal como a iniciaste. Para que possas cumprir isso, observa sempre a cabeça dessa serpente, isto é, o começo dos pensamentos que te sugere e manifesta-os imediatamente ao teu ancião. Assim aprenderás a esmagar suas insinuações perniciosas se não te envergonhares de revelá-las inteiramente a teu ancião".

CAPÍTULO 38

"*Uma vez entregue ao serviço do Senhor, mantém-te firme no temor de Deus*, conforme a palavra da Escritura, *e prepara a tua alma* (Eclo 2,1), não para o repouso, segurança, delícias, mas *para as tentações* e todas as dificuldades. *Pois é preciso passar por muitas tribulações para entrar no reino de Deus* (At 14,22). *Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que o encontram* (Mt 7,14).

Considera, portanto, que fazes parte agora dos poucos e eleitos e não te deixes arrefecer pelo exemplo e relaxamento de muitos. Ao contrário, vive como os poucos a fim de mereceres ser encontrado com os poucos no Reino. *Pois muitos são chamados, poucos os escolhidos* (Mt 22,14) e *pequeno* é o *rebanho* no qual o *Pai* se compraz em *dar-lhe a herança* (cf. Lc 12,32).

Fica sabendo não ser leve o pecado daquele que, havendo professado uma vez a perfeição, deixa-se levar por caminhos imperfeitos.

Eis aqui os degraus e a ordem pelos quais se atinge o estado de perfeição".

CAPÍTULO 39

1. "*O início* e a salvaguarda de nossa salvação *é o temor do Senhor* (Pr 9,10), pois que, por meio dele, os que se exercitam no caminho da perfeição adquirem a conversão, a purificação de seus vícios e a prática das virtudes. Quando esse temor penetra o espírito de um homem, gera o desprezo por todas as coisas, o esquecimento dos parentes e inclusive o horror ao mundo. E esse desprezo e a privação de todos os bens levam a adquirir a humildade.

2. Eis os sinais pelos quais se reconhece a humildade:

- Primeiro, se for mortificada toda a vontade própria.
- Segundo, se nada esconder ao seu ancião, não só em relação a seus atos, mas também sobre seus pensamentos.
- Terceiro, se não se apoiar em seu próprio discernimento, porém, entregando tudo ao parecer do ancião, ávido em ouvir seus conselhos com agrado.

- Quarto, se em tudo mantiver a mansidão da obediência e a constância da paciência.
- Quinto, se longe de injuriar o próximo, não se afligir nem se entristecer com as injúrias que recebe.
- Sexto, se nada fizer e nada presumir que não seja recomendado pela regra comum e o exemplo dos mais antigos.
- Sétimo, se contentar-se em ter as coisas mais desprezíveis e considerar-se um mau e indigno operário para tudo o que lhe for ordenado.
- Oitavo, se disser, não apenas com os lábios, mas acreditar no fundo do coração, ser inferior a todos.
- Nono, se refrear a língua e não elevar a voz.
- Décimo, se não for pronto e fácil ao riso.

3. A verdadeira humildade se reconhece pois, por meio de tais indícios e outros parecidos. Quando a possuíres de verdade, ela te conduzirá logo a um grau superior, à caridade que não admite o temor (cf. 1Jo 4,18), graças a qual começarás a praticar sem dificuldade e como que naturalmente, o que antes observavas por temor da punição e não mais agirás por medo dos suplícios ou dos castigos, mas por amor ao próprio bem e pela deleitação da virtude".

CAPÍTULO 40

"Para aí chegares mais facilmente, vivendo numa comunidade, deves procurar exemplos imitáveis e de vida perfeita, não em muitos, mas em poucos, em um ou dois apenas. Pois além do fato de serem raros os homens de vida provada e verdadeiramente purificados, terás ainda a vantagem de, na procura da perfeição

da vida cenobítica, seres bem melhor instruído pelo exemplo de um só".

CAPÍTULO 41

1. "Para poder alcançar este objetivo e permanecer incessantemente sob essa regra espiritual, há três coisas que deves guardar como necessárias na vida de comunidade. Como disse o salmista: *Eu, porém, como se fora surdo não ouvia, e como mudo não abro meus lábios. Tornei-me semelhante a um homem que não ouve e que não tem resposta em sua boca* (Sl 37[38]14-15). Tu também, comporta-te, pois, como se fosses surdo, mudo e cego. Fora aquele que escolheste como modelo por causa da sua perfeição, sê como um cego e fecha os olhos a tudo o que te parecer pouco edificante para que pela autoridade e conduta dos que agem dessa maneira, não deslizes para o pior, praticando coisas que de início havias condenado.

2. Se ouvires falar de algum irmão desobediente, contumaz ou detrator, ou que se porte de modo diferente do que te foi ensinado, não te escandalizes. Mas que esse mau exemplo não te subverta. Passa por tudo isso como um surdo que não ouve.

Se te injuriarem ou ultrajarem, a ti ou a um outro, fica inabalável. Longe de te vingar respondendo, segundo a lei de talião; ouve tudo como se fosses mudo, cantando em teu coração este versículo do salmista: *Disse: guardarei os meus caminhos para não pecar por minha língua. Porei um freio à minha boca enquanto o ímpio estiver à minha frente. Permaneci mudo e humilhado, guardei o silêncio mesmo sobre as coisas boas* (Sl 38[39],2-3).

3. Acima de tudo cultiva este quarto conselho porque coroa e dá valor às três atitudes sobre as quais falamos. Segundo o preceito do Apóstolo, torna-te como um insensato neste mundo, para seres sábio (cf. 1Cor 3,18). Não julgues, não examines coisa alguma que te for ordenada. Manifesta sempre uma obediência cheia de simplicidade e de fé. Estima santo, útil e sensato unicamente aquilo que a Lei do Senhor e o parecer do ancião te indicarem. Fundado em tais princípios poderás permanecer para sempre sob esta disciplina sem que nenhuma tentação, nenhuma maquinação do inimigo possa fazer-te sair do mosteiro".

CAPÍTULO 42

"Portanto, não deves esperar tua paciência da virtude dos outros, isto é, pensando que só a possuirás se ninguém te ofender – pois não está isso em teu poder – mas espera-a antes de tua própria humildade e longanimidade que dependem de teu livre arbítrio".

CAPÍTULO 43

"Enfim, para que tudo o que acabo de desenvolver longamente fique mais facilmente gravado em teu coração e permaneça indelevelmente em teus sentidos, farei de tudo um resumo que te permitirá, por sua brevidade, guardar na memória o conjunto desses preceitos.

Escuta, pois, em poucas palavras, por que graus poderás ascender sem nenhum esforço ou dificuldade até a mais alta perfeição.

O princípio de nossa salvação, como *de* nossa *sabedoria*, conforme ensina a Escritura é *o temor do Senhor* (Pr 9,10). Do temor

do Senhor nasce uma salutar compunção. Da compunção do coração procede a renúncia, a saber, o desprezo e o despojamento de todos os bens. O despojamento conduz à humildade. Da humildade brota a mortificação da vontade. A mortificação da vontade extirpa e enfraquece todos os vícios. Na medida em que desaparecem os vícios, as virtudes podem crescer e dar frutos. Pela fecundidade das virtudes adquire-se a pureza de coração. Pela pureza do coração consegue-se a perfeição da caridade apostólica".

SEGUNDA PARTE: LIVROS V-XII

Nota Introdutória

O livro quinto das *Instituições* pode ser melhor chamado de segundo volume pois é como um novo tratado. Com efeito, trata-se, no esquema de Cassiano, que segue de perto seu mestre, Evágrio Pôntico, da luta contra os vícios, isto é, a etapa da "vida prática" que supõe já percorrida a primeira parte do itinerário para a vida monástica cenobítica. Este foi desenvolvido amplamente nos primeiros quatro livros das *Instituições*: a atividade própria – específica – do monge, sua oração, sua formação.

A extensão dos livros V ao XII fala por si só da importância que Cassiano confere ao tema.

A lista dos vícios é a que Cassiano herdou de Evágrio e que deixará uma marca profunda na espiritualidade e na moral ocidental.

LIVRO QUINTO

Do espírito de gula

Guia de leitura

- Cap. 1. Introdução ao segundo volume das *Instituições*: o "tratado" sobre os "oito vícios principais".
- Cap. 2. A meta deste "tratado" é ajudar a alcançar a perfeição por meio da "pureza do coração".
- Cap. 3. A gastrimargia (gula): sua definição. A medida dos jejuns e a qualidade dos alimentos segundo a tradição e os usos dos egípcios.
- Cap. 4. Procurar imitar aqueles que já alcançaram uma virtude. É

impossível que só um homem reúna em si mesmo todas as virtudes.
- Cap. 5. Para o jejum nem todos podem observar uma idêntica medida; mas deve haver uma mesma exigência: a de mortificar-se.
- Cap. 6. Os perigos para a vida espiritual dos excessos na comida (e na bebida).
- Cap. 7. Uma correta prática do jejum – um bom jejum – supõe "o severo discernimento da temperança".
- Cap. 8. "A norma nos jejuns e na continência": moderar o uso dos alimentos.
- Cap. 9. Importância da moderação e da regularidade no jejum. É fundamental o "testemunho da consciência".
- Cap. 10. O jejum é ineficaz se não for acompanhado pela prática das demais virtudes da alma.
- Cap. 11. Não é suficiente, para alcançar a pureza do coração, praticar apenas uma virtude; ainda mais, "não possui perfeitamente qualquer virtude o que for encontrado em falta de alguma delas".
- Cap. 12. A disciplina e a ordem dos combates espirituais.
- Cap. 13. Se faltar a moderação no uso dos alimentos não se pode ter uma "experiência das lutas do homem interior".
- Cap. 14. A gastrimargia pode ser vencida "por meio do desejo da perfeição".
- Cap. 15. Na luta contra os vícios, deve-se fixar a meta: os prêmios das virtudes.
- Cap. 16. É um fundamento sólido do combate contra os vícios vencer os maus desejos da própria carne.
- Cap. 17. O começo do combate: mortificação da carne e sujeição do corpo; a meta: a Jerusalém celeste.
- Cap. 18. Quem conseguir vencer as inclinações da carne, deverá enfrentar os combates com inimigos mais fortes.

- Cap. 19. Há uma ordem nos combates que é imprescindível observar.
- Cap. 20. Não tomar bebida nem alimento fora das horas fixadas.
- Cap. 21. Uma vez que combatemos um inimigo interior, devem estar juntos o jejum exterior e o interior: "que se abstenha o homem interior de alimentos nocivos".
- Cap. 22. O jejum corporal é um meio para chegar à *pureza do coração.*
- Cap. 23. Normas para a escolha dos alimentos.
- Cap. 24. A caridade – ou mais concretamente, a hospitalidade – exige quebrar o jejum.
- Caps. 25-29. Exemplos e sentenças de diversos monges. Importância da caridade.
- Cap. 40. Um exemplo "extremo" de jejum.
- Cap. 41. Ensinamento do abade Macário sobre o jejum.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- O remédio para a gula é o jejum, praticado com discernimento.
- O jejum deve ser acompanhado do "apoio" da prática das demais virtudes, para que seja efetivo.
- Notar a importância da "solidariedade" das virtudes, tema sobre o qual, de vez em quando, insiste Cassiano.
- A meta do combate contra os vícios, e portanto, contra a gula, é a *pureza do coração.*
- A pureza do coração é, por sua vez, um meio para se chegar à Jerusalém celeste.
- Cassiano assinala que o combate contra os vícios não é uma luta só exterior, mas principalmente, interior.

- São valiosas as "normas" para a escolha e uso dos alimentos indicadas no cap. 23.
- A segunda parte deste livro V (caps. 24-41) é dedicada a transmitir ensinamentos e exemplos de monges que instruíram Cassiano na *Tradição monástica.*

LIVRO QUINTO

DO ESPÍRITO[1] DE GULA

CAPÍTULO 1

Com a ajuda de Deus, vamos começar este quinto livro. Após os quatro primeiros dedicados às Instituições dos mosteiros, dispomo-nos agora, dando-nos o Senhor a força, graças às vossas orações, a empreender a luta contra os oito vícios principais.[2]

O primeiro é a gastrimargia (ou gula): concupiscência de comer; o segundo, a fornicação; o terceiro, a *filargyria*, isto é, a avareza, ou para falar mais exatamente, o amor ao dinheiro; o quarto, a cólera; o quinto, a tristeza; o sexto, a acídia, que é uma ansiedade, um tédio do coração; o sétimo, a vanglória; o oitavo, o orgulho.

Ao abordar esse combate, ó beatíssimo papa Castor,[3] temos agora ainda maior necessidade de tuas orações, para poder procurar como convém a natureza tão sutil, oculta e difícil de discernir desses vícios, expor em seguida suas causas de modo satisfatório e enfim trazer remédios eficazes para sua cura.

---

[1] «Cassiano chama "espíritos" aos oito vícios principais dos quais vai tratar a seguir. Na concepção origenista e mesmo judaico-cristã, cada vício procede de um demônio particular ou *spiritus*. Cf. J. Daniélou, *Mesage évangélique et culture hellénistique*, p. 402. Evágrio Pôntico usa mais o vocábulo *daimon* (demônio) que *pneuma* (espírito); cf. A. e C. Guillaumont, art. *Démon* in *Dictionnaire de Spiritualité*, t.III,200-201» (Guy, SCh 109, p. 187).

[2] Nos livros V-XII Cassiano vai deter-se na explicação dos oito vícios principais. Ver a *Conferência* V do abade Sarapião (*Conferências*, vol. I. Ed. Subiaco 2003, p. 129).

[3] Bispo de Apt, na Gália, ao qual são dedicadas essas *Instituições cenobíticas* (cf. Prefácio).

CAPÍTULO 2

1. Uma vez expostas pela doutrina dos antigos, as causas dessas paixões podem ser imediatamente reconhecidas por todos. Todavia, antes de serem reveladas, todos as ignoram, embora ninguém escape à sua devastação e elas permaneçam em cada um.

Entretanto, confiamos poder explicá-las em certa medida se, graças à vossa intercessão, a palavra do Senhor proferida por Isaías, nos for também dirigida:

2. *Eu mesmo irei diante de ti e humilharei os poderosos da terra, arrebentarei as portas de bronze, despedaçarei as barras de ferro e abrirei para ti tesouros ocultos e mistérios secretos* (Is 45,2-3a).

Assim sendo, precedendo-nos, o Verbo de Deus *humilhará* primeiramente *os poderosos* de nossa *terra*, isto é, as paixões nocivas que desejamos expulsar e que reivindicam um poder tirânico e feroz sobre o nosso corpo mortal; ele os fará sucumbir à nossa investigação e exposição e, *arrebentando* assim *as portas* da ignorância e *despedaçando as barras* dos vícios que nos excluem da verdadeira ciência, nos conduzirá até nossos *mistérios secretos*; e, segundo o Apóstolo, nos revelará, uma vez iluminados, *o que está oculto nas trevas e nos manifestará os desígnios dos corações* (1Cor 4,5).

3. Penetrando assim, pela pureza de nosso olhar interior, as tétricas trevas dos vícios poderemos manifestá-los e trazê-los à luz e seremos capazes de descobrir suas causas e naturezas tanto àqueles que não os conhecem como àqueles que estão ainda em seu poder! Então, como diz o profeta (Sl 65[66]12), poderemos *atravessar* sem dano o *fogo* dos vícios que queimam tão cruelmente nossos

espíritos e *passar* logo para a *água* das virtudes que os extinguem. Fortificados pelos remédios espirituais, como um orvalho, mereceremos *ser conduzidos ao refrigério* da perfeição, pela pureza do coração![4]

CAPÍTULO 3

O primeiro combate que devemos abordar é contra o espírito da gastrimargia ou a concupiscência do comer. Tendo a intenção de começar pela medida dos jejuns e da qualidade dos alimentos, recorreremos, pois, novamente, às tradições e estatutos dos egípcios que, como ninguém ignora, contêm uma excelente regra de autodomínio e perfeito método de discernimento.

CAPÍTULO 4

1. Há uma antiga e admirável sentença do bem-aventurado Antão: se um monge, depois de haver levado vida cenobítica, procura atingir o cume da mais sublime perfeição, e se tendo adquirido o dom do discernimento, é doravante capaz de se apoiar em seu próprio julgamento e chegar ao píncaro da anacorese, não lhe é mais necessário pedir a um só homem, por mais eminente que seja, o exemplo de todas as virtudes. Com efeito, um é ornado com as flores da ciência, outro é melhor equipado na técnica do discernimento, um outro tem como fundamento o peso da paciência,

[4] A utilização alegórica da Escritura com seus necessários jogos de palavras torna difícil uma tradução literal desta passagem: querendo exprimir que, para atingir a perfeição, é preciso extinguir o incêndio dos vícios, Cassiano se apoia no Salmo 65,12 (*Passamos pelo fogo e pela água, mas fizeste-nos retomar o fôlego - Transivimus per ignem et aquam et eduxisti nos in refrigerium*); mas, na transposição, ele deforma a imagem bíblica.

aquele outro o supera pela virtude da humildade, ainda outro pela da continência, tal outro é ornado pela graça da simplicidade; este ultrapassa os demais por sua aplicação à magnanimidade, aquele, à misericórdia, ou às vigílias, ou ao silêncio, ou ao trabalho.[5]

2. Por isso, o monge que desejar fazer provisão do mel espiritual deverá, como uma abelha prudentíssima,[6] colher cada virtude junto daquele que dela se tornou mais familiar e recolhê-la cuidadosamente no vaso do seu coração, sem se ocupar daquilo que lhe falta, unicamente atento a dele receber a virtude que possui. Pois se quisermos encontrar todas as virtudes em um só, não poderemos senão dificilmente, ou mesmo jamais, encontrar modelos a imitar.

De fato, embora ainda não vejamos o *Cristo* sendo *tudo em todos*, como diz o Apóstolo (1Cor 15,28), procedendo, todavia como expliquei, isto é, por partes, poderemos encontrá-lo em todos. Dele [do Cristo] foi dito: *Tornou-se para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção* (1Cor 1,30).

3. Assim, enquanto em um encontramos a sabedoria, em outro a justiça, em outro a santidade, em outro a mansidão, em outro a castidade, em outro a humildade, Cristo está repartido, membro a membro em cada um dos santos. Mas como todos convergem na *unidade da fé* e da virtude, eles exprimem *o homem perfeito* que realiza a plenitude de seu corpo *na harmonia* e originalidade *de cada um dos membros* (cf. Ef 4,13), esperando esse tempo em que *Deus será tudo em todos* (1Cor 15,28). Então, desde já Deus pode

[5] O abade Pinúfio em *Inst.* IV,40 referia-se a um iniciante. Aqui Antão se dirige a um monge perfeitamente provado na vida cenobítica.

[6] Na *Vita Antonii* 3 encontra-se um conselho semelhante a este. Jerônimo faz a mesma recomendação a Rústico, monge marselhês (*Ep.* CXXV,15,2).

estar em todos dessa maneira que dissemos, isto é, pela divisão das virtudes, se bem que não o seja ainda segundo sua plenitude. Pois, embora o fim de nossa religião seja único, entretanto, os estados de vida pelos quais tendemos a Deus são diversos, como vamos tratar de modo mais amplo nas *Conferências dos Pais.*[7]

4. Por conseguinte, precisamos procurar especialmente um modelo de discrição ou de continência naqueles que a graça do Espírito Santo derramou essas virtudes em maior abundância. Isto não quer dizer que seja possível a alguém adquirir sozinho o que está dividido entre muitos; contudo, em se tratando dos bens para os quais temos capacidade, procuremos imitar aqueles que os obtiveram de maneira mais especial.

CAPÍTULO 5

1. Sendo assim, não é nada fácil observar uma regra uniforme para o jejum. A resistência física não é a mesma em todos e contrariamente às demais virtudes, esta não se exerce apenas pela austeridade da alma. Por isso, como o jejum não consiste apenas na força do espírito – a capacidade do corpo tendo aí a sua parte – recebemos sobre este ponto, da tradição, a seguinte definição: haverá diversidade quanto ao tempo, a medida e a qualidade, segundo as diferenças de constituição física, idade ou sexo; mas a virtude interior da continência impõe a todos a mesma obrigação de se mortificar.

2. Com efeito, nem todos podem prolongar o jejum por toda uma semana, nem mesmo tomar a refeição só de dois em dois, ou de três em três dias. Há mesmo muitos que, esgotados pela doença

[7] Cf. *Conferências* I,2-4; XIV,4-5; XVII,2-6; XIX,8.

ou pelo peso dos anos, não suportam sem grande fadiga jejuar até o pôr do sol. A insipidez de grãos molhados na água não convém a todos e nem todos podem contentar-se com legumes crus ou com a austeridade do pão seco. Alguns não se saciam com a quantidade de duas libras, ao passo que outros sentem-se grandemente pesados por haver tomado uma libra ou mesmo seis onças de alimentos.

Contudo, o objetivo da continência é o mesmo para todos: nenhum deve comer até à saciedade, levando em conta a medida de sua capacidade. Pois não é apenas a qualidade, mas também a quantidade dos alimentos que embota a acuidade do coração, torna "pesado" o espírito e atiça o fogo dos vícios.

CAPÍTULO 6

Seja qual for o alimento, o estômago plenamente satisfeito dá lugar às sementes da luxúria, e o espírito, sufocado pelo peso da comida, não consegue mais manter a regra do discernimento. Não é só com o vinho que o espírito se embriaga: todo excesso no comer o torna cambaleante e instável e o priva de uma contemplação verdadeiramente pura. A causa da perversão e da luxúria dos sodomitas não foi a embriaguez do vinho, mas a saciedade de pão. Escuta a repreensão do Senhor dirigida a Jerusalém pelo Profeta: *Efetivamente, em que pecou Sodoma, tua irmã, senão porque comia seu pão na saciedade e na abundância?* (Ez 16,49). E porque a saciedade de pão acendeu em seus corpos um fogo inextinguível, o julgamento de Deus os condenou a serem queimados com um fogo de enxofre vindo do céu. Ora, se apenas um excesso de pão, por sua abundância, lançou-os no precipício tão abrupto das coisas

vergonhosas, que pensar dos que, tendo um corpo vigoroso, têm a presunção de tomar carnes e vinho com uma liberdade desmedida, numa quantidade sugerida por sua paixão e não pelas exigências de sua fraqueza?

CAPÍTULO 7

A fraqueza da carne não impede a pureza do coração desde que se tome o alimento segundo a necessidade da saúde e não conforme seu desejo. Observamos ser mais fácil homens absterem-se totalmente de alimentos mais substanciais do que tomar com moderação aquele que sua necessidade autoriza; e recusar tudo, por amor à continência, do que se contentar com o que lhes basta quando tomam esse alimento por causa de uma doença.

Um corpo débil pode também conseguir a vitória da continência se, pelo menos, ao comer o que autoriza a doença, permanece ainda com fome e não se concede, com um discernimento estrito, senão a quantidade de alimento suficiente para viver e não aquela que tem vontade.

Os alimentos mais nutritivos que restituem a saúde ao corpo não impedem a pureza da castidade se forem tomados com moderação; pois todo o vigor que deles se retira é consumido pelo cansaço e pelo esgotamento da enfermidade. Por isso, assim como nenhum estado impede a moderação, também nenhum estado nos priva da perfeita integridade.

CAPÍTULO 8

É, portanto, profundamente verídica e bem provada a sen-

tença[8] dos Pais: a medida dos jejuns e da continência consiste unicamente na privação imposta sobre a quantidade de alimento; e a perfeição dessa virtude para a qual é preciso tender é a mesma para todos: não satisfazer inteiramente o apetite no uso dos alimentos que somos obrigados a tomar para o sustento de nosso corpo. Com efeito, por mais enfermo que alguém esteja, possuirá uma virtude, em todos os pontos tão perfeita quanto os que têm saúde vigorosa, se domar pela austeridade do espírito os desejos que a fraqueza de sua carne não exige. Diz o Apóstolo: *Não procureis satisfazer os desejos da carne* (Rm 13,14). Ele não proíbe pois, completamente, o cuidado da carne, mas recusa a satisfação dos seus desejos. Proscreve as atenções voluptuosas pela carne, mas não exclui o provimento do necessário à vida: aquilo, para que a complacência para com a carne não conduza a perigosos desejos; isto, por temer que o corpo, esgotado por nossa falta, não possa mais desempenhar os exercícios espirituais necessários.

CAPÍTULO 9

Não se deve procurar a perfeição da continência apenas no espaçamento das refeições, ou na qualidade dos alimentos, mas antes de tudo no julgamento da consciência. Cada um, com efeito, deve impor-se uma frugalidade proporcionada às exigências da luta contra seu corpo.[9]

---

[8] Cf. BASÍLIO, *Regra dos Monges* 9,7: "Não se pode estabelecer um mesmo horário de alimentação para todos, nem igual quantidade nem qualidade de alimentos, mas todos devem ter esta única precaução: que não continuemos comendo até a saciedade". Ver ainda CASSIANO, *Conferências* II,22.

[9] Cf. CASSIANO, *Conferências* II,22 e XXIII.

Sem dúvida é útil guardar o jejum fixado pela regra e que deve ser sempre observado. Mas se não for seguido de uma refeição frugal, não se poderá atingir o cume da integridade. Pois jejuns prolongados, seguidos de refeições copiosas provocam uma lassidão temporária, em vez da pureza da castidade. A integridade do espírito é inseparável da abstinência. Não pode permanecer perpetuamente puro e casto aquele que não aceita guardar sempre uma temperança uniforme. Os jejuns, por mais severos que sejam, seguidos de um relaxamento exagerado de nada servem e levam logo à gula. É melhor uma refeição cotidiana, razoável e ponderada, do que um jejum austero, prolongado por vários dias. Uma fome excessiva não só pode abalar a constância do espírito como também, por causa do cansaço do corpo, retira a força e o vigor da nossa oração.

CAPÍTULO 10

Para conservar a integridade do espírito e do corpo, não basta apenas a abstinência dos alimentos, é necessário, porém, acrescentar as outras virtudes da alma. É preciso então primeiramente aprender a humildade pela prática da obediência, pela disciplina do trabalho e fadiga corporal. Não basta evitar a posse do dinheiro, é preciso extirpar pela raiz até mesmo o seu desejo. Pois não é suficiente não ter dinheiro – o que na maioria das vezes é imposto pela necessidade – mas é preciso não ter a vontade de possuí-lo, se por acaso for oferecido. É forçoso domar o arrebatamento da cólera, superar o abatimento da tristeza, desprezar a *cenodoxia*, isto é, a vanglória e calcar aos pés a arrogância do orgulho. Por uma constante recordação de Deus, é preciso refrear a inconstância

dos pensamentos sempre em movimento e levar à contemplação de Deus nosso coração que se dissipa em maus pensamentos cada vez que o inimigo em sua astúcia tenta se insinuar no recesso de nosso coração, buscando privar o espírito dessa contemplação.

CAPÍTULO 11

1. É impossível extinguir o incêndio que abrasa nosso corpo se antes não forem destruídos radicalmente os focos dos outros vícios principais. Falaremos, se o Senhor permitir, sobre cada um deles separadamente, em diferentes livros e em seu lugar. Presentemente nosso objetivo é tratar da *gastrimargia*, isto é, da concupiscência da gula, contra a qual devemos lutar em primeiro lugar.

Não poderá jamais neutralizar o fogo de sua concupiscência aquele que não tiver conseguido refrear os desejos de seu ventre. A castidade do homem interior se discerne pela perfeição dessa virtude. Acredita,[10] pois, que não poderá jamais lutar contra adversários mais terríveis aquele que, num combate fácil, viste ser dominado por um inimigo mais fraco. Pois uma é a natureza de todas as virtudes, mesmo se parecem divididas em numerosas espécies com diferentes nomes,[11] assim como uma é a substância do ouro, embora pareça diferenciada em uma grande variedade de joias, conforme o talento e a vontade do artesão. Aquele pois, que for vencido em um ponto, provará assim que não possui perfeitamente nenhuma virtude.

[10] Por várias vezes, nessas passagens de tom exortativo, Cassiano abandona o "nós" habitual de sua exposição para se dirigir diretamente ao seu leitor (cf. V,17-18; VI,7,1; VII,23-27; XI,11).

[11] Citação quase literal de Evágrio, *Tratado Prático* 98.

2. Como acreditar, com efeito, que extinguiu os ardores de sua concupiscência – que não são acesos apenas pela instigação do corpo, mas também pelo vício do espírito – aquele que não pôde acalmar os aguilhões da cólera que emanam apenas da intemperança de seu coração? Como pensar que repeliu as solicitações impuras da carne e do pensamento aquele que não pôde expulsar o vício do orgulho que é simples? Como crer que esmagou a luxúria que faz corpo com sua carne aquele que não foi capaz de renunciar à concupiscência do dinheiro que é externa e estrangeira à nossa natureza? De que maneira ganhará os combates da carne e da alma o que não foi capaz de curar a doença da tristeza? Por altas que sejam as muralhas e solidamente fechadas as portas que protegem uma cidade, a traição de uma única poterna,[12] por pequena que seja, entregá-la-á à pilhagem. Que importa com efeito que seja pelas muralhas elevadas e pelas grandes portas ou pela passagem secreta de uma estreita galeria que o inimigo perigoso, sorrateiramente, penetra no interior da cidade?

CAPÍTULO 12

1. *Um atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras* (2Tm 2,5). O que desejar extinguir os apetites naturais da carne, que se apresse, em primeiro lugar, a vencer os vícios exteriores à sua natureza.[13]

Se, com efeito, quisermos experimentar a força da palavra apostólica, devemos primeiramente reconhecer quais são as leis

[12] Poterna: porta falsa ou galeria subterrânea.

[13] Cf. CASSIANO, *Conferência* V,3.

e as regras do combate do mundo,[14] para que finalmente, possamos assim saber, por comparação, aquilo que o bem-aventurado Apóstolo quis ensinar com este exemplo a nós que combatemos o combate espiritual.

Nesses combates, que segundo o mesmo Apóstolo, preparam aos vencedores uma coroa corruptível (1Cor 9,25), observa-se o seguinte costume: aquele que deseja ganhar a coroa gloriosa honrada com o privilégio da imunidade, e por isso deseja afrontar os combates mais difíceis, faz primeiramente uma demonstração de sua jovem força e dos primeiros rudimentos que aprendeu nos jogos olímpicos e píticos. Pois nesses jogos, compete não só ao presidente como a todo o povo decidir se os jovens candidatos ao treinamento atlético o merecem e devem ser a ele admitidos.

2. O candidato é primeiramente examinado atentamente para saber se nenhuma infâmia manchou sua vida, se jamais foi escravo – o que o tornaria indigno dessa disciplina e da frequentação daqueles que a professam – e se deu provas válidas de sua técnica e de sua força, mostrando ao combater com jovens de sua idade, tanto sua habilidade como seu valor. Em seguida, depois do exame do presidente, é-lhe permitido deixar as lutas dos adolescentes para enfrentar homens já amadurecidos e longamente experimentados. E quando, depois de numerosos combates, tiver não só mostrado igual valor, mas também tiver obtido muitas vezes entre estes a palma da vitória, então merecerá por fim chegar aos combates mais gloriosos nos quais só se defrontam os campeões que já conquistaram numerosas coroas.

[14] Começa aqui uma longa comparação, inspirada em S. Paulo (2Tm 2,5), com os combates do estádio e que permanecerá subjacente nos oito livros (V,16,1; VII,20; VIII,22; X,15; XI,19,1; XII,32), sendo evocada pela expressão: *legitime certare* (*lutar segundo as regras*).

Se compreendemos o exemplo do combate carnal, devemos reconhecer também, por comparação, qual é a disciplina e a ordem do combate espiritual.

CAPÍTULO 13

Convém, pois, em primeiro lugar, demonstrar nossa liberdade pela submissão da carne. *Cada um é escravo daquele que o vence* (2Pd 2,19). E ainda: *Quem comete o pecado é escravo do pecado* (Jo 8,34). Quando, pois, o presidente do combate, após exame, achar que estamos puros de qualquer mancha proveniente da má concupiscência, e julgar que não somos escravos da carne e, portanto, indignos do "combate olímpico" contra os vícios, então poderemos enfrentar os "adversários de nossa idade" que são a concupiscência da carne e os movimentos desordenados da alma. É impossível, com efeito, que um ventre saciado tenha a experiência dos combates do homem interior. E não é digno de se arriscar em lutas mais fortes aquele que pode ser abatido facilmente.

CAPÍTULO 14

1. O primeiro adversário a ser vencido é, portanto, a concupiscência da gula. E até aí chegarmos, afinemos nosso espírito não só pelos jejuns, mas também pelas vigílias, pela leitura, por uma incessante compunção do coração, chorando à lembrança de nossas tentações e talvez de nossas derrotas, o espírito inflamado de tanto horror pelos vícios quanto pelo desejo da perfeição e da integridade até que enfim, completamente dominado por esse gênero de preocupações e de meditações, reconheça que o alimento lhe é

concedido não tanto para o seu bem-estar quanto imposto como um fardo, experimentado mais como uma necessidade do corpo do que como objeto desejável para a alma.

2. Com o espírito ocupado nessa incessante compunção, repeliremos a libertinagem da carne à qual o calor do alimento dá uma virulência maior. Assim poderemos, pela abundância de nossas lágrimas, extinguir o incêndio em nosso corpo, que se tornou como uma fornalha incessantemente alimentada pelas tentações e pelos vícios que queimam mais do que a nafta e o piche do rei de Babilônia (cf. Dn 3,6); e finalmente, o Espírito derramando sobre nós seu orvalho, a efervescência da concupiscência carnal poderá ser, pela graça de Deus, completamente pacificada.

3. Tal é, pois, o nosso primeiro combate e nossa primeira prova nessa espécie de luta olímpica: extinguir, pelo desejo da perfeição, a concupiscência da gula e do ventre. Para isso não basta vencer o desejo dos alimentos supérfluos, fixando nosso olhar interior sobre as virtudes; mesmo o que é necessário à natureza, por ser prejudicial à castidade não deve ser comido sem ansiedade do coração. Devemos enfim ordenar o curso de nossa vida de tal sorte que não nos sintamos jamais desviados da atenção espiritual senão quando a fragilidade de nosso corpo nos constrange a nos preocupar com o que lhe é necessário.

4. E quando tivermos sido obrigados a nos submeter a isso, mais para conservar a vida do que por desejo interior, subtraiamo-nos o mais rapidamente possível como de uma coisa que nos afasta da aplicação à nossa salvação. Com efeito, não poderemos

jamais desprezar o prazer dos alimentos terrestres se nosso espírito não se apegar à contemplação divina e não encontrar sua felicidade no amor à virtude e na beleza dos alimentos celestes. Todo o presente será desprezado como efêmero quando se tiver fixado definitivamente o olhar interior sobre as realidades imutáveis e eternas, contemplando já no coração, embora ainda vivendo na carne, a bem-aventurança da morada futura.

CAPÍTULO 15

Tomemos o exemplo de um homem que se esforçasse por atingir, concentrando seu olhar na direção da flecha, uma recompensa extraordinária colocada numa tal altura que ele apenas distingue por leves indícios. Sabendo que imensa palma de glória e que recompensa terá se atingi-la com sua flecha, não pode fazer outra coisa senão desviar seu olhar de qualquer outro objeto para concentrá-lo no ponto onde vê que se encontra uma tal recompensa e prêmio. Ele perderia, evidentemente, a palma da perícia e a recompensa da virtude se seu olhar se desviasse ainda que só um pouquinho do alvo.[15]

CAPÍTULO 16

1. Assim, vencida a concupiscência do ventre e da gula graças a essa concentração do olhar, não seremos declarados escravos da carne ou infames por causa de nossos vícios e, como nas disciplinas olímpicas, seremos julgados dignos de maiores combates. Tendo dado essas provas crer-nos-ão capazes de enfrentar também

[15] Cf. CASSIANO, *Conferências* I,5.

os perigos espirituais, o que só é permitido aos vencedores e aos que merecem lutar no combate espiritual.

Tal é, por assim dizer, o fundamento muito sólido de todos os combates: suprimir primeiramente o incêndio dos vícios carnais. Pois quem quer que não tenha vencido sua própria carne não poderá lutar *segundo as regras* (2Tm 2,5) e o que não luta segundo as regras não poderá certamente participar do combate nem merecer a coroa de glória obtida pela vitória.

2. Se formos vencidos nessa luta, teremos provado então que somos escravos da concupiscência carnal. Não apresentando a marca da liberdade nem da força, seremos logo repelidos vergonhosamente como escravos, indignos dos combates espirituais. Pois *quem comete o pecado é escravo do pecado* (Jo 8,34). E o bem-aventurado Apóstolo nos dirá como àqueles dos quais se fala de fornicação: *Não vos sobrevém nenhuma tentação que não seja humana* (1Cor 10,13). Com efeito, não tendo adquirido a solidez do espírito, não mereceremos a experiência dos combates mais difíceis com as potências celestes, nós que não conseguimos submeter a carne frágil quando resistia ao nosso espírito. Não compreendendo esse testemunho do Apóstolo, alguns, em lugar do indicativo colocaram o optativo, isto é: *Que não vos sobrevenha nenhuma tentação que não seja humana* (1Cor 10,13); ora, é evidente que o Apóstolo não expressa aqui um desejo, mas faz uma declaração e reprovação.[16]

[16] Este versículo (*sed pronuntiantis uel exprobantis*), quatro vezes citado por Cassiano (V,19,2; *Conferências* III,17;XIII,14), está sempre no indicativo segundo o grego e não no subjuntivo como na Vulgata.

CAPÍTULO 17

1. Queres ouvir o verdadeiro atleta do Cristo que luta segundo as regras? *Da minha parte*, diz ele, *corro assim, não como na incerteza; assim vou ao combate, não como quem dá golpes no ar, mas castigo meu corpo e o submeto à servidão, para evitar que, depois de ter pregado aos outros, não seja eu mesmo reprovado* (1Cor 9,26-27). Como vês, ele colocou o essencial do combate em si mesmo, isto é, na sua carne, como em uma base muito sólida e o bom êxito da luta na mortificação da carne e na submissão de seu corpo. Por isso: *Da minha parte, corro assim, não como na incerteza.*

2. Não corre na incerteza porque olhando para a Jerusalém celeste, tem o coração fixado no lugar para onde lhe é preciso dirigir sua atividade, sem se desviar. Não corre na incerteza porque *esquecido do que ficou para trás, se dirige para o que está à frente*, vai, *direto ao fim*, em direção ao *prêmio que Deus o chama a receber lá no alto, em Cristo Jesus* (Fl 3,13-14). Dirigindo constantemente para aí seu espírito e apressando-se com todo o ardor de seu coração, proclamou com confiança: *Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé* (2Tm 4,7). Consciente de ter corrido infatigavelmente *ao odor dos perfumes* (Ct 1,3) do Cristo Senhor, com o zelo de sua consciência, e de haver vencido o combate espiritual castigando a própria carne, prossegue com confiança e diz: *E agora, está reservada para mim a coroa da justiça que o Senhor, o justo juiz, me concederá naquele dia* (2Tm 4,8).

3. E, para abrir também a nós a esperança de semelhante

recompensa, se quisermos imitá-lo nesse combate, acrescenta: *E não somente a mim, mas a todos os que amam sua vinda* (2Tm 4,8), declarando que no dia do julgamento seremos participantes de sua coroa se, amando a vinda de Cristo – não só a que acontecerá mesmo para aqueles que a recusam, como também a que se realiza cada dia nas almas santas – conseguirmos a vitória no combate, castigando nosso corpo. Dessa vinda, o Senhor diz no Evangelho: *Eu e meu Pai viremos a ele e nele faremos nossa morada* (Jo 14,23); e ainda: *Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, eu entrarei e cearei com ele e ele comigo* (Ap 3,20).

CAPÍTULO 18

1. No entanto, ele não se contenta em dizer que terminou sua carreira quando declara: *Corro assim, não como na incerteza* (1Cor 9,26). Essas palavras se referem especialmente à sua intenção e ao fervor de seu espírito que o fazem seguir o Cristo cheio de ardor, cantando com a Esposa: *Corremos após ti, no odor de teus perfumes* (Ct 1,3), e ainda: *Minh'alma aderiu a ti* (Sl 62[63],9). Mas não se detém aí e declara haver vencido também um outro gênero de oposição. Diz ele: *Vou ao combate, não como quem dá golpes no ar, mas castigo meu corpo e o submeto à servidão* (1Cor 9,26-27). Isso se refere propriamente aos sofrimentos da continência, do jejum corporal e da mortificação da carne. Ele se descreve como um pugilista enérgico, dizendo que não utilizou em vão contra a sua carne as armas do autodomínio, mas que pela mortificação de seu corpo, obteve o triunfo na luta. Esse corpo fustigado pelos açoites da continência e domado pelo chicote do jejum, confere ao espírito vitorioso a coroa da imortalidade e a palma da incorruptibilidade.

2. Vê a ordem regular da competição e observa o resultado dos combates espirituais: como o atleta do Cristo, depois de ter adquirido a vitória sobre sua carne rebelde, colocada por assim dizer a seus pés, avança como um sublime triunfador. Por essa razão *não corre na incerteza*, pois tinha a confiança de penetrar logo na cidade santa, na Jerusalém celeste. Combate assim, isto é, pelos jejuns e pela mortificação da carne – *não como quem dá golpes no ar*, ou seja, não distribui seus golpes à-toa, ferindo, castigando o seu corpo, não o vazio, mas os espíritos que nele se encontram. Com efeito, ao dizer: *Não como quem dá golpes no ar*, mostra que se não golpeia um ar vazio, golpeia, no entanto, os seres que estão no ar. E porque tinha vencido esse gênero de oposições e avançado, enriquecido pela recompensa de numerosas coroas, não sem razão começa a experimentar os assaltos de inimigos mais fortes. Tendo triunfado de seus primeiros adversários, exclama com confiança: *Doravante não se trata mais para nós de um combate contra a carne e o sangue, mas contra os principados, as potestades, os chefes do mundo das trevas, contra os seres espirituais malignos que habitam as regiões celestiais* (Ef 6,12).[17]

CAPÍTULO 19

1. A vitória nos combates jamais falta ao atleta do Cristo enquanto permanece em seu corpo; mas quanto maior for o número de suas vitórias, mais difíceis se tornam os combates. Com efeito, uma vez a carne domada e dominada, quantas coortes de adversários, quantas tropas inimigas se levantam contra o soldado

[17] Cassiano tratará longamente do combate contra os *principados e potestades* na *Conferência* VIII.

de Cristo, excitadas por seus triunfos, para impedir que, amolecido pelo ócio da paz, possa esquecer seus gloriosos combates e para que enfraquecido pelo torpor da segurança não venha a perder suas recompensas e o triunfo que merece!

2. Por isso, se quisermos atingir por uma crescente virtude, esses graus do triunfo, é-nos preciso combater seguindo a mesma ordem que o Apóstolo e dizer com ele, primeiramente: *Assim vou ao combate, não como quem dá golpes no ar, mas castigo meu corpo e o submeto à servidão* (1Cor 9,26-27). Então, tendo vencido essa oposição, poderemos também dizer com ele: *Doravante não se trata mais para nós de um combate contra a carne e o sangue, mas contra os principados, as potestades, os chefes do mundo das trevas, contra os seres espirituais malignos que habitam as regiões celestiais* (Ef 6,12). De outro modo, não poderemos entrar em conflito com eles, e não mereceremos experimentar os combates espirituais, permanecendo abatidos pela oposição carnal e batidos na luta contra o ventre. E com razão, o Apóstolo nos dirá com um tom de reprovação: *Não vos sobrevém nenhuma tentação que não seja humana* (1Cor 10,13).

CAPÍTULO 20

O monge, portanto, que deseja chegar aos combates interiores deve antes de tudo obrigar-se a esta precaução: sem ceder a qualquer atração pela bebida ou pelo alimento, nada comer fora da mesa, antes da pausa fixada pela regra e à hora comum da refeição. Uma vez esta terminada, não se permitir tomar qualquer coisa, por pouco que seja;[18] e da mesma forma, guardar para o sono o tempo

[18] Cf. *Inst.* IV,18.

e a medida fixados pela regra. Pois é preciso suprimir esses dois desregramentos com tanto cuidado como à fornicação. Pois aquele que não conseguiu reter os apetites supérfluos da gula, como estará em condições de reprimir os ardores da concupiscência carnal? E o que não pôde aplacar as paixões que todo mundo vê e que são fáceis de vencer, como poderá, guiado apenas por seu discernimento, debelar as paixões escondidas e que comicham sem que nenhum homem possa testemunhar? Através de todos esses movimentos e desejos, a alma experimenta seu vigor: vencida em paixões fracas e visíveis, como suportaria paixões violentas e ocultas? A cada um o testemunho de sua própria consciência.

CAPÍTULO 21

1. Com efeito, não temos a temer adversários externos: o inimigo está dentro de nós e cotidianamente nos prepara uma guerra interior. Se for vencido, todas as oposições exteriores ficarão enfraquecidas, tudo será pacificado e submetido ao soldado de Cristo. Não teremos a temer um adversário extrínseco a nós, se os inimigos que estão em nós, vencidos, já foram submetidos ao espírito, e se acreditarmos que apenas o jejum dos alimentos visíveis não pode bastar para atingir a perfeição do coração e a pureza do corpo, mas ser necessário acrescentar ainda o jejum da alma.

2. Pois nossa alma tem também seus alimentos nocivos: uma vez tendo engordado, mesmo sem excesso de alimentos visíveis, ela se precipitará nos abismos da luxúria.

A detração é seu alimento, e em verdade, sumamente agradável. A cólera também é seu alimento e embora nada tenha de agradável, naquela hora, entretanto, nutre a alma com um alimento infeliz e igualmente a abate, por seu sabor mortal. A inveja é um alimento do espírito que o corrompe por seus sucos virulentos e não cessa de atormentar o miserável por causa da prosperidade e do sucesso de outros.

3. A *cenodoxia*, isto é, a vanglória, é um alimento da alma que por um tempo apresenta sabor agradável, mas em seguida deixa-a vazia, desprovida de virtude e nua, tornando-a estéril e privada de todos os frutos espirituais, de sorte que não somente destrói os méritos de esforços consideráveis como também acrescenta suplícios maiores. Toda concupiscência, toda divagação incessante do coração é uma espécie de alimento para a alma que a nutre de alimentos nocivos, impedindo-a de futuramente participar do pão celeste e do alimento sólido.

4. Por essa razão, abstendo-nos desses alimentos com um jejum sacratíssimo, tanto quanto consentir a nossa força, poderemos observar de maneira útil e oportuna o jejum corporal. A mortificação da carne unida à contrição do espírito constitui um sacrifício muito agradável a Deus, e lhe prepara uma morada digna e santa em nosso coração purificado. Todavia, se jejuando corporalmente nos entregamos a esses vícios tão perniciosos à nossa alma, a aflição da carne para nada nos servirá porque, por nossos pecados, estaremos manchados na parte mais preciosa de nós mesmos, a que faz de nosso ser morada do Espírito Santo.

5. De fato, não é tanto a carne corruptível e sim o coração puro que se torna morada para Deus e templo do Espírito Santo. Por conseguinte, enquanto o homem exterior jejua, deve o homem interior abster-se também de alimentos nocivos. É esse homem interior que deve se apresentar puro a Deus para merecer receber nele o Cristo, como um hóspede. O bem-aventurado Apóstolo disso nos adverte com estas palavras: *Que o Cristo*, diz ele, *habite no homem interior, pela fé, em vossos corações* (Ef 3,16-17).

CAPÍTULO 22

Saibamos, portanto, que oferecemos o esforço da continência corporal para chegar por meio deste jejum à pureza do coração. Mas será um esforço inútil se, suportando-o infatigavelmente, não conseguimos, contudo, atingir o fim que temos em vista ao tolerar tais austeridades. Melhor seria privar nossa alma de alimentos proibidos do que impor ao corpo o jejum de alimentos menos perigosos. Com efeito, estes são criaturas de Deus; alimentar-se deles é inocente e não comporta em si qualquer pecado. Porém o alimento da alma é primeiramente a detração perniciosa dos irmãos, da qual se diz: *Não ameis a detração, para que não sejais desenraizados* (Pr 20,13[LXX]). E falando da cólera e da inveja, diz o bem-aventurado Jó*: A ira mata o estulto e a inveja causa a morte ao pequeno* (Jó 5,2). Não sem razão o primeiro é declarado estulto uma vez que se entrega voluntariamente à morte excitado pelos aguilhões de sua cólera; quanto ao segundo, pelo fato de ficar pálido de inveja, prova sua pequenez e inferioridade. Com efeito, ao invejar atesta que aquele cuja prosperidade o atormenta lhe é superior.

CAPÍTULO 23

1. É necessário, portanto escolher um alimento que não só acalme a excitação de uma concupiscência ardente e a atice o menos possível, como também seja, além disso, fácil de preparar e de preço acessível, para que possa ser comprado em grande quantidade e sirva tanto ao regime como ao uso comum dos irmãos.[19] Com efeito, a natureza da gula é tríplice: a primeira leva a antecipar a hora marcada para a refeição; a segunda considera apenas a quantidade, pouco lhe importando a qualidade do alimento; a terceira é atraída pelas iguarias bem preparadas e suculentas.[20] Por isso, é necessário que, contra a gula, o monge guarde uma tríplice observância, a saber: em primeiro lugar, esperar o tempo fixado para romper o jejum; em segundo, satisfazer-se com uma quantidade moderada de alimentos; em terceiro, contentar-se de uma alimentação frugal e de alimentos comuns.

2. Toda inovação em relação ao costume e ao uso comum, a mais antiga tradição dos Pais qualifica maculada de vaidade, gloríola e ostentação.[21] Com efeito, nenhum daqueles que vimos brilhar pelo mérito da ciência e da discrição ou daqueles que a graça do Cristo propôs como modelo para todos, como esplêndidos luminares, nenhum deles, nós o sabemos, jamais se absteve de comer pão que, entre eles, é considerado como alimento comum e fácil de

[19] Cf. BASÍLIO, *Regra dos monges* 9.

[20] Cf. *Conferências* V,11, onde, após ter evocado estas três espécies de gula, Cassiano mostra seus efeitos: a primeira torna intolerável a vida no mosteiro, a segunda favorece a luxúria e a terceira incita à avareza.

[21] Cassiano aplica este mesmo princípio em relação à vestimenta monástica (*Inst.* I,2,3-4).

ser encontrado; e nenhum dos que, tendo-se desviado desta regra, abandonou o uso do pão para se alimentar de legumes secos ou frescos e de frutas,[22] jamais foi contado entre os mais aprovados e não obteve a graça do discernimento ou da ciência.

3. Com efeito, os Pais estimam que o monge não deve procurar se nutrir de alimentos inusitados para os demais, a fim de não acontecer que, exibindo seu regime à vista de todos, torne-se vazio e inane e venha a perder-se pelo mal da *cenodoxia*. Declaram ainda que não se deve manifestar facilmente a qualquer um a observância comum dos jejuns, mas ao contrário, tanto quanto possível, dissimulá-la e escondê-la. Creem ser melhor acolher com humanidade e caridade os irmãos que estão de passagem do que manifestar-lhes a austeridade de nossa continência e o rigor de nosso regime habitual. Acham preferível não tomar em consideração nossa vontade, utilidade ou o ardor de nossos desejos, mas preferir e realizar com liberalidade o que exige o repouso ou a fadiga do visitante.

CAPÍTULO 24

Ao partirmos da Síria para a província do Egito, animados pelo desejo de aí conhecer as máximas dos anciãos, ficamos admirados com a grande cordialidade com que fomos recebidos. Contrariamente ao que nos haviam ensinado nos mosteiros da Palestina, não observavam de modo algum a regra de esperar a hora marcada para a refeição. Com exceção das quartas e sextas-

[22] Cf. CASSIANO, *Conferências* II,19.

-feiras, por toda parte onde íamos, suspendiam o jejum.[23] Um dos anciãos a quem interrogamos sobre esse uso de dispensar com tanta facilidade os jejuns cotidianos, deu-nos a seguinte resposta: "O jejum está sempre comigo; quanto a vós, terei de separar-me logo, pois não poderei retê-los junto a mim para sempre. Além disso, o jejum, embora útil e necessário, é entretanto, a oferenda de um dom voluntário, enquanto que a obra de caridade exige ser cumprida pela obrigação de preceito (cf. Mt 10,40). Assim, recebendo em vossa pessoa o Cristo, devo restaurá-lo. Quando nos houvermos despedido, poderei compensar em particular, por meio de um jejum mais estrito, a humanidade que lhe manifestei em atenção ao Cristo. Com efeito, *os filhos do esposo não podem jejuar enquanto o esposo está com eles*; *quando lhes é tirado* (Mt 9,15), então jejuam licitamente".[24]

CAPÍTULO 25

Um dos anciãos, enquanto me exortava durante a refeição a comer ainda mais um pouco, e eu lhe dizia não poder mais, me retorquiu: "Quanto a mim, já preparei a mesa seis vezes para os diversos irmãos que chegaram; comi com todos eles a fim de encorajá-los e ainda tenho fome. E tu, que comes agora pela primeira vez, dizes não poder mais?"[25]

---

[23] Desde as origens da Igreja, como se vê pela *Doutrina dos Apóstolos*, c. VIII, os cristãos celebravam com jejum e reuniões de oração a quarta e a sexta-feira de cada semana. Essas observâncias substituíam os jejuns devocionais da segunda e quinta-feira em uso entre os fariseus e os judeus fervorosos (cf. *Lc* 18,12: *Jejuo duas vezes por semana*).

[24] Este capítulo passou para as grandes coleções dos apotegmas e expressa a doutrina constante do monaquismo primitivo do Baixo Egito.

[25] Encontra-se com as mesmas palavras nas grandes coleções dos Apotegmas: *Alfabética*, Cassiano 3 e *Sistemática*, XIII,3.

CAPÍTULO 26

Vimos um outro que permanecia em solidão. Confessou jamais se haver permitido comer sozinho. Se durante cinco dias seguidos nenhum irmão viesse à sua cela, adiava perseverantemente sua refeição até o sábado ou o domingo quando se dirigia à igreja para a sinaxe. Encontrava então algum peregrino que trazia para a sua cela. Partilhando então com ele, concedia alimento ao seu corpo, não tanto para satisfazer à própria necessidade, mas por humanidade e em consideração ao irmão.

Portanto, se sabem interromper sem hesitação o jejum cotidiano, à chegada de um irmão, uma vez tendo este partido, compensam por uma maior austeridade a refeição que tomaram por causa deles. Assim, por haver comido um pouco, exigem de si muito duramente uma penitência mais severa, diminuindo não só o pão mas até mesmo o sono.

CAPÍTULO 27

Como o abade João, superior de um grande mosteiro e de uma multidão de irmãos, foi ter com o abade Paésio, que vivia no grande deserto, perguntou-lhe, como a um velho companheiro, o que havia feito durante os quarenta anos nos quais, separado dele, nenhum irmão o havia perturbado, respondeu Paésio: "O sol nunca me viu comer". "Quanto a mim, disse-lhe o abade João, jamais me viu encolerizado".[26]

[26] Cf. *Alfabética*, Cassiano 4 e *Sistemática*, IV,24.

CAPÍTULO 28

Esse mesmo ancião, já prestes a dar o último suspiro, estava muito alegre pensando no regresso à pátria. Os irmãos o cercavam ansiosos, rogando-lhe, suplicantes, que lhes deixasse como herança um mandamento, como um legado testamentário, graças ao qual pudessem chegar mais facilmente, como por um preceito conciso, ao cume da perfeição. O ancião gemendo, lhes disse: "Jamais fiz a minha própria vontade nem ensinei aos outros o que não tivesse eu mesmo antes praticado".[27]

CAPÍTULO 29

Vimos também um ancião de nome Maquetes que morava longe da multidão dos irmãos. Por orações incessantes, obteve do Senhor a graça de nunca adormecer durante as conferências espirituais, fossem elas de dia ou de noite. Porém, se alguém procurasse denegrir outrem ou entabular uma conversa ociosa, imediatamente caía no sono e o veneno da contradição não podia sequer vir manchar-lhe o ouvido.[28]

CAPÍTULO 30

1. Esse mesmo ancião, enquanto nos ensinava não devermos julgar ninguém, acrescentou ter-lhe acontecido contestar ou repreender os irmãos por três coisas: alguns por terem deixado lhes ser

---

[27] Cf. *Alfabética*, Cassiano 5 e *Sistemática*, I,10.

[28] Cf. *Alfabética*, Cassiano 6 (início) e *Sistemática*, XI,18 (início).

retirada a úvula;[29] por terem na cela um manto de lã; por benzerem o óleo para dá-lo aos seculares que o pedissem. Ora, ele próprio reconhecia ter caído nessas três faltas. De fato, disse ele, contraindo a inflamação da úvula, a dor que me causava esgotou-me de tal modo que, constrangido pela intensidade do sofrimento e pelo conselho de todos os anciãos, permiti que me fosse retirada.

2. Essa mesma enfermidade obrigou-me a ter um manto de lã. Quanto a abençoar o óleo e distribuí-lo aos que mo pediam – era o que eu mais abominava pois julgava provir de uma grande presunção do coração – um dia, fui cercado por muitos seculares que me pressionavam de tal forma que não lhes pude escapar de outro modo: à força de severas repreensões, obtiveram que eu traçasse um pequeno sinal da cruz com minha mão, sobre um vaso que me apresentavam. Crendo eles terem assim obtido o óleo da bênção, finalmente me deixaram.

3. Pude então constatar que o monge é escravo dos mesmos vícios e fraquezas que tem a presunção de julgar nos outros. Cada um deve julgar-se a si mesmo, e só a si mesmo, e sempre guardar-se com grande circunspecção e prudência, mas nunca julgar o regime e a vida dos outros, segundo o preceito do Apóstolo: *Mas tu, por que julgas teu irmão? Se ele se mantém firme ou se cai, isso diz respeito a seu senhor* (Rm 14,4). E ainda: *Não julgueis para não serdes julgados; do mesmo modo que julgardes, sereis julgados* (Mt 7,1-2).

[29] Nas regiões pantanosas era comum a inflamação da úvula (popularmente: campainha). Conforme os anciãos, era tratada habitualmente por gargarejos e aplicação de unguentos. Em inflamações mais graves, como é o caso aqui, era preciso fazer uma excisão para restituir à úvula seu tamanho natural (Guy, SCh 109, p. 239).

4. Além do que acabamos de referir, é ainda perigoso julgar os outros pelo seguinte: ignorando a necessidade ou a razão que os constrangeu a fazer o que nos choca e que, aos olhos de Deus, é bom ou perdoável, nós os julgamos temerariamente, cometendo assim o grave pecado de ter a seu respeito sentimentos que não convêm.

CAPÍTULO 31

Esse mesmo ancião nos explicou ser o diabo o inspirador das conversas frívolas e o inimigo declarado das conferências espirituais, da seguinte maneira: tratando com alguns irmãos sobre coisas necessárias e espirituais e vendo-os cair em profundo torpor, sem poder aliviar seus olhos do peso do sono, ele introduziu, subitamente uma história frívola. Vendo que pela sua atração imediatamente os monges despertaram e prestaram ouvidos, disse gemendo: "Até agora falávamos de coisas celestes e vossos olhos ficaram oprimidos por um sono mortal; mas quando foi iniciada uma história fútil todos acordamos, sacudindo o torpor do sono que nos acabrunhava. Graças a isso, compreendei ao menos quem opunha obstáculo à conferência espiritual e insinuou em vossos corações esta conversação estéril e carnal".[30] Assim, percebe-se claramente aquele que se agrada com o mal e não cessa de favorecer a conversa frívola e de combater a que é espiritual e celeste.

[30] Cf. *Alfabética*, Cassiano 6 (no final) e *Sistemática*, XI,18 (no final).

CAPÍTULO 32

1. Creio não ser menos necessário lembrar também o seguinte fato, ocorrido com um irmão cioso em conservar a pureza do coração e muito solícito em atingir a contemplação divina. Como, após quinze anos, lhe tivessem trazido uma quantidade de cartas de seu pai, de sua mãe e de numerosos amigos da sua província do Ponto, tomou o maço de cartas e refletindo longamente consigo mesmo, disse: "Quantos pensamentos essa leitura me sugerirá que me levarão a uma alegria inócua ou a uma tristeza estéril.

2. Quantos dias a lembrança dos que escreveram estas cartas desviará a atenção do meu coração da contemplação que é o seu objetivo. Depois de quanto tempo esta confusão do espírito será eliminada e quanto trabalho será preciso para restabelecer em mim a tranquilidade em que presentemente me encontro, se o espírito, uma vez perturbado pela impressão das cartas, e lembrando-se das palavras e das fisionomias abandonadas há tantos anos, começar a revê-los ainda uma vez, a habitar com eles e a lhes estar presente pela alma e pelo espírito. Na verdade, de nada me serviria tê-los deixado corporalmente se o coração começa a vê-los e aceita novamente reviver em si uma recordação que, qualquer um que tenha renunciado ao mundo, como um morto, já abandonou".

3. Revolvendo tudo isso em seu coração, decidiu não abrir qualquer das cartas e ainda mais, nem sequer deslacrar o pacote por medo de que, repassando em seu espírito os nomes daqueles que lhe tinham escrito ou se lembrando de suas fisionomias isto o fizesse perder a intenção do seu espírito. Lançou, pois, ao fogo o pacote

fechado como o havia recebido para aí ser queimado, exclamando: "Ide, pensamentos de minha pátria, queimai juntamente com tudo isso e não tenteis doravante me lembrar daquilo que fugi!"[31]

CAPÍTULO 33

Conhecemos também o abade Teodoro, homem de suma santidade e ciência, não só na vida ativa,[32] mas também no conhecimento das Escrituras, conhecimento devido não tanto a uma aplicação à leitura ou à literatura do mundo quanto à pureza do coração, visto que não conseguia compreender nem falar senão uma ou outra palavra da língua grega. Certa vez, procurando a explicação de uma questão muito obscura, perseverou em oração infatigavelmente durante sete dias e sete noites até conseguir, por uma revelação do Senhor, a solução desejada.

CAPÍTULO 34

A alguns irmãos, que manifestavam admiração pela luz tão brilhante de sua ciência e o interrogavam sobre o sentido de certos trechos da Escritura, assim respondeu esse ancião:[33] "O monge que deseja atingir o conhecimento das Escrituras não deve jamais se fatigar com os livros dos comentadores, mas antes dirigir toda a força de seu espírito e intenção de seu coração à purificação dos vícios carnais. Estes, uma vez expulsos, o véu das paixões é retirado dos olhos do coração que podem então contemplar como que

[31] É muito provável que o herói dessa história seja Evágrio Pôntico, cuja doutrina teve forte influência sobre Cassiano.

[32] Cf. *Conferências* XIV.

[33] A mesma doutrina é desenvolvida por Evágrio na *Epístola* 8, falsamente atribuída a Basílio.

naturalmente os mistérios das Escrituras. Se permanecem para nós desconhecidos ou obscuros, não é porque a graça do Espírito Santo não no-los ensinou, mas eles assim se tornam por causa de nossas faltas, o véu dos pecados obnubilando os olhos de nosso coração. Tendo estes recuperado sua saúde natural, a leitura das santas Escrituras por si mesma é fartamente suficiente à contemplação da verdadeira ciência. Então não há mais necessidade do ensinamento dos comentadores, assim como os olhos carnais não têm necessidade do ensino de ninguém para ver, desde que a doença não os torne cegos. Por isso é tão grande a diversidade dos erros que nasceram entre eles: a maioria se precipita a interpretar as Escrituras sem se aplicar de modo algum a purificar seu coração e conforme a espessura ou impureza do mesmo, sentem coisas diversas, contrárias à fé e contraditórias entre si e não podem compreender a luz da verdade".

CAPÍTULO 35

Certa vez, sendo eu anacoreta ainda principiante, o mesmo ancião [Teodoro] veio repentinamente à minha cela em plena noite, movido por paternal solicitude, para verificar secretamente o que eu fazia quando sozinho. Encontrou-me – assim que terminei a solenidade vespertina – estendendo-me sobre minha esteira, começando desde então a repousar meu corpo fatigado. Então, suspirando profundamente em seu coração e chamando-me por meu nome, disse-me: "Ó João, quantos a essa hora conversam com Deus e o abraçam interiormente e o retêm! E tu te privas de tão grande luz, vencido por um torpor estéril!"[34]

[34] Cf. *Inst.* II,12,3.

E uma vez que a virtude de nossos Pais e a graça que possuíam me moveram a narrar esses fatos, creio ser necessário lembrar também nesse volume uma obra de caridade de que fomos objeto por parte de um homem excepcional chamado Arquébio, a fim de que a pureza da continência brilhe com maior esplendor unida ao exercício da caridade. Com efeito, é quando culmina em frutos de caridade que a oferenda do jejum é aprovada por Deus (cf. Is 58,6).

CAPÍTULO 36

1. Assim pois, quando vindos dos mosteiros da Palestina para uma cidade do Egito chamada Diolcos,[35] ainda não tínhamos qualquer formação, vimos aí uma multidão considerável de monges admiravelmente formados e vivendo sob a disciplina dos monges cenobitas, nesse excelente gênero de monges que é também o primeiro. Contudo, animados pelos elogios que de todos ouvimos, apressamo-nos, com o coração atentíssimo, para ver um outro gênero, considerado mais excelente, o dos anacoretas. Esses monges permanecem primeiramente por muito tempo nos cenóbios, onde aprendem, segundo a regra, a paciência e a discrição. Quando adquirem a virtude da humildade e do despojamento e estão completamente purificados de seus vícios, penetram nas profundidades secretas do deserto para aí enfrentar o demônio em combates terríveis.[36]

2. Tendo sabido que tais homens habitavam do outro lado do Nilo, numa região cercada de um lado pelo rio, e do outro, pela

[35] Cidade do Baixo Egito, no litoral, no Delta do Nilo (ver mapa p. 318).

[36] Na *Conferência* XIX, Cassiano apresenta uma comparação entre vida cenobítica e vida eremítica.

imensidade do mar, formando assim uma ilha habitável apenas para os monges que procuravam a solidão – pois os sais do solo e a esterilidade da areia tornam o lugar impróprio à cultura – com imenso desejo, apressamo-nos em procurá-los. Ficamos sobremaneira admirados ao ver os trabalhos que suportavam no seu desejo de virtude e por amor à solidão, de tal modo que até a água lhes faltava. Por isso, eles a usavam com uma parcimônia, tal qual um homem frugalíssimo teria para conservar e economizar o vinho mais precioso. Com efeito, para as suas necessidades, eles vão buscá-la no rio, a três milhas ou mais de distância,[37] sendo que o caminho é cortado por dunas de areia, o que redobra a dificuldade do trabalho.

CAPÍTULO 37

Ao vermos os anacoretas, sentimos imediatamente um ardente desejo de imitá-los. Ora, esse Arquébio, que gozava de grande autoridade entre eles, por humanidade, conduziu-nos à sua cela. Logo que percebeu nosso desejo, simulou querer deixar esse lugar e nos ofereceu sua própria cela, afirmando que ia mesmo abandoná-la, e que realizaria esse intento mesmo se nós não tivéssemos chegado. Como era grande nosso desejo de nos fixarmos nesse deserto e, ao mesmo tempo, acreditando piamente nas afirmações desse tão grande homem, tomamos posse com alegria de sua cela, assim como de todo o seu mobiliário e de seus utensílios. Vendo-se bem-sucedido em seu piedoso logro, ele se afastou daquele lugar por alguns dias durante os quais procurou os meios necessários à construção de uma cela. Ao voltar construiu uma outra para si, não sem grande fadiga. Mas, pouco tempo depois, chegaram ou-

[37] Cerca de 4.500 km.

tros irmãos animados do mesmo desejo de permanecer ali. Ele os enganou com a mesma mentira caridosa[38] e lhes abandonou essa nova cela com todo o seu equipamento. Em seguida, perseverando infatigável na obra de caridade, construiu para si uma terceira cela na qual habitou.

CAPÍTULO 38

1. Creio valer a pena recordar ainda uma outra obra de caridade do mesmo homem. Assim o exemplo de um só e mesmo monge instruirá os de nossas regiões a guardarem não só o rigor da continência, mas também uma caridade muito autêntica.

Nascido numa família bem conhecida, desprezou desde a mais tenra idade a afeição do mundo e de seus pais e fugiu para um mosteiro situado a uma distância de mais ou menos quatro milhas da cidade já mencionada [Diolcos]. Durante os cinquenta anos que ali passou não voltou nem uma só vez à sua aldeia natal. Mais ainda, jamais viu o rosto de mulher alguma nem mesmo o de sua própria mãe. Entrementes, veio seu pai a falecer deixando uma dívida de cem soldos.[39] Não precisava preocupar-se com isso, uma vez que renunciara aos bens paternos. Soube, porém, que sua mãe era fortemente atormentada pelos credores.

---

[38] O ensinamento de Cassiano sobre a mentira trouxe muitas dificuldades para seus intérpretes: cf. a *Conferência* XVII e as notas de E. Pichery a sua tradução francesa (SCh 54, pp. 248-284). Um estudo mais sistemático foi realizado por Z. Golinski, "Doctrina Cassiani de mendacio officioso" in *Collectanea theologica societatis theologorum polonorum*,17 (1936) pp. 491-503 (em polonês, com resumo em latim). Para esse autor, a teoria de Cassiano tem origem em Clemente de Alexandria, Orígenes e João Crisóstomo, em oposição à teoria agostiniana. C.Tibiletti apresenta um estudo mais recente in *Pagine monastiche provenzali. Il monachesimo nella Gallia del quinto secolo*, Roma 1990.

[39] O soldo era uma antiga moeda de ouro criada por Constantino em 309; seu uso perdurou no Império Romano do Oriente até o século X.

2. Então, deixando de lado aquele rigor evangélico que quando seus pais estavam numa situação próspera o havia levado a ignorar que tinha pai e mãe na terra, enternecido agora por consideração filial, assumiu ter uma mãe e se apressou a ajudá-la em seu infortúnio, sem, entretanto, diminuir em nada sua austeridade passada. Permanecendo, pois, no recinto do mosteiro, pediu que lhe dessem quantidade de trabalho três vezes maior. E assim, pelo espaço de todo um ano, fatigando-se dia e noite, pagou aos credores a dívida com o suor de seu trabalho, libertando assim sua mãe de todo embaraço e inquietação. Dessa maneira tirou à mãe o fardo da dívida sem, entretanto, tolerar que esse necessário exercício de piedade filial lhe obrigasse a diminuir o rigor de seu propósito. Guardando sua austeridade costumeira, não recusou às entranhas maternas essa obra de piedade filial. Por amor a Cristo, reconheceu novamente como sua mãe aquela que, por causa desse mesmo amor, tinha anteriormente desprezado.

CAPÍTULO 31

1. Veio das regiões da Itália um irmão que nos é muito caro, chamado Simeão, completamente ignorante da língua grega. Um ancião, para dar à caridade que desejava lhe manifestar como a um peregrino a aparência de troca, perguntou-lhe por que permanecia na cela ocioso, conjecturando que a instabilidade gerada pela ociosidade, unida à falta do necessário o impediriam de aí permanecer por muito tempo. Com efeito, sabia bem que só pode suportar os ataques da solidão quem aceita prover sua alimentação com suas próprias mãos.

2. Simeão respondeu não saber e não ser capaz de executar nenhum dos trabalhos que via os irmãos fazerem a não ser o trabalho de copista, e isso somente se houvesse no Egito alguém necessitado de um códice em latim. Então o ancião, tendo encontrado a ocasião de dar a aparência de um negócio ao ato de piedade que desejava realizar, disse-lhe: "Graças a Deus existe essa oportunidade, pois há muito eu procurava alguém que copiasse para mim o Apóstolo em latim. Com efeito, tenho um irmão, comprometido nas obrigações militares, que conhece perfeitamente o latim e ao qual desejo transmitir, para sua edificação, alguma coisa das Santas Escrituras que possa ler".

3. Simeão aceitou esta ocasião com gratidão, como oferecida por Deus. O ancião também acolheu imediatamente, com alegria, o pretexto sob cuja aparência poderia realizar livremente sua obra de piedade. Como salário de um ano, não só lhe forneceu todo o necessário, mas ainda lhe trouxe os pergaminhos e os instrumentos necessários para escrever. Depois de um tempo, recebeu o manuscrito que não lhe seria de qualquer proveito ou utilidade – uma vez que nessa região todos ignoram essa língua – exceto o mérito que adquiriu por meio desse recurso astucioso e da grande despesa que fez. Ao mesmo tempo, o outro, sem ter do que se envergonhar, recebeu como salário de seu esforço e de seu trabalho os alimentos necessários para viver, e ele mesmo realizou essa obra de caridade como se fosse uma dívida sua. Adquiriu para si uma recompensa maior porquanto não se limitou a fornecer ao seu irmão peregrino apenas os víveres necessários, mas igualmente os instrumentos de trabalho e a ocasião para trabalhar.

CAPÍTULO 40

1. Como onde tínhamos a intenção de falar do rigor dos jejuns e da continência, parece que se misturaram com estes temas sentimentos e obras de caridade, voltemos ao nosso propósito, inserindo nesse opúsculo um fato memorável, concernente a crianças que o eram pela idade, não pelo entendimento.

Uns figos extraordinários, como jamais tinham sido vistos antes naquele lugar, foram trazidos de Mareótis, na Líbia,[40] ao abade João, o ecônomo do deserto de Cétia, a quem o bem-aventurado presbítero Pafnúcio tinha confiado o cuidado da administração da mesma igreja. Ele os enviou imediatamente, por intermédio de dois adolescentes, a certo ancião que se achava enfermo no interior do deserto onde habitava a uma distância de dezoito milhas[41] da igreja.

2. Quando os jovens adolescentes se dirigiam com a fruta que lhes fora entregue para a cela do ancião, caiu de repente um espesso nevoeiro e com isso perderam a direção, o que também costuma acontecer aos mais velhos com muita facilidade nessa região. Durante o dia todo, e mesmo durante a noite, vaguearam sem pistas pela imensidão do deserto; não conseguiram encontrar a cela do doente. Finalmente, esgotados tanto pelo cansaço do caminho como pela falta de comida e de bebida, caíram de joelhos e entregaram seu espírito ao Senhor, durante o ofício da oração.

3. Por muito tempo puseram-se os monges à sua procura, seguindo os traços de seus passos que haviam ficado marcados na-

[40] Deserto pantanoso a sudoeste de Alexandria.

[41] Aproximadamente 25 km.

queles lugares arenosos como se estivessem impressos na neve, até que, pelo leve sopro do vento, a areia fina e movediça os cobriu. Foram, enfim, encontrados, com os figos intactos como os tinham recebido. Preferiram antes dar a vida do que trair a missão que lhes fora confiada. Pareceu-lhes melhor perder a vida temporal do que transgredir a ordem do ancião.

CAPÍTULO 41

Vamos citar agora um mandamento salutar do bem-aventurado Macário, para que a palavra de tão grande autoridade termine este livro consagrado aos jejuns e à continência. "O monge, dizia ele,[42] deve entregar-se ao jejum como se tivesse de viver cem anos em seu corpo, mas deve refrear os movimentos da alma, esquecer as injúrias, repelir as tristezas, desprezar as dores e as humilhações como se tivesse de morrer naquele mesmo dia". Pois no primeiro ponto consiste o discernimento útil e prudente: que o monge se conduza sempre com uma austeridade equilibrada que não lhe permita, por causa da fadiga corporal, escorregar pelas encostas escarpadas até precipícios muitíssimo perigosos; e no segundo ponto reside a grandeza da alma que dá a salvação: ser capaz não só de desprezar tudo o que parece próspero nesse mundo presente, mas também não se deixar abater pela adversidade e pelas tristezas, mas antes, considerá-las como coisas desprezíveis e sem nenhum valor, tendo constantemente a atenção de seu espírito fixada, cada dia e a cada momento, no lugar para onde crê que vai ser chamado.[43]

[42] Esta sentença de Macário é citada também por Evágrio, *Tratado Prático* II,29.

[43] É de se notar que esta perspectiva escatológica encerra quase todos os livros da segunda parte (cf. VI,21; VII,30; VIII,22; IX,13; XI,19 e XII,33,2 onde Cassiano diz: Esta consideração corta pela raiz não só o orgulho mas em geral todos os vícios.).

LIVRO SEXTO
Do espírito de fornicação

Guia de leitura

- Cap. 1. Características específicas do combate contra a fornicação.
- Cap. 2. A castidade se adquire, antes de tudo, pela pureza do coração.
- Caps. 3-4. A solidão e a calma contribuem para combater o vício da fornicação.
- Caps. 5-6. Para viver em castidade é imprescindível a ajuda da graça divina.
- Caps. 7-9. Para conservar a castidade é necessário, antes de tudo, uma grande vigilância: comparação com os combates no estádio.
- Caps. 10-11. Os pensamentos diurnos e noturnos.
- Caps. 12-13. Guarda do coração: meio para suprimir as tentações desde o início.
- Cap. 14. Cassiano não pretende fazer o elogio da castidade, "mas explicar conforme os ensinamentos dos Pais qual é sua natureza, como deve ser adquirida e guardada e qual é seu fim".
- Caps. 15-18. O fim da castidade é a santificação; a inabitação do Espírito Santo no coração; a visão de Deus; a ciência espiritual.
- Cap. 19. Uma sentença atribuída a São Basílio.
- Caps. 20-22. A perfeita castidade deve ser corporal e espiritual; poder dar conta a nosso Deus "de tudo o que há em nosso coração como também de nossos atos e obras".
- Cap. 23. Recapitulação.

INDICAÇÕES PRÁTICAS:

- A luta contra a fornicação exige não só a pureza corporal, mas também – e especialmente – espiritual, da alma.
- A humildade e o trabalho manual têm um lugar privilegiado na salvaguarda da castidade.
- Cassiano sublinha a importância do coração, de onde "procede o veneno dessa enfermidade".
- Importância da "solidão" na luta contra a fornicação.
- Notar a distinção que Cassiano estabelece entre continência e castidade.
- Necessidade da graça do Senhor no combate contra os vícios e especialmente contra a fornicação.
- Existe uma relação evidente, segundo Cassiano, entre a gula e a fornicação.

LIVRO SEXTO

DO ESPÍRITO DE FORNICAÇÃO

CAPÍTULO 1

O segundo combate, conforme a tradição que recebemos dos nossos Pais é contra o espírito de fornicação. É mais prolongado que os outros, dura muito tempo e são muito poucos os que conseguem uma vitória total sobre ele. Requer uma guerra encarniçada e ainda que o homem tenha começado a lutar desde o início da sua puberdade, não se acalma antes que os outros vícios tenham sido superados. Trata-se de um duplo combate, pois o inimigo ataca armado com dois vícios semelhantes. Por isso mesmo deve-se resistir a ele em duas frentes de batalha e, assim como adquire força na debilidade tanto do corpo como da alma, do mesmo modo não pode ser vencido senão pelos que lutarem com ambos ao mesmo tempo.[1] Com efeito, o jejum corporal não bastaria para conquistar ou possuir a pureza da castidade perfeita se não tivesse sido precedido pela contrição da alma e uma oração perseverante contra este espírito tão impuro, acompanhada pela contínua meditação das Escrituras. A isso deve unir-se a ciência espiritual, a fadiga e o trabalho manual que reprime e concentra as divagações incessantes do coração. E precipuamente, o fundamento de uma verdadeira humildade, sem a qual jamais se poderá obter o triunfo sobre qualquer vício.

---

[1] Ver a *Conferência* V,4.

CAPÍTULO 2

A correção deste vício depende principalmente da perfeição do coração do qual também sai o veneno desta enfermidade, conforme no-lo ensina a palavra do Senhor: *Do coração*, diz, *saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os roubos, os falsos testemunhos* (Mt 15,19) e tudo o mais. Primeiramente pois, deve-se purificar aquilo donde sabemos manar a vida e a morte, como diz Salomão: *Com todo o cuidado guarda teu coração porque dali brota a vida* (Pr 4,23[LXX]). Com efeito, a carne obedece à vontade e às ordens do coração. Por isso, com muito empenho deve buscar-se a moderação nos jejuns, para não acontecer que a carne, saciada com a abundância de alimento, se oponha aos preceitos saudáveis da alma e rechace com insolência o espírito que a guia. Por outro lado, se pusermos todo nosso esforço em castigar somente o corpo sem que ao mesmo tempo a alma jejue dos outros vícios e não permaneça ocupada na meditação divina e nas coisas espirituais, de modo algum poderemos ascender ao cume muito sublime da verdadeira integridade, àquele que em nós é o que principalmente mancha a pureza de nosso corpo.[2]

Portanto, precisamos purificar primeiramente, segundo a sentença do Senhor, *o que está no interior do copo e do prato para que também fique limpo o que está fora* (cf. Mt 23,26).

CAPÍTULO 3

Além disso, a convivência e o contato cotidiano dos homens ajudam habitualmente a purificação dos outros vícios que são, de

[2] Cf. *Inst.* V,10.

certo modo, curados pela própria dor que produz o pecado.[3] Por exemplo, a ira, a tristeza, a impaciência curadas pela meditação do coração e uma atenção muito vigilante, também são sanadas pelo trato frequente com os irmãos e sua constante provocação: quanto mais amiúde estas perturbações são manifestadas e no-las são reprovadas, tanto mais rapidamente são curadas. Enquanto que este vício, além da mortificação do corpo e da contrição do coração necessita também de solidão e afastamento dos homens para poder dominar a maligna febre das paixões e deste modo chegar ao estado de perfeita saúde. Assim como muitas vezes é conveniente não pôr ante os olhos dos que têm certa enfermidade os alimentos que poderiam fazer-lhes mal, para que ao vê-los não nasça neles o desejo que lhes poderia ser mortal, do mesmo modo, a calma e a solidão são muito úteis para combater especialmente esta debilidade a fim de que o espírito enfermo, não sendo molestado por múltiplas imagens, possa alcançar um olhar contemplativo mais puro e cortar mais facilmente, pela raiz, a causa maligna da concupiscência.

CAPÍTULO 4

1. Não obstante, ninguém deduza do que foi dito que negamos poder encontrar-se na comunidade dos irmãos homens firmes na continência; reconhecemos que isto pode acontecer muito facilmente. Uma coisa é ser continente, isto é, *encratés*, e outra é ser casto[4] e, por assim dizer, passar ao estado de integridade e incorrupção que se chama *hagnón*, virtude que só é concedida aos que permanecem virgens no corpo e no espírito, como se sabe terem

[3] Cf. *Conferências* V,4; XIX,16.

[4] O paralelo entre castidade-continência será mais desenvolvido em *Conferências* XII,10-11.

sido os dois João do Novo Testamento e, no Antigo, também Elias, Jeremias e Daniel. Nesta categoria, certamente serão também considerados os que, depois da experiência da corrupção, chegaram por um grande trabalho e esforço a semelhante estado de pureza na integridade do espírito e do corpo. Estes experimentam o aguilhão da carne não tanto como um ataque da concupiscência desonesta, mas somente como um movimento da natureza.

2. Este estado do qual falamos, muito dificilmente pode ser alcançado em meio à multidão dos homens. Se por acaso é de todo impossível, que cada qual consulte sua consciência e não espere sabê-lo por decisão nossa.

Quanto ao mais não duvidamos que existam muitos homens continentes que suportam a tentação da carne, rara ou cotidianamente e, seja por temor do inferno, seja pelo desejo do reino dos céus, sufocam-na e a dominam. Assim como os anciãos dizem que é possível a tais homens não serem oprimidos totalmente pelos estímulos dos vícios, afirmam também que não poderão estar sempre livres de perturbações e invulneráveis. É inevitável, pois, que quem quer que combata, ainda que frequentemente vença e triunfe do adversário, algumas vezes também seja perturbado por ele.

CAPÍTULO 5

Portanto, se quisermos, com o Apóstolo, combater seriamente como se deve o combate espiritual (cf. 2Tm 4,7), apressemo-nos em vencer com toda a diligência da alma este espírito tão impuro, não confiando em nossas forças, uma vez que isto não o podemos realizar com o empenho humano e sim com o auxílio do

Senhor. Pois é preciso que a alma seja atacada por esse vício durante muito tempo até que reconheça não poder fazer uma guerra acima de suas forças e não poder obter a vitória com a fadiga nem com o próprio esforço, mas somente com a ajuda do Senhor e sustentada por sua proteção.[5]

CAPÍTULO 6

Certamente o progresso em todas as virtudes e a destruição dos vícios se obtém pela graça do Senhor e é dele a vitória. Porém, em relação a esse vício, trata-se de modo particular de um benefício de Deus e de um dom especial concedido aos que merecem possuir a castidade. Assim o atestam manifestamente o ensinamento dos Padres e a própria experiência da purificação. Pois é de algum modo sair da carne, vivendo ainda no corpo,[6] e superar a natureza o fato de não sentir os aguilhões vivendo na fragilidade da carne. Por isso, é impossível para o homem voar, por assim dizer, com suas próprias asas para um prêmio tão elevado e celestial, se a graça do Senhor pelo dom da castidade não o tira do lodo da terra. Por nenhuma outra virtude os homens carnais se assemelham tanto aos anjos espirituais, imitando seu gênero de vida, como pelo mérito e a graça

[5] Cf. *Inst.* XII,9s. A obra de Cassiano contém frequentes advertências sobre a necessidade da graça divina e a incapacidade do esforço humano quando separado dessa mesma graça. É preciso levá-las em consideração para interpretar certas expressões inadequadas da *Conferência* XIII. Uma excelente abordagem do tema da graça em Cassiano encontra-se em C. TIBILETTI, *Pagine monastiche provenzali. Il monachesimo nella Gallia del quinto secolo*, Roma 1990.

[6] *Exire de carne in corpore commorantem.* Esta distinção entre corpo e carne esclarece a concepção de Cassiano sobre o "isangelismo". Este não consiste em deixar nossa condição corporal ou natural (o que seria *contra naturam*, portanto, mau), mas sim em deixar nossa condição carnal ou pecadora. Os próprios anjos têm um corpo sutil (cf. *Conferências* VII,13).

da castidade. Por ela, vivendo, todavia, na terra, têm, segundo o Apóstolo, sua cidadania nos céus (cf. Fl 3,20) e possuem, já aqui, em sua carne frágil, essa cidadania prometida aos santos no futuro, uma vez libertados da corrupção carnal (cf. Mt 22,30).

CAPÍTULO 7

1. Escuta o que diz o Apóstolo: *Todo o que compete na luta se abstém de tudo* (1Cor 9,25). Investiguemos de que *tudo* fala o Apóstolo, para que possamos adquirir a formação no combate espiritual por comparação com o carnal.[7]

Os que se empenham em lutar conforme as regras neste combate visível não têm liberdade para usar de todos os alimentos que seu desejo sensual lhes sugere, mas apenas daqueles que a disciplina desses mesmos certames estabelece. E não só é-lhes necessário abster-se de alimentos proibidos, da embriaguez e da crápula, mas também de toda preguiça, ócio e negligência para poder aumentar sua força mediante exercícios cotidianos e uma constante preparação.

2. Assim, fazem-se estranhos a qualquer solicitude, tristeza e negócios seculares e inclusive ao afeto e dever conjugal; de modo que além do exercício da disciplina tornam-se alheios a tudo o mais e de modo algum se envolvem nas preocupações mundanas. Somente esperam daquele que preside o certame o alimento cotidiano, a glória da coroa e os prêmios que correspondem à vitória. E se conservam tão limpos de toda mancha carnal que, quando se preparam para o combate, a fim de não serem enganados talvez,

[7] Cf. *Inst.* V,12,1s.

durante o sono, por uma ilusão noturna e não se diminuam assim as forças conquistadas durante tanto tempo, cobrem os rins com lâminas de chumbo para que o frio do metal aplicado às partes genitais impeça os humores obscenos. Pois compreendem que serão certamente vencidos e que ao perder as forças já não poderão empreender o certame proposto, se a imagem enganadora do prazer desonesto conseguir corromper a solidez obtida por sua continência.

CAPÍTULO 8

Portanto, se compreendemos a disciplina do combate deste mundo, com cujo exemplo o Apóstolo nos quis instruir, ensinando-nos com que grande atenção, diligência e vigilância nos convém agir, então com que pureza não deveremos guardar a castidade de nosso corpo e de nossa alma, nós que devemos alimentar-nos cada dia com as carnes sacrossantas do Cordeiro,[8] carne que já os preceitos da Antiga lei proibiam qualquer impuro de tocar? Pois no Levítico se prescreve: *Todo homem puro comerá as carnes. Perecerá na presença do Senhor, quem quer que seja que, em estado de impureza comer as carnes do sacrifício salutar que é do Senhor* (Lv 7,19-20[LXX]). Que grande é, pois, o benefício da integridade, sem a qual ainda aqueles que viviam sob o Antigo Testamento não podiam participar dos sacrifícios típicos e sem a qual não podem ser coroados os que desejam conseguir a coroa corruptível deste mundo!

[8] A referência à comunhão eucarística cotidiana pode ser encontrada igualmente em: *Conferências* VII,30; IX,21; XIV,8.

CAPÍTULO 9

Por isso, com toda vigilância deve-se purificar primeiramente o mais recôndito de nosso coração. Pois o que os outros desejam alcançar na pureza do corpo, nós queremos possuí-lo também no secreto de nossa consciência, na qual está presente o Senhor como árbitro e presidente[9] que vigia constantemente o desenrolar de nossa luta. Assim não toleraremos que por um pensamento imprudente cresça em nosso interior aquilo que temos terror em admitir em público, e não nos mancharemos por uma cumplicidade oculta com aquilo que nos envergonharia se outras pessoas o soubessem. Porque o que pode escapar ao conhecimento dos homens não poderá esconder-se à ciência dos santos anjos e do próprio Deus onipotente ao qual não escapa nenhum segredo.

CAPÍTULO 10

Sinal evidente e prova perfeita desta pureza será o fato de que nenhuma imagem nos perturbe quando estamos em repouso e distendidos no sono, ou pelo menos, se chegasse a irromper, que ela não possa excitar qualquer movimento de concupiscência. Com efeito, ainda que tal movimento de modo algum possa ser considerado como um verdadeiro pecado, contudo quando a ilusão se produz mediante imagens enganosas, isso é indício de uma alma ainda imperfeita e manifestação de que ainda não foi totalmente purificada do vício.

---

[9] Cf. *Conferências* VII,20: "Cristo, que preside aos nossos combates, como o mais clemente dos árbitros e dos juízes dos jogos".

CAPÍTULO 11

Pois a qualidade dos pensamentos, guardados com menor solicitude durante o dia por causa das distrações, é provada no descanso noturno. Por isso, quando sobrevém uma tentação desse gênero, essa falta não deve ser atribuída ao sono, mas à negligência do tempo precedente. É a manifestação da enfermidade oculta interiormente, que não foi dada à luz pela hora da noite, porém, estando latente nas fibras íntimas da alma, aparece na superfície durante o descanso do sono, revelando a febre oculta das paixões que contraímos durante todo o dia, ao alimentar-nos com maus pensamentos. O mesmo acontece com as enfermidades do corpo: não costumam ser contraídas no momento em que se manifestam, mas foram contraídas anteriormente por negligência, ao alimentar-nos imprudentemente com manjares prejudiciais que provocam humores malsãos e mortais.

CAPÍTULO 12

Por esta razão, Deus, o Criador e Autor do gênero humano, conhecendo melhor do que ninguém a natureza de sua obra e a maneira de corrigi-la, aplicou o medicamento onde sabia que estava a causa principal da enfermidade, dizendo: *Todo o que olha para uma mulher desejando-a, já cometeu adultério com ela em seu coração* (Mt 5,28). Ao condenar os olhos luxuriosos, acusa não tanto a eles como ao sentido interior que, para ver, se serve mal dos olhos. Porque o coração que olha com mau desejo está doente e ferido pelo aguilhão da sensualidade; distorce por seu vício o dom do olhar, concedido por seu Criador, para pô-lo a serviço de obras

más e, por ocasião de um espetáculo, faz aparecer o mal da concupiscência que estava oculto em si mesmo.

Por isso é prescrito um mandamento salutar ao que, por seu vício, abre as portas à sua péssima doença por ocasião de um olhar. Pois não é dito: "Guarda teus olhos com toda vigilância". Estes deveriam certamente ser guardados se deles nascesse o afeto da concupiscência – pois os olhos fazem tão somente proporcionar à alma o simples serviço da visão – porém, diz: *Guarda teu coração com toda vigilância* (Pr 4,23[LXX]), impondo o remédio, principalmente ao que, em qualquer lugar, pode fazer mau uso do serviço que os olhos lhe prestam.

CAPÍTULO 13

1. Este será, portanto, o primeiro cuidado para purificar o coração: quando o demônio, com astúcia, mediante uma sutil sugestão, tiver insinuado em nosso coração a recordação da mulher, começando pela de nossa mãe, nossas irmãs ou nossas parentas ou certas mulheres piedosas, apressemo-nos em arrancá-las o mais rapidamente possível de nosso interior, não aconteça que – se nos demorarmos muito nessa recordação – o tentador se aproveite para orientar sutilmente nosso espírito para outras mulheres e assim introduzir os maus pensamentos em nós. Por isso, devemos recordar continuamente o preceito: *Guarda teu coração com toda vigilância* (Pr 4,23[LXX]). E conforme o principal mandamento de Deus, observar com toda solicitude a cabeça daninha da serpente, isto é, o começo dos maus pensamentos pelos quais o diabo tenta introduzir-se em nossa alma. Não permitamos, por negligência, que penetre em nosso coração o resto de seu corpo, quer dizer, o consentimento

da tentação; é indubitável que se chegar a entrar, matará com sua mordida virulenta nosso espírito que tornou seu escravo.

2. Da mesma maneira é necessário fazer morrer *desde a manhã* de seu nascimento *os pecadores* que surgem de nossa *terra* (Sl 100[101],8), isto é, os sentidos carnais, e enquanto ainda são pequenos, *esmagar os filhinhos de Babilônia contra as pedras* (Sl 136[137]). Porque se não os fizermos morrer desde sua mais tenra infância, ao se tornarem adultos por nossa cumplicidade, vão se levantar mais fortes para nossa perdição e certamente não serão vencidos senão à custa de grandes gemidos e fadigas.

Quando *o forte*, isto é, nosso espírito, *armado guarda sua casa*, fortificando o mais íntimo de seu coração com o temor de Deus, *todos os seus bens permanecerão em paz* (Lc 11,21), ou seja, o fruto de suas fadigas e virtudes adquiridas há muito tempo. *Mas se vem um mais forte e o vence*, isto é, o diabo, quando o faz consentir nesses pensamentos, destrói *as armas nas quais confiava*, isto é, a recordação das Escrituras e o temor de Deus, *e reparte seus despojos* (Lc 11,22), distribuindo como uma presa os méritos de suas virtudes entre os vícios que lhes são opostos.

CAPÍTULO 14

Omitirei tudo o que se acha nas Santas Escrituras sobre o louvor desta virtude, pois não é meu propósito fazer o elogio da castidade, mas explicar, conforme os ensinamentos dos Pais, qual é sua natureza, como deve ser adquirida e guardada e qual o seu fim. Citarei somente uma expressão do Apóstolo na qual, escrevendo aos tessalonicenses, manifesta de que maneira prefere aquela vir-

tude a todas as demais, ao recomendá-la com tão nobre linguagem.

CAPÍTULO 15

1. *Esta é*, diz, *a vontade de Deus, vossa santificação* (1Ts 4,3). E para que talvez não seja para nós duvidoso ou obscuro o que quis chamar *santificação*, ou seja, se se trata da justiça ou da caridade, da humildade ou da paciência – uma vez que em todas essas virtudes cremos que se adquire a santificação – prossegue e expressa claramente o que quer chamar propriamente *santificação*: *Esta é a vontade de Deus, vossa santificação, que vos abstenhais* – diz – *da fornicação, que cada um saiba possuir seu vaso com santidade e honra, não dominado por uma paixão desenfreada como os gentios que não conhecem a Deus* (1Ts 4,3-5). Vejam com que louvores a acompanha, chamando-a "honra do vaso", isto é, de nosso corpo, e "santificação". Pelo contrário o que está dominado pela paixão do mau desejo, permanece na desonra e na impureza e se torna alheio à santificação.

2. Em terceiro lugar, pouco depois chama-a "santidade": *Pois Deus não nos chamou à impureza, mas à santidade. Portanto, o que despreza isto não despreza um homem mas a Deus que nos fez também o dom de seu Espírito Santo* (1Ts 4,7s). Reforça seu preceito com uma autoridade inviolável, dizendo: *O que despreza isto*, quer dizer, o que disse mais acima, *não despreza um homem*, isto é, a mim que dou este preceito, *mas a Deus que fala em mim* (2Cor 13,3), o mesmo que fez de nosso coração uma morada para seu Espírito Santo (cf. Ef 2,22).

Percebes com que simples e puras palavras, com que elogios

e com que grandes louvores enaltece a castidade; em primeiro lugar atribui a esta virtude a santificação em sentido próprio, em seguida, afirma que por ela o vaso de nosso corpo deve ser libertado da impureza, e em terceiro lugar, que uma vez rechaçadas a vergonha e o opróbrio, deve permanecer na honra e na santificação. Por último, e isto é a máxima recompensa e a perfeita felicidade, afirma que por ela o Espírito Santo habitará em nosso coração.

CAPÍTULO 16

E como chegamos ao final do capítulo, além do testemunho prometido apresentarei outro do mesmo Apóstolo, semelhante a este. Escrevendo aos hebreus, diz: *Busquem com empenho a paz com todos e a santidade sem a qual ninguém verá a Deus* (Hb 12,14). Afirmou claramente que não se pode ver a Deus sem a santidade à qual costuma chamar integridade do espírito e pureza do corpo. Também acrescenta, desenvolvendo o mesmo sentido: *Que não haja nenhum fornicador ou impuro como Esaú* (Hb 12,16).

CAPÍTULO 17

Portanto, quanto mais sublime e celeste é o prêmio da castidade, tanto mais é atacada por graves insídias dos adversários. Por isso devemos aplicar-nos com maior ardor não só à continência do corpo como também à contrição do coração, com os constantes gemidos de nossas súplicas para que a fornalha de nossa carne que o rei de Babilônia não cessa de atiçar (cf. Dn 3) com os incentivos das sugestões carnais seja extinta pelo orvalho do Espírito Santo que desce aos nossos corações.

CAPÍTULO 18

Assim como afirmam os anciãos que não se pode possuir esta virtude se não forem colocados primeiramente no coração os fundamentos da humildade, declaram também que não se pode chegar à fonte da verdadeira ciência enquanto a raiz deste vício estiver implantada no fundo de nossa alma. É possível certamente encontrar a integridade sem a graça da ciência, mas é impossível possuir a ciência espiritual sem a castidade perfeita.[10] Os dons são diversos e a mesma graça do Espírito Santo não é concedida a todos, mas é oferecida a cada um conforme se torne dela digno e apto, mediante seu empenho e diligência. Finalmente, ainda que se julgue que em todos os santos apóstolos a virtude da integridade foi perfeita, todavia Paulo possuiu o dom da ciência com maior abundância porque se tornou apto a recebê-la graças a seu empenho e esforço tenaz.

CAPÍTULO 19

Citam esta severa sentença de S. Basílio, bispo de Cesareia: "Não conheço mulher", disse, "todavia não sou virgem".[11] Compreendeu muito bem que a incorrupção da carne não consiste em privar-se de mulher, mas na integridade do coração que guarda perpetuamente incorrupta a santidade do corpo pelo temor de Deus ou por amor à castidade.

---

[10] Cf. *Inst.* V,33: o abade Teodoro adquiriu a ciência espiritual pela pureza do coração. A *Conferência* XIV será dedicada à ciência espiritual (ver sobretudo os capítulos 14-16).

[11] Segundo D. Jean Gribomont, especialista em S. Basílio, é impossível identificar esta sentença no estado atual da obra basiliana.

CAPÍTULO 20

Portanto, esta é a perfeição da integridade e sua prova definitiva: que nenhuma perturbação voluptuosa se insinue enquanto descansamos e que não estejamos conscientes das poluções a que a natureza nos obriga. Porque se está acima da natureza evitá-las completamente e para sempre, assim também é próprio de uma virtude muito grande reduzir a necessidade da natureza a casos inevitáveis e muito raros, necessidade que costuma afetar os monges a cada dois meses. Não obstante, isto o dizemos conforme nossa experiência e não segundo a opinião dos anciãos que consideram sobremaneira curta a trégua do tempo mencionado, porque se quiséssemos expor exatamente o que deles recebemos, talvez os que por sua negligência ou por um esforço menos intenso têm menos experiência desta pureza pensem que escrevemos coisas incríveis ou impossíveis.[12]

CAPÍTULO 21

Poderemos permanecer neste estado e não ultrapassar nunca a medida natural e o tempo fixado mais acima, se considerarmos que Deus examina e conhece não só nossos atos secretos como também todos os nossos pensamentos, tanto de dia como de noite, e se crermos que temos de prestar contas a ele de tudo o que há em nosso coração como também de nossos atos e obras.[13]

---

[12] Cf. *Inst.* VI,10; *Conferências* XII, 7-8; XXII,3-6.

[13] Cf. *Inst.* V,41.

CAPÍTULO 22

Temos de apressar-nos pois, até aí chegar; e para isso temos de lutar contra os movimentos da alma e os incentivos da carne, até que a condição carnal satisfaça a necessidade da natureza sem suscitar a voluptuosidade, arremessando a exuberância dos humores sem nenhum desejo ardente nem culpa e sem suscitar um combate pela castidade. Quanto ao mais, enquanto durante o sono a alma for enganada com a visão de imagens, saiba que não está ainda totalmente purificada e não alcançou a castidade íntegra e perfeita.

CAPÍTULO 23

Portanto, para que estas ilusões não nos possam surpreender enquanto dormimos, devemos observar sempre um jejum igual e moderado. Quem quer que ultrapasse a medida da austeridade, vai se exceder fatalmente na medida do descanso. Quem está sujeito a estes altos e baixos sem dúvida se verá impedido de alcançar este estado aprazível de tranquilidade; vai se encontrar abatido por grande esgotamento, ou então, relaxado por uma comida demasiado abundante.[14] Com a mudança de nossa alimentação é inevitável que mude também a qualidade de nossa pureza. Daí por diante é necessário aplicar-se sem interrupção à humildade e à paciência de coração e precaver-se cuidadosamente durante todo o dia contra a ira e as outras paixões. Onde o vírus da ira está arraigado é inevitável que também penetre o incêndio da concupiscência.[15] Antes

[14] A uniformidade no regime alimentar é uma prática fundamental, evocada com frequência por Cassiano: cf. *Inst.* V,9; *Conferências* II,16.22; XXI,21-22.

[15] Sobre a interação dos vícios e virtudes, cf. *Inst.* V,10-11 e *Conferência* V.

de tudo é necessária uma grande vigilância durante a noite. Pois assim como a pureza e a vigilância durante o dia preparam a castidade durante a noite, assim também as vigílias noturnas fortalecem em grande modo o coração e lhe proporcionam vigor para observar a castidade durante o dia.[16]

[16] Cf. *Inst.* II,13,1-2; III,5,1.

LIVRO SÉTIMO

Do espírito de avareza

Guia de leitura

- Caps. 1-2. Definição e características principais da avareza.
- Caps. 3-6. Um parêntesis: a natureza humana diante dos vícios.
- Cap. 6. Gravidade da avareza: é a raiz de todos os males.
- Cap. 7. Mecanismo da tentação da avareza: conduz ao culto dos ídolos.
- Cap.8. Provoca a perda da virtude.
- Caps. 9-10. Vai dar no abandono do mosteiro.
- Cap. 11. Termina no precipício dos vícios.
- Cap. 12. Exemplo de um monge avaro.
- Cap.13. Necessidade de aprender os remédios e as causas dos vícios.
- Cap. 14. As três formas de avareza.
- Cap. 15. É necessário saber que, ao abraçar a vida monástica, o monge se compromete a lutar contra os vícios.
- Caps. 16-17. Correta interpretação do texto que diz: *É melhor dar que receber* (At 20,35).
- Cap. 18. Abraçar sinceramente a regra de vida do mosteiro, renunciando verdadeiramente a este mundo.
- Cap. 19. Sentença de São Basílio, reprovando a falta de uma total renúncia aos bens.
- Cap. 20. Não é difícil combater a avareza se for detida no início.
- Caps. 21-22. Para vencê-la é necessário praticar o desprendimento: renunciar a qualquer posse por insignificante que seja, inclusive ao próprio desejo de possuir.

- Caps. 23-26. Exemplos, tomados da Sagrada Escritura, dos extravios provocados pela avareza: Judas, Ananias e Safira, Giezi.
- Cap. 27. "Renunciou a todos os bens do mundo quem cortou pela raiz o desejo de possuí-los".
- Caps. 28-29. É possível manter a virtude do desprendimento se estivermos contentes com o que recebemos no mosteiro.
- Cap. 30. Viver aguardando a vinda do Senhor.
- Cap. 31. Será possível perseverar nessa conduta se estiverem solidamente enraizadas as virtudes da paciência e da humildade.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Levar em conta que a avareza não é um vício que provém "da natureza", mas que procede "do exterior".
- Porém, não é menos grave por ser alheio à natureza do homem. Ao contrário, a avareza é "uma doença" muito perigosa.
- Ler com atenção e sem prejulgamentos o que diz Cassiano sobre a vontade humana e suas possibilidades de fazer o bem.
- Notar, no capítulo 14, as três manifestações da avareza na vida monástica.
- A avareza é uma doença que pode inclusive atacar a quem não tem riquezas, por isso deve ser arrancada pela raiz.
- Não se pode permitir "que resida em nosso coração a menor brasa de riqueza, convencidos de que logo perderemos o poder de extingui-la se tivermos fomentado em nós mesmos a menor chama desta matéria".

LIVRO SÉTIMO

DO ESPÍRITO DE AVAREZA

CAPÍTULO 1

Nosso terceiro combate é contra a "*filargyria*", ou seja, a avareza ou o amor ao dinheiro. Guerra externa, estranha à nossa natureza.[17] No monge, não tem outro princípio senão a ociosidade de um espírito corrompido e torpe. Com frequência tem por causa uma imperfeita *renúncia ao mundo* e a tibieza no amor a Deus. Os outros vícios parecem inseridos na natureza humana e nela encontram o que os faz crescer e lhe serem como congênitos; visceralmente unidos à nossa carne e quase contemporâneos ao seu nascimento, precedem o discernimento do bem e do mal. Muito embora tenham aprisionado o homem desde o início, chega-se a vencê-los após longos esforços.

CAPÍTULO 2

Esta enfermidade, ao contrário, só acomete a alma depois de algum tempo, vinda do exterior. E assim como se pode mais facilmente precaver-se contra ela e rechaçá-la, da mesma forma, se por negligência a tivermos deixado penetrar uma vez no coração, converte-se na mais perigosa de todas e a mais difícil de repelir. Pois se

[17] Cf. *Conferências* V,8. Neste capítulo a expressão "extra naturam" é usada três vezes para distinguir a avareza de outros vícios que, como a cólera, "encontra sua origem em nós mesmos".

torna *a raiz de todos os males* (1Tm 6,10), produzindo inumeráveis rebentos dos outros vícios.

CAPÍTULO 3

1. Por acaso não podemos observar, por exemplo, os primeiros movimentos da carne não só entre as crianças ainda na idade da inocência e que não têm o discernimento do bem e do mal, mas até mesmo entre os pequeninos e aqueles que ainda mamam? Sem terem o menor princípio de concupiscência, dão testemunho, entretanto, de que esses movimentos estão naturalmente impressos em sua carne. Da mesma forma, acontece-nos observar mesmo nas criancinhas, ímpetos violentos de raiva. Antes de terem uma ideia do que seja a virtude da paciência, não as vemos ficarem perturbadas com as injúrias e sensibilizarem-se até mesmo com as palavras de reprovação que lhes dizemos, ainda que gracejando? E por vezes, ainda que lhes faltem as forças, todavia não lhes falta o desejo de vingança que a cólera lhes inspira.

2. Não digo isso para afirmar que a natureza seja culpável em sua condição original,[18] porém, para demonstrar que dentre es-

[18] Embora reconhecendo que a natureza humana foi ferida pelo pecado original e necessita do auxílio divino (cf. *Conf.* XVIII,16), de boa vontade Cassiano acentua igualmente toda a capacidade que ainda nela permanece de fazer o bem (cf. *Conf.* XIII,12). Tal "otimismo" é uma das razões fundamentais de sua oposição a Santo Agostinho (cf. A. HOCH, *Lehre des J. Cassianus von Natur und Gnade. Ein Beitrag zur Geschichte des Gnadenstreites im 5. Jahrhundert*, Fribourg i. Br. 1895, pp. 50-69; e L. WRZOL, Die Psychologie des J. Cassianus, in *Divus Thomas*, 2ª série, 7, 1920, pp. 81-96). Ver *Inst.* XII,9-18 e a *Conferência* XIII. A. KEMMER demonstra muito bem que Cassiano utiliza o conceito de natureza dos Padres gregos o qual é muito diferente daquele que Santo Agostinho impôs à teologia ocidental (*Charisma Maximum. Untersuchung zu Cassians Volkommenheitslehre und seine Stellung zum Messalianismus*, Louvain 1938, pp. 28-38). Cf. C. TIBILETTI, *Pagine monastiche provenzali. Il monachesimo nella Gallia del quinto secolo*, Roma 1990.

ses movimentos que sentimos, uns foram enxertados em nós para nossa utilidade, enquanto que outros se introduzem em nós, vindos de fora por nossa negligência e por um mau uso de nossa vontade. Com efeito, esses movimentos carnais sobre os quais acabamos de falar são utilmente enxertados em nossa natureza pela providência do Criador, a fim de incitar os homens a propagar uma descendência, mas não para se entregar à devassidão e ao adultério que também a autoridade da Lei condena.

3. Por acaso não consideraremos muito proveitosos os acessos de cólera pelos quais, indignando-nos contra nossos vícios e erros, aplicamo-nos de preferência às virtudes e aos exercícios espirituais, manifestando um perfeito amor a Deus e paciência para com nossos irmãos? Sabemos também quão útil é a tristeza que, quando muda de objeto, é contada entre os vícios: muito necessária quando é segundo o temor de Deus, mas absolutamente perniciosa quando segundo o mundo. É o que ensina o Apóstolo, dizendo: *A tristeza segundo Deus, produz uma penitência estável e salutar que leva à salvação, enquanto a tristeza conforme o mundo produz a morte* (2Cor 7,10).

CAPÍTULO 4

Portanto, ao dizer que esses movimentos foram postos em nós pelo Criador não queremos considerá-lo culpável quando, com malícia, preferimos fazer mal uso deles e desviá-los para usos nocivos, ou quando nos entristecemos pelos ganhos infrutuosos deste mundo e não por causa de uma penitência salutar e a correção de nossos vícios, ou então, quando nos irritamos não contra nós

mesmos para nosso proveito, mas contra nossos irmãos apesar da proibição do Senhor (cf. Mt 5,22). Se alguém quer utilizar para matar inocentes, um objeto de ferro que lhe foi dado para realizar um serviço necessário e útil, ninguém vai reprovar o fabricante se o outro utilizou para fazer o mal aquilo que ele mesmo lhe tinha dado como instrumento apto e necessário para viver bem.

CAPÍTULO 5

Dissemos, entretanto, que certos vícios crescem sem qualquer motivação natural precedente, mas apenas pela decisão de uma vontade corrompida e má, como acontece com a inveja e também com a *filargyria* [avareza]: como não têm qualquer princípio em nós por instinto natural, é do exterior que as contraímos. Todavia, se por um lado é fácil precaver-se e evitá-las, por outro, uma vez tendo entrado na alma e dela tomado posse, tornam-na infeliz e não lhe permitem, senão com grande dificuldade, conseguir os remédios que lhe restituiriam a saúde; e isto porque aqueles que foram atingidos por essas enfermidades poderiam sem dificuldade tê-las evitado, ignorado ou vencido e se tornam assim indignos de uma cura rápida. Pode também acontecer terem eles colocado o edifício das virtudes sobre um mau fundamento, não merecendo por isso receber o cume da perfeição.

CAPÍTULO 6

Que ninguém tenha, pois, desdém ou desprezo por essa moléstia [da avareza], pois se é fácil evitá-la, aquele de quem ela se apodera apenas com grande esforço conseguirá a cura. Ela é o re-

ceptáculo dos vícios e a raiz de todos os males; converte-se no foco de uma maldade da qual ninguém consegue se desembaraçar. Como diz o Apóstolo: *A "filargyria", ou seja, o amor ao dinheiro, é a raiz de todos os males* (1Tm 6,10).

CAPÍTULO 7

1. Quando esta doença tomou posse da alma de um monge relaxado e tíbio, primeiramente o tenta com uma soma insignificante de dinheiro, apresentando-lhe motivos aparentemente justos e razoáveis pelos quais deve reservar ou procurar um pouco de dinheiro para si. E assim o leva a queixar-se do que o mosteiro lhe proporciona, alegando não ser suficiente e que apenas pode tolerá-lo um corpo são e robusto. Que fazer, se surgir uma doença e não houver um pequeno pecúlio guardado para prover seu sustento? É muito pouco o que fornece o mosteiro e muito grande a negligência para com os doentes.

2. Se não tiver recursos próprios para atender ao cuidado do corpo, só lhe restará morrer na miséria. Tampouco são suficientes as vestes fornecidas e é preciso providenciar como adquirir outras. Enfim, não se pode ficar por muito tempo na mesma região ou no mesmo mosteiro, porém, se não tiver reservado algum viático para as despesas da viagem e de navio não poderá mudar de lugar quando quiser: será constrangido, por sua falta de recursos, a suportar continuamente, sem qualquer proveito, uma existência miserável e laboriosa; ser-lhe-á preciso permanecer sempre sem recursos, despojado de tudo e ser ajudado pelos bens de outros que não deixarão de lho reprovar.

3. Uma vez enredado o espírito do monge em tais pensamentos, excogita buscando o modo de conseguir ao menos um denário. Pensa, em seguida, encontrar um trabalho particular que possa fazer sem que seu abade o saiba. Vende-o secretamente, e uma vez de posse do dinheiro que tanto cobiçava, trabalha com afã, mais enérgica e veementemente pensando como duplicá-lo. Não sabe onde guardá-lo e a quem confiá-lo. Atormenta-se em seguida pensando o que poderá comprar com ele e como poderá fazê-lo render. Se é bem-sucedido em seus planos, sua sede de ouro torna-se mais intensa e cresce na proporção do ganho que põe de lado: ao aumentar a riqueza, cresce a intensidade de sua avidez.

4. A esta altura, promete a si mesmo uma vida longa, uma velhice encurvada, inumeráveis enfermidades impossíveis de suportar nessa idade se não reservou a tempo, enquanto era ainda jovem, uma soma considerável de dinheiro.

Assim, a infeliz alma do monge está, de agora em diante, presa nos laços da serpente. Quer aumentar os bens mal adquiridos com uma inquietude ainda pior e gera em si mesma essa peste que o consome cruelmente. Possuído totalmente pelo pensamento do ganho, a atenção de seu coração só se orienta para os meios de procurar dinheiro, mediante o qual possa escapar o mais rapidamente possível à disciplina do mosteiro, deixando de lado toda fidelidade, apenas surja uma esperança de obter dinheiro.

5. Com esse fim, não recua diante de qualquer mentira, perjúrio, roubo; não teme faltar à palavra dada nem deixar-se levar por um perigoso acesso de cólera se, por culpa de alguém, se vê

frustrado na esperança de algum lucro. Não sabe mais o que sejam a humildade e a honestidade. Em suma, assim como para outros o ventre é o principal, para ele o ouro e o atrativo do lucro tomam o lugar de Deus. Por essa razão, o bem-aventurado Apóstolo, prevendo o perigoso veneno desta enfermidade, não se contentou em chamá-la *a raiz de todos os males* (1Tm 6,10), mas também disse ser ela uma verdadeira idolatria: *E a avareza* – que se diz em grego *filargyria – que é um culto dos ídolos* (Cl 3,5).

6. Vês, portanto, a que tremenda queda conduz progressivamente esta paixão furiosa que o Apóstolo chama *culto dos ídolos* ou dos simulacros; porque uma vez deixada de lado a figura e imagem de Deus – que deveria ter conservado imaculada em si mesmo, prestando-lhe culto – prefere amar o ouro, marcado com a efígie dos homens e não com a de Deus.

CAPÍTULO 8

Progredindo nas quedas e avançando para o mal, não se esforça por conservar, não digo apenas a menor realidade, mas a menor sombra das virtudes da humildade, da caridade e da obediência; indigna-se a propósito de tudo, qualquer trabalho é para ele motivo de murmuração e de queixas. Sem respeitar ninguém, como um cavalo indomável, corre para o precipício sem que possa ser freado. Não satisfeito com o alimento cotidiano e a veste comum, afirma que não vai tolerar por muito tempo estas coisas. Proclama que Deus não está unicamente neste mosteiro e que sua salvação não está limitada só a esse lugar. Lamenta-se amargamente de correr o risco de morrer logo se não sair prontamente dali.

CAPÍTULO 9

1. Aliás, tendo como viático de sua instabilidade o dinheiro que lhe permitiu fabricar para si uma espécie de asas, preparado para voar, replica com insolência a tudo o que lhe é ordenado. Comportando-se como um peregrino ou estrangeiro, negligencia e despreza tudo o que reconhece dever corrigir em si.

2. Embora tenha guardado dinheiro às ocultas, queixa-se, no entanto, de não ter sapatos nem roupas e fica indignado pela demora no seu fornecimento. Se por acaso fica sabendo que, por ordem do ancião, alguma dessas coisas foi dada prioritariamente a um irmão a quem tudo falta realmente, inflama-se com a maior cólera e se julga desprezado como se fosse um estrangeiro. Descontente de entregar-se a qualquer trabalho, critica tudo o que a utilidade do mosteiro exige que se faça. Procura depois, tenazmente, ocasiões para ser ofendido e se encolerizar, de modo a não parecer que deixa a disciplina do mosteiro levianamente.

3. Todavia, como não se contenta em partir sozinho a fim de não dar a crer que saiu por culpa própria, não cessa de corromper quantos pode com murmurações secretas. E se o rigor da estação impede sua viagem tanto por terra como por mar, espera durante o tempo todo com o coração ansioso e inquieto. Incessantemente suscita e alimenta a tristeza, crendo que não poderá encontrar qualquer outra desculpa para sua partida e leviandade senão a desonra do mosteiro.

CAPÍTULO 10

Cada vez mais se inflama sua paixão pelo dinheiro, cuja posse não permite jamais ao monge permanecer no mosteiro e viver sob a instituição da regra. Como faria uma fera selvagem, esta paixão o separa do rebanho, e deixando-o sozinho, privado da vida comum, faz dele uma presa invejável e fácil para se devorar. Aquele que outrora recusava realizar os leves trabalhos do mosteiro, é constrangido, pela esperança do lucro, a trabalhar infatigavelmente, dia e noite. Ela não lhe permite mais observar a celebração das orações, a medida dos jejuns, a regra das vigílias, nem cumprir as tarefas que constituiriam um honesto descanso. Já não pode senão satisfazer a febre da avareza e atender às necessidades cotidianas, acendendo assim o fogo da cobiça que pensa extinguir pela posse das riquezas.

CAPÍTULO 11

Alguns, ao resvalar por esse abrupto precipício, são conduzidos irremediavelmente à perdição, e insatisfeitos de possuir sozinhos as riquezas que nunca tiveram antes, ou que reservaram para si começando mal, procuram coabitar com mulheres para que estas guardem os bens que ilegalmente acumularam e conservaram. Envolvidos em inumeráveis ocupações nocivas e perniciosas caem até o fundo do inferno por não haverem querido obedecer à palavra do Apóstolo: *Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso* (1Tm 6,8), com as coisas que a frugalidade do mosteiro oferece; *mas os que querem se enriquecer caem na tentação e na cilada do diabo, e em muitos desejos inúteis e perniciosos, que*

submergem os homens na morte e na perdição. Porque a cupidez – isto é, a "*filargyria*" – *é a raiz de todos os males; e alguns, ao apetecê-la, afastaram-se da fé, e a si mesmos afligiram com múltiplos tormentos* (1Tm 6,9-10).

CAPÍTULO 12

Conheci alguém que se pretende monge, e o que é pior, gaba-se de ser perfeito. Quando foi recebido no mosteiro, seu abade exortou-o a não volver aos bens aos quais havia renunciado, a se libertar da avareza, raiz de todos os males, e dos laços terrenos. Deveria purificar-se de suas antigas paixões, pois visivelmente o atormentavam, deveria desistir dessa preocupação de adquirir bens que não possuía antes, pois uma vez preso por essas cadeias, de modo algum poderia chegar à purificação de seus vícios. Então, o outro não hesitou em lhe responder com impertinência: "Se tu tens com que manter a muitos, por que me proíbes de possuir o mesmo?"

CAPÍTULO 13

Que ninguém julgue isto supérfluo ou importuno. Com efeito, se não expusermos primeiramente as formas variadas de uma doença, se não inventariarmos sua origem e suas causas, não poderemos aplicar aos doentes o tratamento adequado, nem permitir aos sãos conservarem-se com boa saúde. Por isso, os anciãos – que têm uma grande experiência de inumeráveis quedas e derrotas – costumam expor estas e muitas outras coisas nas suas conferências, em particular para a instrução dos jovens. Muitas vezes, reconhecendo em nós mesmos muitas destas coisas quando os anciãos as expu-

nham e as manifestavam como se eles mesmos estivessem perturbados por elas, éramos curados, sem ficar confusos e envergonhados. Aprendíamos ao mesmo tempo as causas e os remédios dos vícios que nos atormentavam sem precisar dizer nada.[19] Omitimos ou passamos sob silêncio essas coisas, não por temermos o conjunto da fraternidade, mas porque talvez este livro, ao cair em mãos daqueles que parecem estar menos formados neste gênero de vida, revele aos que não têm experiência o que deve ser conhecido tão somente dos que despendem todas as suas forças apressando-se para chegar ao cume da perfeição.[20]

CAPÍTULO 14

1. Esta doença tem três formas[21] que todos os Pais igualmente detestam e condenam. A primeira que descrevemos anteriormente é a que seduz os monges descontentes e persuade-os a acumular riquezas que não possuíam anteriormente quando estavam no mundo. A segunda, impele a desejar de novo e a recuperar o que se havia rejeitado no início da renúncia. A terceira, impede os monges que iniciam mal e começam na imperfeição de se despojar de todos os bens do mundo; a tibieza que os atingiu os faz temer a pobreza por falta de confiança em Deus. Ao instigá-los a conservar esse dinheiro e bens quando teria sido preciso abandoná-los,

[19] Cf. *Inst.* XI,17,1-2.

[20] Todo ensinamento espiritual deve ser transmitido com discernimento, levando em consideração a quem ele se dirige: cf. *Conferências* XIV,17.

[21] Cf. *Conferências* V,11: "A avareza também se nos apresenta sob três formas: a primeira impede aos que renunciam ao mundo de se despojarem de sua fortuna e de seus bens. A segunda nos persuade a reaver com maior avidez aquilo que distribuímos por alguns ou demos aos pobres. A terceira nos impele a adquirir aquilo que mesmo anteriormente nunca possuímos".

renunciando a eles, nunca lhes permite chegar à perfeição evangélica. Nas Santas Escrituras também encontramos exemplos de cada uma dessas três quedas, todas punidas de maneira muito severa.

2. Giezi querendo adquirir riquezas que não possuíra anteriormente, não só desmereceu receber a graça da profecia que ia receber de seu mestre como por uma sucessão hereditária, mas ao contrário, foi coberto por uma lepra incurável por causa da maldição de Eliseu (cf. 2Rs 5,27). Quanto a Judas (cf. Mt 27,5), querendo reaver os bens que tinha abandonado para seguir a Cristo, não só perdeu sua categoria de apóstolo ao trair seu Senhor, como também não mereceu sequer terminar naturalmente sua vida à qual ele mesmo pôs fim, suicidando-se. Ananias e Safira (cf. At 5,5.10), reservando-se uma parte dos bens que possuíam, foram, pela boca do Apóstolo, punidos de morte.

CAPÍTULO 15

1. Quanto aos que dizem ter renunciado ao mundo, mas em seguida, por falta de fé, temem despojar-se dos bens terrenos, eis o mandamento dado segundo o sentido espiritual, no Deuteronômio: *Se alguém tem medo ou é de coração tímido*, não parta para a guerra: *que se retire e volte para casa, para que não desanime o coração de seus irmãos como o está o seu, aterrorizado!* (Dt 20,8). Que há de mais claro do que esse testemunho, pergunto-me? Não é evidente a preferência da Escritura de que tais homens não abracem a profissão monástica e nem usurpem esse nome, a vê-los afastar os outros da perfeição evangélica por seus conselhos e maus exemplos e enfraquecê-los por um temor desprovido de fé?

2. A estes, portanto, é ordenado abandonar o combate e regressar à sua casa pois é impossível ao que possui coração dúplice lutar nos combates do Senhor – com efeito, *o homem cujo coração está dividido é inconstante em todos os seus caminhos* (Tg 1,8); e considerando, segundo a parábola evangélica, que quem se adianta para guerrear com dez mil homens não pode lutar contra o rei que vem com vinte mil, peçam a paz enquanto ainda está longe (cf. Lc 14,31-32), quer dizer, é preferível não empreenderem o caminho da renúncia do que mais tarde, vivendo com tibieza, verem-se envolvidos em culpa mais grave. *Pois é melhor não fazer um voto do que fazê-lo e não cumpri-lo!* (Eclo 5,4[LXX]).

3. Ora, a descrição do homem que vem com dez mil e do outro com vinte mil é excelente. De fato, o número dos vícios que nos atacam é maior do que o das virtudes que combatem a nosso favor. *Ninguém pode servir a Deus e ao dinheiro* (Mt 6,24), e *todo aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus* (Lc 9,62).

CAPÍTULO 16

Tais homens procuram demonstrar, apoiando-se erradamente na autoridade das Santas Escrituras, a vantagem [de praticar] a antiga avareza, e interpretando com um critério vicioso não só a sentença do Apóstolo, mas a do próprio Senhor, procuram vivamente corrompê-la e desfigurá-la conforme seu desejo. Em lugar de conformar sua vida e sua inteligência ao verdadeiro sentido das Escrituras,[22] fazem violência ao texto ao sabor de seu desejo

[22] Cf. *Inst.* V,33-34.

arbitrário, querendo adaptá-las às suas próprias opiniões e dizem que está escrito: *É melhor dar do que receber* (At 20,35). Por sua interpretação inteiramente falsa, pensam enfraquecer esta outra palavra do Senhor que diz: *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me* (Mt 19,21). Com este pretexto consideram que não devem renunciar às suas riquezas, assegurando que eles mesmos são mais felizes quando sustentados por seus antigos bens e dão o supérfluo aos outros. Na realidade, envergonham-se de aceitar com o Apóstolo uma gloriosa desnudez por causa de Cristo, não querendo contentar-se com o trabalho manual nem com a frugalidade do mosteiro. A tais homens só resta se convencerem de que se enganam a si próprios e que em nada renunciaram ao mundo uma vez que afagam com tanto cuidado os bens de outrora, ou então, se desejam realmente fazer a experiência da profissão monástica, depois de se ter despojado de tudo sem reservar nada daquilo a que renunciaram, gloriarem-se com o Apóstolo *na fome e na sede, no frio e na nudez* (2Cor 11,24).

CAPÍTULO 17

1. Como se o Apóstolo não tivesse podido viver também de seus antigos bens, ele que proclamava sua nobre condição neste mundo ao afirmar que desde seu nascimento gozava da dignidade de cidadão romano (cf. At 22,29), se julgasse que isso o levaria mais diretamente à perfeição. Da mesma forma, aqueles que, em Jerusalém, enquanto eram possuidores de campos e de casas, vendendo tudo e não reservando nada absolutamente para si, *traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos* (At

4,34-35), por acaso não teriam podido viver às próprias custas se os apóstolos tivessem julgado que isso era mais perfeito e eles tivessem experimentado ser mais útil? Entretanto, repelindo de vez todos os seus haveres preferiram manter-se pelo seu trabalho ou graças à contribuição dos gentios.

2. Sobre a despesa daí advinda, o santo Apóstolo escrevendo aos romanos, explica-lhes seu ministério sobre esse ponto e incita-os discretamente a essa coleta, dizendo: *Agora parto para Jerusalém, para servir os santos. Pois a Macedônia e a Acaia houveram por bem fazer uma coleta em prol dos santos de Jerusalém que são pobres. Houveram por bem, é verdade, mas deviam fazê-la, porque se os gentios participam dos seus bens espirituais, eles devem, por sua vez, servi-los com bens temporais* (Rm 15,25-27).

3. Também aos coríntios, em sua solicitude pelos santos, admoesta-os a que, antes de sua chegada, preparem com diligência a coleta que tinham decidido enviar para prover às suas necessidades: *Quanto à coleta em favor dos santos, segui também vós as normas que estabeleci para as Igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de lado o que conseguir poupar; deste modo, não se esperará a minha chegada para se fazerem as coletas. Quando aí chegar, mandarei, munidos de cartas, aqueles que tiverdes julgados dignos para levar vossas liberalidades a Jerusalém* (1Cor 16,1-3). E para incitá-los a uma coleta mais generosa, prossegue: *E, se valer a pena que eu mesmo vá, eles farão a viagem comigo* (1Cor 16,4); isto é: se a oferta for tal que mereça ser levada também com o meu concurso.

4. Também aos gálatas ele atesta que, quando foi feita com os apóstolos a partilha do ministério da pregação, foi combinado o seguinte com Tiago, Pedro e João: embora tenha recebido a pregação aos pagãos, ele não recusaria entretanto, jamais, de se preocupar e de cuidar dos pobres de Jerusalém que, renunciando por causa do Cristo a tudo o que possuíam, suportavam uma pobreza voluntária: *E conhecendo a graça de Deus a mim concedida, Tiago, Cefas e João, que eram considerados como colunas, estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: nós pregaríamos aos gentios e eles aos circuncisos. Só que nos devíamos lembrar dos pobres* (Gl 2,9-10).

5. E ele dá o testemunho de tê-lo cumprido com grande solicitude, quando diz: ... *o que tenho procurado fazer com todo o esmero* (Gl 2,10). Pois bem, quem são os mais felizes? Os que recentemente haviam sido reunidos dentre os gentios e – incapazes de se elevarem à perfeição evangélica – continuavam ainda apegados às suas riquezas, junto aos quais o Apóstolo estimava haver conseguido um grande fruto se, renunciando somente *ao culto dos ídolos, à fornicação, às carnes sufocadas e ao sangue* (At 15,20), consentissem em abraçar a fé no Cristo, embora conservando o que possuíam, ou aqueles que, cumprindo a palavra evangélica, carregando cada dia a cruz do Senhor (cf. Mt 10,9), nada quiseram reter dos seus próprios bens?

6. O bem-aventurado Apóstolo, preso e acorrentado, ou impedido pelas vicissitudes das viagens, não podendo, conforme seu costume, ganhar com o trabalho de suas mãos o próprio sustento, afirma haver aceito de irmãos vindos da Macedônia um suplemen-

to para as suas necessidades cotidianas: ... *pois os irmãos vindos da Macedônia supriram o que me faltava* (2Cor 11,9); e aos filipenses: *Vós mesmos bem sabeis, filipenses, que no início da pregação do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente; já em Tessalônica por duas vezes vós me enviastes com que suprir às minhas necessidades* (Fl 4,15-16). Por acaso esses irmãos, conforme a ideia que alguns conceberam por sua tibieza,[23] serão mais felizes que o Apóstolo por haverem partilhado com ele os seus bens? Ninguém seria tão insensato para ousar dizê-lo.

CAPÍTULO 18

Se queremos obedecer ao preceito evangélico e ser imitadores do Apóstolo e de toda a Igreja primitiva, como também dos Pais que em nossos tempos são seus sucessores na virtude e na perfeição,[24] não descansemos em nossas próprias ideias, confiando que a partir de tão miserável estado de tibieza alcançaremos a perfeição evangélica; sigamos seus passos, solícitos em não nos enganarmos a nós mesmos e ajustemo-nos à disciplina e à regra do mosteiro, de maneira a renunciar realmente a este mundo, sem nada guardar por nossa infidelidade do que havíamos desprezado, e obtenhamos o alimento cotidiano não mediante o dinheiro escondido, mas pelo nosso trabalho.

---

[23] Ou seja, aqueles que fazem violência às Escrituras interpretando de forma distorcida a passagem *É melhor dar que receber* (At 20,35).

[24] É o ensinamento constante dos *Apotegmas dos Pais*; ver Antão 20 (*Coleção Alfabética*) e o cap. VI da *Coleção Sistemática*.

CAPÍTULO 19

Conta-se uma palavra do santo bispo Basílio de Cesareia dirigida a um certo Sinclécio,[25] entorpecido nessa tibieza da qual falamos. Este, não obstante haver declarado que renunciara a este mundo, reservou para si alguns de seus bens, recusando viver do trabalho de suas mãos e buscar a verdadeira humildade no despojamento, na fadiga causada pelo trabalho e na submissão ao mosteiro. "Perdeste o senador Sinclécio, disse-lhe o bispo, e não fizeste dele um monge".

CAPÍTULO 20

Se, pois, temos o desejo de combater conforme as regras do combate espiritual (cf. 2Tm 2,5) expulsemos de nossos corações tão pernicioso inimigo. Pois assim como não se requer grande maestria para vencê-lo, tanto maior será a vergonha e a ignomínia em se deixar vencer por ele.[26] Quando se é vencido por um homem forte, ainda que a derrota seja dolorosa e nos aflija a vitória perdida, contudo a força do adversário traz aos vencidos alguma consolação. Se, porém, o inimigo é fraco e a luta não apresenta

[25] Pe. GUY (SCh 109, p. 321) apresenta a seguinte nota: "Estabelecemos e traduzimos este capítulo de acordo com a tradição dos manuscritos, no entanto, é provável que seja preferível a correção proposta por GAZET (cf. *PL* 49,312 CD), solidamente apoiada pela tradição indireta representada pelos *Apotegmas dos Pais*. Este capítulo aparece na *Coleção Alfabética* e na *Sistemática* da seguinte forma: "Referiu mais o seguinte: «Um Senador que renunciara ao mundo e distribuíra os seus bens aos pobres, guardou algumas de suas posses para seu próprio uso, não querendo assumir a humildade que decorre da renúncia total, nem a genuína submissão à regra do mosteiro. A esse São Basílio dirigiu a seguinte palavra: Deixaste de ser Senador e não te fizeste monge»." (433; Cassiano 7).

[26] Cf. *Inst.* VII,6.

dificuldades, à dor do fracasso vem juntar-se uma confusão causadora de maior vergonha, e uma ignomínia mais insuportável que a derrota.

CAPÍTULO 21

A vitória completa sobre este vício, o triunfo definitivo é, como se diz, não manchar o monge sua consciência com uma moeda, por mínima que seja. Aquele que se deixa vencer uma vez pela concupiscência de uma soma insignificante de dinheiro e deixa a cobiça enraizar-se em seu coração, não consegue impedir que não se inflame em seguida por um desejo mais violento. O soldado de Cristo permanecerá vitorioso, seguro e indene contra qualquer ataque da cupidez enquanto esse péssimo espírito não semear em seu coração os germes desta concupiscência. Portanto, se para qualquer espécie de vícios é necessário precaver-se contra a cabeça da serpente (cf. Gn 3,15), para este de que tratamos, convém precaver-se com maior diligência. Porque, uma vez introduzido, alimentando-se com sua própria matéria suscitará um terrível incêndio. Por isso, não só é preciso evitar a posse de dinheiro, mas também banir inteiramente de nossa alma qualquer desejo de possuir, seja o que for. Pois não se trata tanto de evitar os efeitos da *filargyria* como de cortar pela raiz a inclinação pela mesma. De nada serviria não possuir dinheiro se houver em nós a vontade de possuí-lo.

CAPÍTULO 22

Porquanto mesmo o que não possui dinheiro pode não estar

isento da doença da *filargyria* e de nada lhe aproveitar o benefício do despojamento porque não pôde cortar o vício da cupidez, comprazendo-se nas aparências da pobreza e não no mérito da virtude e suportando de má vontade o peso das privações. Da mesma maneira que a palavra evangélica declara adúlteros de coração (Mt 5,28) os que não mancharam seu corpo, assim também os que não possuem dinheiro algum podem ser condenados com os avarentos pelo afeto e pelo espírito. Com efeito, faltou-lhes a ocasião de possuir, mas não a vontade e é a esta, mais do que a necessidade, que Deus costuma recompensar. Empenhemo-nos, pois, para não desperdiçar o fruto de nossos esforços. Porque seria coisa miserável sofrer as consequências da pobreza e do despojamento, e perder seus frutos por causa de uma vontade má.

CAPÍTULO 23

Queres saber de que maneira malsã e destruidora, se não for cuidadosamente arrancado, este foco cresce para a perda daquele que o deixou nascer e se desenvolve numa ramagem de vícios? Considera o exemplo de Judas! Contado no número dos apóstolos, não consentiu, porém, em esmagar a cabeça mortal desta serpente (cf. Gn 3,15); como, com seu veneno, o fez perecer, enredando-o nos laços da concupiscência, e a que horrível crime o precipitou: persuadiu-o a vender por trinta moedas de prata o Redentor do mundo e Autor da salvação da humanidade. Ele jamais teria se rebaixado a tão infame traição, se não tivesse sido infectado pelo mal da *filargyria* e nunca se teria tornado réu de um sacrilégio, negando o Senhor, se antes não se houvesse habituado a roubar o dinheiro que lhe fora confiado (Jo 12,6).

CAPÍTULO 24

Eis aí um exemplo suficientemente terrível e claro dessa paixão tirânica que, como já dissemos, uma vez tendo-se apoderado da alma não lhe permite mais guardar qualquer regra de honestidade nem se satisfazer jamais com os ganhos por ela acumulados. Não se pode acabar com essa paixão amontoando riquezas, mas com o despojamento. Judas tinha recebido, para guardar, o dinheiro destinado aos pobres, a fim de que assim saciado com a abundância das riquezas, pudesse ao menos pôr um limite à sua concupiscência. No entanto, essa mesma abundância inflamou ainda mais sua cupidez a ponto de não se contentar apenas em subtrair secretamente o dinheiro, mas preferir vender o próprio Senhor. Pois a violência da cupidez ultrapassa todas as riquezas que se possa acumular.

CAPÍTULO 25

1. Enfim, instruído por estes exemplos, o príncipe dos Apóstolos – sabendo que aquele que possui qualquer coisa não pode refrear a cupidez, seja a soma grande ou pequena, mas que só a virtude do despojamento é capaz de suprimi-la – castigou com a morte Ananias e Safira (At 5,5ss) a quem mencionamos anteriormente,[27] porque reservaram para si parte dos seus bens. Assim, por terem mentido por causa da cobiça, receberam a morte que Judas voluntariamente se tinha infligido em punição por haver traído o Senhor. Quanta semelhança entre este crime e o castigo! No primeiro caso, a *filargyria* leva à traição, no outro, à mentira. Aqui a Verdade é traí-

[27] Cf. *Inst.* VII,14,2. Em *Conferências* XVIII,7, Ananias e Safira são apresentados como protótipo dos monges sarabaítas.

da, lá comete-se a mentira. Embora a consequência de sua ação pareça diferente, foi, porém, idêntico nos dois casos o fim alcançado.

2. Judas, fugindo da pobreza, procurou retomar o que deixara. Ananias e Safira para não se tornarem pobres, procuraram reservar parte de seus bens que deveriam ter oferecido fielmente aos apóstolos ou distribuído integralmente aos irmãos. E, portanto, em ambos os casos, segue-se a pena de morte, pois que ambos os delitos brotaram das raízes da *filargyria.*

Por conseguinte, se contra aqueles que não cobiçaram os bens alheios, mas tentaram poupar o seu, e não tiveram o desejo de adquirir mas quiseram apenas reservar-se algo, uma sentença tão severa foi pronunciada, que pensar daqueles que buscam ajuntar riquezas que jamais possuíram e que, dando mostras de despojamento aos olhos dos homens, revelam-se ricos aos olhos de Deus pelo apego à sua concupiscência?

CAPÍTULO 26

Essas pessoas são como leprosos no seu espírito e na sua mente, à semelhança de Giezi (cf. 2Rs 5,27) que ficou coberto de uma lepra asquerosa, por ter cobiçado os bens caducos deste mundo. Isto nos mostra claramente que toda alma manchada pela cobiça está coberta pela lepra espiritual dos vícios e é considerada imunda diante de Deus numa maldição eterna.

CAPÍTULO 27

Se desejoso da perfeição tudo abandonaste para seguir o

Cristo que te diz: *Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu, depois vem e segue-me* (Mt 19,21), por que então, após ter posto a mão no arado, olhar para trás e merecer que a voz do mesmo Senhor te declare inapto ao reino dos céus? (cf. Lc 9,62). Firmado sobre o teto do qual fala o Evangelho, por que descerias para apanhar algo em tua casa, dentre aquelas coisas que antes desprezaste? (cf. Lc 17,31). Instalado no campo e na prática das virtudes, por que te esforçarias em revestir-te novamente daqueles bens dos quais por tua renúncia te havias despojado?

Se, realmente, devido à tua pobreza nada tiveste que deixar, muito menos deves adquirir o que nunca possuíste. Pois foste preparado por uma graça do Senhor para que, liberado dos laços do dinheiro, possas correr mais prontamente para Ele. Mas que ninguém se sinta humilhado por ser pobre; pois não há ninguém que não tenha algo que deixar. Renunciou a todos os bens do mundo aquele que cortou pela raiz o desejo de possuir.

CAPÍTULO 28

A completa vitória sobre a *filargyria* consiste em não admitir em nosso coração uma única brasa de riqueza, convencidos de que não poderemos mais extingui-la se houvermos fomentado em nós a menor centelha desta matéria.

CAPÍTULO 29

E não poderemos conservar intacta esta virtude senão permanecendo no mosteiro *contentes*, como diz o Apóstolo, *com o*

alimento e a veste[28] *que recebemos* (1Tm 6,8).

CAPÍTULO 30

Guardando a recordação da condenação de Ananias e Safira (cf. At 5,5ss), temamos reservar para nós uma parte dos bens que prometemos, por voto, renunciar totalmente. Receemos também o exemplo de Giezi (cf. 2Rs 5,27) que, por causa de sua avareza [*filargyria*] foi punido com uma lepra eterna e acautelemo-nos para não adquirir bens que, mesmo antes, não possuíamos. Assim, que o castigo e a morte de Judas (cf. Mt 27,5) nos encham de terror e nos impeçam de retomar seja o que for do dinheiro ao qual havíamos renunciado.

Consideremos acima de tudo a condição de nossa natureza frágil e incerta e cuidemos para que o dia do Senhor, sobrevindo *como um ladrão* (1Ts 5,4), no meio da noite, não nos encontre com a consciência manchada, nem mesmo por uma única moeda;[29] seria suficiente para aniquilar todos os frutos de nossa renúncia e, por nossa vez, ouviríamos o Senhor dirigir-nos a palavra dita àquele rico do Evangelho: *Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, para quem serão?* (Lc 12,20). Sem pensar absolutamente no dia de amanhã, jamais consintamos em nos afastar da disciplina do mosteiro.

---

[28] Cf. *Inst.* I,2,1 em que Cassiano preferiu usar *operimenta* em vez de *vestimenta*, de acordo com alguns exemplares latinos.

[29] Cf. *Inst.* V,41.

CAPÍTULO 31

Sem dúvida, nunca poderemos cumprir isto nem perseverar sob a regra e a disciplina do mosteiro, se a virtude da paciência – que não procede senão da fonte da humildade –, não estiver colocada em nós como sólido fundamento. Pois a humildade não sabe fazer injúrias a ninguém, mas a paciência suporta com magnanimidade as injúrias que lhe são feitas.

LIVRO OITAVO
Do espírito de cólera

Guia de leitura

- Cap. 1. Os males gerados pela ira.
- Caps. 2-4. Sobre a interpretação "espiritual" da Sagrada Escritura.
- Cap. 5. É imprescindível lutar contra a ira.
- Cap. 6. A ira "cega os olhos do coração".
- Caps. 7-9. Só podemos considerar útil a ira quando "nos indignamos contra os movimentos lascivos de nosso coração". Ou "quando nos irritamos contra esta mesma ira que penetrou em nós para pôr-nos contra nossos irmãos"; ou contra nós mesmos e as tentações que nos sobrevêm.
- Cap. 10. Interpretação "espiritual" do texto de Ef 4,26, na linha da temática desenvolvida nos capítulos precedentes.
- Caps. 11-12. Sobre a cólera que se oculta no coração.
- Caps. 13-14. Impossível guardar cólera em nosso interior e cumprir os dois preceitos do Senhor: reconciliar-se com o irmão antes de rezar e orar sem cessar.
- Cap. 15. O Antigo Testamento oferece ensinamento idêntico.
- Caps. 16-17. Não podemos lançar sobre os outros – descarregando sobre eles nossa ira – a culpa de não termos alcançado um maior grau de perfeição em nossa vida espiritual.
- Cap. 18. Para aquele que não se corrigiu especialmente da ira, a solidão "não só conserva os vícios mas ainda os desenvolve".
- Cap. 19. "Inclusive no deserto é possível encolerizar-se".
- Cap. 20. A cólera deve ser extirpada pela raiz, isto é, deve ser arrancada de nosso coração.

- Cap. 21. Nova digressão: sobre o texto de Mt 5,22.
- Cap. 22. Conclusão: o melhor remédio contra a ira.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Na leitura deste livro, levar em conta as digressões que se encontram nos capítulos 2-4 e 21. Talvez, numa primeira leitura poderiam ser deixadas de lado para se ter uma visão mais completa do tratamento do "vício" em questão.
- Numa segunda leitura, ao considerar esses "parêntesis", para denominá-los de alguma forma, poder-se-á considerar a importância da argumentação bíblica. Algo que não é exclusivo de Cassiano, pois é próprio de todos os Padres da Igreja.
- Novamente considerar que a luta contra os vícios é sempre um esforço, acompanhado e precedido pela graça do Senhor, a fim de purificar o coração, para que Deus nele habite.
- O capítulo 22 é um estupendo resumo que supera o conteúdo deste livro, assinalando as regras do combate e sua meta.

LIVRO OITAVO

DO ESPÍRITO DE CÓLERA

CAPÍTULO 1

1. O quarto combate consiste em extirpar inteiramente de nossa alma o veneno mortal da cólera. Pois, enquanto ela ocupar nosso coração e entenebrecer nosso olhar interior, não poderemos julgar com discernimento, nem gozar de uma santa contemplação, e sequer aconselhar razoavelmente os outros. Não poderemos também participar da verdadeira vida, ou permanecer na justiça, nem tornarmo-nos capazes da verdadeira luz espiritual, pois como diz a Escritura, *meu olho foi perturbado pela cólera* (Sl 30[31],10).

2. Mesmo se tivermos fama de sábios na opinião de todos os homens, não participaremos da verdadeira sabedoria porque *a cólera repousa no coração dos insensatos* (Ecl 7,10[LXX]). E embora sejamos considerados prudentes no julgamento dos homens, não poderemos, no entanto, obter a vida imortal porque *a cólera leva até os prudentes à perdição* (Pr 15,1[LXX]).Também não poderemos obter a verdadeira justiça, por um discernimento atento do coração, mesmo se todos nos julgarem santos e perfeitos porque *a cólera do homem não é capaz de cumprir a justiça de Deus* (Tg 1,20). Da mesma forma não poderemos, ainda que de origem nobre e considerada, possuir aquela honesta gravidade habitual mesmo aos homens do mundo, porque *o homem em cólera é desonesto* (Pr 11,25[LXX]).

3. Também não seremos capazes de obter a maturidade para

aconselhar, ainda que pareçamos ponderados e muito sábios, porque *o homem colérico age sem reflexão* (Pr 14,17[LXX]). Enfim, não poderemos também permanecer ao abrigo de perturbações perigosas e evitar o pecado, ainda que nenhum objeto de inquietação nos sobrevenha da parte de outros, porque *o homem excitado gera contendas e o homem irado faz brotar os pecados* (Pr 29,22[LXX]).

CAPÍTULO 2

Ouvimos alguns que tentavam desculpar essa perniciosíssima enfermidade da alma por meio de uma interpretação ainda mais detestável das Escrituras. Diziam que não há mal em encolerizar-se contra os irmãos que cometem alguma falta, pois está escrito que Deus se enfurece e se encoleriza contra os que não querem conhecê-lo, ou que, conhecendo-o, desprezam-no, como se pode ler neste trecho: *Inflamou-se de cólera o Senhor contra seu povo* (Sl 105[106]40); ou quando o profeta reza nestes termos: *Senhor, não me repreendais em vossa fúria e em vossa cólera não me castigueis* (Sl 6,2). Ora, eles não compreendem que ao querer conceder aos homens a ocasião de um vício pernicioso, introduzem na imensidade divina e na fonte de toda pureza a injúria de uma paixão carnal.[1]

CAPÍTULO 3

De fato, se tivéssemos de tomar à letra tais expressões, em

[1] A digressão dos capítulos 2-4 é dirigida contra os monges antropomorfitas que, tomando à letra certas passagens da Escritura, tinham de Deus uma representação sob forma humana. Foram numerosos no Baixo Egito no século IV, sendo condenados por Teófilo, patriarca de Alexandria. Cassiano foi testemunha ocular do ocorrido e afirma que os monges, na sua maioria, não quiseram submeter-se (cf. *Conf.* X,2-3). Teófilo, porém, empenhado na luta contra o origenismo monástico, não pôde exigir o cumprimento de suas primeiras decisões.

seu significado carnal e grosseiro, quando se referem a Deus, então deveríamos crer que Deus também dorme, pois diz a Escritura: *Despertai-vos, Senhor, por que dormis?* (Sl 43[44],23); ou quando também diz: *Não dormirá nem se entregará ao sono aquele que guarda Israel* (Sl 120[121],4). E ele fica de pé ou se senta, pois está escrito: *O céu é meu trono e a terra, escabelo de meus pés* (Is 66,1[LXX]), ele que *mede o céu com sua mão e encerra a terra em sua mão fechada* (Is 40,12[LXX]). Ou então que ele se embriaga, pois está escrito: *E o Senhor acordou como um homem que dormia, como um valente embriagado pelo vinho* (Sl 77[78],65); Ele, *o único que possui a imortalidade e habita a luz inacessível* (1Tm 6,16). E isso sem falar sobre a ignorância e o esquecimento que se encontram frequentemente mencionados a seu propósito nas Sagradas Escrituras, nem da configuração dos membros que são descritos como se fossem de seres humanos: os cabelos, a cabeça, as narinas, os olhos e a face, as mãos e os braços, os dedos, o ventre e os pés. Se quiséssemos tomar todas essas palavras segundo a baixeza de seu sentido literal, seria preciso crer que Deus é composto de um conjunto de membros e tem uma configuração corporal – afirmação ímpia, da qual devemos nos afastar.

CAPÍTULO 4

1. Portanto, assim como não se pode interpretar essas expressões conforme seu sentido literal[2] sem terrível sacrilégio, contra aquele que as Santas Escrituras, por sua autoridade, definem

[2] Nas *Conferências*, Cassiano tratará longamente da maneira de interpretar a Sagrada Escritura segundo o método exegético da escola de Alexandria (ver, principalmente, *Conf.* VIII,3-4; XIV,11; cf. *Inst.*IV,34).

como invisível, inefável, incompreensível, inestimável, simples e incorpóreo, da mesma forma é impossível, sem grande blasfêmia, aplicar a essa natureza imutável o arrebatamento e a perturbação da cólera. Pois pela imagem de membros corporais, devemos entender os divinos atributos de Deus e suas operações sem limite que não nos podem ser inculcadas senão por tais palavras comuns.

2. Por exemplo, na imagem da boca, é-nos preciso reconhecer sua palavra que costuma impregnar com bondade os sentidos ocultos da alma, ou ainda, o que ele mesmo diz a nossos pais e aos profetas. Na dos olhos, é necessário que possamos conhecer a imensidade de seu olhar pelo qual vê e examina as coisas e também que nada lhe escapa de nossas ações, projetos ou pensamentos. Falando de suas mãos, devemos compreender sua providência e sua ação pela qual ele próprio é o criador e autor de todas as coisas. Ainda, seu braço é o sinal de sua força e de seu governo pelo qual sustenta todas as coisas na existência, ordena-as e dirige-as; e para nada mais dizer do resto, seus cabelos brancos, que significam senão a longevidade e antiguidade da divindade pela qual é sem princípio e anterior ao tempo, ultrapassando todas as criaturas?

3. É pois, assim, que devemos compreender quando ouvimos falar do furor de Deus ou da sua cólera: não *anthrôpopathôs*, isto é, segundo a baixeza da perturbação humana, mas de maneira digna de Deus que é estranho a qualquer perturbação; tais palavras são destinadas a fazer com que o reconheçamos como juiz e vingador de todas as iniquidades que se cometem neste mundo e, temendo um remunerador tão terrível de nossas ações, a não ousarmos fazer nada contra a sua vontade.

4. O homem, com efeito, tem o costume natural de temer aqueles que sabe indignarem-se e receia ofendê-los. Por exemplo, aqueles que sentem em sua consciência o remorso de alguma culpa, temem a cólera vingadora dos juízes imparciais. Isto não significa que os que devem julgar com equidade sejam perturbados pela vingança, mas que aqueles que os temem experimentam esse sentimento que provém da execução das leis e de um julgamento equilibrado. Por maiores que sejam a bondade e a mansidão com as quais esse julgamento é feito, os que recebem o castigo merecido consideram-no, ainda assim, como um ato de grande furor e cólera impiedosa.

5. Seria longo e não conviria à presente obra explicar tudo o que nas Escrituras é dito sobre Deus em figuras e por analogia humana. Para a necessidade presente, baste-nos ter falado do que concerne à cólera, a fim de que a fonte onde se procuram a santidade, a imortalidade e os remédios para a vida e a salvação não seja para ninguém, por ignorância, ocasião de uma doença e de morte eterna.

CAPÍTULO 5

O monge que tende à perfeição e deseja combater, segundo as regras, o combate espiritual deve ser solícito em evitar em tudo o vício da cólera e do furor e escutar o que lhe preceitua o *vaso de eleição* (At 9,15): *Toda amargura, exaltação e cólera, e toda palavra pesada e injuriosa, assim como toda malícia, sejam afastadas dentre vós* (Ef 4,31). Ora, ao dizer: *Toda cólera seja afastada dentre vós*, o Apóstolo não faz exceção para nenhuma delas como se

pudesse ser necessária ou útil. Portanto, se algum irmão cai numa falta e é preciso corrigi-lo, o monge encarregado desse dever o fará, mas de maneira a não cair ele próprio na enfermidade maior da cegueira – ocasionada por seu sentimento de cólera – ao querer aplicar o remédio ao irmão que sofre talvez de ligeira febre. Quem deseja curar as feridas alheias, deve estar em boa saúde e isento de qualquer fraqueza, para que não aconteça ser-lhe dirigida a palavra do Evangelho: *Médico, primeiro cura-te a ti mesmo* (Lc 4,23) e, vendo a palha no olho de seu irmão, não veja a trave que traz no seu (cf. Mt 7,3-5), isto é, como poderá aquele que tem em seu olho a trave da cólera, tirar a palha do olho de seu irmão?

CAPÍTULO 6

O movimento da ira em nós, seja qual for sua causa, por sua própria efervescência cega os olhos do coração e nele introduz a "trave" mortal de uma doença mais grave, impedindo-o de contemplar o Sol de Justiça. Pouco importa que seja colocada diante do olhar uma lâmina de ouro, de chumbo ou de qualquer metal: o valor do metal nenhuma diferença faz à cegueira.

CAPÍTULO 7

Temos, no entanto, a possibilidade de utilizar a cólera com vantagem e é somente nesse caso que nos é útil e salutar acolhê-la. Isso ocorre quando nos insurgimos contra os movimentos lascivos de nosso coração e nos indignamos ao ver se debater no mais íntimo de nossa alma, o que nos envergonharia se fosse visto e

ouvido pelos homens, temendo a presença dos anjos e do próprio Deus, presente em toda parte e penetrando em todas as coisas com seu olhar ao qual nada escapa, nem mesmo os segredos de nossa consciência.

CAPÍTULO 8

1. O mesmo acontece quando nos irritamos contra a própria cólera e o motivo pelo qual ela se insinuou em nós contra nosso irmão, e que, em nossa cólera, destruímos suas sugestões mortais, impedindo-a de se instalar no fundo de nosso coração. O profeta [Davi] nos ensina a nos encolerizar dessa forma, ele que a havia expulsado de tal modo de seu coração. Tanto assim que não quis aplicar a lei do talião contra seus inimigos quando, no entanto, Deus lhos entregava, dizendo: *Irai-vos, mas não pequeis* (Sl 4,5).

2. Com efeito, num dia em que desejou beber água da cisterna de Belém, homens corajosos lha trouxeram, passando através das tropas inimigas. Ele, porém, derramou-a imediatamente no solo e, encolerizado contra si mesmo, apagou a paixão voluptuosa da concupiscência, fez dela uma libação ao Senhor, recusando satisfazer os desejos de seu apetite, dizendo: *Que o Senhor me seja propício, não hei de fazer tal coisa: Beberei o sangue desses homens que foram buscá-la e o perigo de suas vidas?* (2Sm 23,17).

3. Ou ainda, quando em presença de todos, Semei lançou pedras e maldições contra o rei Davi que o ouvia, e Abisai, filho de Sárvia e chefe da milícia, quis punir a injúria feita ao rei, decapitando o culpado. Então, o bem-aventurado Davi, tomado de

piedosa indignação contra esta cruel sugestão e inquebrantável em sua doçura, guardou não só a moderação da humildade como a firmeza da paciência, dizendo: *Que tenho convosco, filhos de Sárvia? Se ele amaldiçoa e se o Senhor lhe ordenou: "Amaldiçoa Davi", quem poderá dizer-lhe: "Por que fazes isso?" Vede: se o filho que saiu das minhas entranhas busca a minha morte, quanto mais este filho de Jemini! Deixai-o amaldiçoar, conforme o Senhor lhe ordenou. Talvez o Senhor considere a minha aflição e me restitua o bem em lugar desta maldição de hoje* (2Sm 16,10-12).

CAPÍTULO 9

Portanto, é ordenado para nossa salvação que "nos encolerizemos" contra nós mesmos e as más sugestões que surgem em nós, e "não pecar", isto é, impedi-las de prejudicar-nos. Enfim, o versículo seguinte expõe o mesmo sentido com maior clareza: *O que dizeis em vossos corações* [corrigi-o], *cheios de compunção, quando estiverdes em vossos leitos* (Sl 4,5). Isto quer dizer: tudo o que pensais em vossos corações, quando repentinamente tomam corpo instigações escabrosas, emendai-o e corrigi-o pela moderação do conselho, afastando por uma compunção muito salutar toda agitação e perturbação da cólera como se repousásseis em vosso leito.

Enfim, o bem-aventurado Apóstolo, depois de ter utilizado o testemunho do versículo que diz: *Irai-vos, mas não pequeis* (Sl 4,5), acrescenta: *Que o sol não se ponha sobre a vossa ira; não deis lugar ao diabo* (Ef 4,26). Se é prejudicial que o Sol de justiça se ponha sobre nossa ira,[3] e que uma vez irados, demos imediato acesso ao

[3] Cf. *Inst.* V,27.

demônio em nosso coração, então, como nos ordenou precedentemente encolerizarmo-nos, ao dizer: *Irai-vos, mas não pequeis*? Evidentemente, não quer isto dizer: irritai-vos contra vossos vícios e vossa cólera, temendo que por vossa conivência, o Cristo, Sol de justiça, devido a vossa cólera, não comece a desaparecer no horizonte de vossos espíritos invadidos pelas trevas, e que, uma vez tendo partido, deis acesso ao diabo em vossos corações?

CAPÍTULO 10

Evidentemente é deste sol que fala o Senhor pelo profeta quando diz: *Para vós que temeis o meu nome, elevar-se-á um sol de justiça e encontrareis, sob suas asas, a cura para vossos males* (Ml 4,2). E ainda, relativamente aos pecadores, falsos profetas e àqueles que se encolerizam, é dito que se deitam no meio do dia, conforme a palavra do profeta: *O sol, para eles, há de deitar-se em pleno meio-dia* (Am 8,9). Ou pelo menos, segundo o sentido figurado, o espírito, isto é, o *noûs* ou a razão, que é a justo título chamado sol pelo fato de penetrar todos os pensamentos e discernimentos do coração, não deve ser extinto pelo vício da ira, para que pelo seu ocaso a treva das preocupações não ocupe completamente nosso coração com o diabo, seu autor, e que, enredados nas trevas da cólera, ignoremos como em noite escura, o que devemos fazer.

Expusemos essa passagem do Apóstolo conforme o sentido que os anciãos nos ensinaram porque, mesmo que nos tenhamos estendido um pouco longamente, era necessário dizer o que eles pensavam sobre a cólera. Eles não lhe permitem entrar em nossos corações, ainda que por um instante, observando em todos os pontos esta palavra do Evangelho: *Quem se encoleriza contra seu*

irmão, será réu de julgamento (Mt 5,22). Além disso, se fosse lícito irar-se até o pôr do sol, a cólera em sua abundância e a ira vingadora poderiam completar seu dano perturbador antes deste sol se inclinar para o lugar de seu ocaso.[4]

CAPÍTULO 11

Que dizer agora – em verdade não posso falar nisso sem me sentir repleto de confusão – dos que se mostram implacáveis, a ponto de consentir que sua cólera não desapareça com o pôr do sol mas deixam-na durar vários dias? Conservando no coração sentimentos de rancor para com aqueles contra os quais se irritaram, negam com palavras estarem encolerizados, no entanto, sua conduta dá provas do contrário. Com efeito, jamais se aproximam de seus irmãos como convém, não lhes dirigem a palavra com a afabilidade costumeira; entretanto, julgam não estar cometendo qualquer falta, porque não procuram uma vingança para sua perturbação. Todavia, não ousando ou não podendo manifestar sua cólera e reprimindo-a em si mesmos para sua própria perda, incessantemente em seus corações eles a cozinham em fogo lento, sem nada dizer; e em lugar de expulsar com um só golpe a amargura de sua tristeza pela força da virtude, eles a digerem dia após dia, apaziguando-a só muito lentamente.

CAPÍTULO 12

Como se tal não fosse exatamente o fim da vingança e como se não satisfizessem abundantemente os ímpetos de seu próprio fu-

[4] GUY considera que o texto desta frase foi estabelecido de maneira duvidosa e por isso segue a leitura de Petschenig (cf. SCh 109, p. 351).

ror ou de sua tristeza ao cumprir as instigações da cólera! Ora, é assim, como se sabe, que agem também os que contêm suas emoções, não pelo desejo de tranquilidade, mas porque se veem impotentes para se vingar. Não podem infligir mais nenhum golpe contra aqueles que os irritaram a não ser deixar de lhes falar com a afabilidade costumeira. Ou ainda, é como se a cólera não precisasse ser moderada senão em seus efeitos exteriores, e não tivesse de ser banida do mais íntimo do nosso coração a fim de não corrermos o perigo de que, cegos por suas trevas, não sejamos mais capazes de acolher nem a luz de um conselho salutar nem da ciência; nem poderemos ser o templo do Espírito Santo, uma vez que o espírito mau habita em nós.[5] O furor contido no coração não ofende as pessoas que nos cercam, exclui, porém, o esplendíssimo brilho do Espírito Santo como se a cólera se manifestasse exteriormente.

CAPÍTULO 13

Como poderia o Senhor permitir-nos permanecer um só instante encolerizados, pois que não tolera sejam os sacrifícios espirituais de nossas orações oferecidos quando sabemos estar alguém irado contra nós? Diz ele: *Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta* (Mt 5,23-24).

Como poderíamos, pois, guardar cólera contra um irmão, já não digo durante vários dias, mas somente até o pôr do sol, se o Senhor nos proíbe até mesmo oferecer nossa oração ao Pai, quando

[5] A doutrina ascética de Cassiano é marcada pela perspectiva da inabitação do Espírito Santo na alma do cristão: cf. *Inst.* V,21,4-5; VI,15,2; VIII,12; IX,3,2; XII,26.

nosso irmão tem algum ressentimento contra nós? Ora, o Apóstolo nos recomenda: *Orai sem cessar* (1Ts 5,17). E: *Em toda parte, elevai ao céu mãos puras, sem cólera nem contestação* (1Tm 2,8). Resta-nos pois, ou não orarmos nunca enquanto guardarmos em nosso coração o veneno da cólera – porém, desse modo pecamos contra o preceito do Apóstolo e do Evangelho que nos ordena orar sem cessar e em toda parte – ou nos iludirmos, a ponto de ousar oferecer nossas orações apesar da proibição que nos foi feita. Nesse caso, saibamos ter oferecido ao Senhor não uma oração, mas a obstinação de um espírito rebelde.

CAPÍTULO 14

E porque muitas vezes desprezamos nossos irmãos quando os ofendemos ou afligimos, ou pelo menos afirmamos não ser culpados pela ofensa, o médico das almas, que conhece o segredo dos corações, querendo extirpar deles até as próprias raízes da cólera, não nos obriga a perdoar nossos irmãos, a nos reconciliar com eles e a não conservar nenhuma lembrança da injúria recebida tão somente quando fomos ofendidos; mas também, se percebemos que um irmão tem algo contra nós, com ou sem razão, ordena nosso Senhor, abandonarmos nossa oferta, isto é, interrompermos nossa oração, para ir em primeiro lugar dar satisfação ao irmão. Uma vez nosso irmão assim aplacado, poderemos oferecer o sacrifício sem mácula de nossas orações. Porque ao comum Senhor de todos os homens não agrada o culto que lhe prestamos se perder em um, sob o efeito da tristeza, o que ganha no outro.[6] A perda é a mesma, qual-

[6] Cf. *Conferências* XVI,6: "Quer vos percais, quer se perca um outro, aos olhos de Deus isso não faz diferença, porque ele *deseja que todos os homens sejam salvos* (1Tm 2,4). Pereça quem perecer, o pesar, para ele, é o mesmo. Semelhantemente, aquele que encontra tal prazer na perdição universal extrai da vossa morte eterna, ou da morte do irmão, um mesmo lucro".

quer dos dois que perca, porque deseja e espera da mesma maneira a salvação de todos os seus servidores.[7] Se, portanto, nosso irmão tem algo contra nós, a oração que oferecemos será ineficaz como se fôssemos nós mesmos que, com o coração intumescido pela cólera, nos mantivéssemos indignados e cheios de amargor contra ele.

CAPÍTULO 15

Por que nos demorarmos ainda nos preceitos evangélicos e apostólicos, quando a antiga Lei, que parece muito menos rigorosa, nos adverte, dizendo: *Não terás ódio a teu irmão em teu coração* (Lv 19,17); e ainda: *Não te recordarás das injúrias que te fizeram teus concidadãos* (Lv 19,18); ou: *Os caminhos dos que guardam a lembrança de um malefício conduzem à morte* (Pr 12,28[LXX])? Podemos, portanto, ver, como mesmo na antiga Lei, não se trata apenas de expulsar o mal de nossas ações, mas também dos pensamentos secretos, uma vez que é ordenado arrancar completamente do coração o ódio e não só a vingança e até mesmo a própria lembrança da injúria.

CAPÍTULO 16

Acontece algumas vezes que depois de ter cedido ao orgulho ou à impaciência, recusando corrigir nossos costumes desregrados, queixamo-nos de ter necessidade de solidão, como se não havendo ninguém para nos provocar então encontrássemos logo a virtude da paciência: é desculpar nossa negligência e atribuir a comoção que sentimos não à nossa impaciência, mas aos defeitos de nossos

[7] Cf. *Inst.* III,3,3 e III,33 onde a universalidade da salvação é igualmente destacada.

irmãos. Contudo, não é descarregando sobre os outros a responsabilidade de nossas faltas que alcançaremos uma verdadeira paciência e perfeição.

CAPÍTULO 17

Por conseguinte, não façamos depender da vontade de outrem – que jamais está submetida ao nosso poder[8] – o essencial de nosso progresso e de nossa paz; mas tudo depende de nós mesmos. Assim pois, o não nos encolerizarmos não deve provir da perfeição alheia, mas de nossa própria virtude que não se adquire com a paciência dos outros, porém com a nossa própria longanimidade.

CAPÍTULO 18

1. Ainda mais, o deserto não pode ser procurado senão pelos monges perfeitamente purificados de todos os vícios e tendo-se corrigido de todos os seus defeitos, através da vivência com outros irmãos, não o procuram como um refúgio à sua pusilanimidade, mas por seu desejo de entrar na contemplação divina mais sublime, à qual só os perfeitos podem atingir na solidão. Com efeito, todos os vícios que levarmos conosco ao deserto sem os termos corrigido, sentiremos que estão ocultos em nós, porém não extirpados. Assim como a solidão pode abrir horizontes de uma contemplação muito pura aos que já conseguiram emendar-se e revelar-lhes a ciência dos mistérios espirituais numa visão muito clara, do mesmo modo conserva os vícios daqueles que ainda não se corrigiram e

[8] Cf. *Inst.* IV,42.

ainda mais os exacerba.[9]

2. Cremos ser humildes e pacientes, enquanto vivemos afastados da companhia dos homens; na primeira ocasião, porém, em que se apresenta uma contrariedade, voltamos à nossa primeira natureza. Os vícios ocultos reaparecem imediatamente e tais como os cavalos sem freios depois de um repouso muito longo, pulam à vontade fora da estrebaria com uma violência e uma ferocidade que causam a perda do cocheiro. Com efeito, cessando as relações humanas, nossos vícios – se não foram ainda eliminados – desenvolvem-se ainda mais em nós. A preguiça, favorecida pela nossa segurança, nos faz perder até a sombra de paciência que parecíamos possuir na convivência com os irmãos, ao menos porque lhes tributávamos respeito e cuidávamos de manter nossa boa reputação.

CAPÍTULO 19

1. Como se as espécies mais perigosas de serpentes ou de feras permanecessem inofensivas enquanto se encontram na solidão de suas tocas! Não se poderia dizer, contudo, que sejam propriamente inofensivas, pelo simples fato de não fazerem mal a ninguém. Isso não ocorre por causa de sua bondade natural, mas pelo isolamento em que se encontram. Desde que se apresente uma ocasião, manifestam imediatamente o veneno e a ferocidade que nelas estão ocultos. Do mesmo modo, não basta aos que procuram a perfeição não se irritar contra um outro homem.

---

[9] A *Conferência* XIX desenvolverá mais amplamente este tema: o monge só poderá viver como anacoreta após ter sido purificado totalmente de seus vícios.

2. Recordamo-nos, com efeito, que quando vivíamos na solidão, um cálamo nos irritava porque era demasiadamente grosso ou fino, um estilete, porque não estava bem afiado, ou a pedra de fazer fogo, se por acaso, quando tínhamos pressa em começar a leitura, a chama tardava a aparecer. Não podíamos então acalmar a perturbação de nosso espírito senão proferindo maldições contra esses objetos insensíveis ou contra o diabo.

3. Portanto, para atingir a perfeição não basta não haver ninguém contra quem nos irritarmos, se não tivermos primeiramente adquirido a paciência, pois podemos encolerizar-nos até mesmo contra as coisas inanimadas. Uma vez instalada em nosso coração, essa paixão não nos permitirá gozar de uma tranquilidade perfeita, nem nos deixará ao abrigo de outros vícios. A menos que consideremos proveitoso e salutar às nossas irritações o fato desses objetos inanimados e mudos não poderem responder às maldições de nossa cólera e provoquem assim, pela intemperança de nosso coração, a loucura do furor!

CAPÍTULO 20

1. Se, pois, desejamos atingir essa suprema recompensa divina da qual se diz: *Bem-aventurados os corações puros porque verão a Deus* (Mt 5,8), não basta extirpar a cólera apenas de nossos atos, mas devemos expulsá-la radicalmente do fundo de nossa alma. Pouco seria o proveito de se conter o furor da cólera nas palavras ou nos atos, se Deus, ao qual nada escapa, nem mesmo os segredos dos corações, a descobrisse no mais íntimo de nós.

2. Por isso é que a palavra evangélica nos prescreve extirpar as raízes e não os frutos dos vícios (cf. Mt 3,10), que não poderão certamente mais se multiplicar uma vez extinto o seu foco. E o espírito poderá constantemente permanecer numa total paciência e santidade quando a cólera tiver sido expulsa, não da superfície dos comportamentos, mas do interior dos pensamentos. Por isso, a fim de que não seja cometido o homicídio, extirpa-se a cólera e o ódio sem os quais o crime de homicídio jamais poderá ser cometido. Com efeito, *Quem se põe em cólera contra seu irmão é passível de julgamento* (Mt 5,22), e: *Aquele que odeia seu irmão é homicida* (1Jo 3,15).

3. Pelo fato de desejar em seu coração matar seu irmão – do qual todo mundo bem sabe que não derramou o sangue com sua própria mão ou com um punhal – sua paixão de cólera o torna homicida perante o Senhor que recompensará ou castigará cada um, levando em conta não só o que fez, mas também o que quis ou desejou. É o que ele mesmo diz pelo profeta: *Suas ações e seus pensamentos, eu venho para reuni-los em presença de todas as raças e todas as línguas* (Is 66,18); e ainda: *Seus pensamentos que alternadamente se acusam ou defendem, no dia em que Deus julgará os segredos dos homens* (Rm 2,15-16).

CAPÍTULO 21

No entanto, a propósito do que se encontra em alguns exemplares: *Todo aquele que se irar contra seu irmão, sem causa, será passível de julgamento* (Mt 5,22), é necessário saber que as palavras "sem causa" são supérfluas e foram acrescentadas por aqueles

que julgavam não ser preciso reprimir a cólera de nenhum modo quando se trata de causas justas, muito embora a ninguém, irritado por uma causa mínima, convenha dizer que se encolerizou *sem causa*. Portanto, isto parece ter sido acrescentado por aqueles que não compreenderam o sentido da Escritura, que quer suprimir absolutamente todo foco de cólera e não deixar qualquer ocasião de irritação, para que autorizados a encolerizar-nos com causa, não tiremos disso pretexto para nos pôr em cólera sem causa. Com efeito, o fim da paciência não consiste em encolerizar-se com razão, mas na ausência total de cólera. Sei bem que alguns[10] interpretam do seguinte modo as palavras "sem causa": irrita-se "sem causa" aquele a quem não é permitido, em sua cólera, procurar a vingança. Portanto, é preferível manter o texto assim como se encontra escrito em muitos dos novos exemplares e em todos os antigos.[11]

CAPÍTULO 22

É preciso, pois, que o atleta de Cristo, que deseja combater segundo as regras (cf. 2Tm 2,5), arranque até às raízes a paixão da cólera. O remédio perfeito contra essa enfermidade é, em primeiro lugar, termos a convicção de que não nos é jamais permitido encolerizar-nos, sejam as causas justas ou injustas, sabendo que perderemos a luz do discernimento, a firmeza do reto conselho, a própria honestidade e a justiça, logo que a parte mais íntima de nosso coração for obscurecida por essas trevas. Além disso, a pu-

[10] *A quibusdam*: alusão evidente a Sto. Agostinho; cf. *Hom. in Sermone Domini* I,9,25 (PL 34,1242); e *Retractationes* I,19,4 (PL 32,615).

[11] Em seu *Comentário ao Evangelho de Mateus*, S. Jerônimo adota a mesma solução: *Radendum est ergo sine causa, quia viri iustitiam Dei non operatur* (É preciso suprimir "sem causa", porque a ira do homem não realiza a justiça de Deus) [PL 26,37C].

reza de nosso espírito será logo perturbada e não poderemos mais ser templos do Espírito Santo enquanto o espírito da cólera permanecer em nós. Pensemos finalmente que não nos é lícito rezar e oferecer nossas súplicas a Deus, se estivermos encolerizados. E acima de tudo, é preciso considerar a incerteza de nossa condição humana e estejamos certos de que cada dia poderemos emigrar de nosso corpo. Então a continência da castidade, a renúncia a todos os bens e desprezo das riquezas, os trabalhos dos jejuns e das vigílias de nada servirão àqueles a quem foram prometidos pelo juiz do mundo, apenas por causa de sua cólera e de seu ódio, suplícios eternos.[12]

[12] Cf. *Inst.* V,41.

LIVRO NONO

Do espírito de tristeza

Guia de leitura

- Cap. 1. A tristeza impede que o monge cumpra com seus deveres de estado.
- Caps. 2-3. É um vício nocivo e pernicioso que requer atenção, pois ameaça destruir os fundamentos de nosso edifício espiritual.
- Cap. 4. A tristeza pode ser causada pela cólera, a avareza ou a concupiscência e inclusive em certas ocasiões, não existem causas que induzam a cair nela.
- Caps. 5-6. "As sementes dos vícios" estão em nosso coração.
- Cap. 7. A pureza do coração não se alcança por meio da separação dos homens, mas praticando a virtude da paciência.
- Cap. 8. Ao contrário, ao curar seus vícios, o homem poderá conviver pacificamente com toda a criação.
- Cap. 9. A tristeza pode arrastar a quem se deixa dominar por ela, a "um desespero fatal da alma".
- Caps. 10-12. Mas há também uma tristeza "boa", que provém do arrependimento e "é obediente, afável, humilde, mansa, suave e paciente, porque provém do amor de Deus". A outra, porém, a "do século", é causadora da morte, deve ser rechaçada desterrando-a de nosso coração.
- Cap. 13. Para vencer essa tristeza de morte é necessário que nosso espírito se dedique a meditar na "esperança futura".

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Nova insistência na importância de manifestar a raiz dos vícios que se encontra em nosso coração.
- Este livro apresenta uma estrutura muito simples: depois de uma breve introdução na qual se alerta sobre o perigo da tristeza, aborda-se, em primeiro lugar, as suas causas e, em seguida, estabelece-se a diferença entre suas diversas formas. Finalmente, apresenta-se o remédio contra a tristeza.
- São valiosas as observações de Cassiano para poder discernir entre a tristeza má e a boa (caps. 10-12).

LIVRO NONO

DO ESPÍRITO DE TRISTEZA

CAPÍTULO 1

Nosso quinto combate consiste em reprimir os aguilhões da voraz tristeza. Se a deixarmos, a cada passo, apoderar-se de nossa alma, através de diversos incidentes e circunstâncias variadas, ela nos afasta a cada momento da contemplação divina, abala e deprime profundamente nosso espírito decaído do estado de pureza. Não permite mais orar com a costumeira alegria do coração, nem se aplicar às leituras santas para aí encontrar um remédio. Impede também ser calmo e manso com os irmãos, e nos torna impacientes e ásperos em todos os trabalhos e deveres religiosos. Tendo-se tornado o monge incapaz de tomar uma decisão salutar e privado da constância do coração, faz dele como um louco, um homem ébrio, que ela abate e submerge sob um desespero penoso.

CAPÍTULO 2

Por essa razão, se quisermos lutar segundo as regras do combate espiritual (cf. 2Tm 2,5), será preciso curar esta doença com a mesma precaução que tivemos com as precedentes. Pois, *assim como a traça devora as vestes e o cupim rói a madeira, assim também a tristeza é nociva ao coração do homem* (Pr 25,20). O Espírito divino exprime assim, com suficiente clareza e exatidão, a violência desse vício nocivo e perigoso.

CAPÍTULO 3

1. Pois, quando uma veste é comida pela traça, perde seu valor e não serve apropriadamente para nada. Do mesmo modo, a madeira carcomida pelo cupim, não pode mais servir para ornar um edifício, mesmo ordinário – merece apenas ser lançada ao fogo. Assim a alma despedaçada pelas vorazes mordidas da tristeza: será inútil àquela vestimenta pontifical que, segundo a profecia do santo Davi, recebe a unção do Espírito Santo, descendo do céu e se derramando primeiro sobre a barba de Aarão, depois sobre a borda de suas vestes: *Como o unguento sobre a cabeça, que desce sobre a barba de Aarão, que desce sobre a borda de suas vestes* (Sl 132[133],2).

2. Esta alma não poderá mais tomar parte na edificação e ornamentação do templo espiritual do qual Paulo, como sábio arquiteto, colocou os fundamentos, quando diz: *Sois o templo de Deus e o Espírito de Deus habita em vós* (1Cor 3,16), e no Cântico dos Cânticos, a esposa descreve quais são as madeiras com as quais é construído: *As vigas de nossa casa,* diz ela, *são de cedro, e seu teto, de ciprestes* (Ct 1,17[LXX]). Assim, para o templo de Deus foram escolhidas espécies de madeira que tenham boa fragrância e sejam incorruptíveis, que a velhice não consiga apodrecer nem os vermes roer.

CAPÍTULO 4

A tristeza provém, às vezes, de nos termos encolerizado ou perdido algum prazer, ou por um lucro frustrado, ou então por nos

vermos decepcionados numa esperança que tínhamos. Pode também suceder que, sem causa aparente que nos provoque a essa queda, a malícia do inimigo nos mergulhe subitamente numa tal aflição que nos seja impossível acolher com a afabilidade costumeira as pessoas que nos são mais caras ou necessárias. E por mais normal que seja sua conversação, tudo o que dizem nos parece importuno e supérfluo, e respondemos de má vontade, de tal modo o fel da amargura penetrou em todos os recônditos de nosso coração.

CAPÍTULO 5

Isso prova com evidência que nossas paixões não são sempre excitadas pela falta dos outros, porém, mais frequentemente pela nossa. As causas das ofensas e as sementes dos vícios estão ocultas em nós mesmos e quando a chuva das tentações umedece nossa alma, imediatamente germinam e produzem seus frutos.

CAPÍTULO 6

Com efeito, jamais alguém é levado a pecar provocado pelo vício de um outro, se não tiver guardado no fundo do seu coração a matéria das faltas;[1] e não se deve crer que alguém seja seduzido subitamente quando, tendo percebido a beleza de uma mulher, cai no abismo de uma vergonhosa concupiscência, mas antes, que este olhar deu ocasião a que viesse à tona uma doença basilar que cultivava secretamente.

[1] Cf. *Conf.* VI,9: Portanto, o princípio a que nos devemos ater com segurança é que nenhum mal pode ser feito a alguém, a menos que ele o cometa por covardia do coração ou pusilanimidade.

CAPÍTULO 7

Por isso, Deus, o Criador de todas as coisas, conhecendo melhor do que ninguém como curar sua criatura, e sabendo que a raiz e a causa de nossas faltas residem em nós mesmos e não nos outros, não nos prescreveu abandonar a convivência de nossos irmãos ou evitar aqueles que julgamos ter ofendido, ou os que cremos ter-nos injuriado, mas quer que os apaziguemos, sabendo que a perfeição do coração deve ser conquistada não pela separação dos homens, e sim, pela virtude da paciência.[2] Quando a possuímos em toda sua solidez, ela é capaz de nos manter pacíficos mesmo com aqueles que odeiam a paz (cf. Sl 119[120],7). Todavia, se não a adquirirmos, estaremos em constante desacordo mesmo com os que são perfeitos e melhores do que nós. As ocasiões de contrariedade pelas quais desejamos apressadamente nos afastar daqueles aos quais estamos unidos não poderão faltar na sociedade humana; e, por conseguinte, não escaparemos das causas da tristeza pelas quais nos separamos deles, mas apenas as trocamos.

CAPÍTULO 8

Procuremos, então, com afinco, corrigir nossos vícios e emendar nossos costumes. Se estes vícios tivessem sido emendados, sem dúvida alguma viveríamos muito facilmente, não digo só com os homens, mas até com os animais e as feras selvagens, segundo lemos no livro do bem-aventurado Jó: *Os animais selvagens e as feras viverão em paz contigo* (Jó 5,23[LXX]).[3] Não temeríamos

[2] Cf. *Inst.* VI,3; VIII,18,1-2.

[3] O homem purificado de seus vícios é reconciliado com toda a criação e tem poder sobre ela; desse modo antecipa o estado paradisíaco. Este é um tema frequente da escatologia monástica, às vezes colocado de forma abstrata, como na *Historia monachorum* IX,1 e *Série Alfabética*, Antão 36; geralmente, porém, é apresentado como *relato maravilhoso.*

encontrar motivos de ofensas provenientes do exterior, e ninguém de fora poderia ser-nos pedra de escândalo, se as raízes daqueles vícios não tivessem sido acolhidas e arraigadas em nosso íntimo. Com efeito, *há grande paz, para os que amam o teu Nome: coisa alguma é para eles motivo de queda* (Sl 118[119],165).

CAPÍTULO 9

Existe uma outra forma de tristeza, ainda mais detestável, que não leva o culpado a reformar sua vida ou a corrigir seus vícios, mas a um desespero mortal.[4] Ela impediu Caim de se arrepender do fratricídio que cometera (cf. Gn 4,9-16) e levou Judas, após sua traição, a não buscar o remédio da reparação de sua falta, mas, por desespero, a se enforcar (cf. Mt 27,5).

CAPÍTULO 10

Por conseguinte, há somente um caso em que a tristeza pode ser considerada útil. Isso acontece quando nos entristecemos pelo arrependimento de nossas faltas, ou pelo desejo ardente da perfeição, ou ainda pela contemplação da felicidade futura. É dela que o bem-aventurado Apóstolo diz: *A tristeza segundo Deus produz um arrependimento estável que leva à salvação, ao passo que a tristeza segundo o século produz a morte* (2Cor 7,10).[5]

---

[4] Cf. *Conf.* V,11: "Já a tristeza se manifesta sob dois aspectos: um provém de uma cólera extinta, algum prejuízo sofrido ou um desejo totalmente frustrado. O outro tem por causa uma ansiedade ou um desespero irracional".

[5] Cf. *Inst.* VII,3.

CAPÍTULO 11

Mas a tristeza que *produz um arrependimento estável que leva à salvação* (2Cor 7,10) é obediente, afável, humilde, mansa, suave e paciente, pois provém do amor de Deus. Pelo desejo da perfeição, estende-se incansavelmente a todas as dores do corpo e à contrição do espírito; alegre, de certo modo, e fortificada pela esperança de seu progresso, conserva sempre a suavidade da afabilidade e da longanimidade, pois possui em si todos os frutos do Espírito Santo enumerados pelo Apóstolo: *O fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, longanimidade, bondade, benignidade, fé, mansidão, continência* (Gl 5,22-23).

A outra tristeza, ao contrário, é aspérrima, impaciente, dura, cheia de rancor e de amargura estéril e de um doloroso desespero. Ela paralisa a atividade daquele do qual se apoderou e o desvia do sofrimento salutar, pois é irracional e não só impede a eficácia da oração, como suprime também todos os frutos espirituais que acabamos de citar e que a outra tristeza pode dar.

CAPÍTULO 12

Por essa razão, com exceção da que é suscitada por uma penitência salutar, pela busca da perfeição ou pelo desejo dos bens futuros, é-nos preciso repelir indistintamente qualquer tristeza como sendo do século e geradora de morte, e bani-la de nosso coração com o mesmo cuidado que tivemos com o espírito de fornicação, de avareza ou de cólera.

CAPÍTULO 13

Eis, portanto, como poderemos afastar de nós esta paixão funesta: mantendo nosso espírito incessantemente ocupado com a meditação espiritual, pela esperança dos bens futuros e pela contemplação da felicidade que nos é prometida. É dessa forma, com efeito, que poderemos vencer todos os gêneros de tristeza, sejam as provindas de uma precedente cólera, da perda de um lucro, de um prejuízo que nos deram, de uma injúria que nos foi feita, ou que a concebamos sem qualquer motivo razoável, ou que nos conduza a um desespero mortal. A consideração dos bens eternos e futuros nos manterá sempre na alegria e inabaláveis até o fim, sem nos deixarmos abater pelos males presentes, nem excitados pela prosperidade, considerando uns e outros como coisas caducas e passageiras.[6]

[6] Cf. *Inst.* V,41.

LIVRO DÉCIMO

Do espírito de acídia

Guia de leitura

- Cap. 1. Definição da acídia.
- Cap. 2. Descrição dos "sintomas" da enfermidade.
- Caps. 3-4. Provoca desejos de abandonar o mosteiro e uma espécie de torpor na alma: esta fica como que "adormecida em relação a toda contemplação das virtudes e visão dos sentimentos espirituais".
- Cap. 6. Para vencer a acídia deve-se evitar "cair derrubado pela flecha do sono", e não se deixar expulsar como fugitivo dos claustros do mosteiro, ainda que sob o pretexto de aparências piedosas.
- Caps. 7-19. Cassiano considera que o melhor remédio contra a acídia é o trabalho manual e trata este tema com amplidão. Seu argumento se baseia em três textos do Novo Testamento: 1Ts 4,9-11 (cap. 7); 2Ts 3,6-15 (amplamente comentado: caps. 8-16); Ef 4,28 e At 18,1-3;20,33-35 (caps. 17-19).
- Cap. 20. Exemplo do mau irmão, invejoso dos que trabalhavam mais do que ele.
- Cap. 21. Breve "antologia" de textos da Sagrada Escritura contra a ociosidade e a preguiça.
- Cap. 22. Os Pais do monaquismo trabalham para seu sustento e para poder dar esmola a quem necessita de ajuda.
- Cap. 23. O monge que trabalha está menos exposto às tentações que o ocioso.
- Cap. 24. O exemplo "extremo" do abade Paulo.
- Cap. 25. Conclusão: a acídia só pode ser vencida resistindo-se a

ela no momento da tentação.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- O livro tem três seções bem definidas. A primeira trata do combate contra a *acídia* em si mesma (caps. 1-6). A segunda é quase um tratado sobre o trabalho manual (caps. 7-24), considerado como o melhor remédio contra o *taedium cordis*. A terceira, que é ao mesmo tempo a conclusão, apresenta um diálogo entre o abade Moisés e Cassiano.
- Numa primeira leitura é conveniente ler com atenção a apresentação deste vício feita por Cassiano, passando logo à conclusão: caps. 1-6 e 25.

- Depois conviria abordar a seção dedicada ao trabalho manual, que por sua vez tem três partes:
1) interpretação "espiritual" de alguns textos do Novo Testamento;
2) condenação bíblica e "exemplar" da preguiça e da ociosidade (levar em conta que o exemplo do monge invejoso dos que trabalham mais do que ele é uma *transição* para apresentar, em seguida, uma antologia de textos do Antigo Testamento contra aqueles vícios);
3) o ensinamento e o exemplo (*positivo*) dos Pais do deserto.
- Finalmente, fazer uma leitura *contínua* de todo o livro, procurando não perder de vista que o tema central é a *acídia*, não o trabalho. Este é um excelente remédio para vencer esse vício, mas não o único.

LIVRO DÉCIMO

DO ESPÍRITO DE ACÍDIA

CAPÍTULO 1

Em sexto lugar, temos de combater o que os gregos chamam *acídia*, e que podemos chamar de tédio ou ansiedade do coração. Próximo da tristeza, este adversário prova principalmente os solitários, ataca com mais frequência e mais duramente aqueles que vivem no deserto. É sobretudo por volta da sexta hora que perturba o monge; em horas fixas – como uma febre que retorna periodicamente – instiga sua alma doente pelos ardores violentos que nela acende. Alguns dos anciãos[1] dizem que é o "demônio do meio-dia" do qual fala o Salmo 90 (Sl 90[91],6).

CAPÍTULO 2

1. Quando esta enfermidade se apodera da alma miserável, gera nela horror pelo lugar onde mora, desgosto por sua cela, desdém e desprezo pelos irmãos que vivem com ele ou estão distantes, considerando-os como negligentes ou pouco espirituais. Torna-o preguiçoso e sem coragem para todo o trabalho que deveria fazer no interior de sua cela, impedindo-o de nela permanecer e aplicar-se à leitura. Lamenta-se com frequência por não progredir nada desde que aí reside, e por não produzir nenhum fruto espiritual enquanto permanecer unido a tal comunidade. Aflige-se, suspira e

[1] Cf. EVÁGRIO PÔNTICO, *Tratado Prático* 12: «O demônio da acídia, também chamado "demônio do meio-dia"» (SCh 171, Paris 1971, pp. 521ss).

se queixa por permanecer assim sem qualquer proveito espiritual, inútil no lugar onde reside, ele que poderia dirigir outros e ser-lhes muito útil; aqui, entretanto, não edifica ninguém e não há quem tenha aproveitado de seu ensinamento e sua maneira de viver.

2. Enaltece os mosteiros distantes e longínquos, descrevendo-os como bem mais próprios ao progresso e mais favoráveis à salvação. Apresenta a convivência com os irmãos que lá vivem como muito suave e toda espiritual, enquanto que tudo que o cerca é, ao contrário, áspero, e além de não encontrar nenhuma edificação junto aos irmãos que com ele habitam, não consegue obter o que lhe é necessário à vida, sem enorme trabalho. Finalmente, pensa não poder assegurar sua salvação se continuar neste lugar, se não partir o quanto antes, abandonando a cela na qual morreria se nela permanecesse.

3. Pela quinta e sexta hora do dia, imagina estar com imensa lassidão, terrível fome. Tem a impressão de estar exausto, esgotado como depois de longa caminhada ou penoso trabalho, ou como se tivesse jejuado por dois ou três dias consecutivos. Cheio de ansiedade, olha para todos os lados, lamentando-se de que nenhum irmão o venha visitar.[2] Sai e entra com frequência de sua cela, observa o sol a cada momento, como se este se dirigisse lento demais para o seu ocaso! Seu espírito, sem razão perturbado e como entenebrecido, torna-se de tal modo ocioso e incapaz de qualquer atividade espiritual que crê não ter outro remédio para escapar desse ataque do que a visita de um irmão ou o alívio do sono.

[2] O jejum não deveria ser rompido antes da nona hora (cf. *Conferências* II,26); no Egito, era dever de hospitalidade quebrar o jejum para restaurar o visitante (cf. *Inst.* V,24-26).

4. Além disso, esta mesma enfermidade lhe sugere, como conveniente e necessário, ir saudar outros irmãos e visitar os doentes mesmo se habitarem muitíssimo longe. Ela lhe dita também certos deveres de piedade e de religião como procurar notícias deste ou daquele parente e ir visitá-los com mais frequência; ou que seria um ato de grande piedade visitar amiúde aquela mulher piedosa e consagrada a Deus, principalmente se estiver privada do auxílio de seus parentes; ou que seria uma ação muito santa providenciar o que lhe é necessário, a ela tão negligenciada e desprezada por seus próprios parentes. Não é coisa bem mais útil entregar-se a essas obras piedosas do que permanecer em sua cela inutilmente e sem progredir na virtude?

CAPÍTULO 3

Atacada deste modo pelas astúcias do inimigo e fatigada pelo espírito da acídia como por golpes de um aríete poderoso, a infeliz alma ou se acostuma a deixar-se levar pelo sono, ou então, abandonando os limites de sua cela, habitua-se a conseguir um consolo para sua tentação por meio da visita a algum irmão; mas o remédio que utiliza agora, servirá apenas para aumentar, em seguida, seu mal. Pois o adversário atacará mais frequentemente e mais violentamente aquele que sabe irá dar-lhe as costas assim que começar o combate, porquanto espera a salvação não da vitória ou da luta, mas da fuga. Tendo atraído o monge para fora de sua cela, faz-lhe esquecer pouco a pouco o objetivo de sua profissão que consiste unicamente na visão e contemplação da divina e supereminente pureza, só obtida no silêncio, na contínua

perseverança em guardar a cela[3] e na meditação. Assim, o soldado de Cristo torna-se fugitivo e desertor de sua milícia, *envolve-se nos negócios do mundo*, e não pode mais *agradar Àquele que o arregimentou* (2Tm 2,4).

CAPÍTULO 4

O bem-aventurado Davi expressou, de maneira muito feliz, todos os inconvenientes desta doença num único versículo, dizendo: *Minha alma desfalece de tristeza por causa do tédio* (Sl 118[119],28), isto é, da acídia. Diz com razão que não é o corpo, mas a alma que desfalece. Em verdade, a alma ferida por este aguilhão, acha-se desfalecida em relação à contemplação das virtudes e de toda a visão dos sentidos espirituais.

CAPÍTULO 5

Portanto, o verdadeiro atleta do Cristo que deseja encetar segundo as regras o combate da perfeição (cf. 2Tm 2,5), deve empenhar-se em extirpar esta enfermidade do mais íntimo de sua alma; e combater de tal modo, em todas as frentes, este pernicioso espírito de acídia que não ceda ao acabrunhamento do sono nem se deixe expulsar, como um fugitivo, dos claustros do mosteiro sob qualquer pretexto, por piedoso que seja.[4]

---

[3] A guarda (mesmo material) da cela é considerada pelos anciãos como uma prática monástica fundamental. Ver, por exemplo, Apotegmas (*Alfabética*): Então 10, Arsênio 11, Moisés 6, entre outros. Cf. *Conferências* VI,15; VII,23 e XXIV,5.

[4] Dormir ou deixar sua cela são as duas formas de acídia indicadas na *Conferência* V,11.

CAPÍTULO 6

Com efeito, logo que começa a dominar alguém, o inimigo ou o deixará viver em sua cela, sem qualquer proveito espiritual, como um incapaz que capitulou diante dele, ou então, depois de tê-lo daí expulsado, torna-o para sempre instável, errante e preguiçoso para o trabalho. Fará com que percorra incessantemente as celas dos irmãos e os mosteiros, sem procurar outra coisa senão o lugar e o pretexto que lhe proporcionará a ocasião de uma refeição. De fato, o espírito do preguiçoso pensa somente no alimento e no próprio ventre, até que, encontrando a companhia de um homem ou de uma mulher entorpecidos pela mesma fraqueza, fique enredado em seus negócios e em suas necessidades. Pouco a pouco, de tal modo torna-se prisioneiro dessas ocupações nocivas como se estivesse apertado fortemente nos anéis de uma serpente, que não pode nunca mais voltar à perfeição de sua antiga profissão.

CAPÍTULO 7

1. O bem-aventurado Apóstolo, seja por ter visto que essa doença, engendrada pelo espírito de acídia, já começava a se insinuar, ou seja por ter previsto, por revelação do Espírito Santo, que se expandiria, apressa-se como autêntico médico espiritual a preveni-la pelo remédio salutar de seus preceitos. Escrevendo aos tessalonicenses, como médico muito competente, em primeiro lugar cura a enfermidade de seus pacientes com um tratamento de palavras suaves e delicadas. Fala, inicialmente, sobre a caridade, e neste ponto louva-os, até que mitigada a ferida mortal por este remédio suavizante e desaparecida a irritação do tumor, possam

suportar um tratamento mais enérgico. Diz assim: *Não precisamos escrever-vos sobre o amor fraterno; pois aprendestes de Deus a amar-vos mutuamente; e é o que fazeis muito bem para com todos os irmãos em toda a Macedônia* (1Ts 4,9-10a).

2. Tendo começado pelo bálsamo suave do louvor, pacificou seus ouvidos e os preparou para o tratamento da Palavra da salvação que os devia curar. E acrescenta: *Exortamos-vos, porém, irmãos, a progredir cada vez mais* (1Ts 4,10b). Ele lhes dá alento de novo com a delicadeza suave das palavras por temor de não os encontrar ainda aptos a receber a cura perfeita.

Que pedes, Apóstolo? O que devem eles praticar cada vez mais? Sem dúvida, a caridade da qual lhes havia dito anteriormente: *Não precisamos escrever-vos sobre o amor fraterno*. Mas que necessidade há de lhes dizer: *Exortamos-vos, porém, irmãos, a progredir cada vez mais*, se não é preciso que se lhes escreva sobre este tema? Principalmente porque acrescentas também a causa pela qual não têm mais essa necessidade, ao dizer-lhes: *Aprendestes de Deus a amar-vos mutuamente*. Em terceiro lugar, dizes ainda algo mais: não somente foram ensinados por Deus, mas realizam realmente o que aprenderam. Com efeito, *é o que fazeis*, diz ele, não por um ou dois mas *para com todos os irmãos*, e não só por vossos concidadãos e conhecidos, mas *em toda a Macedônia*.

3. Dize-nos, então, finalmente: Por que tens tanto trabalho nesses preâmbulos? Ainda uma vez, ele acrescenta: *Exortamos-vos, porém, irmãos, a progredir cada vez mais*, e só então surge o que preparara há tanto tempo: *Empenhai-vos em levar vida tranquila*. Ao primeiro argumento, acrescenta um segundo: *Ocupai-*

-vos dos vossos negócios, depois um terceiro: *Trabalhai com vossas mãos como vos prescrevemos*; um quarto: *Levai vida honrada aos olhares dos de fora*; e um quinto: *E não desejeis nada de ninguém* (1Ts 4,11ss).

Eis aí. Conhecemos agora a ideia que alimentava em seu coração e da qual retardava a exposição por todos aqueles preâmbulos. *Empenhai-vos em levar vida tranquila*, isto é, permanecei em vossas celas e não vos deixeis inquietar pelos diversos rumores que os desejos e conversas dos ociosos costumam gerar; inquietos, eles lançam também a inquietação sobre os outros.

4. E *ocupai-vos dos vossos negócios*: Não desejeis indagar com curiosidade o que se faz no mundo nem, espreitando a maneira pela qual vivem alguns, desgastar-vos em criticar vossos irmãos em vez de vos corrigirdes e vos aplicardes às virtudes. E *trabalhai com vossas mãos como vos prescrevemos*; para evitar aquelas coisas que anteriormente havia exortado a que não fizessem – a saber, viver inquietos, preocupar-se com os negócios dos outros, comportar-se de maneira desonesta para com os de fora, desejar os bens alheios – ele acrescenta agora: E *trabalhai com vossas mãos como vos prescrevemos*.

5. Diz claramente que a ociosidade é a causa dessas ações que acaba de proibir. Ninguém pode, na realidade, viver inquieto ou ocupar-se dos negócios alheios, a não ser aquele que não encontra a paz para entregar-se ao trabalho manual. Acrescenta ainda uma quarta enfermidade que nasce também da ociosidade, isto é, não quer que se comportem de maneira desonesta e lhes diz: *Levai vida honrada aos olhares dos de fora*. Aquele que não se contenta

em permanecer nos limites de sua cela e entregar-se ao trabalho manual, nunca poderá comportar-se honestamente, nem sequer com as pessoas do mundo. Necessariamente será desonesto enquanto procura o necessário para comer. Entregar-se-á à adulação, andará atrás das últimas novidades, inquirindo sobre as ocasiões de processos e de falatórios que lhe fornecerão a possibilidade de se introduzir em diversas casas.

6. *E não desejeis nada de ninguém.* Mas como não suspirar pelos dons e presentes dos outros aquele que não se compraz em preparar a ração cotidiana de comida com o piedoso e tranquilo esforço de seu trabalho? Vede o grande número de situações tão graves e vergonhosas geradas apenas pela queda nesse vício.

Enfim, aqueles mesmos que na sua primeira Epístola tinha encorajado com palavras suaves, na segunda trata de sará-los, como a doentes que não se curaram com remédios brandos, com outros medicamentos mais enérgicos e cáusticos. Não começa mais pelo apaziguamento de palavras suaves, nem por uma voz terna e sedutora como da primeira vez: *Exortamo-vos, porém, irmãos* (1Ts 4,10), mas sim, *Nós vos ordenamos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos separeis de todo irmão que vive desordenadamente* (2Ts 3,6).

7. Antes, exortava, agora, porém, ordena. Ao afeto que persuade, sucede a severidade do que conjura e ameaça: *Nós vos ordenamos, irmãos*; uma vez que precedentemente desdenhastes escutar aqueles que pediam, pelo menos agora obedecei aos que mandam. E esta ordem terrível não lhes é dada com uma palavra simples, mas toma como testemunha o nome de nosso Senhor Jesus Cristo,

temendo que desprezem de novo uma simples palavra, como proferida por uma voz humana sem a preocupação de pô-la em prática. Em seguida, como excelente médico agindo em membros gangrenados – uma vez que um tratamento mais brando não conseguiu debelar o mal – empenha-se agora em curar pela incisão do bisturi espiritual: *Que vos separeis de todo irmão que vive desordenadamente e não conforme a tradição que de nós receberam* (2Ts 3,6).

8. Assim, ordena que se separem daqueles que se recusam a trabalhar e os afastem – como membros corrompidos pela gangrena da ociosidade – para que esta enfermidade da preguiça, como por um contágio mortal ao difundir-se o vírus da serpente, não corrompa até as partes sãs dos membros. Ao começar a falar dos que não querem trabalhar com suas mãos e comer seu pão em silêncio, dos quais ordena que se separem, observem com que gênero de opróbrios os fustiga desde o início. Primeiro chama-os desordenados e que não vivem conforme a sua tradição. Em outros termos: trata-os de contumazes porque não querem comportar-se de acordo com seus ensinamentos e considera-os desonestos por não procurar as oportunidades e os tempos convenientes e honestos das saídas, visitas e conversas. Pois o desordenado necessariamente está submetido a todos esses vícios.

9. *E não conforme a tradição que de nós receberam.* Por estas palavras, qualifica-os de certo modo de rebeldes e desprezadores, visto que não levam em conta a tradição que dele receberam e não querem imitar o que recordam ter seu mestre ensinado não só por palavras, mas que também sabem ter ele verdadeiramente realizado. *Bem sabeis como deveis imitar-nos* (2Ts 3,7a). Acumula

uma ingente quantidade de reprovações quando afirma que não observam o que têm na memória, e que não só os havia instruído por palavras para que o imitassem, mas além disso os havia incitado a acolhê-lo pelo exemplo de seus trabalhos.

CAPÍTULO 8

1. *Porque não vivemos de maneira inquieta entre vós* (2Ts 3,7b). Ao querer provar por seu trabalho que não esteve inquieto quando vivia entre eles, faz ressaltar com insistência que os que não querem trabalhar sempre estão perturbados pelo vício da ociosidade. *E não comemos de graça o pão de ninguém* (2Ts 3,8). Cada uma das palavras do doutor das nações aumenta a censura. O pregador do Evangelho diz não ter comido de graça o pão de ninguém, ele que conhece o preceito do Senhor: *Aqueles que anunciam o Evangelho que vivam do Evangelho* (1Cor 9,14). E também: *O operário é digno de seu sustento* (Mt 10,10).

2. Se ele, o pregador do Evangelho, realizando uma obra tão sublime e espiritual, não reivindicava seu alimento gratuitamente, apoiado na autoridade do mandato divino, que faremos nós, a quem nenhuma pregação da Palavra foi confiada, nem tampouco o cuidado de qualquer outra alma senão da nossa? Com que confiança ousaremos comer, sem trabalhar, gratuitamente, o pão que – limitado pela solicitude da pregação do Evangelho – o vaso de eleição não se atreveu a comer sem o esforço de suas mãos, e sim *trabalhando*, diz ele, *dia e noite, no esforço e na fadiga, a fim de não ser pesado a nenhum de vós* (2Ts 3,8)?

3. Ainda acrescenta outra circunstância relativamente à sua austeridade. Pois não diz simplesmente: "Não comemos gratuitamente o pão de qualquer de vós", e aí se detém; pois assim poder-se-ia pensar que Paulo se sustentava com suas próprias rendas sem trabalhar, ou com dinheiro guardado em reserva, ou por dons e presentes de outros que não os seus interlocutores; mas diz: *Trabalhando dia e noite, no esforço e na fadiga* (2Ts 3,8). Isto é, mantivemo-nos com nosso próprio trabalho. E isso, diz ele, não o fazíamos porque o quiséssemos ou por prazer, quando nosso corpo precisava de descanso ou de exercício, mas quando a necessidade e a falta de víveres obrigavam a fazê-lo, não sem enorme cansaço. Pois eu era obrigado durante todo o tempo, não somente de dia mas até durante a noite, normalmente destinada ao repouso do sono, a me aplicar sem descanso ao trabalho manual para conseguir alimentos.

CAPÍTULO 9

Portanto, afirma não ter sido o único a se comportar desta forma entre eles, para que esta regra não pareça pouco importante e geral, provinda apenas do seu exemplo, mas que trabalharam da mesma maneira todos aqueles que com ele estavam aplicados ao ministério do Evangelho, isto é, Silvano e Timóteo que escrevem com ele esta carta. E com as palavras: *A fim de não ser pesado a nenhum de vós* (2Ts 3,8), envergonha-os grandemente, pois, se o Apóstolo ao pregar o Evangelho, reforçando-o por sinais e prodígios (cf. 2Cor 12,12), não ousa comer seu pão gratuitamente para não ser pesado a ninguém, como poderão eles, que cada dia ousam comer na ociosidade e preguiça, não se sentir um peso?

CAPÍTULO 10

Não porque não tivéssemos direito a isso; mas foi para vos dar a nós mesmos como exemplo a ser imitado (2Ts 3,9). Dá-lhes a conhecer o motivo por que quis se impor esse labor: ... *mas foi para vos dar a nós mesmos como exemplo a ser imitado*, para que, se algum dia se esquecerem do ensinamento oral tantas vezes repetido em seus ouvidos, ao menos conservem fielmente na memória o exemplo do nosso modo de viver do qual seus olhos dão testemunho. A repreensão não é pequena uma vez que diz não ter tido outro motivo, senão o de dar exemplo, submetendo-se a tantos trabalhos em meio a grandes cansaços, de dia e de noite. Eles porém, recusam ser instruídos, não obstante ter sido por eles que se impôs tão grandes fadigas, e isso, sem ser forçado. Com efeito, diz ele, embora tivéssemos o poder e também o acesso a todas as suas propriedades e bens, sabendo também ter de nosso Senhor a permissão para usá-los, entretanto, não me servi desse poder, para que aquilo que podia fazer lícita e razoavelmente não fornecesse a outros o exemplo de uma perigosa ociosidade. Por essa razão, ao pregar o Evangelho, preferi prover às minhas necessidades com o trabalho de minhas mãos, para mostrar aos que desejavam andar pelo caminho da virtude a senda da perfeição e oferecer-lhes assim, por meu trabalho, uma norma de vida.

CAPÍTULO 11

Mas para não parecer, trabalhando em silêncio e procurando instruí-los por seu exemplo, não os haver instruído igualmente por meio de preceitos, acrescenta: *Pois quando estávamos entre vós, já*

vos demos esta ordem: Quem não quer trabalhar também não há de comer (2Ts 3,10). Insiste na desídia daqueles que, conhecendo-o como bom mestre que trabalha com suas mãos para instruí-los e educá-los, no entanto, descuram imitá-lo. Redobra sua diligência e precaução dizendo-lhes não só ter dado o exemplo com sua presença, porém, ter-lhes pregado constantemente com a palavra que quem não quer trabalhar, não deve comer.

CAPÍTULO 12

Doravante não utiliza mais o conselho como o faria um mestre ou um médico, mas invectiva contra eles com a severidade de um juiz. Retomando seu poder apostólico pronuncia, como de um tribunal, uma sentença contra os desprezadores. Esta autoridade é a que afirmava ter recebido do Senhor quando escreve aos coríntios, ameaçando-os com ela, a fim de adverti-los de que estavam em falta e que deviam apressar-se a corrigir-se antes de sua chegada. Por isso lhes havia prescrito: *Rogo-vos, não me obrigueis, quando estiver presente, a usar contra alguns este poder que me foi dado sobre vós* (2Cor 10,2); e ainda: *Com efeito, se quisesse me glorificar excedendo-me um pouco por causa desse poder que o Senhor me deu para vossa edificação e não vossa destruição, não me envergonharia* (2Cor 10,8). Com aquela autoridade – digo eu – pronuncia-se ele agora: *Quem não quer trabalhar também não há de comer* (2Ts 3,10). Ele não os vota à espada temporal; mas em virtude da autoridade do Espírito Santo proíbe-lhes o alimento desta vida, a fim de que, se por acaso, indiferentes ao castigo da morte eterna, quiserem perseverar por amor à ociosidade em sua conduta obstinada, ao menos constrangidos

pela necessidade natural e o temor da morte presente vejam-se obrigados a acolher seus preceitos salutares!

CAPÍTULO 13

Logo depois expõe a razão pela qual começou por lembrar a severidade do Evangelho em todo o seu rigor: *Ouvimos dizer que há entre vós pessoas inquietas, que não trabalham, mas se comportam com curiosidade* (2Ts 3,11). Em nenhuma parte ele se contenta em atribuir aos que não querem trabalhar apenas uma única enfermidade. Pois na carta precedente,[5] chamava-os gente desordenada, que não se conduzia segundo a tradição que dele recebera; define-os também como inquietos, e comendo seu pão gratuitamente (cf. 2Ts 3,6-8). Novamente aqui: *Ouvimos dizer que há entre vós pessoas inquietas* (2Ts 3,11). E logo depois acrescenta a segunda enfermidade, raiz de toda essa inquietação: ... *que não trabalham*; e depois a terceira enfermidade, brotando desta como um ramo: ... *mas se comportam com curiosidade.*

CAPÍTULO 14

Por isso agora apressa-se a oferecer a correção conveniente aos focos de tantos vícios. Abandonando a autoridade apostólica que usou pouco antes, recobra ainda uma vez as entranhas de um pai cheio de ternura ou de um médico compassivo e, como a seus filhos e clientes lhes oferece com seu saudável conselho o remédio salutar, dizendo: *Para os que vivem assim, nós lhes declara-*

[5] Na verdade, essas reprovações encontram-se na segunda Carta aos Tessalonicenses.

mos e suplicamos no Senhor Jesus, comer seu pão trabalhando em silêncio (2Ts 3,12). Médico habilíssimo, ele cura todas as chagas que provêm da raiz da ociosidade com o único preceito salutar do trabalho, sabendo que todas as doenças que brotam de uma raiz comum desaparecerão imediatamente, se a causa da enfermidade principal for supressa.

CAPÍTULO 15

Todavia, como médico muito perspicaz e previdente, não desejando apenas curar as feridas dos enfermos, mas também preservar os que gozam de boa saúde, dá-lhes preceitos convenientes para que se mantenham sempre saudáveis: *Quanto a vós, irmãos, não vos canseis de praticar o bem* (2Ts 3,13). Seguindo-nos, isto é, seguindo o nosso caminho, cumprem, ao imitar nosso trabalho, os exemplos que vos demos e de modo algum seguem a preguiça e inércia desses outros. *Não vos canseis de praticar o bem*, quer dizer, concedei-lhes como nós, vossa compreensão, se por acaso se descuidaram de observar o que dissemos. Assim como repreendeu os que estavam enfermos para que, relaxados pela ociosidade, não se entregassem à inquietação e à curiosidade, do mesmo modo, admoesta os que permanecem saudáveis a não cessar de manifestar a bondade que o preceito do Senhor nos ordena conceder aos bons e aos maus (cf. Mt 5,43-45). Se talvez alguns destes, corrompidos, não quiserem se converter à sã doutrina, não manda que se afastem deles, mas que continuem a fazer o bem e a ajudá-los, tanto por palavras de consolo ou de correção, quanto por sua habitual benevolência e bondade.

CAPÍTULO 16

Entretanto, temendo novamente que esta mansidão provoque em alguns a desobediência a esses preceitos, desprezando-os, volta a usar a severidade apostólica: *Se alguém não obedecer às instruções que damos nesta carta, notai-o e não tenhais nenhuma comunicação com ele, para que se envergonhe* (2Ts 3,14). Advertindo-os sobre como devem agir por reverência para com sua pessoa e em vista do bem comum e com que precaução devem observar os mandamentos apostólicos, acrescenta logo a doçura de um pai cheio de indulgência, e como a seus filhos, ensina-lhes os sentimentos fraternos que devem ter por caridade para com tais pessoas: *Não o considereis como inimigo, mas corrigi-o como irmão* (2Ts 3,15). À severidade do juiz alia a bondade de um pai, e modera com indulgente mansidão a sentença pronunciada com rigor apostólico, porque ordena que seja percebido aquele que recusa obedecer aos seus preceitos com o qual não devem ter contato. Porém tudo deve ser feito, não pelo vício do ódio e sim, por amor fraterno, em vista da sua correção: *Não tenhais nenhuma comunicação com ele*, diz, *para que se envergonhe* (2Ts 3,14), a fim de que aquele que não se corrigiu pelas minhas suaves advertências, tenha ao menos vergonha de vossa separação pública e comece a regressar ao caminho da salvação.

CAPÍTULO 17

Também na Epístola aos Efésios, a propósito do trabalho, dá o seguinte preceito: *O que furtava, já não furte, mas trabalhe com as próprias mãos, realizando o que é bom, para que*

tenha o que partilhar com o que tiver necessidade (Ef 4,28). E, nos Atos dos Apóstolos, vemos que não se contentou em ensinar estas coisas, mas também as pôs em prática. Pois, quando chegou a Corinto, não quis morar senão com Áquila e Priscila porque exerciam o mesmo ofício que ele. Com efeito, lê-se: *Depois disso, Paulo partiu de Atenas e foi para Corinto. Lá encontrou um judeu chamado Áquila, originário do Ponto, e Priscila, sua mulher. Aliou-se a eles e como exerciam o mesmo ofício, ficou em casa deles, onde trabalhava. Tinham a profissão de fabricantes de tendas* (At 18,1-3).

CAPÍTULO 18

Indo em seguida a Mileto, mandou chamar os presbíteros da Igreja de Éfeso e ensinou-lhes como deviam reger em sua ausência a Igreja de Deus. Disse-lhes: *Não cobicei prata e ouro de ninguém. Vós mesmos sabeis que, às minhas necessidades e às de meus companheiros, proveram estas mãos. Em tudo vos mostrei que é afadigando-nos assim que devemos ajudar os fracos, tendo presentes as palavras do Senhor Jesus, que disse: "Há mais felicidade em dar que em receber."* (At 20,33-35). É um grande exemplo que nos deixa de sua maneira de viver quando atesta ter trabalhado não apenas para satisfazer às necessidades de seu corpo, mas também para socorrer às necessidades de seus companheiros, ou seja, daqueles que totalmente ocupados em seus ministérios não tinham a possibilidade de como ele, ganhar a vida com o trabalho das próprias mãos. E do mesmo modo que dissera aos tessalonicenses: Trabalhei para dar-vos em minha pessoa um modelo a imitar (cf. 2Ts 3,9), acrescenta aqui algo de semelhante, quando diz: *Em tudo vos*

mostrei que é afadigando-nos assim que devemos ajudar os fracos (At 20,35), a saber, os que estão doentes no seu espírito ou no corpo. Portanto, devemos procurar reconfortá-los com o que ganhamos com nosso trabalho à custa de cansaço e suor, de preferência ao rendimento de um capital, pelo dinheiro posto em reserva ou mesmo pela generosidade e riqueza de outros.

CAPÍTULO 19

E tal é, diz ele, o mandamento do Senhor. *Porque ele mesmo*, isto é, *o Senhor Jesus, disse*: *Há mais felicidade em dar que em receber* (At 20,35). A generosidade do doador, mais bem-aventurada do que a penúria daquele que recebe, é a que não provém de um dinheiro reservado por causa da falta de fé, ou da desconfiança, ou dos tesouros escondidos pela avareza, mas a que é o fruto do próprio trabalho penoso feito com piedade.[6] Então: *Há mais felicidade em dar que em receber*, porque, sendo o doador tão pobre como aquele que recebe, empenha-se, todavia, em ganhar pelo seu trabalho não só o suficiente às suas necessidades, mas também com que doar ao que está em necessidade por uma piedosa solicitude. Assim, uma dupla graça resplandece em sua pessoa: pela renúncia a todos os seus bens, possui o perfeito despojamento do Cristo e ao mesmo tempo manifesta a munificência de um rico, por sua aplicação ao trabalho e seu sentimento. O primeiro honra a Deus por seu trabalho digno e lhe oferece em libação os frutos de sua justiça (cf. Pr 3,9[LXX]), enquanto que o outro, deixando-se levar pelo entorpecimento do ócio e da preguiça, prova certamente, que segundo o

[6] Cf. *Inst.* VII,16.

julgamento do Apóstolo, não merece comer o pão. Tendo a ousadia de comê-lo sem trabalhar, apesar da proibição (cf. 2Ts 3,10), torna-se culpado do pecado de obstinação.

CAPÍTULO 20

Conhecemos um irmão, cujo nome poderia dizer se isso fosse mais instrutivo, que vivendo num mosteiro, era obrigado a entregar cada dia ao ecônomo a quantidade de trabalho que para ele tinha sido determinada. Temia, porém, que algum outro, trabalhando mais do que ele, o obrigasse a aumentar a medida fixada, ou a ficar envergonhado por tal exemplo. Assim, quando via ingressar no mosteiro algum irmão a quem o ardor de sua fé inspirava procurar uma porção maior de trabalho, buscava dissuadi-lo de seu propósito, às escondidas e por meio de insinuações. Se de nenhum modo o conseguia, procurava então persuadi-lo a abandonar o mosteiro por meio de maus conselhos e murmurações. Para conseguir mais facilmente seu intento, fingia estar ofendido e já há muito tempo, por várias causas, e querer retirar-se. Esperava apenas encontrar um companheiro que facilitasse seu caminho. Quando à custa de calúnias secretas contra o mosteiro, chegava a convencer o irmão, marcava a hora da partida e o lugar preciso onde devia esperá-lo, mas ele mesmo não dava um só passo, pretextando que o seguiria logo depois. O irmão, no entanto, envergonhado por ter abandonado o mosteiro, não se atrevia a solicitar que o recebessem novamente na comunidade, enquanto o instigador de sua fuga ali permanecia tranquilamente.

Seja suficiente este único exemplo de tal gênero de homens para pôr em guarda os principiantes, mostrando-lhes claramente

quantos males, segundo a palavra da Escritura, a ociosidade gera na mente dos monges (cf. Eclo 33,29), e como *as más conversas corrompem os bons hábitos* (1Cor 15,33).

CAPÍTULO 21

1. O sapientíssimo Salomão, em diversas passagens assinala também claramente o vício da ociosidade, dizendo, por exemplo: *Quem anda atrás da ociosidade, sacia-se de pobreza* (Pr 28,19[LXX]), visível ou invisível. O ocioso, vítima ao mesmo tempo de tantos vícios, vê-se privado para sempre da contemplação de Deus e das riquezas espirituais das quais diz o Apóstolo: *Nele fostes cumulados de todas as riquezas em toda palavra e em toda ciência* (1Cor 1,5). Ainda em outro lugar descreve assim a pobreza do ocioso: *Todo sonolento será revestido de andrajos e trapos* (Pr 23,21[LXX]).

2. Certamente, pois não merece ser ornado com aquela vestimenta da incorrupção acerca da qual o Apóstolo recomenda: *Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo* (Rm 13,14); e de novo: *Revistam-se da couraça da justiça e da caridade* (1Ts 5,8), da qual o próprio Senhor fala a Jerusalém pelo profeta: *Levanta-te, levanta-te, Jerusalém, reveste as vestes da tua glória* (Is 52,1). Não merecerá esta vestimenta aquele que, dominado pelo sono da preguiça ou da acídia, prefere cobrir-se não com o fruto do seu trabalho, mas com os trapos da indolência. Estes trapos que ele se esforçou para cortá-los da plenitude perfeita do corpo das Escrituras, procura adaptá-los à sua preguiça qual véu vergonhoso da sua desculpa, em vez de revestir-se com uma veste de glória e honra.

3. Aqueles, com efeito, que se abandonam a essa indolência recusando-se a se alimentar com o trabalho de suas mãos – que o Apóstolo praticou continuamente e nos ordenou praticar – têm o costume de se servir de certos testemunhos das Escrituras dos quais fazem um véu para esconder sua preguiça. Dizem que está escrito: *Trabalhai não por um alimento que perece, mas por aquele que permanece para a vida eterna* (Jo 6,27), e: *Meu alimento é fazer a vontade de meu Pai* (cf. Jo 4,34).

4. Mas esses testemunhos são fragmentos arrancados à sólida plenitude do texto evangélico e estão costurados para cobrir mais a ignomínia de nossa ociosidade e de nossa vergonha do que para nos aquecer e nos ornar com aquela preciosa e perfeita veste das virtudes que, segundo o livro dos Provérbios, a mulher sábia revestida de força e de beleza, teceu para si mesma e para seu marido. Também é dito a seu respeito: *Ela foi revestida de força e de beleza e se alegra nos últimos dias* (Pr 31,25[LXX]).

Ainda a propósito desta mesma doença da ociosidade, o mesmo Salomão recorda: *Os caminhos dos preguiçosos estão repletos de espinhos* (Pr 15,19[LXX]), isto é, desses vícios e de outros semelhantes que o Apóstolo disse precedentemente, pululam da ociosidade; e ainda: *Todo homem ocioso permanece em seus desejos* (Pr 13,4[LXX]), – o que o Apóstolo lembra nestes termos: *Não desejeis nada de ninguém* (1Ts 4,12); e no fim: *Com efeito, a ociosidade ensina muitos males* (Eclo 33,29).

5. Estes males, o Apóstolo os enumerou claramente nas passagens que comentamos mais acima ao dizer: *Não trabalham, mas se comportam com curiosidade* (2Ts 3,11); e a esse vício, acrescenta:

Empenhai-vos em levar vida tranquila, e em seguida: *Ocupai-vos dos vossos negócios, levai vida honrada aos olhares dos de fora e não desejeis nada de ninguém* (1Ts 4,11ss). A tais homens ele qualifica de desordeiros e rebeldes e ordena a todos os que são fervorosos separarem-se deles: *Que vos separeis de todo irmão que vive desordenadamente e não conforme a tradição que de nós receberam* (2Ts 3,6).

CAPÍTULO 22

Instruídos por esses exemplos, os Pais do Egito não permitem aos monges, em especial aos mais jovens, permanecer ociosos.[7] Pela assiduidade ao trabalho é que avaliam o fervor do coração e o progresso na paciência e na humildade. Não só se recusam a aceitar seja o que for para sua alimentação, mas ainda restauram por seu trabalho os irmãos visitantes e os peregrinos. Além disso, reunindo em grande quantidade víveres e recursos diversos, eles os enviam às regiões da Líbia que sofrem seca e fome, e também aos que nas cidades perecem na miséria dos cárceres. Com tal oblação, creem oferecer ao Senhor o verdadeiro e razoável sacrifício do fruto de suas mãos (cf. Rm 12,1).

CAPÍTULO 23

Daí vem o fato de não encontrarmos nessa região nenhum mosteiro com elevado número de irmãos,[8] pois não se conta com

[7] Cf. *Inst.* II,3,3; V,38-39; *Conferências* XXIV,11-12.

[8] De acordo com a *Historia monachorum* em alguns mosteiros do Egito habitavam inúmeros monges: o mosteiro do abade Oro contava com mil monges, o do abade Amonas três mil, o de Apolônio quinhentos, o de Isidoro mil e os presididos por Sarapião dez mil.

os recursos do trabalho para poder nele perseverar; e mesmo que a liberalidade de outrem possa lhes prover uma alimentação suficiente, o prazer da ociosidade e da divagação do coração não lhes permite permanecer por muito tempo no mesmo lugar. Por isso, há no Egito uma santa sentença proveniente dos antigos Pais: "O monge que trabalha é tentado por um único demônio, mas o que é ocioso é devastado por uma infinidade de espíritos".

CAPÍTULO 24

Finalmente, mostremos o exemplo do abade Paulo, o mais experimentado dos Pais. Habitava num vasto deserto, denominado *Porfirion*. Os frutos das palmeiras e uma modesta horta forneciam-lhe alimento em quantidade suficiente para seu sustento. Como não podia fazer qualquer outro trabalho para prover as suas necessidades, porque sua morada nesse deserto ficava pelo menos a sete dias de marcha das cidades e da terra habitável, e além disso, o custo do transporte seria maior que o valor do trabalho realizado com fadiga, ele juntava folhas de palmeiras e se impunha, cada dia, uma quantidade fixa de trabalho, como se devesse com ele se sustentar. E quando sua gruta estava cheia com o trabalho do ano inteiro, punha fogo, uma vez por ano no que trabalhara com solícito cuidado. Assim, para provar que sem o trabalho manual o monge não pode permanecer estável, nem se elevar, um dia, ao cume da perfeição, ele trabalhava, muito embora não tivesse necessidade disso para se alimentar, mas apenas para purificar seu coração, impedir a divagação dos pensamentos, perseverar na sua cela e conseguir a vitória e destruição da própria acídia.

CAPÍTULO 25

Nos primeiros tempos de minha estada no deserto, disse ao abade Moisés, o maior de todos os santos, que na véspera, eu tinha sofrido muito com essa enfermidade da acídia e que só tinha podido me livrar dela indo o mais depressa possível ao abade Paulo. "Tu não te livraste, respondeu-me, antes tu te submeteste ainda mais a ela. Porque, tendo visto que eras um desertor e um fugitivo que uma vez vencido foge, o adversário te atacará mais fortemente daqui por diante; a menos que não queiras mais te esquivar provisoriamente aos seus ataques, desde o primeiro encontro, fugindo de tua cela ou dormindo, mas aprendas a dele triunfar, resistindo-lhe e combatendo-o".[9] A experiência prova então que não se escapa à tentação da acídia pela fuga, mas que é preciso superá-la, resistindo-lhe.

[9] S. Basílio, ao contrário, julga que em certos casos deixar a cela pode ser um remédio eficaz contra a acídia (*Constituições monásticas* VII, 2).

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO
Do espírito de vanglória

Guia de leitura

- Cap. 1. É um vício "que se apresenta de muitas maneiras".
- Cap. 2. Não só fere o monge na carne como também no espiritual.
- Cap. 3. A vanglória é "múltipla, multiforme e incerta e ataca por todos os lados".
- Caps. 4-5. É como a "cebola": "quantas cascas se retiram, tantas outras aparecem".
- Caps. 6-8. A vaidade fere o monge por suas próprias virtudes. Fortifica-se justamente graças ao triunfo sobre os outros vícios.
- Cap. 9. Grande dificuldade para vencer a vanglória: insinua-se entre as virtudes.
- Caps. 10-11. Exemplos de homens do Antigo Testamento que caíram na vanglória, depois de uma vida virtuosa: Ezequias e Ozias.
- Cap. 12. Advertências do Novo Testamento e do rei Davi contra a vanglória.
- Caps. 13-15. Diferentes formas nas quais a vaidade se "insinua" no coração dos monges.
- Cap. 16. Exemplo dos extremos a que pode chegar quem se deixa seduzir pelo pensamento da vanglória.
- Cap. 17. Importância dos "colóquios espirituais" dos Pais para prevenir e curar as enfermidades da alma.
- Cap. 18. Uma sentença dos Pais do deserto: "Os monges devem fugir por todos os meios possíveis das mulheres e dos bispos".
- Cap. 19. Conclusão: como combater a vanglória.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

- Os primeiros capítulos deste livro, mais exatamente, do capítulo 1 ao 9, estão centrados na explicação das características relevantes desta enfermidade.
- Nos capítulos 10-12 é oferecido o testemunho da Sagrada Escritura sobre a vanglória.
- Em seguida são apresentados alguns ensinamentos da Tradição monástica; esta nos mostra os perigos deste vício e como se deve lutar contra ele.
- Finalmente, é-nos indicado o remédio para superar esta enfermidade.
- Considerando a dificuldade para apresentar uma moléstia tão sutil, este é um dos livros mais "ordenados" das *Instituições*. Nele Cassiano segue quase escrupulosamente a linha de trabalho que se tinha traçado no livro V: estudar a natureza do vício, expor suas causas e oferecer os remédios adequados, apoiando-se para isso na autoridade da Sagrada Escritura e dos Pais do monaquismo (*Inst.* V, 1-2).

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

DO ESPÍRITO DE VANGLÓRIA

CAPÍTULO 1

Nosso sétimo combate é contra o espírito de kenodoxia (cenodoxia) que podemos chamar vanglória ou glória vazia[1] e que se apresenta de muitas maneiras; é versátil e sutil, de tal forma que mesmo o olhar mais perspicaz pode apenas, não digo precaver-se, mas nem sequer vê-lo com clareza ou identificá-lo.

CAPÍTULO 2

Este vício não só ataca o monge na sua carne como os demais, mas também no seu espírito, infiltrando-se nele com malícia refinada;[2] assim os que não foram vencidos pelos vícios carnais são mais gravemente feridos em seus progressos espirituais. E é tanto mais perigoso combatê-lo quanto mais difícil é precaver-se dele. O combate aos outros vícios é mais manifesto e aberto, e em cada um deles o atacante, ao ser reprimido com uma objeção enérgica, retira-se mais debilitado. Abatido o adversário, desde então não atacará mais seu vencedor com a mesma violência. A vaidade, ao

---

[1] Vaidade e orgulho constituem um grupo à parte nos oito vícios capitais; não exigem a participação do corpo (cf. *Conferências* V,3) e principalmente, desenvolvem-se por ocasião das vitórias obtidas sobre os demais vícios (id. 10,3-4).

[2] Esta expressão encontra-se com maior clareza em *Conferências* V,11: "Quanto à vaidade, são várias as formas que aparenta, dividindo-se em diversas espécies. Pode-se, no entanto, reduzi-la a duas espécies: a primeira, que nos torna ávidos por benefícios corporais e aparentes. A segunda, que nos faz desejar que nos tornemos renomados como espirituais e nos torna cobiçosos dos louvores humanos".

contrário, se for repelida enquanto atrai o espírito para um vício carnal, muda de aparência para disfarçar sua malícia multiforme e se esforça, sob a cor da virtude, por abater e sufocar seu vencedor.

CAPÍTULO 3

Pois, ao contrário de todos os outros vícios ou perturbações que se revelam uniformes e simples, este é múltiplo, multiforme e variado. Investe por todos os lados contra seu adversário, mesmo vencedor. Esforça-se por ferir o soldado de Cristo em seu aspecto exterior, em sua figura, em seu modo de andar, em sua palavra, em seu modo de agir, nas vigílias, nos jejuns, na oração, na solidão, na leitura, no estudo, no silêncio, na obediência, na humildade e na longanimidade. Como se fosse um recife perigoso recoberto pelas ondas, esse vício surpreende de repente e causa um naufrágio deplorável aos que navegando com vento favorável, não se acautelaram nem estavam prevenidos.

CAPÍTULO 4

Portanto, é necessário que aquele que deseja seguir o caminho real,[3] através das *armas da justiça que estão à direita e à esquerda*, segundo a doutrina do Apóstolo, passe pela *glória e pela ignomínia, pela boa e pela má fama* (2Cor 6,7-8). É-nos preciso então, através das ondas tumultuosas das tentações, utilizar a discrição como leme sob o sopro do Espírito do Senhor para seguir o caminho da virtude com grande precaução, sabendo que logo

[3] Este tema do "caminho real" será muitas vezes desenvolvido na literatura espiritual da Idade Média. A expressão será mesmo um sinônimo de "vida monástica" (cf. J. LECLERCQ, *L' amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris, 1957, p. 102-104).

seremos quebrados contra os rochedos se nos desviarmos, ainda que pouco, seja para a direita seja para a esquerda. É por isso que o sapientíssimo Salomão nos adverte com as seguintes palavras: *Não te desvies nem à direita, nem à esquerda* (Pr 4,27 [LXX]). Isto é: não te envaideças por tuas virtudes e não te orgulhes por teus progressos espirituais, caindo para a direita e não descambes para a esquerda pelo caminho dos vícios, procurando neles tua glória, para tua perdição, conforme a palavra do Apóstolo (cf. Fl 3,19).

Porque,[4] quando o inimigo não pôde suscitar a *kenodoxia* (vaidade) sob o pretexto de uma veste bem talhada e limpa, esforça-se então por fazê-lo por uma veste suja, desalinhada e desprezível; a quem não pôde abater pela honra, ele o faz cair pela humildade. Ao que não pôde encher de orgulho pela profundidade de sua ciência e sua eloquência, ele o abate pelo prestígio que lhe confere seu silêncio. Se um monge jejua publicamente, é tentado a gloriar-se por causa disso; mas se o esconder por menosprezar a glória que disso lhe poderia advir, cai ainda na vanglória. Se, para não ser por ela atingido, evita fazer longas orações na presença de seus irmãos, não escapará à tentação de se gloriar por esconder-se para rezar sem nenhuma testemunha.

CAPÍTULO 5

Os anciãos descrevem excelentemente a natureza desse mal, comparando-o a uma cebola: quando retiramos dela uma casca, logo encontramos outra e quantas dela retirarmos, tantas outras encontraremos.

[4] A mesma observação encontra-se em EVÁGRIO, *Carta 51* (Frankenberg, p. 599).

CAPÍTULO 6

A vaidade não deixa de perseguir o monge mesmo que fuja para a solidão a fim de evitar o contato com os homens, e quanto mais foge do mundo, mais duramente é perseguido. Ela procura exaltar tal monge porque é muito resistente no trabalho e em suportar a fadiga, um outro, porque é muito pronto na obediência, um terceiro, por causa de sua eminente humildade. A este tenta por causa de sua ciência; àquele pelas suas leituras; a outro, enfim, pelas suas longas vigílias. Este mal fere o monge por suas próprias virtudes, preparando-lhe tropeços mortais naquilo que deveria dar-lhe como prêmio a vida. Aos que desejam andar pelo caminho da piedade e da perfeição, os inimigos não escondem as emboscadas a não ser no caminho pelo qual passam para fazê-los cair, conforme a palavra do bem-aventurado Davi: *No caminho em que andava ocultaram para mim uma armadilha* (Sl 141[142],4). Assim, no caminho das virtudes pelo qual ascendemos, procurando o *prêmio de nossa vocação celeste* (Fl 3,14), fracassamos ao orgulhar-nos de nossos próprios méritos e uma vez subjugados os pés de nossa alma, caímos presos pelos laços da vanglória. Acontece assim que não tendo sido derrotados na luta contra o adversário, somos vencidos pela própria grandeza de nossa vitória; ou, ao menos, o que é outro tipo de queda, ao ultrapassar a medida da austeridade ou de nossas possibilidades, perdemos a perseverança em nosso caminho, por causa da fraqueza do corpo.[5]

[5] Cf. *Inst.* V,9 e *Conferências* I,20 e II,17.

CAPÍTULO 7

Todos os vícios se debilitam quando os dominamos e dia a dia a derrota torna-os mais fracos. O lugar e o tempo vão reduzindo e diminuindo sua veemência. Pelo menos, é mais fácil precaver-se contra eles e evitá-los por meio da resistência que as virtudes contrárias lhes opõem. Este vício, porém, uma vez derrotado, recrudesce com maior força para a luta, e quando cremos que está extinto, ressurge de sua morte com mais vigor. Os outros vícios só atacam os que já foram vencidos. Este, porém, persegue mais asperamente seus vencedores; e quanto mais fortemente foi derrotado, com maior veemência retornará ao combate aproveitando o orgulho que a vitória provoca. E é tal a astúcia sutil do inimigo que derrota com suas próprias flechas o soldado de Cristo, a quem não pôde vencer com as armas inimigas.

CAPÍTULO 8

Por vezes, como já o dissemos,[6] lugares favoráveis acalmam certos vícios que perdem muitas vezes sua força quando se suprime a matéria dos pecados ou a ocasião e a facilidade de cometê-los. Mas a vaidade acompanha ao deserto aquele que dela foge, não se deixa enxotar de nenhum lugar, e não se pode enfraquecê-la senão suprimindo do exterior seu alimento. Pois haure sua força somente do progresso daquele que ela ataca.

Alguns vícios, como já dissemos, acalmam-se pouco a pouco com o tempo e desaparecem; quanto à vanglória, uma longa vida que não estivesse fundada num grande zelo e sábia discrição,

[6] Cf. *Inst.* VI,3.

longe de lhe criar obstáculo, acumula as ocasiões de uma vaidade ainda maior.

CAPÍTULO 9

Finalmente, é mais fácil vencer ou precaver-se das outras paixões que se opõem às virtudes que lhes são contrárias e as atacam abertamente como em pleno dia; enquanto que esta [a vaidade] se insinua entre as virtudes, mistura-se no campo do combate e, lutando como numa noite escura, engana mais cruelmente os desprevenidos e os incautos.

CAPÍTULO 10

1. Lemos, por exemplo, que o rei de Judá, Ezequias, homem consumado na justiça, do qual a Sagrada Escritura dá testemunho (2Rs 18,1ss), depois de ter merecido grandes louvores por suas virtudes, foi prostrado por um único golpe da vaidade. Ele que, só com uma oração, tinha obtido que um anjo fizesse perecer de noite cento e oitenta e cinco mil soldados do exército assírio (2Rs 19,15.35), foi dominado pela vanglória. Calarei a longa lista de suas virtudes pois seria interminável (2Rs 20,1-6; Is 38,1-5). Direi apenas o seguinte: quando o Senhor já tinha anunciado o fim de sua vida e fixado antecipadamente o dia de sua morte, ele mereceu, por uma única oração, que se prolongasse por quinze anos esse limite (cf. 2Rs 20,1-5). E o sinal foi o sol ter retrocedido dez graus dos que já havia percorrido, em direção ao poente (2Rs 20,9-11; Is 38,8), dobrando assim o dia em toda a terra por um milagre inaudito e contrário a todas as

leis da natureza.[7]

2. Depois de sinais tão grandes e inacreditáveis, depois de tão extraordinárias provas de virtude, escuta a Escritura contar como ele ficou embriagado por seu sucesso: *Por aqueles dias, Ezequias caiu doente e esteve a ponto de morrer. Implorou a Deus que o ouviu e lhe concedeu um sinal* (2Cr 32,24), isto é, o milagre do retrocesso do sol que no quarto Livro dos Reis nós lemos ter sido dado pelo profeta Isaías. *Mas Ezequias não correspondeu ao benefício recebido, seu coração se orgulhou e a ira se abateu sobre ele, sobre Judá e Jerusalém. Porém, depois humilhou-se do orgulho de seu coração, assim como os habitantes de Jerusalém e por isso a ira do Senhor não veio sobre eles durante a vida de Ezequias* (2Cr 32,25-26).

3. Como é perniciosa, como é grave a doença do orgulho! Tanta justiça, tantas virtudes, tanta fé e devoção que haviam merecido mudar até a própria natureza e as leis do mundo inteiro, são destruídas por um só ato de orgulho! Todas as suas virtudes foram esquecidas e ele teria sentido imediatamente os efeitos da cólera do Senhor, se não a tivesse aplacado por uma pronta humildade. Aquele que o orgulho tinha precipitado de um tal cume de méritos, não pôde retornar aos cimos perdidos senão pelos mesmos degraus da humildade. Queres ouvir um outro exemplo de idêntica queda?

[7] No quadrante dos relógios de sol, a hora é indicada pela progressão da sombra numa superfície estanhada, à maneira dos ponteiros de nossos relógios.

CAPÍTULO 11

Ozias, bisavô[8] do rei acima mencionado, louvado em tudo pelo testemunho das Escrituras, depois dos grandes elogios de suas virtudes, depois dos inumeráveis triunfos que obteve pelo mérito de sua devoção e de sua fé, observa como foi derrubado pela exaltação da vanglória: *O nome de Ozias tornou-se famoso porque o Senhor o ajudou e o fez forte. Mas quando se tornou poderoso, seu coração se encheu de orgulho, a ponto de causar sua desgraça, e desprezou o Senhor seu Deus* (2Cr 26,15-16). Vês um outro exemplo de uma gravíssima ruína, e notas que dois homens, tão justos e perfeitos, foram abatidos por seus triunfos e suas vitórias.

Podemos compreender por esses exemplos quão perniciosos costumam ser os sucessos na prosperidade, de tal modo que aqueles que não se deixaram abater pela adversidade, se forem imprudentes, são mais duramente vencidos pela prosperidade, e os que na luta e no campo de batalha escaparam da morte, sucumbem abatidos pelo peso de seus próprios troféus e de seus triunfos.

CAPÍTULO 12

Por isso o Apóstolo nos adverte: *Não ambicionemos a vanglória* (Gl 5,26). E o Senhor, repreendendo os fariseus, lhes diz: *Como podeis crer, vós que recebeis a vossa glória uns dos outros e não procurais a glória que vem só de Deus?* (Jo 5,44). Deles diz o bem-aventurado Davi com ameaça: *Deus dispersou os ossos daqueles que agradam aos homens* (Sl 52[53],6).

[8] Cassiano diz por engano "atavus", o pai do trisavô.

CAPÍTULO 13

Mesmo os principiantes e os que ainda pouco progrediram na virtude ou na ciência enchem-se muitas vezes de vaidade, seja por causa do timbre de sua voz, sob pretexto de que cantam mais melodiosamente, seja por causa de sua esbelteza ou seu porte, seja porque têm parentes ricos e nobres, ou porque desprezaram o exército e as honras. Às vezes, até mesmo as dignidades e as riquezas que talvez jamais tivessem podido adquirir, a vaidade persuade o jovem monge que ele as teria obtido facilmente se tivesse ficado no século, enchendo-o com uma esperança vazia e hipotética, levando-o a se engrandecer como alguém que tivesse desprezado bens que jamais possuiu.

CAPÍTULO 14

Às vezes,[9] a vanglória sugere a algum monge a aspiração ao cargo de clérigo, ou o desejo do sacerdócio ou do diaconato. Ela o fará sonhar que, mesmo se o tivesse obtido contra a sua vontade, ele o desempenharia com tanta santidade e austeridade, que poderia servir como exemplo de perfeição para os demais sacerdotes e, depois, que ganharia muitos deles não só por seu estilo de vida como também por seu ensinamento e sua palavra. Enquanto permanece na solidão ou na sua cela, a vaidade o incita a percorrer, em sua fantasia, casas e mosteiros, e obter a conversão de muitos sob o impulso de imaginárias exortações.

[9] Comparar EVÁGRIO, *Antirrhético* VII,1.3 (Frankenberg, op. cit. p. 531) e *Tratado Prático* 13 (PG 40,1273D).

CAPÍTULO 15

Então a pobre alma, levada por tal vaidade e enganada como por um profundíssimo torpor, a tal ponto é seduzida pela doçura desses pensamentos e tão cativada por essas imagens que não mais consegue prestar atenção ao que se passa em sua presença e aos irmãos, enquanto que, sonhando acordada, se compraz com toda essa fantasia provocada pela divagação do espírito como se fora verdadeira.

CAPÍTULO 16

Recordo-me de certo ancião que conheci no tempo em que vivi no deserto da Cétia. Dirigia-se um dia à cela de um irmão para fazer-lhe uma visita. Ao aproximar-se, ouviu-o murmurar alguma coisa lá dentro. Esperou um pouco desejando saber qual era a passagem da Escritura lida ou recitada de memória pelo solitário enquanto trabalhava, conforme o costume. Como esse benevolente observador escutasse com ouvido muito atento, descobriu que o irmão estava de tal modo perturbado pelos assaltos desse espírito, que se imaginava na igreja, fazendo uma exortação ao povo. E quando o ancião que esperava percebeu que ele terminara seu discurso, e que mudando de ofício, pronunciava com solenidade a despedida dos catecúmenos[10] como se fosse diácono, então enfim, bateu à porta. O monge saiu ao seu encontro com o respeito habitual, fê-lo entrar e perguntou, com a consciência inquieta, se ele estava ali há muito tempo, temendo que estivesse ofendido pela longa espera junto à porta. Respondeu o velho monge, com tom

[10] Nas *Instituições*, o termo missa (despedida) nunca aparece com o sentido de Missa.

jovial e divertido: "Não, cheguei justamente no momento em que estavas despedindo os catecúmenos".

CAPÍTULO 17

1. Por isso pareceu-me necessário introduzir estas coisas neste opúsculo, para que, instruídos não só pela razão como também pelos exemplos sobre a força dos ataques e as espécies de vícios com os quais é torturada a infeliz alma, possamos ser mais prudentes em evitar as insídias e as múltiplas ciladas do inimigo.

Os Pais do Egito expõem tudo isso publicamente e sem discriminação, a fim de que o relato que fazem, como se os suportassem ainda agora, lhes permita revelar e pôr à luz do dia os ataques dos vícios que os jovens sofrem ou terão de sofrer. Assim, enquanto apresentam as ilusões de todas as paixões – as que são próprias dos iniciantes e as dos mais fervorosos – os jovens se instruem sobre os segredos de seus combates que veem como num espelho, aprendendo a causa e os remédios dos vícios pelos quais são atribulados, e sabem também, antes mesmo que aconteçam, como é preciso defender-se nas batalhas e afrontá-los como lutadores.[11]

2. Por essa razão, como os mais experimentados entre os médicos geralmente não se contentam em curar as doenças presentes mas, em sua sábia experiência, adiantam-se às futuras e as previnem por prescrições e remédios salutares, também esses autênticos médicos das almas, destruindo por antecipação com o colóquio espiritual, como por um celeste antídoto, as doenças do coração antes que apareçam, e não admitindo que elas se desenvolvam no

[11] Cf. *Inst.* VII,13.

espírito dos jovens, revelam-lhes tanto a causa das paixões que os ameaçam como os remédios que dão a saúde.

CAPÍTULO 18

Existe certa máxima antiquíssima atribuída aos Pais do deserto, e que se conserva até hoje – é cheio de confusão que a deixo consignada aqui, eu, que não soube evitar a companhia de minha irmã, nem escapar às mãos episcopais: o monge deve fugir absolutamente das mulheres e dos bispos.[12] A familiaridade com essas pessoas tem o mesmo resultado: não permite ao monge entregar-se em seguida à calma da cela ou aderir, numa grandíssima pureza de olhar, à contemplação divina pela consideração das coisas santas.

CAPÍTULO 19

1. O atleta do Cristo, desejoso de combater segundo as regras (cf. 2Tm 2,5) o verdadeiro e espiritual combate, deve esforçar-se com a maior solicitude por vencer, de todas as maneiras, essa fera que toma formas tão variadas. Poderemos escapar da seguinte maneira à sua malícia multiforme que nos ataca em todas as frentes. Tendo em mente a palavra de Davi: *Deus dispersou os ossos daqueles que agradam aos homens* (Sl 52[53],6), antes de mais nada, jamais nos permitamos realizar, seja o que for, por vaidade ou desejo de vanglória. Em segundo lugar, tratemos de conservar com a

[12] Fugir dos bispos significa recusar a ordenação sacerdotal. Os *Apotegmas dos Pais* apresentam numerosos ditos nos quais ensinam que é necessário evitar o sacerdócio a fim de poder permanecer na cela: por exemplo, na série *Alfabética* os apotegmas Teodoro de Ferma 25, Macário, o Egípcio 1, Moisés 4 entre outros. O caso mais célebre é o de Amônio, que para escapar à ordenação, amputou sua orelha direita (*História Lausíaca* 11).

mesma vigilância o bem que empreendemos, para que a vanglória não venha logo depois aniquilar todo o fruto de nossos trabalhos. Afastemos, também, com o máximo cuidado, no trato com os outros irmãos, tudo o que não seja admitido nem posto em prática pelo uso comum, para não cairmos na jactância. Evitemos, igualmente, tudo o que seria próprio a pôr-nos em destaque, acima dos outros, e nos valeria os louvores dos homens como se fôssemos nós os únicos capazes de tais empreendimentos.[13]

2. Com efeito, é principalmente por tais sinais que o veneno mortal da vaidade revela sua presença em nós. Podemos escapar muito facilmente a esses perigos se considerarmos que não só perderemos inteiramente os frutos dos esforços que fizemos por vaidade, mas também que culpados de falta grave, teremos de sofrer – como sacrílegos – o suplício eterno,[14] uma vez que preferimos fazer, para agradar aos homens, a obra que deveríamos ter realizado para agradar a Deus, injuriando-o. Ele que vê o oculto, nos convencerá de ter preferido os homens a Deus, e a glória do mundo à glória do Senhor.[15]

[13] Cf. *Inst.* I,2,2; V,23,2.

[14] Cassiano só trata aqui de casos extremos.

[15] Cf. *Inst.* V,41.

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO

Do espírito de orgulho

Guia de leitura

- Cap. 1. A mais temível de todas as enfermidades: o orgulho.
- Cap. 2. Dois tipos de orgulho devem ser distinguidos: o que ataca os "monges espirituais e mais perfeitos; o outro, que envolve os principiantes e carnais... O primeiro dirigido especialmente contra Deus, o segundo, contra os homens".
- Cap. 3. Descrição das características principais da soberba: é um vício que destrói todas as virtudes, uma doença "generalizada" que arruína a vida espiritual do monge.
- Cap. 4. A soberba nos convida a pôr toda nossa confiança no próprio livre arbítrio e não querer depender de Deus. É o que fez Lúcifer, daí a gravidade desse vício.
- Caps. 5-6. Ainda que seja o último dos vícios na ordem do combate, o orgulho, por sua gravidade, é a causa da primeira queda e a origem de todos os males do ser humano: "crer-se independente de Deus".
- Cap. 7. Gravidade da soberba: "dirige-se propriamente contra Deus".
- Cap. 8. Remédio contra o orgulho: a humildade.
- Caps. 9-23. Pequeno "tratado" sobre a graça divina.
- Caps. 9-10. Introdução.
- Caps. 11-12. Dois exemplos da Sagrada Escritura: Davi e o bom ladrão (o capítulo 12 é uma breve conclusão do anterior).
- Cap. 13. O ensinamento dos Pais.
- Cap. 14. Importância decisiva da vontade do homem: "a miseri-

córdia e a graça de Deus são concedidas só aos que trabalham e se fatigam laboriosamente".

- Caps. 15-16. Seguir os mestres e guias que têm uma verdadeira experiência no caminho da perfeição espiritual.
- Cap. 17. O ensinamento da Sagrada Escritura sobre a ajuda de Deus.
- Caps. 18-19. A verdadeira humildade consiste em agradecer ao Senhor pelos dons que dele recebemos cada dia.
- Cap. 20. Existe uma relação entre a soberba e a blasfêmia contra Deus; e ambas impedem o monge de alcançar a pureza de coração.
- Caps. 21-22. "Toda alma possuída pelo tumor da soberba está entregue aos sírios espirituais, isto é, às malícias do espírito e se torna escrava das paixões da carne".
- Cap. 23. Conclusão do "tratado" sobre a graça de Deus: sem a ajuda e a proteção de Deus é impossível alcançar a perfeição.
- Caps. 24-32. O orgulho carnal.
- Caps. 24-29. Causa principal e manifestações dessa espécie de soberba. O orgulho carnal tem suas raízes numa renúncia incompleta ou parcial do monge no momento de abraçar sua vocação. A manifestação mais evidente disso: "torna-se incapaz de receber um conselho saudável", e põe "mais confiança em seu próprio juízo do que no dos anciãos".
- Caps. 30-32. Consequências do orgulho carnal: torna impossível viver no mosteiro (caps. 30-31); devora as virtudes e impede "ser levantado em nossa alma o edifício das virtudes" (cap. 32).
- Cap. 33. Conclusão: é imprescindível que o monge se mantenha firme na humildade.

Indicações práticas

- Este último livro das *Instituições*, tanto pelo tema desenvolvido como pelo plano seguido pelo autor em sua exposição, requer um esforço especial da parte do leitor.
- Em linhas gerais, temos duas grandes seções, separadas entre si por um pequeno "tratado".
- A primeira seção (caps. 2-8), precedida por uma introdução (cap. 1) sobre a gravidade da soberba na vida monástica, trata do que João Cassiano denomina o orgulho "espiritual", o mais grave e difícil de ser combatido.
- A segunda seção aborda as causas, as consequências e os remédios que devem ser aplicados contra o "orgulho carnal" (caps. 24-32).
- Ocupam um lugar particular neste livro os capítulos 9-23, nos quais se desenvolve um tema fundamental para compreender retamente os livros das *Instituições* dedicados à luta contra os vícios: a necessidade absoluta da ajuda da graça de Deus. Sem este auxílio tudo seria em vão.
- É conveniente pensar em uma tríplice leitura de *Instituições* XII:
1) ler as duas seções dedicadas ao orgulho ou soberba propriamente dito;
2) abordar em seguida o "pequeno tratado" sobre a graça divina;
3) leitura do livro completo, com sua conclusão (cap. 33).

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO

DO ESPÍRITO DE ORGULHO

CAPÍTULO 1

Nosso oitavo e último combate é contra o espírito de orgulho. Muito embora este mal seja o último e venha no final da lista dos vícios, por sua origem e no tempo, ocupa, entretanto, o primeiro lugar. Monstro cruel, mais terrível do que qualquer outro do qual já falamos, ataca principalmente os perfeitos, redobrando de violência contra aqueles que já estão quase consumados na virtude.

CAPÍTULO 2

Há dois gêneros de orgulho:[1] o primeiro que, como dissemos, ataca os monges espirituais e eminentes; o outro que aflige os ainda iniciantes e carnais. Muito embora nos dois casos a alma se rebele ao mesmo tempo, contra Deus e contra os homens, o primeiro gênero de orgulho, no entanto, diz respeito mais a Deus e o segundo, mais aos homens. No final deste livro, tanto quanto formos capazes com a graça de Deus, trataremos da origem e da cura desse segundo gênero de orgulho;[2] contudo, queremos primeiramente falar um pouco sobre o primeiro, do qual já dissemos que é principalmente a tentação dos monges perfeitos.

---

[1] Cf. *Conferências* V,12: "São dois os aspectos de que se reveste a soberba: o primeiro, carnal; o segundo, espiritual que é o mais pernicioso pois atinge preferencialmente os que progrediram no exercício de alguma virtude".

[2] Cf. *Inst.* XII,24.

CAPÍTULO 3

1. Não há vício que enfraqueça mais todas as virtudes e despoje mais completamente o homem de toda justiça e santidade do que o orgulho. É como uma enfermidade generalizada e infecciosa que não se contenta em debilitar um único membro, inteiramente ou em parte, mas provoca a destruição do corpo inteiro e procura levar à ruína completa e aniquilar os que já chegaram ao cume das virtudes. Todos os outros vícios são limitados ao seu fim particular e embora alterem ao mesmo tempo as outras virtudes, visam principalmente uma que especialmente atacam e subjugam.

2. Para melhor ilustrar o que digo, por exemplo, a gula ou glutonaria [*gastrimargia*] altera o rigor da temperança; a impureza macula a castidade, a cólera destrói a paciência. Desta maneira, o que se entregou a um vício, não fica, entretanto, totalmente destituído das outras virtudes, mas privado apenas daquela que sucumbiu aos ataques do vício contrário; quanto às outras virtudes é possível conservá-las, ao menos parcialmente.[3] Mas quando o espírito tem a infelicidade de estar possuído pelo orgulho, este como um cruel tirano, destrói totalmente toda a cidade, depois de se ter apossado da mais elevada fortaleza. Arrasa ao nível dos vícios as muralhas outrora tão elevadas da santidade e, introduzindo-se nelas, não deixa

[3] Isso não é rigorosamente exato. As virtudes propriamente ditas andam juntas. E, se perdemos uma, perdemos todas. Todavia, se as consideramos como disposições, sejam naturais, sejam adquiridas pelo hábito de praticá-las, não são conexas. Assim, tornando-nos mais vulneráveis por onde fomos vencidos, podemos, contudo, conservar certa facilidade em praticar a virtude (cf. Sto. Tomás, Ia. IIae. q. 65, a.1). É também verdade que nenhum pecado destrói tão completamente as virtudes e as boas disposições como o pecado de orgulho, pois nenhum coloca a direção de nossa vida moral num plano tão completamente e inteiramente falso (D. Pichery, OSB).

mais na alma que submeteu, a menor sombra de liberdade. Quanto mais rica for, mais a acabrunhará com o jugo pesado de sua servidão e a despojará sem piedade de todas as virtudes que possuía.

CAPÍTULO 4

1. E podemos conhecer o poder dessa gravíssima tirania pelo exemplo daquele anjo cujo esplendor e beleza lhe valeu o nome de Lúcifer e que foi lançado do céu por este único vício:[4] ferido pelos golpes do orgulho foi expulso da bem-aventurada e sublime morada dos anjos e precipitado nos infernos. Se, pois, uma tão grande virtude, à qual estava unida tanto poder (cf. Is 14,12ss), pôde ser precipitada do céu à terra por um único ato de orgulho, a magnitude dessa queda nos mostra com que precaução é preciso comportar-nos, nós que estamos cercados pela fragilidade da carne.

2. Aprenderemos do mesmo modo a evitar o perniciosíssimo veneno desta enfermidade, procurando as causas e origens de sua ruína. Com efeito, nenhuma cura é possível, nenhum remédio há para os incômodos das doenças se primeiramente não fizermos uma investigação minuciosa sobre suas causas e origens.

Este [Lúcifer], revestido pela claridade divina e brilhando pela bondade do Criador mais que todas as outras virtudes celestes, acreditou receber do poder de sua própria natureza e não da munificência divina, o esplendor da sabedoria e a beleza das virtudes com as quais a graça do Criador o tinha ornado. Enfatuado por este motivo, como se não tivesse necessidade do socorro divino para perseverar na pureza, julgou-se semelhante a Deus, preten-

[4] Sobre a natureza e consequência do pecado dos anjos, cf. *Conferências* IV,13-14.

dendo que, como Deus, não tinha necessidade de ninguém. Pôs sua confiança na capacidade de seu livre arbítrio, crendo poder obter assim, em abundância, tudo o que exige a perfeição na virtude e a bem-aventurança eterna.

3. Esse único pensamento foi a sua primeira queda. Por esse motivo, abandonado por Deus do qual pensava não ter necessidade, tornou-se imediatamente instável e errante, experimentou a fraqueza de sua própria natureza e perdeu a bem-aventurança da qual gozava por um benefício de Deus. E porque *amou as palavras de perdição* (Sl 51[52],6) que lhe fizeram dizer: *Subirei até o céu* (Is 14,13), e a *língua enganadora* (Sl 51[52],6), pela qual disse de si mesmo: *Serei semelhante ao Altíssimo* (Is 14,14), ou de Adão e Eva: *Sereis como deuses* (Gn 3,5). *Por isso Deus te demolirá, te destruirá até ao fim, te arrancará da tua tenda, e te extirpará da terra dos vivos* (Sl 51[52],7). Então, *os justos temerão ao ver sua ruína, e rirão às custas dele, dizendo* (Sl 51[52],8) – estas palavras aliás, dirigem-se também muito justamente a quem se orgulha de realizar o bem supremo sem a proteção e o socorro de Deus: *Eis o homem que não depositou sua confiança no socorro do Senhor, mas se apoiou na multidão das suas riquezas e fez prevalecer sua vaidade* (Sl 51[52],9).

CAPÍTULO 5

Tal foi a causa da primeira queda e a origem da doença principal. Através daquele que fora por ela abatido, passou em seguida ao primeiro homem, e nele gerou as enfermidades e a matéria de todos os vícios. De fato, acreditando poder conquistar pela força

de sua liberdade e sua própria habilidade a glória da divindade, ele perdeu até mesmo a que recebera pela graça do Criador.[5]

CAPÍTULO 6

1. Portanto, os exemplos e testemunhos da Escritura provam clarissimamente que o flagelo da soberba, último na ordem do combate, é, contudo, o primeiro pela sua origem e princípio de todos os demais pecados e crimes. Além de destruir, como os outros vícios, a virtude que lhe é contrária, isto é, a humildade, faz com que pereçam ao mesmo tempo[6] todas as demais virtudes; e são por ele tentados não só os medíocres e os fracos, mas sobretudo os que já chegaram ao máximo da força. Com efeito, o profeta faz menção deste espírito quando diz: *Seus alimentos são escolhidos* (Hab 1,16[LXX]).

2. Por isso é que o bem-aventurado Davi, embora tão atento em guardar o recôndito de seu coração, ousou proclamar, com audaciosa confiança, àquele a quem não podiam escapar os segredos de sua consciência: *Senhor, meu coração não se exaltou e meus olhos não se elevaram; não andei pelos caminhos das grandezas, nem em maravilhas acima de mim, como se meu coração não tivesse sido humilde* (Sl 130[131],1-2). E ainda: *O orgulhoso não habitará em minha casa* (Sl 100[101],7). Portanto, sabendo ser muito difícil, mesmo para os perfeitos, essa guarda do coração, Davi não tem a presunção de consegui-la pelos seus próprios esforços, mas implo-

[5] As consequências do pecado original são apresentadas mais claramente em *Conferências* XIII,12.

[6] Cf. *Inst.* XII,3,2.

ra, em sua oração, o auxílio do Senhor, para escapar sem feridas aos dardos do inimigo, dizendo: *Que o pé do orgulhoso não chegue até mim!* (Sl 35[36],12), apavorado e cheio de temor que lhe aconteça o que é dito sobre os soberbos: *Deus resiste aos soberbos* (Tg 4,6), e ainda: *Todo aquele que se exalta em seu coração é impuro aos olhos do Senhor* (Pr 16,5[LXX]).

CAPÍTULO 7

Quão grande é, pois, o mal da soberba, uma vez que merece ter por adversário, não um anjo, não as virtudes contrárias, mas o próprio Deus! Pois é preciso notar como em parte alguma diz-se, em relação aos que estão envolvidos pelos outros vícios, que o Senhor lhes resiste, isto é, que o Senhor *resiste aos* gulosos, aos fornicadores, aos coléricos ou aos avarentos, mas somente aos *soberbos* (Tg 4,6). De fato, esses vícios só recaem sobre aquele que os pratica ou sobre seus cúmplices, ou seja, parecem cometidos contra outros homens. O orgulho, porém, se dirige propriamente contra Deus e por essa razão merece tê-lo especialmente por adversário.[7]

CAPÍTULO 8

1. Deus, criador e médico do universo, sabendo ser o orgulho a causa e o princípio de todos os males, tratou de curar os contrários pelos contrários,[8] de modo que aqueles que tinham caído pela soberba se levantassem pela humildade.

[7] Cf. *Inst.* XII,2.

[8] "*Contrariis sanare contraria*": este provérbio dos círculos médicos é citado com frequência na literatura ascética da época; por exemplo, S. Jerônimo, na *Carta* 121, pref.: "...de acordo com Hipócrates, um contrário se cura com outro contrário".

O demônio havia dito: *Elevar-me-ei até os céus* (Is 14,13), e o Senhor disse: *Minha alma está humilhada no pó* (Sl 43[44],25). Aquele exclama: *Serei semelhante ao Altíssimo* (Is 14,14); este, *possuindo a natureza divina, não se apegou ciosamente à sua igualdade com Deus. Aniquilou-se a si mesmo, tomando a condição de servo, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte* (Fl 2,6-8). Aquele diz: *Estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus* (Is 14,13); e este: *Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração* (Mt 11,29).

2. Aquele diz: *Não conheço o Senhor e não deixo partir Israel* (Ex 5,2); e este diz: *Se disser que não o conheço, serei mentiroso como vós; mas eu o conheço, e guardo seus mandamentos* (Jo 8,55). Aquele: *Os rios me pertencem, fui eu quem os fiz* (Ez 29,3[LXX]); e este: *Não posso fazer nada por mim mesmo, mas meu Pai que está comigo, é ele quem age* (Jo 5,30;14,10). Aquele: *Todos os reinos do mundo e sua glória me pertencem e eu os dou a quem quiser* (Lc 4,6); este: *Embora fosse rico se fez pobre a fim de nos enriquecer por sua pobreza* (2Cor 8,9).

3. Aquele diz: *Como se colhem ovos abandonados, assim eu reuni a terra inteira: não houve ninguém que batesse as asas, ou abrisse a boca, ninguém que desse um pio* (Is 10,14); este diz: *Tornei-me como o pelicano solitário; fiquei desperto como ave solitária no telhado* (Sl 101[102],7-8). Aquele diz: *Com as plantas dos meus pés sequei todos os rios* (Is 37,25); e este diz: *Não poderia eu pedir a meu Pai, para que ele pusesse à minha disposição, agora mesmo, mais de doze legiões de anjos?* (Mt 26,53).

Se, portanto, considerarmos atentamente a causa da primeira

queda e os fundamentos de nossa salvação, por quem e como esses fundamentos foram colocados e como teve origem essa queda, possam ensinar-nos esta queda e este exemplo como devemos evitar a morte tão atroz causada pelo orgulho.

CAPÍTULO 9

Assim pois,[9] poderemos escapar das redes preparadas por esse péssimo espírito se a propósito de cada uma das virtudes nas quais sentirmos ter progredido, dissermos estas palavras do Apóstolo: *Não eu, mas a graça de Deus comigo* (1Cor 15,10); e: *Pela graça de Deus, sou o que sou* (idem), e ainda: *É Deus quem opera em nós o querer e o agir, segundo a sua vontade* (Fl 2,13). Aliás, o próprio Autor de nossa salvação declara: *Aquele que permanece em mim, e eu nele, produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer* (Jo 15,5); e: *Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem; se o Senhor não guardar a cidade, é em vão que os guardas vigiam* (Sl 126[127],1[LXX]); e ainda: *É inútil que vos levanteis antes da aurora* (id., 2), *porque não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia* (Rm 9,16).

CAPÍTULO 10

Ninguém, com efeito, enquanto vive na carne que se opõe ao espírito, qualquer que seja seu fervor ou seu desejo, pode ter uma vontade capaz de obter o prêmio da perfeição e a palma da integridade e da pureza, se não for protegido pela divina miseri-

[9] Os capítulos 9-23 constituem uma espécie de pequeno tratado "*Sobre o auxílio divino*" que será retomado muito mais abundantemente e com expressões às vezes menos felizes na *Conferência* XIII: A proteção de Deus (cf. *Conferências* III,12-18; *Inst.* VII,3,2).

córdia para merecer alcançar o objeto de seus mais ardentes desejos e a meta que tem em vista. Pois, *todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto e desce do Pai das luzes* (Tg 1,17). *Que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?* (1Cor 4,7).

CAPÍTULO 11

1. Se nos recordarmos do ladrão, introduzido no Paraíso por uma única confissão (cf. Lc 23,40ss), compreenderemos não ter sido o mérito de sua vida que lhe valeu tão grande felicidade, mas que esta lhe foi concedida por um dom do Deus misericordioso.[10] Ou então se nos lembrarmos dos dois crimes do rei Davi, tão graves e medonhos, que foram apagados por uma única palavra de arrependimento (cf. 2Sm 12,13). Também aqui não foi o mérito de sua dor que obteve o perdão da culpa, e sim a graça superabundante de Deus que aproveitando a ocasião de um arrependimento verdadeiro, por uma única palavra na qual se exprimia uma confissão perfeita, destruiu esse peso imenso de pecado.[11]

2. Da mesma forma, se examinarmos o começo da vocação e da salvação do homem – com efeito, não fomos salvos por nós mesmos, nem pelas nossas obras, como diz o Apóstolo, porém, pelo dom e graça de Deus (cf. Ef 2,8-9) – torna-se evidente que a mais alta perfeição *não depende nem daquele que quer, nem do que corre, mas de Deus que faz misericórdia* (Rm 9,16)! Foi ele quem nos deu a vitória sobre nossos vícios, não estando nossos méritos

[10] Cf. *Conferências* XIII,11 e 13.

[11] Cf. *Conferências* XIII,13. O próprio arrependimento é obra da graça.

e trabalhos à altura de merecer tal graça, e não sendo suficiente a aplicação de nossa vontade para nos elevar ao cume da integridade, uma vez dominada a carne na qual vivemos.[12]

3. Nenhuma aflição corporal, nenhuma contrição do coração é apta a alcançar a verdadeira castidade do homem interior, pois não seria possível obter apenas pelo esforço humano, isto é, sem o auxílio de Deus, uma tão grande virtude de pureza, unicamente conatural aos anjos e própria do céu. A realização de todo e qualquer bem emana da graça daquele que, em sua infinita liberalidade, concede a perenidade da bem-aventurança e a imensidade da glória à nossa vontade débil e ao fraco e efêmero transcurso de nossa vida.[13]

CAPÍTULO 12

Na verdade, a duração de toda a vida presente se desvanece em comparação com a perenidade da glória futura, e todas as dores somem pela contemplação dessa imensa bem-aventurança: são reduzidas a nada como a fumaça e, como a cinza, desaparecem (cf. Is 1,31).

CAPÍTULO 13

Mas é tempo de exprimir a sentença dos Pais com o auxílio dos próprios termos dos quais se serviram. Eles não descreveram a via da perfeição e sua qualidade com as vãs palavras da jactância,

[12] Cf. *Conferências* XIII,9.

[13] Todos os nossos esforços, cuidados, trabalhos, arrependimentos, nossas penitências, boas obras, tudo enfim que fazemos na ordem da salvação, necessita da graça de Deus.

mas possuindo-a realmente e, segundo a virtude do Espírito, ensinaram-na por sua própria experiência e por exemplos incontestáveis. Eles dizem que ninguém pode purificar-se inteiramente de seus vícios carnais, se não compreender que todo o seu trabalho e seus esforços são insuficientes para atingir uma tão grande perfeição, e se não reconhecer – não tanto pelo ensinamento recebido como pelo sentimento interior e a força da experiência – que ela só pode ser obtida pela misericórdia e com o socorro de Deus. Pois quando se trata de alcançar o prêmio tão magnífico da pureza e da integridade, por maior que seja o labor dispensado nos jejuns, nas vigílias, na leitura, na solidão e afastamento do mundo, nada disso será suficiente para conseguir o fim almejado. Jamais, com efeito, o trabalho pessoal ou a habilidade do homem poderão igualar-se ao dom de Deus pois apenas a misericórdia divina o concede àquele que o deseja.

CAPÍTULO 14

1. Dizendo isso, não procuro suprimir os esforços humanos nem desviar quem quer que seja da sua aplicação ao trabalho, mas declaro o seguinte – e não é uma definição pessoal, mas a opinião unânime dos anciãos – embora a perfeição não possa ser atingida sem esses meios humanos, no entanto, ninguém pode somente por esses meios e sem a graça de Deus, realizá-la em sua plenitude. Com efeito, assim como dizemos que os esforços humanos são por si mesmos impotentes para atingir a perfeição sem o auxílio de Deus, da mesma forma declaramos que a misericórdia e a graça de Deus são concedidas somente aos que trabalham e lutam generosamente. Para empregar as palavras do Apóstolo, elas são concedidas aos que as desejam e correm para obtê-las (cf. Rm 9,16), conforme o

que, como sendo dito por Deus, canta também o Salmo 88: *Prestei auxílio a um poderoso, exaltei um eleito dentre o povo* (Sl 88[89],20).

2. Dizemos, com efeito, que, segundo a palavra do Salvador, quem pede, recebe, ao que bate, se lhe abre, quem procura, encontra (cf. Mt 7,7); mas o fato de pedir, procurar ou bater não nos outorga nenhum direito se a misericórdia de Deus não nos der o que pedimos, não abrir a porta na qual batemos, não nos permitir encontrar o que buscamos. Desde que por nossa boa vontade se apresente a ocasião, Deus está pronto a nos conceder tudo isso, pois ainda mais do que nós, ele deseja e espera nossa perfeição e nossa salvação.

3. E o bem-aventurado Davi tão bem sabia não poder conseguir apenas por sua atividade o sucesso em seu trabalho e labuta, que por duas vezes pediu ao Senhor dignar-se dirigir suas obras, dizendo: *Dirige sobre nós a obra de nossas mãos e dirige a obra de nossas mãos* (Sl 89[90],17). E, em outro salmo: *Confirma, Senhor, o que em nós operaste* (Sl 67[68],29).

CAPÍTULO 15

Se quisermos realmente, alcançar uma autêntica perfeição na virtude, devemos obedecer a esses mestres e guias que longe de sonhá-la em discussões vazias,[14] têm dela um conhecimento experimen-

[14] Esta impaciência de Cassiano confirma o fim essencialmente pragmático que se propõe. Deixando de lado toda especulação teológica (e, sem dúvida, aqui ele tem em vista a polêmica antipelagiana de Santo Agostinho), Cassiano busca apenas uma coisa: impedir que seus monges caiam no orgulho crendo-se capazes de alcançar por si mesmos a perfeição, sem todavia considerar inúteis seus esforços ascéticos. Cf. *Inst.* XII,19: "Qui simplicem piscatorum fidem corde simplici retinentes non eam syllogismis dialecticis et tulliana facundia spiritu concepere mundano..." (Conservando num coração simples a fé simples dos pescadores, não a conceberam graças aos silogismos da dialética e à eloquência ciceroniana, com espírito mundano...). Cf. *Conferências* XIII,18. Será que encontramos aqui um dos primeiros testemunhos históricos da cisão entre dogma e espiritualidade? (GUY, SCh 109, pp. 470-471).

tal e podem ensiná-la também a nós, dirigir-nos para ela e mostrar o caminho mais seguro para atingi-la. Ora, esses homens atestavam tê-la atingido mais pela fé que pelo mérito de seu esforço. E mais: uma vez adquirida a pureza do coração, reconheciam-se cada vez mais enfraquecidos pelo pecado – pois a compunção pelas suas faltas aumentava cada dia, proporcionalmente ao seu progresso na pureza da alma – e suspiravam constantemente, do fundo do coração, por sentir que não poderiam evitar jamais as manchas e sinais dos pecados, cujas marcas viam nos menores detalhes de seus pensamentos.

2. Assim proclamavam esperar a recompensa da vida futura, não pelo mérito de suas obras, mas pela misericórdia do Senhor, nada se atribuindo, em comparação com os outros, por uma tão grande guarda do coração, pois imputavam essa virtude não à sua habilidade, mas à graça divina. Não se lisonjeavam por causa da negligência daqueles que lhes eram inferiores ou dos tíbios, mas antes, contemplando aqueles que sabiam ser verdadeiramente sem pecado e gozando já no reino dos céus da bem-aventurança eterna, procuravam uma perpétua humildade. E assim, por essa consideração, evitavam a ruína causada pelo orgulho, ao mesmo tempo que encontravam sempre onde se orientar e motivo para se afligir, compreendendo que o peso da carne os impedia de atingir a pureza do coração que procuravam.

CAPÍTULO 16

Portanto, conforme suas tradições e instituições, devemos nos apressar para a perfeição e nos aplicar aos jejuns, às vigílias, às

orações, à contrição do coração e do corpo, sem destruir todos esses esforços inchando-nos de orgulho. Pois não basta crer que não podemos possuir a perfeição por nossa habilidade e fadiga, mas também que não podemos praticar todos esses meios que colocamos em ação para obtê-la, a saber, nossas fadigas, nossos esforços e nossa aplicação, sem o socorro da proteção divina e sem a graça que nos inspira, nos censura e nos exorta, isto é, a graça que Deus derrama com clemência em nossos corações, visitando-nos, seja por um outro, seja por ele próprio.

CAPÍTULO 17

1. Enfim, que o Autor de nossa salvação venha instruir-nos sobre o que devemos não só sentir, mas confessar, em tudo o que fazemos: *Por mim mesmo*, disse, *nada posso fazer* (Jo 15,30), mas *o Pai que está em mim, realiza suas obras* (Jo 14,10). Falando em nome da pessoa humana que assumiu, ele declara nada poder fazer por si mesmo. E nós, que não somos senão cinza e terra, acreditaríamos não haver necessidade do auxílio do Senhor no que diz respeito à nossa salvação? Aprendamos então, também nós, sentindo em cada ação tanto a nossa fraqueza como o auxílio que Deus nos dá, a proclamar cotidianamente com os santos: *Empurraram-me para me derrubar, mas o Senhor me sustentou; minha força e meu canto é o Senhor, ele foi a minha salvação* (Sl 117[118],13-14); e: *Se o Senhor não viesse em meu socorro, em breve minha alma habitaria no inferno. Quando eu dizia: Meu pé tropeça, tua misericórdia, Senhor, me sustentava; quando se multiplicavam as dores do meu coração, as tuas consolações alegraram minha alma* (Sl 93[94],17-19).

2. Da mesma forma, quando virmos nosso coração se fortalecer no temor do Senhor e na paciência digamos também: *O Senhor foi um apoio para mim. Fez-me sair para um lugar espaçoso* (Sl 17[18],19-20). Reconhecendo que a ciência aumenta em nós, graças ao nosso progresso nas obras, digamos: *Porque, Senhor, tu fazes brilhar minha lâmpada, meu Deus, ilumina minhas trevas; pois contigo serei libertado da tentação; com meu Deus eu salto a muralha* (id., 29-30). Enfim, sentindo que adquirimos a força de suportar as adversidades, e que nos dirigimos mais facilmente e sem dificuldade pelo caminho das virtudes, acrescentemos: *Foi Deus quem me cingiu de força e tornou perfeito o meu caminho; igualou meus pés aos da corça e me sustentou em pé nas alturas; adestrou minhas mãos para a guerra* (ibid., 33-35).

3. Tendo também adquirido o discernimento que nos permite, fortalecidos, esmagar nossos adversários, proclamemos a Deus: *Tua disciplina me animou até o fim e é ela que me ensinará; alargaste os meus passos sob mim e não enfraqueceram minhas pegadas* (Sl 17[18],36-37). E porque estou assim fortificado por tua ciência e tua virtude, acrescentarei com confiança o que se segue e direi: *Perseguirei meus inimigos e os alcançarei, não voltarei atrás sem tê-los abatido; eu os massacrarei, e não poderão levantar-se; cairão sob os meus pés* (Sl 17[18],38-39).

4. Lembrando-nos novamente de nossa fraqueza e que, em nossa frágil condição carnal, não podemos vencer os vícios, inimigos tão encarniçados, sem o socorro divino, digamos: *Contigo dispersaremos nossos adversários, por teu nome desprezaremos os que se levantam contra nós. Pois não porei minha esperança no*

meu arco e minha espada não me salvará; pois foste tu que nos salvaste dos que nos afligiam e confundiste os que nos odiavam (Sl 43[44],6-8). *Mas tu me cingiste de força para a guerra e colocaste sob meus pés todos os que se levantavam contra mim; fizeste com que meus inimigos me dessem as costas e confundiste os que nos odeiam* (Sl 17[18]40-41).

5. Contudo, pensando que não podemos vencer por nossas próprias armas, digamos: *Toma a armadura e o escudo e levanta-te em meu socorro! Puxa a espada e fere os meus perseguidores! Dize à minha alma: Eu sou tua salvação!* (Sl 34[35],2-3). E: *Colocaste meus braços como um arco de bronze e me deste tua proteção para me salvar* (Sl 17[18],35-36). *Pois não foi pela espada que nossos pais conquistaram a terra, nem foi seu braço que os salvou, e sim, tua direita e teu braço e a luz da tua face, porque colocaste neles tua complacência* (Sl 43[44],4).

6. Enfim, passando em revista atentamente todos os seus benefícios e dando-lhe graças por tudo o que dele recebemos – vitória no combate, luz da ciência, exercício do discernimento, por nos ter abastecido com suas armas e fortalecido com o cíngulo da virtude; por ter posto em fuga nossos inimigos e nos dado a força de enfraquecê-los *como a poeira ao vento* (Sl 17[18],43) – clamemos a ele com um profundo sentimento do coração: *Eu te amarei, ó Senhor, minha força; Senhor, meu apoio, meu refúgio e meu libertador. Meu Deus é meu socorro e nele esperarei. Meu protetor e força de minha salvação, aquele que me sustenta. Invocarei o Senhor, louvando-o, e serei salvo dos meus inimigos* (id., 2-4).

CAPÍTULO 18

Demos graças a Deus não somente porque nos criou dotados de razão, deu-nos o poder do livre arbítrio, concedeu-nos a graça do batismo, o conhecimento e o socorro da Lei, mas também por tudo o que sua providência nos concede diariamente, a saber: livrar-nos das armadilhas dos inimigos, cooperar conosco para que possamos dominar os vícios da carne, proteger-nos nos perigos, mesmo sem que tenhamos disso consciência, premunir-nos contra a queda do pecado, ajudar-nos e esclarecer-nos de modo que possamos compreender e reconhecer nossa própria ajuda – que alguns[15] pretendem limitar apenas à Lei, conhecida e respeitada – inspirar-nos secretamente a compunção por nossas negligências e faltas, testemunhar-nos sua estima castigando-nos para nossa salvação, atrair-nos à salvação, às vezes mesmo contra a nossa vontade, enfim, dirigir para um fruto melhor nosso próprio livre arbítrio, demasiadamente inclinado aos vícios e nos recolocar no caminho da virtude por visitas que nos estimulam.

CAPÍTULO 19

Esta é a verdadeira humildade diante de Deus, é a autêntica fé dos antigos Pais, que permanece intacta até agora entre os seus sucessores. As virtudes apostólicas, que muitas vezes se manifestaram por esses homens, dão um testemunho indiscutível a esta

[15] *Alguns* (*Quidam*), isto é, o próprio Pelágio, pelo menos durante a primeira fase do conflito. É possível que a blasfêmia contra o Filho de Deus, mencionada no Cap. 20, se refira também ao pelagianismo que Cassiano, em seu *De Incarnatione*, considera como uma heresia cristológica (cf. I,3; CSEL 17, pp. 239-241) [GUY, SCh 109, pp.468-479].

fé, não só para nós, mas até mesmo para os infiéis e incrédulos. Conservando num coração simples a fé simples dos pescadores, não a conceberam graças aos silogismos da dialética e à eloquência ciceroniana, com espírito mundano, mas pela experiência de uma vida reta, de atos muito puros e pela correção de seus vícios. E, para dizer melhor, descobriram por sinais evidentes que nela consiste a natureza da perfeição e que sem ela não se pode adquirir a piedade para com Deus, nem a correção dos vícios, nem a emenda dos costumes, nem a consumação das virtudes.

CAPÍTULO 20

Conheci um irmão – e prouvera Deus que jamais o houvesse conhecido, pois que depois disto aceitou o fardo da ordem que é o meu![16] – que confiou a um dos anciãos, dentre os mais consumados na virtude, ter sido atacado por um gravíssimo vício da carne. Com efeito, contra a natureza, ele ardia num desejo insuportável de sofrer passivamente a ignomínia, em vez de fazê-la sofrer a outro. Então, esse ancião, como verdadeiro médico espiritual, descobriu imediatamente a causa interior e a origem dessa doença. Com um grande suspiro, disse ao irmão: "Jamais teria o Senhor permitido que fosses entregue a espírito tão perverso, se não houvesses blasfemado contra Ele". Diante dessa revelação, ele imediatamente se lançou por terra a seus pés e tocado por grande admiração, vendo que os segredos de seu coração tinham sido revelados como por Deus, confessou ter blasfemado contra o Filho de Deus com um pensamento ímpio. É evidente, então, estar privado da integridade da perfeição e não merecer a santidade da castidade aquele que está

[16] Trata-se da ordem sacerdotal (cf. *Inst.* XI,18).

possuído pelo espírito de soberba ou que blasfema contra Deus, uma vez que injuriou Aquele do qual devem ser esperados os dons da pureza.

CAPÍTULO 21

1. Lemos algo semelhante no livro dos *Paralipômenos*. Com efeito, Joás, rei de Judá, foi chamado à realeza pelo sacerdote Joiada, na idade de sete anos e, conforme o testemunho da Escritura, foi louvado durante todo o tempo em que viveu o sumo sacerdote. Todavia, escuta o que a Escritura diz a respeito dele depois da morte de Joiada, e como, inchado de soberba, foi entregue a uma paixão ignominiosa: *Após a morte de Joiada, os príncipes de Judá vieram prosternar-se diante do rei que, encantado por seus obséquios, cedeu às suas lisonjas. E eles abandonaram o Templo do Senhor Deus de seus pais, para prestar culto aos postes sagrados e aos ídolos. Devido a esse pecado, a ira de Deus se abateu sobre Judá e sobre Jerusalém* (2Cr 24,17-18).

2. E um pouco mais longe: *Ao fim de um ano, o exército da Síria marchou contra ele. Invadiu Judá e Jerusalém, massacrou os príncipes do povo e enviou todo o seu despojo ao rei de Damasco. Embora os sírios tivessem vindo em pequeno número, o Senhor lhes entregou uma enorme multidão, porque tinham abandonado o Senhor Deus de seus pais. Assim* [os sírios] *fizeram ignominiosa justiça com Joás e partiram deixando-o em grandes sofrimentos* (2Cr 24,23-25). Veja a que vergonhosas e sórdidas paixões merece ser entregue o orgulho. Aquele que, cheio de arrogância, deixa-se adorar como um deus *é entregue*, segundo o Apóstolo, *a paixões*

aviltantes e a sua mente insensata, para fazer o que não convém (Rm 1,26.28).

3. E porque a Escritura diz que *é impuro diante de Deus todo o que exalta seu coração* (Pr 16,5[LXX]), aquele que tem o coração inflado de orgulho torna-se um joguete da mais vergonhosa confusão, a fim de que reconheça – o que recusara em sua soberba – que ele mesmo fora humilhado e manchado pela impureza de sua carne e pela consciência de uma paixão vergonhosa. Deste modo, a ignominiosa cumplicidade de sua carne manifesta a impureza oculta em seu coração que ele contraíra pelo orgulho; e a evidente imundície de seu corpo prova sua impureza, a ele, que por seu espírito inflado, não se considerava impuro.

CAPÍTULO 22

Isto prova com evidência que toda alma possuída pelo tumor da soberba é entregue aos sírios intelectuais,[17] isto é, às malícias espirituais, e se torna presa das paixões da carne, a fim de que humilhada pela ação dos vícios terrenos e carnalmente manchada, saiba ao menos ser impura; ela, que em sua tibieza, não conseguiu compreender anteriormente que tinha se tornado impura na presença de Deus pelo orgulho de seu coração. Dessa forma, aquele que foi assim humilhado poderá abandonar sua tibieza anterior e, abatido e confundido pela vergonha das paixões carnais, apressar-se doravante a se aplicar mais intensamente ao fervor espiritual.

[17] Os sírios que abateram o orgulhoso Joás (cf. *Inst.* XII,21,2) são figura dos vícios que corrompem o orgulhoso.

CAPÍTULO 23

Fica assim demonstrado com clareza ser impossível alguém atingir a perfeição e a pureza senão pela verdadeira humildade, manifestada primeiramente a seus irmãos e também a Deus no segredo de seu coração, crendo que sem sua proteção e incessante auxílio, é-lhe absolutamente impossível obter a perfeição que deseja e para a qual corre com grande labor.

CAPÍTULO 24

É suficiente o que dissemos até aqui sobre o orgulho espiritual, mostrando, pela graça de Deus e tanto quanto somos capazes, como ataca os monges mais adiantados na perfeição. Raros são os que conhecem e experimentam esta espécie de soberba porque são raros aqueles que se esforçam por atingir a perfeita pureza do coração, que os exporia a tais combates. E também, porque raramente é atingida a purificação daqueles vícios precedentes, a cada um dos quais consagramos um livro, expondo sua natureza e cura. O orgulho espiritual assalta somente aqueles que, tendo já superado os vícios anteriores, estão quase estabelecidos no cume das virtudes. O inimigo astucioso, não podendo vencê-los nas culpas carnais, esforça-se por abatê-los e arruiná-los com uma queda espiritual, despojando-os assim, por esse orgulho espiritual, de todos os seus méritos passados, adquiridos com tanto trabalho.

Quanto a nós, que estamos ainda envolvidos pelas paixões terrenas, o inimigo não procura absolutamente tentar-nos deste modo, mas provoca nossa queda por um orgulho mais grosseiro e, por assim dizer, carnal. Por isso, parece-me necessário dizer algu-

mas palavras, como já havia prometido,[18] sobre esta segunda forma de soberba que nos põe em maior perigo, a nós e àqueles que se parecem conosco, principalmente os jovens e os principiantes.

CAPÍTULO 25

O orgulho que chamamos de carnal se instala na alma de um monge quando o início de sua renúncia foi morno e sem vigor. Não lhe permitindo abandonar a autossuficiência que tinha no século para descer à verdadeira humildade do Cristo, ele o torna primeiramente desobediente e grosseiro, depois não lhe permite ser manso e afável, nem se tornar semelhante ao comum dos irmãos. Recusa-se a se despojar e a se desapegar de seus bens terrenos, conforme o mandamento de nosso Deus e Salvador (cf. Mt 19,21). Ainda que a renúncia seja tão somente o sinal da morte a si mesmo e da cruz, e que não se possa tomar impulso sobre outras bases senão na convicção de estar morto em espírito para os atos deste mundo[19] e de crer também que, cada dia, pode-se morrer corporalmente, o orgulho carnal ao contrário, incita o monge a esperar uma vida longa. Sugere-lhe numerosas e prolongadas doenças; insinua-lhe confusão e vergonha por ser sustentado pelos outros, ao despojar-se de seus bens; persuade-o enfim, de que é bem melhor prover seu alimento e suas vestes com seus próprios bens do que com os bens dos outros, segundo aquela palavra que já não podem compreender aqueles que estão enfraquecidos pela cegueira e tibieza do coração: *Há maior felicidade em dar do que em receber* (At 20,35).[20]

---

[18] Cf. *Inst.* XII,2.

[19] Cf. *Inst.* IV,34.

[20] Cf. *Inst.*VII,16 e X,18-19.

CAPÍTULO 26

Uma tal desconfiança se apodera do espírito desses monges e sua infidelidade diabólica priva-os daquela centelha de fé que neles havia brilhado no início de sua conversão. Assim, mostram-se cada vez mais cuidadosos em guardar o dinheiro que haviam começado a distribuir, e o conservam com avareza mais vigorosa, sob o pretexto de que já não podem recuperar o que foi uma vez distribuído; ou então, o que é mais grave, retomam os bens aos quais tinham primeiramente renunciado; ou ainda – e isso é a terceira forma dessa malícia ainda pior – acumulam riquezas que antes não possuíam, provando assim que sua saída do mundo granjeou-lhes apenas o nome de monge.[21]

Sobre inícios com tão maus e viciosos fundamentos, é fatal ser viciado o edifício sobre eles construído; com efeito, o monge não poderá mais construir outra coisa senão aquilo que precipitará sua alma infeliz numa terrível ruína.

CAPÍTULO 27

1. Endurecido por tais paixões depois de um tão medíocre início, não pode deixar de cair cada dia num estado pior e terminar sua vida por morte ainda mais vergonhosa. Preso no laço de sua antiga cupidez, escravo de uma avareza que o Apóstolo declara sacrílega quando diz a respeito dela *que é uma idolatria* (Cl 3,5) e: *A avareza é a raiz de todos os males* (1Tm 6,10), é-lhe doravante impossível acolher em seu coração, a simples e verdadeira humildade

[21] Encontramos aqui as três formas de avareza, como foram explicadas em *Instituições* VII,14,1.

do Cristo; porém, ao contrário, gloria-se pela nobreza de seu nascimento ou enfatua-se pela consideração da qual gozava no mundo que deixou de corpo, mas não de espírito; ou então se ensoberbece pelas riquezas que retém somente para sua ruína.

2. Não lhe agrada colocar-se sob o jugo do mosteiro, e deixar-se instruir por um ancião. Não só desdenha observar a regra da submissão e da obediência, mas nem mesmo aceita escutar a doutrina da perfeição. Sente tal enfado pela palavra espiritual que, se por acaso é obrigado a ouvir alguma conferência espiritual, seu olhar não se fixa em um ponto como é costume, mas se vira atordoado para todos os lados, os olhos perdidos e olhando de través.

3. Em vez de dar suspiros salutares, pigarreia penosamente e cospe, mesmo sem necessidade, ou se diverte com seus dedos remexendo-os à imitação dos escribas. Todos os seus membros se agitam de tal forma enquanto dura a conferência espiritual, que parece estar assentado sobre espinhos ou sobre uma pilha de pedras pontudas. Tudo o que aí se diz, simplesmente para a edificação dos ouvintes, crê que é apresentado para ultrajá-lo.

4. Durante todo o tempo em que é feito esse exame da vida espiritual, ele se preocupa com suas suspeitas e em vez de procurar dela retirar algum proveito, atormenta-se, tentando penetrar as razões do que foi dito e imaginando, na agitação de seu coração, o que poderia replicar em cada caso. Dessa maneira, não pode tirar nenhum benefício de tudo o que foi tratado nem se corrigir em nada. Assim acontece que essa conferência espiritual

não só de nada lhe serve como ainda o prejudica e o torna mais culpável.

5. Pois quando, segundo sua própria consciência, suspeita que tudo foi dirigido contra ele, endurece ainda mais seu coração e entra numa cólera mais violenta. Finalmente o tom de sua voz se eleva, suas palavras tornam-se grosseiras, suas respostas amargas e enfurecidas, seu porte altivo e agitado, sua língua leviana; torna-se insolente em sua maneira de falar e incapaz de se calar, exceto quando concebeu em seu coração rancor contra um irmão. Então seu silêncio de modo algum é um indício de humildade e compunção, mas de soberba e de indignação, de sorte que é difícil discernir o que nele é mais detestável: se quando se expande numa alegria petulante ou quando guarda uma seriedade agressiva.

6. Pois, no primeiro caso, são palavras ditas intempestivamente, riso imoderado e vão, orgulho do coração sem freios; e no outro, um silêncio pesado de cólera, cujo fim, ao se calar, é somente poder conservar por mais tempo o rancor contra um irmão, mas de modo algum, dar um testemunho de humildade e de paciência.

E enquanto o monge possuído por esse tumor entristece facilmente os outros e recusa dar qualquer satisfação ao irmão que ele ofendeu, rejeita também e despreza aquela que o irmão lhe oferece. Um tal gesto não o sensibiliza nem o acalma. Ao contrário, indigna-se mais ainda por ter sido ultrapassado na humildade e essa humilde satisfação que habitualmente põe fim às más intenções sugeridas pelo diabo, tornam-se para ele causa de um incêndio mais violento.

CAPÍTULO 28

Ouvi contar um fato – coisa horrível que tenho vergonha de lembrar – que nessa região, um dos mais jovens, ao ser repreendido por seu abade porque começava a abandonar a humildade que tinha conservado por algum tempo quando da sua renúncia, e se enchia de um orgulho diabólico, retorquiu com a maior insolência: "Por acaso humilhei-me por um tempo para viver sempre submisso?" Ao ouvir tais palavras, de uma audácia desenfreada e criminosa, o ancião ficou muito perplexo, sem conseguir continuar o que estava dizendo, imaginando terem sido pronunciadas não por um homem mas pelo antigo Lúcifer em pessoa. Não pôde articular uma única palavra contra uma irreverência tão atrevida, mas contentou-se em gemer e suspirar do fundo do seu coração, enquanto ruminava silenciosamente, no seu íntimo, o que é dito a respeito do Senhor nosso Salvador: *Se bem que possuindo a natureza divina, humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente* – não "por um tempo", como aquele possuído por um espírito e tumor diabólico – mas *até a morte* (Fl 2,6.8).

CAPÍTULO 29

1. Para resumir o que dissemos sobre essa espécie de soberba, reunindo, tanto quanto possível, a partir dos movimentos do homem exterior, alguns de seus sinais a fim de mostrar sua natureza aos que têm sede de ser instruídos sobre a perfeição, creio ser necessário repetir-me brevemente. Saberemos assim melhor por quais sinais esse orgulho pode ser percebido, e quando as raízes

dessa paixão tiverem sido desenterradas e tornadas visíveis, então mais facilmente seremos capazes de arrancá-las ou evitá-las.

2. Com efeito é possível ficar totalmente isento dessa doença mortal se não esperarmos que seus assaltos perigosos já nos tenham dominado para então nos precavermos, mas é necessário que com sábia e previdente discrição, evitemos o que se poderia chamar sua vanguarda.

Como já dissemos, de fato, os movimentos do homem exterior permitem conhecer o estado do homem interior.[22] Eis pois, os sinais exteriores desse orgulho que chamamos carnal. Primeiramente, torna o tom de nossa voz elevado, nosso silêncio amargo, nossos risos barulhentos e imoderados, nossa seriedade com uma tristeza incompreensível, nossas respostas azedas, nossas conversas levianas, todas as nossas palavras desprovidas de gravidade.

3. Torna-nos impacientes, sem caridade, prontos a ofender os outros, mais pusilânimes para suportar as ofensas; difíceis para a obediência exceto naquilo que nosso desejo e vontade haviam previsto; duros quando se trata de receber um conselho; fracos quando é preciso mortificar nossa própria vontade; inflexíveis quando se trata de submissão à vontade dos outros; procurando sempre impor nossas opiniões e recusando aquiescer à dos outros. Daí resulta que nos tornemos incapazes de receber conselhos salutares e que confiemos sempre mais em nosso próprio julgamento do que no de nossos anciãos.

[22] Cf. *Inst.* II,9,3; IV,39,2-3; V,21,5.

CAPÍTULO 30

Por essas quedas progressivas, aquele de quem o orgulho se apoderou uma vez, acaba por sentir aversão pela disciplina do mosteiro. Imagina ter, na companhia dos irmãos, um sério obstáculo à perfeição. Pretende que suas faltas o impedem de adquirir a paciência e a humildade e assim, deseja morar numa cela solitária. Ou então, sob pretexto de ganhar vários outros irmãos, apressa-se a construir um mosteiro e nele reunir aqueles aos quais deve ensinar e formar. Discípulo deplorável torna-se assim um mestre ainda mais deplorável. Pois tendo caído, pelo orgulho de seu coração, numa tibieza muito perigosa e não sendo realmente nem monge, nem secular, cai num outro mal ainda maior, prometendo-se a perfeição num estado e numa maneira de viver também lamentável.

CAPÍTULO 31

Por isso, se quisermos que nosso edifício seja perfeito e agradável a Deus, esforcemo-nos por lançar seus fundamentos não conforme o movimento de nossa vontade particular, mas segundo a estrita disciplina do Evangelho. Ora, esses fundamentos só podem ser o temor de Deus e a humildade que provém da mansidão e da simplicidade do coração. Mas a humildade não pode ser obtida sem o despojamento. Enquanto não a atingirmos não nos tornaremos obedientes, nem pacientes, mansos ou pacíficos, nem perfeitos na caridade, virtudes sem as quais nosso coração não pode ser a morada do Espírito Santo, uma vez que o Senhor declara pelo profeta: *Sobre quem meu Espírito repousará senão sobre o pacífico e humilde, sobre aquele que treme ao som das minhas palavras?*

(Is 66,2[LXX]). Ou então, conforme os exemplares que exprimem o texto hebraico autêntico: *Para quem olharei senão para o pobre, para aquele que tem o coração contrito e o que treme às minhas palavras?* (Is 66,2).

CAPÍTULO 32

1. Por isso, que o atleta de Cristo, lutando segundo as regras do combate espiritual (cf. 2Tm 2,5) com o desejo de ser coroado pelo Senhor, se apresse em extinguir por todos os meios esse animal ferocíssimo, devorador de todas as virtudes. Uma vez instalado [o orgulho] em seu coração, saiba que não poderá mais se desembaraçar de nenhum vício, mas perderá até mesmo, por causa de seu veneno, tudo o que lhe parecia possuir de virtude. Não poderemos de modo algum elevar o edifício das virtudes em nossa alma se, primeiramente, não estabelecermos como fundações em nosso coração uma verdadeira humildade capaz de sustentar a cumieira da perfeição e da caridade. Por isso, como já dissemos, manifestemos primeiro aos nossos irmãos uma verdadeira humildade com íntimo afeto do coração, recusando-nos a fazê-los sofrer ou ofendê-los seja no que for.

2. Contudo, só conseguiremos o fim almejado se permanecermos fiéis à renúncia verdadeira – que consiste no despojamento total de nossos bens e no desapego – fundada em nós sobre o amor de Cristo, e aceitarmos sem simulação e com um coração simples o jugo da obediência e a submissão, a ponto de não haver em nós outra vontade senão a ordem do abade. Isso só poderá realizá-lo aquele que se julga não só morto a este mundo, mas ainda insensato

e louco, cumprindo sem discutir tudo o que lhe for ordenado pelos anciãos, considerando-o como sagrado e vindo de Deus.

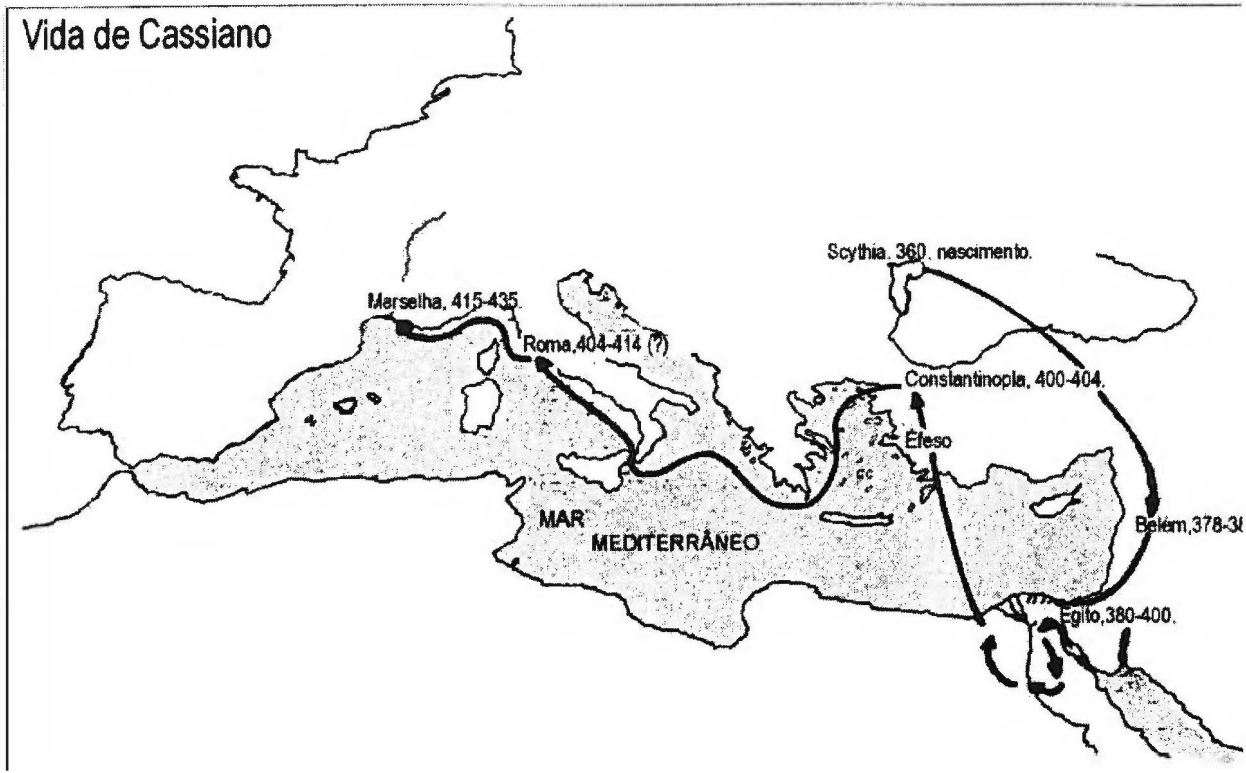
CAPÍTULO 33

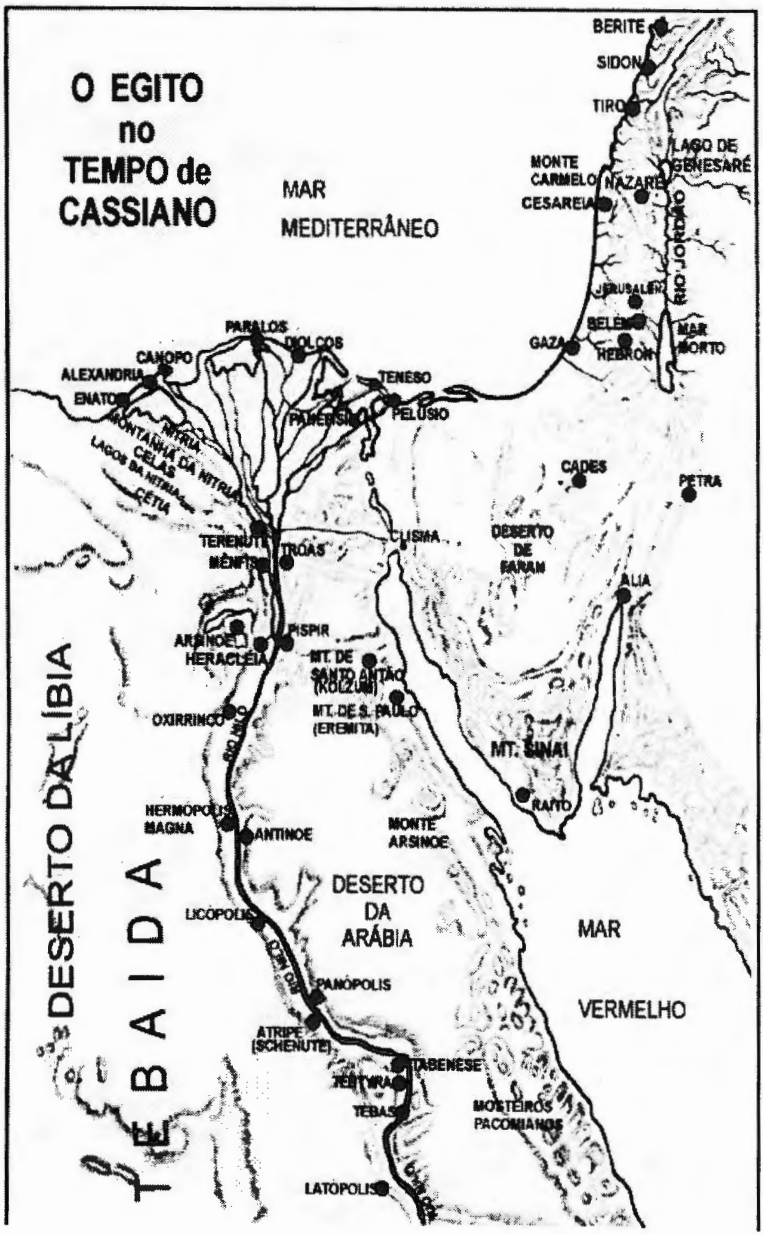
1. Esta disposição da alma será seguida de perto, sem qualquer dúvida, por um estado de humildade verdadeiramente tranquilo e estável. Julgando-nos inferiores a todo mundo, sofreremos com grande paciência todos os tratamentos dos homens, ainda que sejam injuriosos, aflitivos e penosos, estimando que nos vêm de homens que nos são superiores. Não só suportaremos esses males sem dificuldade, mas eles nos parecerão até leves e sem importância, se guardarmos constantemente presentes ao espírito a lembrança da paixão de nosso Senhor e de todos os santos, considerando que a injúria que nos foi feita é tanto menor quanto maior a distância que nos separa de seus méritos e de sua maneira de viver, e pensando que logo deixaremos este mundo: esta vida terminando dentro de pouco tempo, partilharemos proximamente de sua sorte.

2. Pois esta consideração põe fim não só ao orgulho como também a todos os vícios.[23] Depois disso, conservemos inalterável a humildade para com Deus. Levaremos a bom termo se reconhecermos que, quanto à perfeição das virtudes, nada podemos fazer por nós mesmos, sem seu socorro e sua graça, e se também crermos sinceramente que o fato de ter merecido compreender esta verdade já é um dom de Deus.[24]

[23] Cf. *Inst.* V,41.

[24] Reconhece-se nesses capítulos finais um resumo do "sermão para tomada de hábito" do abade Pinúfio (*Inst.* IV,32-43), ao qual foi reunido o que Cassiano considera como o essencial de suas explicações sobre o auxílio divino (*Inst.* XII,9-24).


Vida de Cassiano
Scythia, 360, nascimento.
Marselha, 415-435.
Roma,404-414 (?)
Constantinopla, 400-404.
Éfeso
MAR
MEDITERRÂNEO
Belém,378-3
Egito,380-400.


O EGITO
no
TEMPO de
CASSIANO
MAR
MEDITERRÂNEO
BERITE
SIDON
TIRO
LAGO DE
GENESARÉ
MONTE
CARMELO
NAZARÉ
CESAREIA
RIO JORDÃO
JERUSALEM
BELÉM
GAZA
HEBRON
MAR
MORTO
PARALOS
DIOLCOS
CANOPO
ALEXANDRIA
ENATON
TENESO
PELUSIO
MONTANHA DA NITRIA
NITRIA
CELAS
LAGOS DA NITRIA
CETIA
CADES
PETRA
TERENUTE
MÊNFIS
TROAS
CLISMA
DESERTO
DE
FARAM
ELIA
ARSINOE
HERACLEIA
PISPIR
MT. DE
SANTO ANTÃO
(KOLZUM)
MT. DE S. PAULO
(EREMITA)
OXIRRINCO
MT. SINAI
RAITO
HERMOPOLIS
MAGNA
ANTINOE
MONTE
ARSINOE
DESERTO
DA
ARÁBIA
MAR
VERMELHO
LICOPOLIS
PANÓPOLIS
ATRIPE
(SCHENUTE)
TABENESE
TEBAS
MOSTEIROS
PACOMIANOS
LATÓPOLIS
TEBAIDA
DESERTO DA LÍBIA

BIBLIOGRAFIA

Algumas sugestões para quem deseja aprofundar o conhecimento sobre Cassiano:

Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique, t. II, 1ª parte, Paris 1953, 214-221.

Dizionario degli Istituti di Perfezione, t. II, Roma 1975, 633-638.

Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristã, ed. Di Beradino, Petrópolis 2002.

COLOMBÁS, G. M., *El Monacato Primitivo, Hombres, hechos, costumbres, instituciones* (BAC 351) Madrid 1974, 249-253.

_____, *El Monacato Primitivo, La Tradición benedictina,* t. I, Las raíces (Col. Espiritualidad monástica 20) Zamora 1989, 377-392.

DANIÉLOU, J., «San Juan Cassiano y sus maestros orientales», *Cuadernos Monásticos* 27 (1992) 201-211.

GUY, J-Cl., *Jean Cassien. Vie et doctrine spiritualle*, Paris 1961.

HAMMAN, A., «Jean Cassien», em Escritores de las Galias y de la Peninsula Iberica, *Patrologia III*, ed. Instituto Patristico Augustinianum (BAC 422) Madrid 1993³, 615-628.

MARSILI, S., *Giovanni Cassiano ed Evagrio Pontico. Dottrina sulla Carità e Contemplazione* (Studia Anselmiana 5) Roma 1936.

MARROU, H. I., «La patrie de Jean Cassien», em *Patristique et humanisme*, Paris 1976, 345-361.

MATTHEI, M., «Itinerario y tiempo de Juan Cassiano, 365-435», *Cuadernos Monásticos* 27 (1992) 7-47.

VEILLEUX, A., *La Liturgie dans le cenobitisme pachômien au IV^e siècle* (Studia Anselmiana 57) Roma 1968.

VOGÜÉ, A. De, «Monachisme et Église dans la pensée de Jean Cassien», em *Théologie de la vie monastique* (Théologie 49) Paris 1961, 213-240.

_____, «Les sources monastiques des quatre premiers livres des Instituitions de Jean Cassien», *Studia Anselmiana* 27 (1985) 241-311.

_____, *Histoire littéraire du mouvement monastique dans l'antiquité*, vol. VI, Cerf, Paris 2002.

Em português temos as *Conferências* de João Cassiano publicadas em três volumes pelas Edições Subiaco, Juiz de Fora.

Catálogo das Edições Subiaco

Oração e Comunidade na tradição beneditina
D. Columba Stewart, osb

Os oblatos seculares na família beneditina – 3ª ed. aumentada –
Jean Guilmard, osb, Estêvão Bettencourt, osb, Gabriel Brasó, osb

Silêncio da Cartuxa – 2ª ed. – D. Augustin Guillerand

Conferências – Volume I (1 a 7) – João Cassiano

Conferências – Volume II (8 a 15) – João Cassiano

Conferências – Volume III (16 a 24) – João Cassiano

Lectio Divina ontem e hoje
Guigo II, cartuxo, Enzo Bianchi, Giorgio Giurisato, Albert Vinnel
4ª ed. aumentada

Ensinamentos espirituais de Doroteu de Gaza – 2ª ed.

A fé na criação e o projeto do mundo moderno, um desafio para a igreja de hoje – Pe. Leonardo Meulenberg

A glória de deus é o homem vivo – Uma herança da Igreja primitiva
Pe. Leonardo Meulenberg

Sabedoria que brota do cotidiano – viver a regra de são bento hoje
Joan D. Chittister, osb

A PROCURA DE DEUS – 4ª ed. – Esther de Waal

ENSINAMENTOS DE UM ABADE – D. Abade Joaquim de Arruda Zamith, osb

O IDEAL MONÁSTICO E A VIDA CRISTÃ DOS PRIMEIROS DIAS – 2ª ed.
Germain Morin, osb

CADERNOS DE HISTÓRIA MONÁSTICA I
Introdução – Organização: D. Justino de A. Bueno, osb

CADERNOS DE HISTÓRIA MONÁSTICA II – SANTO ANTÃO E O ANACORETISMO COPTA – Introdução – Organização: D. Justino de A. Bueno, osb

UM MONGE FALA SOBRE O DÍZIMO – D. Bernardo Bonowitz, ocso

APTO A GANHAR AS ALMAS – DIREÇÃO ESPIRITUAL NO CONTEXTO MONÁSTICO – 3ª ed. revista e aumentada – D. Bernardo Bonowitz, ocso

NA PRESENÇA DE SEU POVO REUNIDO – D. Bernardo Bonowitz, ocso

FONTES - OS MÍSTICOS CRISTÃOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS – Olivier Clément

TRATADO SOBRE A ORAÇÃO – Tertuliano, S. Cipriano, Orígenes – 2ª ed.

A REGRA DE SÃO BENTO (bilíngue), 3ª ed. –Tradução de D. João E. Enout, osb

A REGRA DE SÃO BENTO (português) – Tradução de D. João E. Enout, osb

A REGRA DE SÃO BENTO APLICADA À VIDA DE SEUS OBLATOS E OBLATAS – 2ª ed. – Ivone Leite de Faria (Ir. Joana Evangelista, Obl. osb)

Vida e Milagres de São Bento – São Gregório Magno

Viver com São Bento ao longo do ano – Joana Domek, osb

Uma *Lectio Divina* na Bíblia, na História de Israel e na Liturgia
Ir. Paula Iglésias, osb

Monaquismo e Mística – Divo Barsotti

Vida e Exercícios Espirituais – 2ª ed. – Santa Gertrudes de Helfta

Mensagem da misericórdia divina – O Arauto –
Santa Gertrudes de Helfta

A comunhão de amor – Pe. Matta El-Maskîne

Teologia da oblação beneditina secular – Alfério Caruana, osb

Vivendo com a contradição – Esther de Waal

Vida e espiritualidade do staretz São Silouane – VV.AA

A vida monástica na escola de São Bento – D. Paul Delatte, osb

Crônicas de cá e de lá - Maria Clara Bingemer

Guido Schäffer – Apóstolo da Palavra e da Paz
D. Justino de A. Bueno, osb

De Stranbrook a Santa Maria – Ir. Vera Lúcia Parreiras Horta, osb

Sabedoria Monástica – D. Benedetto Calati, osb Cam.

A Missa – Mistério nupcial – Por um monge cartuxo

À Escuta dos Pais do Deserto Hoje – 2ª ed. – D. Lucien Regnault, osb

Instituições cenobíticas – João Cassiano

Assine a Revista Beneditina
Publicação trimestral de espiritualidade monástica

Solicite o nosso catálogo e
receba informações sobre nossos lançamentos:

Edições Subiaco

telefone (xx)32-3216-2814
fax (xx)32- 3215-8738
publicacoesmonasticas@yahoo.com.br
Rua Prof. Coelho e Souza, 95
36016-110 - Juiz de Fora - MG - Brasil

Editoração, impressão e acabamento
monjas beneditinas do
Mosteiro da Santa Cruz
Rua Prof. Coelho e Souza, 95 - Juiz de Fora - MG - Brasil
Tel: (32) 3216-2814 - Fax: (32) 3215-8738
dezembro- 2015

que ele fundara.
Cassiano lhe aconselhará
uma organização baseada
nos usos, costumes,
vida e doutrina
dos monges e mosteiros
que conheceu no Oriente.

A Fundação São Isidro
apoia e favorece a preservação
de toda Vida Humana e o
fortalecimento da Família,
célula básica da sociedade, por
meio do «Planejamento Natural
da Família»
No campo da Educação, da
Cultura e da Arte, dentro da
linha da Via Pulchritudinis – a Via
da Beleza – promove e apoia
cursos, exposições, concertos,
DVDs e a edição de livros.

EDIÇÕES
SUBIACO

Como afirmou Colombás, Cassiano não passou à história como fundador de mosteiros, nem como reformador, nem como modelo de monges – ninguém escreveu sua biografia – mas sim como autor da única obra sistemática praticamente completa sobre a teoria monástica que os séculos IV e VI nos deixaram. Com seu talento para escrever e com sua experiência do monaquismo oriental, tendo convivido com grandes homens como Evágrio, João Crisóstomo e os Padres do deserto, Cassiano foi o monge-escritor talhado para empreender uma obra de fundamental importância para os monges ocidentais, ou seja, dar-lhes a conhecer por uma exposição sistemática, clara e precisa o que os monges orientais entendiam por vida monástica, os seus fins e sua doutrina espiritual.

EDIÇÕES SUBIACO
Ora & Labora
publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

ISBN 85-86793-37-X
9 788586 793370